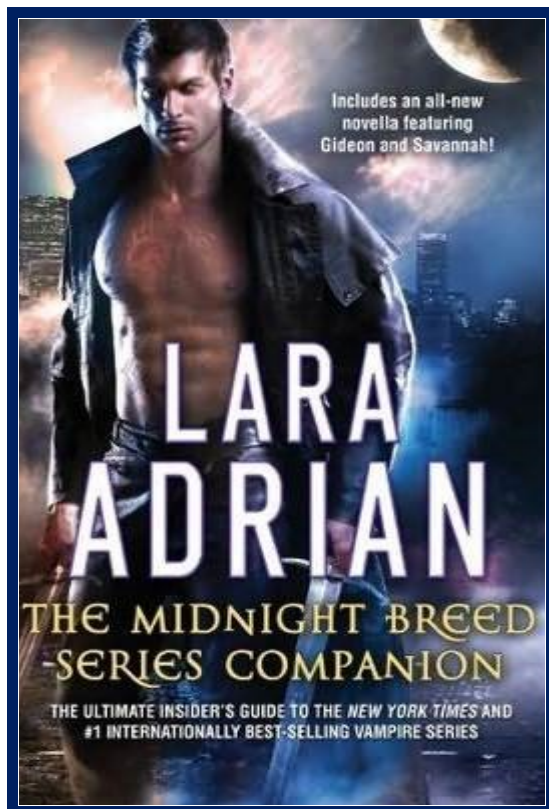


MIDNIGHT BREED

COMPÊNDIO

LARA ADRIAN



PROJETO REVISORAS

TRADUÇÕES

Tradução: Conceição, Miriam, Nani, Nívea, Rê, Sofia, Tininha

Revisão e formatação: Carol

Visto final: Fidalga



Parte humana, parte de outro mundo, a Raça viveu entre os homens em segredo por milhares de anos... e agora os fãs da mais vendida série popular, Midnight Breed, poderão aprofundar-se mais do que nunca nesta escondida e sedutora Raça de vampiros, e no escuro e emocionante universo em que vivem.

Um livro que levou anos para ser feito, o Compêndio da Série Raça da Meia-Noite inclui informações privilegiadas sobre todos os romances, observações da autora sobre a criação do mundo da história, e como a série de onze livros (e contando!) evoluiu desde seu início como uma contratada trilogia, um guia completo dos personagens, série de curiosidades, perguntas dos leitores e muito mais.

Este Compêndio da Série Especial também inclui “Um toque da Meia-Noite” — um novíssimo romance original nunca publicado antes, com Gideon e Savannah, que finalmente revela a história de como este casal, favorito dos leitores se conheceu e se apaixonou, e responde a muitas perguntas que os fãs estão curiosos desde o início da série!

Comentário Fidalga: Confesso que achei a ideia de um manual um tanto “estranha”, ainda mais depois dos dois últimos livros lançados onde fiquei com a sensação de que a série deveria ter sido finalizada, ainda que sem resposta para tantas questões inexplicadas. Lara Adrian deixa claro neste volume o motivo de ser uma das autoras mais vendidas no mundo. O livro é leitura indispensável a todos os amantes da série, pois revela a motivação da autora para deixar de lado os romances históricos e se aventurar no universo sobrenatural. Há glossário, entrevista com a autora, ENTREVISTA COM OS PERSONAGENS, e a história mais que aguardada do fodástico Gideon e sua companheira Savannah. Nesta hora, vocês se lembrarão do motivo de ficarem em êxtase com cada lançamento da série. Em menos de oitenta páginas Gideon traz de volta a Ordem em toda sua gloriosa e sanguinária missão de defender o convívio pacífico entre os da Raça e os humanos. Lutas, o complexo ainda intacto, personagens em construção, sexo escaldante, e tantas outras características que, na minha opinião, faltam aos personagens da nova geração, estão de volta. E o principal, temos resposta a uma das maiores dúvidas de toda a saga, por que Gideon usa óculos? Rs

Comentário da Tininha: Este Compêndio está simplesmente sensacional!!! Um fã de Midnight Breed irá degustá-lo, pois ele vem para esclarecer todas as dúvidas que ficaram depois do livro do Chase, principalmente depois do livro da Mira com o Kellan. Tem várias coisas interessantes, desde o elucidamento da construção da série até o Perguntas e Respostas que ela faz no final do livro. Que é muito engraçado; leiam a parte da entrevista com os personagens... rss... Lucan e seu mau humor também estão presentes.

O livro de Gideon e Savannah ficou meio perdido ali dentro, eu acho que eles mereciam um livro só deles, por que ficou pequenininho. Um livro de apenas 70 páginas para os dois foi meio frustrante. Mas está maravilhoso.

Muitas perguntas respondidas, muitas questões esclarecidas e ela nos diz quem será seu próximo personagem.

Lara Adrian apesar de trazer a nova geração para nós, também deixa a geração que deu origem à série interagindo e sendo o foco principal. E nós, leitores e fãs agradecemos. É muito bom vê-los atuantes dentro da nova realidade em que a Raça vive.

Que venha o próximo!!!

Introdução feita por Lara Adrian

Por tanto tempo quanto me lembro, tive um profundo amor pelos livros. Apesar de nenhum dos meus pais serem leitores ávidos, eles se certificaram de que meus irmãos e eu tivéssemos cartões da biblioteca da escola primária, e um par de dólares para gastar quando o “Livro Móvel” viesse ao redor de nossa pequena cidade natal no Michigan. Ainda me lembro do quão maravilhada me sentia — e a agonia da indecisão — cada vez que vagava pelos corredores da biblioteca pública, ou examinava as mesas de títulos de novos livros exibidos para exploração nas viagens do “Livro Móvel”. Sempre foi muito difícil escolher apenas um ou dois!

Outras crianças guardavam seus centavos para doces ou os mais recentes brinquedos legais. Eu nunca tinha livros suficientes. Nunca pude ter o suficiente dos livros de mistérios que me apresentavam, da magia que criavam, ou dos tão incríveis mundos que abriram os olhos da minha mente.

Os livros eram minha fuga de todas as coisas que me perturbavam. Era minha passagem para lugares incríveis, por vezes aterrorizantes, que nunca sonhei que pudessem existir. Os livros eram meu porto seguro, as suas páginas um conforto e companheiras, não importando minha idade, ou onde a vida me levasse.

Eles ainda são.

Pelo fato de que agora ganho a vida escrevendo livros — contando histórias, espero dar os meus leitores um pouco da mesma espécie de fuga, e a admiração que outros contadores de histórias me deram ao longo da minha vida — é um privilégio que nunca tomei como certo.

Trabalhei duro, mas também tive sorte no início, consegui um contrato com a editora Random House, para o primeiro livro que escrevi — um romance medieval que lancei em 1999, sob o meu primeiro pseudônimo, Tina St. John. Escrevi mais seis romances históricos ao longo dos seis anos seguintes, livros que receberam comentários agradáveis e conquistaram prêmios, mas nunca encontrei um público suficientemente grande para manter uma editora feliz.

E foi assim que no verão de 2005 me encontrei em uma encruzilhada. Meu editor não queria mais meus romances medievais. A proposta para o livro em que eu estava trabalhando foi rejeitada, e estava sem contrato — notícia que recebi logo após meu marido e eu, termos assinado uma hipoteca sobre a primeira casa (um apartamento) que nós possuíamos.

Felizmente, meu editor acreditou em mim e me convidou para mandar algo totalmente diferente para análise. Mesmo que estivesse sofrendo com o fato de que minha carreira como Tina St. John tivesse acabado sem aviso prévio, minha mente já estava pulando em direção à pasta de ideias de histórias, que estive reunindo e escrevendo com o passar dos anos — as ideias que incluíam tudo, desde histórias de policiais corajosos e suspenses psicológicos, até a pequena cidade dos romances, que me fazem sentir bem. Eu também tinha um par de conceitos esboçados para os obscuros romances de vampiros sensuais.

Minha agente não estava muito entusiasmada quando lhe disse que queria propor um romance de vampiros. Ela me alertou que os editores previam a morte (a verdadeira morte?) dos vampiros há algum tempo. Temia que, como aconteceu com meus romances históricos, eu pudesse estar entrando na curva

descendente da tendência. Mal sabia alguém que conheço, que apenas alguns meses depois, certo fenômeno chamado Crepúsculo iria inspirar totalmente nova vida aos romances com sangue e mordidas!

Um par de semanas depois daquela chamada “má notícia” do meu agente, apresentei um esboço e os primeiros três capítulos de um livro, que dei o título provisório de “O Beijo da Escuridão”. Sentindo que não tinha nada a perder, arrumei minha história com todas as coisas que me divertiam, mas como uma leitora: ação, suspense, fantasia urbana e, claro, sensualidade e romance escaldante com um sombrio, absolutamente letal, lindo de morrer, super macho alfa.

Minha agente leu o material, e adorou. Ela amou tanto, que perguntou se eu poderia expandir o esboço para cobrir três livros, para que pudesse vender a proposta para um punhado de editores como uma trilogia. Trabalhei enredos breves para mais dois livros (uma história que ficou muito bonita quando a montei, e outra que, bem, vou explicar mais adiante neste Compêndio). Minha agente enviou as propostas e me disse que esperava que tivéssemos algumas mordidelas de interesses em breve.

Nem mesmo uma semana depois, tivemos ofertas de quase todas as principais editoras de Nova Iorque. Um leilão ocorreu entre várias delas, e dentro de poucos dias, passei a ser, de escritora de romances históricos desempregada, para uma nova autora de romances contemporâneos de vampiros sombrios, com um novo nome e várias ofertas na mão.

No final, fiquei com a Random House e a maravilhosa Shauna Summers, a editora que me arrancou do amontoado de lama com aquele primeiro manuscrito de romance medieval. A Random House divulgou os três primeiros livros da Raça da Meia-Noite em uma rápida sucessão — dois consecutivos no verão de 2007, e um terceiro no final daquele ano. Para meu total espanto, a série foi um sucesso instantâneo, aterrissando nas principais listas dos mais vendidos desde o início.

Há agora um total de onze romances da Raça da Meia-Noite, impressos pela Random House nos EUA (com um décimo segundo em breve!) e uma em e-book. Este Compêndio da série cobre os dez primeiros livros — “O Beijo da Meia-Noite”, seguido de “Escuridão Após a Meia-Noite” — que compreendem o arco original da história da série. Você vai encontrar informações sobre o mundo das histórias e cada um dos primeiros dez romances, um guia de referência completo dos personagens, Perguntas e Respostas com os leitores, um divertido questionário de curiosidades e muito mais.

Este volume do Compêndio inclui também a história de Gideon e Savannah, algo que venho prometendo aos fãs da Raça da Meia-Noite pelo que parece uma eternidade. O “Toque da Meia-Noite” é um romance nunca antes publicado, totalmente novo, com cerca de quarenta mil palavras — uma grande “curta” história, quase a metade do tamanho de um dos meus romances típicos. Ele finalmente responde a todas as perguntas que você tem sobre Gideon, como ele e Savannah se conheceram, por que ele não executa mais missões de combate, e até mesmo algumas surpresas extras, que lançam luz sobre outras coisas que me perguntaram ao longo dos anos.

Minha intenção com o Compêndio era lançá-lo como uma espécie de ponte entre, “Escuridão Depois da Meia-Noite” e “No Limite do Amanhecer”, o livro que começa a corrente do segundo arco da história da série, com a prole da Ordem e um novo e poderoso inimigo no horizonte.

Mas as coisas nem sempre funcionam como planejado, e por uma série de razões, este Compêndio quase não aconteceu. Em vez disso, com opções de abrir aos autores por meio de auto-edição, decidi não esperar mais, e em vez disso, liberá-lo eu mesma em e-book e livro de bolso.

Se houver interesse do leitor, adoraria lançar um segundo volume do Compêndio no futuro, para cobrir todas as coisas excitantes, e novos personagens interessantes, que você encontrará com a continuação da série em “No Limite do Amanhecer” e os outros livros ainda por virem.

Enquanto isto espero que gostem de revisitar Lucan, a Ordem, as Companheiras da Raça, o mundo das histórias, as fofocas de bastidores e todo o resto, neste Compêndio da Série Raça da Meia-Noite.

Por último, uma palavra de advertência: Este livro está cheio de spoilers!

Você não vai encontrar nenhum aviso (diferente do que está lendo agora), por isso, se ainda não leu a Série Raça da Meia-Noite, este pode não ser o melhor lugar para um novo leitor começar. A menos que você seja como eu, que — frequentemente — espreita a última página de um livro em primeiro lugar, e não tem menos prazer na jornada apesar de saber como tudo vai acabar.

De qualquer maneira, divirta-se! E obrigado por fazer parte desta jornada comigo.

Com grandes abraços e muito amor,

Lara Adrian



A História do Mundo - Série Raça da Meia-Noite

Os Antigos

Por que Alienígenas?

Se vou falar sobre o mundo da série Raça da Meia-Noite, acho que preciso começar do início. Sempre amei vampiros, desde o tempo em que era criança. Do assustador, às vezes exagerados, “Creature Feature”, aos filmes de Drácula no sábado à tarde na TV, ou os filmes como “Os Garotos Perdidos” e “Sinas de Salem”, até os romances fascinantes com características sofisticadas de Anne Rice, o letalmente sedutor Lestat, vampiros eram — e ainda são — minha escolha de monstro número um. Que outra criatura sobrenatural inspira o medo e o desejo na mesma medida? Ele é morte, sexo e tem poder ilimitado, tudo em um pacote insaciável (geralmente lindo). Vampiros representam a derradeira obscura, fantasia erótica.

Há apenas um problema com esta imagem. O cadáver. Não sei quanto a vocês, mas para mim não é exatamente um tesão. Difícil imaginar ficar íntimo e pessoal com um monte de fria, carne morta. E não ter batimento cardíaco significa sem fluxo sanguíneo. O que também significa... bem, sem o fluxo sanguíneo. E em um romance, especialmente do tipo que gosto de escrever, isso é um salto de lógica que realmente não

pode ser negligenciado. Mas, além dessa análise, prefiro que os mocinhos dos meus livros estejam respirando.

Então, quando recebi o sinal verde da Random House e comecei a criar minha própria raça de vampiros — minha própria mitologia — a questão “morto-vivo” foi à primeira coisa que tive que resolver. Quando mencionei a John (meu marido e o mais valioso parceiro conspirador) que precisava de uma origem plausível para começar a Raça, ele brincou: “Talvez eles sejam alienígenas”.

Parecia meio louco — vampiros do espaço — mas também esplêndido. Todas as peças começaram a se juntar em minha mente, assim que ele disse isso. Não conseguia anotar meus pensamentos rápidos o suficiente — tudo desde a chegada dos Antigos na Terra, qual a aparência deles, de que tipo de planeta tinham vindo, como sua prole seria, como iriam viver e amar e, por vezes, morrer... tudo isso.

Nem tudo fez parte dos livros em si. Talvez nunca faça. Mas quando se trata de investigação e construção de um mundo, acho que é importante para um escritor saber as respostas para as perguntas que não podem ser respondidas em qualquer trabalho específico. Isto ajuda a dar uma base mais firme para os personagens, e para o universo em que vivem, mesmo que o alicerce permaneça logo abaixo da superfície das histórias reais.

Aqui estão as minhas notas da construção do mundo, tiradas de minha “bíblia” histórica quando estava escrevendo o livro que se tornou o “Beijo da Meia-Noite” e o início da série da Raça da Meia-Noite:

Como é a vida no planeta dos Antigos?

O planeta é predominantemente escuro, com cerca de quatro horas de luz solar, durante o qual os habitantes dormem a fim de evitar serem incinerados pelos raios UV. O planeta é frio, devido à falta de luz, mas o sangue dos alienígenas corre mais rápido do que o dos humanos/mamíferos, então não são afetados. Não há muita vida vegetal ou animal no planeta (também devido à falta de luz), mas há uma grande quantidade de água e terreno rochoso, montanhoso. Os alienígenas vivem em cidades e moradias, feitas de metais escavados nas colinas tecnologicamente avançadas.

Por causa da falta de vida animal natural, a sociedade alienígena alimenta-se de sua própria espécie, eles são canibais, exceto que não consomem carne ou músculos, apenas sangue. Têm fazendas que criam “culturas” de hospedeiros de sangue para as massas. Os poderosos dentro da sociedade alienígena compram estoques particulares de hospedeiros de sangue, mas como escravos estes existem apenas para nutrir e entreter seus senhores.

As competições são cruéis e agressivas: Machos apreciam o esporte da caça e muitas vezes organizam festas predatórias para seus amigos da elite, as fêmeas às vezes estão autorizadas a organizar espetáculos de estilo gladiador, com machos escravos escolhidos, que normalmente são forçados a “servir” suas patroas. O fervor da caça masculina também se espalhou para a multidão na “rua”, mas se assemelha mais ao estilo de esporte assassino de gangue organizado. Esta forma subterrânea de caça entre as classes mais baixas é ilegal, e punível com a morte imediatamente.

Tanto que as leis e o governo, e alguns indivíduos poderosos, controlam uma sociedade inteira. Não há eleições, nem direitos individuais, apenas do forte e da elite. A força de trabalho está no negócio de servir mestres ricos. Não há escolas para a população em geral, são mantidos ignorantes de tudo, exceto do que o governo considera que precisam saber. Os direitos reprodutivos são inexistentes; civis geralmente

são criados como gado, com a maioria dos filhos sendo levados para servir os ricos. Há apenas uma religião, e os sacerdotes poderosos ditam as massas de como devem viver.

Não há casamentos, apenas acasalamentos reprodutivos entre os poderosos e os seletivos, e clínicas de inseminações (em geral IVF, ou o serviço de um garanhão se os proprietários preferirem manter sob supervisão) entre as massas. As fêmeas são vistas como valiosas apenas enquanto podem reproduzir — quer seja sobre a demanda de um homem da elite (se a fêmea é de uma nobre linhagem) ou nas fazendas e sob servidão. Fêmeas estéreis, que são raras, e aquelas que já não podem suportar a prole são sacrificadas, se tiverem sorte. Basicamente, você não vai querer ter nascido do sexo feminino neste planeta!

A raça tem sua própria linguagem complexa, mas também podem se comunicar telepaticamente e ler a mente um do outro. As massas são proibidas de se comunicarem telepaticamente pela implantação de chip de atrofiamento no momento do nascimento, que reduz parte de seu cérebro. Indivíduos criados em fazendas são, basicamente, lobotomizados *in vitro*, uma vez que não terão qualquer de suas faculdades em sua fraca existência.

O exército do planeta é imenso e brutal. Esta é uma raça de seres que vivem da violência e da conquista, o que gerou toda uma classe de guerreiros gladiadores a serviço dos generais poderosos, bem como os próprios generais, que apreciam esportes sanguíneos. De tempos em tempos, casulos destes guerreiros são enviados para explorar planetas vizinhos, para possível habitação e/ou recursos. Eles adoram levar troféus para casa dos “exóticos” locais — geralmente crânios ou outras provas da carnificina que deixaram em seu rastro.

Descrição física dos Antigos

Com aparência Humanoide, mas normalmente com 1,98m e muitas vezes mais altos. Muito fortes. Os olhos são verde-topázio, com pupilas elípticas — muito parecidas com olhos de gatos. Ótima visão noturna e predatória.

Os corpos e as cabeças são completamente sem pelos, com manchas incomuns na pele (“dermaglifos”) que servem de camuflagem e proteção contra raios ultravioleta (deficiente), assim como indícios de sua linhagem e posição social. Essas marcas são como hena e intrincadas, mas a mudança de cores (marrom, ouro, verde, azul, vermelho e furta-cor), baseia-se no estado emocional do indivíduo. As marcas cobrem seus corpos, muitas vezes até mesmo suas faces e o topo de suas cabeças

Habilidades psíquicas dos Antigos

- A leitura da mente e telepatia entre sua própria espécie
- O controle da mente dos seres humanos
- Capacidade de criar “Servos” (escravos da mente) de humanos sagrados
- Capacidade de se mover a velocidades além da detecção sensorial humana
- Telecinese
- Percepção sensorial aumentada (como animais predadores)

A aterrissagem forçada na Terra

Milhares de anos atrás, um grupo de oito guerreiros do planeta dos Antigos, partiu em uma conquista e caíram na Terra. Imediatamente após sua chegada, dois dos seus tripulantes morreram pela

exposição aos raios UV. Eles aprenderam rapidamente que a Terra tinha longos dias de sol e, vulneráveis durante este tempo, tiveram que procurar abrigo subterrâneo profundo.

Os alienígenas eram altamente evoluídos intelectualmente, de modo que aprenderam a linguagem humana, com relativa facilidade, auxiliados pela capacidade de ler a simples mente humana. Eles se comunicavam com os habitantes da Terra, quando necessário, principalmente se os insultassem com ameaças e dominação verbal, que forneceu uma base para alguns dos folclores sobre alienígenas e vampiros, que se espalharam através de incontáveis gerações humanas.

A fome foi um fator imediato na sobrevivência dos alienígenas na Terra. À noite, varriam as aldeias tranquilas para se alimentarem e matar sem discriminação. Eles realmente eliminaram civilizações inteiras desta forma (Atlantes, Maias, e outras de menos importância). Devido ao clima rigoroso da Terra, os alienígenas necessitavam de mais sangue do que em seu próprio planeta, de modo que consumiam grandes quantidades, espalhando o medo e a superstição em massa através da humanidade por séculos.

Outras fomes precisavam ser saciadas também. Os aliens apreciavam caçar humanos e arrasar povoados pacíficos, mas também desejavam sexo. Estupro era comum nas incursões e ataques. As fêmeas humanas nem sempre sobreviviam à brutalidade de seus conquistadores alienígenas, mas algumas conseguiram. E algumas — poucas e raras — na verdade provaram ser férteis para a semente alienígena. Estas mulheres foram as primeiras *Companheiras da Raça*, e se tornariam as relutantes mães de uma nova raça de vampiros sobre a Terra... uma raça híbrida que viria a ser conhecida como a Raça.

Desaparecimento dos Antigos sobre a Terra

Esses Antigos que não pereceram nos primeiros séculos depois que chegaram, foram posteriormente derrubados (Era Pós Peste Negra, então meados de 1.300) por seus próprios descendentes — aqueles que se tornariam os primeiros guerreiros da Ordem da Raça — que se uniram sob a liderança de Lucan, para levantar-se para derrubar os Antigos restantes para o bem da humanidade e toda a nação da Raça em todo o mundo.

Nenhum dos oito antigos são conhecidos por terem sobrevivido à guerra de Lucan sobre eles, no entanto, os rumores persistem sobre um antigo que escapou e agora hiberna em um local escondido. É provável que os Renegados tenham informações sobre este Antigo adormecido que a Ordem poderia perseguir. *[Nota da autora: Mais tarde decidi manter o Antigo hibernado, um segredo, não um rumor, e colocar o alienígena sob o comando de um indivíduo, Dragos, ao invés de envolver os Renegados.]*

Métodos para matar um vampiro

- A exposição solar (normalmente dentro de minutos)
- Fome (morte lenta)
- Decapitação (instantânea)
- Completo ou maciço trauma corporal (eficaz dependendo do dano)
- Ferimentos graves infligidos com armamento ou explosivos (menos eficiente)

A Raça

A Raça é a prole híbrida e subsequentemente, descendentes diretos de um Antigo e uma Companheira da Raça. Através do domínio genético de seus pais Antigos, crianças da Raça nascem exclusivamente machos. Machos da Raça compartilham o enorme tamanho e força de seus pais extraterrestres, e quando agitados (seja pela fome, raiva, ou luxúria — qualquer emoção extrema) seus olhos assumem um estranho brilho âmbar e suas pupilas afinam como olho de gato.

Os mais poderosos da Raça são aqueles nascidos da primeira geração (Gen Um), porém com sua força física e mental, vem uma fome feroz e uma vulnerabilidade adicional para coisas que podem matar um da Raça, como exposição à luz solar e dependência de sangue. As gerações mais recentes da Raça têm que lidar com estas questões também, mas os Gen Um suportam os fardos mais difíceis.

Todos os vampiros precisam beber sangue fresco, fluindo de uma veia humana (ou Companheira da Raça), a fim de viver. Nada de bolsas de sangue, transfusões, animais ou sangue sintéticos. O sangue é essencial, mas onde seus antepassados Antigos não têm limites quanto a que seus sistemas podem absorver, para todos os membros da Raça há um ponto crítico perigoso onde a sobrevivência e o excesso se encontram. Se um da Raça consome demais ou muito frequentemente, corre o risco de desenvolver a Sede de Sangue, um vício de sangue.

Semelhante a um vício humano com um narcótico poderoso, a Sede de Sangue é destrutiva e letal. O viciado entra em um redemoinho, cada vez mais profundo, no vazio, até que tudo que havia de bom nele desaparece. Para um da Raça, uma vez que a Sede de Sangue o reclama, muitas vezes ele é uma causa perdida. Sem intervenção, seu sistema sanguíneo vai se corromper e sua sanidade logo seguirá, tornando-o uma máquina de matar sem nenhuma esperança de recuperação. Nesse ponto ele é considerado um Renegado, o mais próximo que um vampiro/humano pode chegar de suas raízes alienígenas selvagens.

Como é a Raça comparada aos vampiros clássicos

As semelhanças incluem: necessidade de consumir sangue a fim de sobreviver; viver muitos séculos, mas não a verdadeira imortalidade, eles podem ser mortos por vários métodos (veja Antigos); fotossensibilidade em ambos os olhos e na pele; habilidade de se mover em grandes velocidades, além da detecção dos sentidos humanos; controle mental em graus variados; telecinese em graus variados.

As diferenças incluem: nenhuma aversão ao alho ou água benta; sem necessidade de ser convidado a um lugar antes de entrar; sem problema com solo sagrado ou igrejas, pois não são mortos-vivos ou condenados; sem problemas para ver seus próprios reflexos, pois são indivíduos de carne e sangue de verdade; sem capacidade de desaparecer ou desmaterializar; sem capacidade de metamorfose; não podem ser mortos por uma estaca de madeira no coração.

Características físicas da Raça

Enquanto os machos da Raça herdaram sua sede vampírica de seus pais Antigos, e os pontos fortes fisicamente, em termos de cabelo, pele e cor de olhos, a aparência do macho da Raça é influenciada pelas características físicas de sua mãe Companheira da Raça. Os machos da Raça também são altos e musculosos, como seus pais alienígenas, com saúde perfeita e aptidão física.

Dermaglifos: cores e significados

Também herdados de seus pais alienígenas estão a camuflagem e as marcas da pele influenciadas pelo humor, “os dermaglifos”. Os Gen Um têm os glifos mais elaborados e extensos. As gerações posteriores, como a pureza de seus genes alienígenas é diluída com os de seu lado materno, os machos da Raça exibem menos marcas em menos lugares de seus corpos. Os matizes de dermaglifos mudam de acordo com o estado emocional do vampiro:

- Contentamento/estado normal: um tom mais escuro que sua cor de pele;
- Saciedade de alimentação recente: profundo castanho avermelhado;
- Fome geral: vermelho pálido e ouro desbotado;
- Fome feroz e espasmódica: púrpura profunda, vermelho indo para o preto;
- Desejo: borgonha, índigo e ouro.

Poderes e habilidades extrassensoriais

Cada macho da Raça tem uma capacidade única (ou maldição, fraqueza) passada a ele pela sua mãe Companheira da Raça. Para alguns indivíduos é um dom tangível, como a habilidade de curar ou matar. Para outros é um poder extrassensorial, como a premonição ou um vínculo psíquico com os animais.

Com exceção de colocar alguém em transe, telecinese de objetos pequenos, portas, fechaduras etc, e se movimentar em alta velocidade, a maior parte das habilidades psíquicas da Raça existe só nos mais velhos ou nos indivíduos mais poderosos. Eles podem, com resultados limitados, influenciar as mentes dos humanos, mas isto é um exercício mais desgastante para as gerações posteriores do que para os Gen Um, e raramente é colocada em uso. É considerado desonroso para qualquer macho da Raça controlar a mente de uma Companheira da Raça.

Os machos da Raça mais poderosos, os Gen Um em particular, têm a capacidade de criar Servos, mas a lei da Raça proíbe a prática (como faz a honra da Raça).

Fraquezas

Como seus pais Antigos, a Raça é vulnerável à luz solar ultravioleta. Os Gen Um podem suportar não mais do que dez minutos de exposição direta e sua pele começa a queimar em menos tempo que este. As gerações posteriores suportam um tempo maior, mas nenhum membro da Raça ousaria permanecer fora na luz solar por mais do que meia hora. Da mesma forma que um Antigo é difícil de matar, acontece o mesmo com a Raça. A decapitação é a forma mais rápida, o meio mais certo de matar um da Raça (mas... boa sorte tentando!). Outros métodos incluem um maciço trauma corporal ou completo, uma lesão catastrófica ou inanição (ocorrência rara).

A Raça é sempre suscetível ao vício de sangue (Sede de Sangue), e se virar Renegado, um Raça então pode ser morto de forma relativamente fácil, e certamente com um ferimento infligido por lâmina de titânio. Os sistemas sanguíneos dos Renegados estão infectados, corrompidos de tal modo que o titânio se torna veneno para eles. Uma laceração pode enviar o veneno direto na corrente sanguínea, que devora o Renegado de dentro para fora. Caso um Renegado escape da captura e morte, muitas vezes sua loucura o leva ao suicídio, geralmente através da morte via luz solar.

Sociedade Raça

A sociedade vampira em geral reside em comunidades civis chamadas Darkhavens. Elas estão localizadas nas cidades, em aldeias, fazendas e ilhas — praticamente em qualquer lugar, exceto os trópicos ou áreas com índice UV elevado. Cada Darkhaven, desde luxuosos arranha-céus até o mais pitoresco iceberg e buraco têm uma coisa em comum: acesso a um quarto seguro ou bunker onde os vampiros da Raça podem escapar da luz do dia por longos períodos, se necessário. Um Darkhaven é normalmente um lar para uma única família ou estendido, com um chefe de família conhecido como líder do Darkhaven. Este macho da Raça, muitas vezes o mais velho ou o que nasceu em uma família melhor, chamado Macho da Raça da família ou da unidade, é responsável por garantir a segurança e bem estar geral dos residentes do Darkhaven.

A sociedade civil da Raça é protegida, em grande parte, por uma organização chamada Agência de Execução. Eles são um cruzamento entre polícia e órgão governamental, com toda a corrupção e política de construção de um império junto com ele. A Agência começou com boas intenções séculos atrás, mas com o passar do tempo se decompôs internamente em uma ineficaz, e muitas vezes perigosa, organização.

Existindo fora dos santuários dos Darkhavens e da Agência de Execução existe outro esconderijo menor da sociedade vampira: Os Guerreiros da Ordem. Estes são os mais fortes, mais aptos, os membros mais letais da sociedade vampira. Normalmente forasteiros, por uma razão ou outra, e extremamente alfas para os maricas circulando em alguma comunidade cheia de frescura, eles dedicaram suas vidas à verdadeira proteção de sua espécie, mesmo que isso signifique topar com — ou enfrentar — a Agência. O Guerreiro da Raça é o equivalente vampiro aos militares das forças especiais do Exército dos EUA e assassinos/atiradores de elite. Eles operam fora da execução da lei vampira regular, muitas vezes clandestinamente, sempre mortais.

Do lado oposto das trilhas proverbiais de todos os três acima, estão os Renegados. Estes são os fora da lei, membros de gangues, estúpidos e outras pessoas de status social baixo no mundo vampiro. São viciados que vivem em anarquia, agindo por impulso, seja para se alimentar, estuprar ou matar. Renegados escondem-se como vermes em torno de estabelecimentos humanos, principalmente cidades maiores, onde a caça é abundante. Como humanos viciados em narcóticos, os Renegados com Sede de Sangue não têm orgulho pessoal, não importa como vivam. Consequentemente eles geralmente vivem na imundície e decadência. Também matam humanos abertamente, justamente um de seus delitos mais imperdoáveis, enquanto este comportamento pode comprometer a segurança da nação Raça inteira.

Eventos da vida da Raça: Nascimento, vínculos de sangue e morte

A gestação da Raça é de nove meses, semelhante a uma gravidez humana. Porém ao contrário dos humanos, os recém-nascidos da Raça se alimentam do sangue de sua mãe, não de leite ou fórmula. A criança nasce com presas minúsculas e pode se nutrir do sangue de sua mãe Companheira da Raça (geralmente do pulso, não do peito) até o momento em que seja velho e forte o suficiente para caçar um anfitrião de sangue sozinho — normalmente em torno dos quatro ou cinco anos de idade.

Na puberdade, os hábitos alimentares do macho da Raça se tornam mais complicados. Agora, se alimentar de uma Companheira da Raça resultará em um vínculo de sangue com aquela fêmea — uma conexão física e psíquica, que uma vez iniciada, não pode ser quebrada exceto pela morte.

Um macho da Raça pode viver uma vida útil quase imortal, frequentemente muitos séculos. Se ele tomar uma Companheira da Raça, seu vínculo de sangue permitirá que ela viva tanto quanto ele — exceto qualquer incidente ou acidente que possa matá-la. Um macho da Raça ferido (ou Companheira da Raça) pode ser ajudado significativamente na cura, às vezes até mesmo trazê-lo da beira da morte, se ele ou ela beber do outro no momento da lesão.

Companheiras da Raça

Uma Companheira da Raça é uma mulher mortal com sangue e propriedades únicas em seu DNA que permite a reprodução entre seus óvulos e os espermatozoides de vampiro. As Companheiras da Raça são distinguíveis fisicamente pela marca de nascença em forma de uma pequena lágrima e lua crescente que recebem ao nascer em algum lugar de seus corpos. As Companheiras da Raça também são, naturalmente, fisicamente aptas e imunes às doenças em todas as fases da vida, embora quando sozinhas não são imortais. Uma Companheira da Raça requer um vínculo de sangue com um membro da Raça para que seu envelhecimento interrompa.

Companheiras da Raça normalmente exibem uma variedade de habilidades extrassensoriais, mas estas habilidades são muitas vezes esporádicas e/ou difíceis para controlar ou dominar, a menos que, e até que ela forme um vínculo de sangue com um da Raça. Estas mulheres também são muitas vezes dotadas artisticamente ou criativamente de alguma forma.

Características físicas das Companheiras da Raça

A aparência física das Companheiras da Raça são tão variadas como as mulheres humanas do mundo inteiro. Companheiras da Raça podem nascer em todos os cantos do mundo, então etnicamente elas representam muitos tipos de mulheres e culturas. O que as Companheiras da Raça têm em comum é sua marca de nascença, e a presença de um aroma de sangue que é único para cada mulher.

Aromas de sangue de Companheiras da Raça são detectáveis por membros da Raça, mas geralmente não distinguíveis para os sentidos olfativos menos desenvolvidos dos humanos. Os aromas de sangue das Companheiras da Raça são atraentes para a Raça, às vezes até afrodisíacos.

Embora Companheiras da Raça possam e mordam seus amantes da Raça para beber seu sangue, elas não têm presas ou Sede de Sangue, nem os desenvolvem depois do vínculo de sangue com um macho da Raça. Elas não têm dermaglifos ou pupilas elípticas.

A marca das Companheiras da Raça

A marca de nascença das Companheiras da Raça é um pequeno símbolo vermelho, presente em algum lugar no corpo. A marca propriamente dita é na forma de uma lágrima caindo no berço de uma lua crescente.

A marca das Companheiras da Raça representa o vínculo de sangue (a lágrima é realmente uma gota de sangue) e o ciclo de fertilidade, que é o período de luas cheias e minguantes (crescente). O símbolo também é representante do ato de concepção, quando o sangue e a semente do macho da Raça são aceitos pelo cálice do corpo da Companheira da Raça.

Talentos da Companheira da Raça

Os talentos de percepção extrassensorial das Companheiras da Raça variam de simples leitura da mente e percepção emotiva, aos dons mais poderosos, como o poder de controlar as ondas de som com a

mente, controlar o fogo e a capacidade de restabelecer vida ou rescindi-la com um toque. Um talento da Companheira da Raça fortalecerá, junto com sua habilidade de exercer e controlar isto, uma vez que ela for vinculada por sangue com um macho da Raça.

Durante a gravidez com um descendente da Raça, o talento da Companheira da Raça diminuirá e não retornará até o nascimento de seu filho. Seja qual for o talento único que uma Companheira da Raça possui, este é herdado por sua descendência da Raça.

Origens das Companheiras da Raça

[Nota da autora: A nota seguinte é um exemplo da construção do mundo e as informações de fundo que não fiz (até agora?) em nenhum dos próprios romances. Decidi incluir isto aqui porque ajuda a pintar um quadro no escuro, os primeiros dias da gênese da Raça na Terra.]

No início dos tempos, as mulheres humanas que levavam a semente de seus estupradores alienígenas muitas vezes abortavam a semente na gestação, ou por conta própria ou pressionadas pela família preocupada, que queriam ter certeza que as abominações infantis não sobreviveriam aos seus nascimentos. Os primeiros Gen Um eram considerados bebês do demônio e tratados como tal. Os poucos Gen Um que foram poupados do assassinato materno eram muitas vezes abandonados na natureza para serem consumidos pelo seu primeiro amanhecer, ou se abrigados em cavernas escuras, pela inanição lenta pelo sangue.

Histórias destes “estupros” demoníacos, e os nascimentos amaldiçoados resultantes, foram passados como advertências de mulher para mulher, até que finalmente, um pequeno número de Companheiras da Raça grávidas se encontraram e formaram um pacto para se proteger — e a seus filhos — das superstições da humanidade e da selvageria monstruosa dos então presumidos pais dos seus bebês demônios. Estas mulheres amavam seus bebês não importando suas origens, e uniram-se secretamente em enclaves.

Aproximadamente ano 1.000 da Era Comum. Uma rara exceção à dinâmica dos alienígenas como estupradores foram os próprios pais de Lucan. Sua mãe Companheira da Raça e seu pai Antigo realmente vieram a gostar um do outro. Narok (o pai) separou-se do resto de sua espécie, e por um tempo fez um lar com sua amante (Etain). Tragicamente, os genes alienígenas de Narok provaram ser muito fortes, e ele acabou matando Etain enquanto alimentava-se dela quando teve um sério dano físico após uma batalha.

[Nota da autora: Foi feita referência a este incidente mais de uma vez nos romances, no entanto, na compilação deste Compêndio, percebi que nunca mencionei especificamente os pais de Lucan por seus nomes nos romances. Incluí isto aqui porque pensei que os leitores pudessem achar interessante ter esta informação.]

Conforme a série evoluiu, foi revelado que as Companheiras da Raça não são meramente mulheres humanas nascidas com propriedades genéticas inexplicáveis e verdadeiros talentos de percepção extrassensorial. Elas são, de fato, filhas de mulheres Homo sapiens mortais e homens de uma raça imortal escondida, de seres popularizados na mitologia humana como Atlantes.

Eventos da vida da Companheira da Raça: vínculos de sangue, criação dos filhos e morte

A expectativa de vida da Companheira da Raça é equivalente a de uma mulher humana, a menos e até que a Companheira da Raça forme um vínculo de sangue com um da Raça. Então ela deixará de envelhecer no seu apogeu (aproximadamente com trinta anos de idade) e permanecerá jovem enquanto durar seu vínculo de sangue.

Um vínculo de sangue fornece toda a nutrição que uma Companheira da Raça precisa para viver, embora possam (e devam) continuar a apreciar a comida humana quando desejarem, ao contrário da Raça que não pode consumir comida humana, exceto em quantidades extremamente pequenas e só em raras circunstâncias.

Companheiras da Raça nutrem seus filhos com sangue, não por amamentação ou alimentos sintéticos. Uma criança da Raça beberá da veia de sua mãe (normalmente o pulso) desde seu nascimento, até por volta de quatro ou cinco anos de idade, quando será capaz de caçar e alimentar-se sozinho. Se uma mãe Companheira da Raça morrer antes da criança estar pronta para ser desmamada, uma Companheira da Raça substituta poderá alimentá-lo.

Se o parceiro da Companheira da Raça for morto, seu vínculo de sangue é quebrado e seu corpo retomará o envelhecimento, a menos que ela tome outro macho da Raça como seu companheiro. Uma Companheira da Raça viúva nunca perde seu lugar na comunidade vampira, mesmo que perca seu companheiro.

Como viúva de um macho da Raça, ela tem algumas opções. Pode optar por continuar a viver sem tomar outro companheiro de dentro da comunidade. Isto significa que sua biologia humana retrocederá na engrenagem, e ela começará a envelhecer normalmente (e eventualmente morrer) como qualquer outro humano. Alternativamente, uma Companheira da Raça viúva pode decidir tomar outro companheiro em determinada altura. Então começaria um novo vínculo de sangue com aquele macho da Raça. Seu processo de envelhecimento novamente diminuiria e cessaria, revertendo ao ápice da sua juventude, caso ela esteja em uma idade física avançada no momento do novo vínculo.

Rituais

Acasalamento e fertilidade

Não há um verdadeiro “casamento” entre os machos da Raça e suas Companheiras da Raça. O laço de sangue e a cerimônia de ligação são o mais próximo que eles têm ao equivalente humano de um casamento. Não há papéis, religião ou assuntos legais envolvidos; apenas um compromisso sincero e uma promessa para compartilhar o resto de suas vidas juntos — uma sagrada, eterna promessa selada com sangue. Isto é um assunto íntimo, intensamente privado apenas entre o par acasalado. Somente quando e após uma ligação formal estar completa o casal anuncia aos amigos e/ou familiares. A ligação é um motivo de celebração, e dada a sua natureza sexual intensa, um motivo de gozação impiedosa entre os machos da comunidade da Raça.

A cerimônia de ligação é uma declaração simbólica e literal, de que o par acasalado pretende viver um para o outro a partir desta noite. A cerimônia é realizada durante a véspera de uma lua crescente, com o par acasalado escapando para algum lugar desconhecido, onde vão fazer amor sob a lua crescente, trocar sangue (pode ou não ser, pela primeira vez) e prometer sua devoção eterna.

[Nota da autora: A cerimônia de ligação de Lucan e Gabrielle foi mostrada no Capítulo 34, na cena final de O Beijo da Meia-Noite.]

Cerimônia de apresentação das crianças

A tradição da Raça dita que na oitava noite após o nascimento de uma criança, ela deve ser formalmente nomeada e apresentada por seus pais aos membros de sua Darkhaven. Ao contrário da cerimônia de ligação e vínculo de sangue, a cerimônia de apresentação infantil é um assunto público, e de grande motivo de celebração. Padrinhos são designados e estarão presentes neste ritual, uma vez que irão ser responsáveis pela educação da criança, se alguma coisa acontecer a seus pais, antes da criança ter idade suficiente para se alimentar e manter-se.

Como parte do ritual, o bebê é apresentado para uma congregação por um oficiante que pergunta: “Quem traz essa criança diante de nós esta noite?”

Os pais respondem que eles trazem, e anunciam o nome do bebê. Então, levam o bebê e o seguram para que todos possam ver, com o casal recitando em uníssono:

“Este bebê é nosso. Com nosso amor, nós o trouxemos para este mundo. Com nosso sangue e vida nós o sustentaremos e o manteremos a salvo de todo o mal. Ele é a nossa alegria e compromisso, a perfeita expressão de nossa ligação eterna, e nós estamos honrados em apresentá-lo a vocês, nossos parentes.”

Para o que, a congregação responde, “Vocês nos honram também.”

A partir daí, o oficiante em seguida, pergunta: “Quem se compromete a proteger esta criança com sangue e osso e finalmente alento, devendo invocar o dever dele?”

O padrinho (ou padrinhos) se apresenta e responde: “Nós nos comprometemos”.

Para finalizar a cerimônia, o oficiante coloca o bebê em um suporte de pano, feito de tiras de seda branca, entrelaçado no início da cerimônia e agora mantido suspenso pelos pais da criança. O padrinho da Raça então morde seu próprio pulso (e de sua Companheira da Raça, se tiver uma) e deixa uma gota de seu sangue pingar no corpo nu do bebê, o que significa o compromisso de entregar sua vida para a proteção dele.

[Nota da autora: A cerimônia de apresentação de Xander Raphael, filho de Dante e Tess, foi mostrada no capítulo 28 de Escuridão Depois da Meia-Noite.]

Funerais da Raça

Quando se trata de prestar respeito aos mortos, a tradição da Raça dita que o falecido deve ser entregue até o sol da primeira manhã após sua morte. Para preparar o corpo do morto para este evento solene, ele será ungido com 200ml de óleo perfumado, envolto da cabeça aos pés em oito camadas de seda branca, e depois levado para fora por um guarda de honra nomeado, que vai cuidar do corpo durante oito minutos completos, sob o sol da manhã, antes de deixar o morto para queimar em cinzas.

Antes da liberação do corpo, a cerimônia é realizada, onde amigos e parentes do morto, e sua Companheira da Raça, se tiver uma, se reúnem para prestar suas últimas homenagens. Se o morto não for acasalado, seus pais ou irmãos vão falar com a congregação sobre sua honra, em seguida, dizer suas despedidas.

Se o morto for acasalado, sua Companheira da Raça vai vestir uma túnica escarlate com capuz, a representação de seu vínculo de sangue com o falecido. Ela vai até o corpo sobre o altar e diz as seguintes palavras: “Este macho era meu, e eu era dele. Seu sangue me alimentou. Sua força me protegeu. Seu amor me completou em todos os sentidos. Ele era meu amado, exclusivamente meu, e vai estar no meu coração por toda a eternidade”.

Para o que a congregação responde, “Você o honra bem.”

A Companheira da Raça, então, aceita uma lâmina cerimonial do oficiante, e a carrega até o corpo de seu companheiro. Palavras privadas de adeus são ditas, sem significado para ouvidos alheios, então a Companheira da Raça faz uma incisão em seu lábio com a faca, e coloca um beijo vermelho-sangue na seda branca cobrindo a boca de seu amado.

Quando ela está pronta para deixá-lo ir, se afasta e o macho da Raça designado para levar o morto à luz do dia, dá um passo à frente para começar seu dever sóbrio.

[Nota da autora: Ritos funerários foram descritos pela primeira vez em O Beijo da Meia-Noite, Capítulo 12, após a morte de Conlan, e novamente em Sombras da Meia-Noite, capítulo 31, depois da morte de Seth, irmão de Kade]

Funeral das Companheiras da Raça

O funeral das Companheiras da Raça segue o ritual dos da Raça, com a exceção de como o corpo é liberado após a cerimônia. Companheiras da Raça não se transformam em cinzas sob a exposição à luz do sol, por isso seus restos mortais devem ser cremados. O ritual determina que as cinzas de uma Companheira da Raça sejam mantidas por seu companheiro até a morte dele, se ela tiver um companheiro, ou com sua família Darkhaven, se morrer sem acasalar-se. A prática de manter as cinzas é muito antiga, e é geralmente seguida apenas pelos machos mais tradicionais da Raça.

Significado dos Oito

O número oito, o símbolo do infinito, está presente em rituais da Raça, e em outros aspectos da vida da Raça ao longo da série. Além disso o fator oito está em rituais de nascimento e morte, mas também não é por acaso que os Antigos chegaram à Terra como um grupo de oito, ou que a primeira Ordem foi formada com oito filhos de Gen Um.

A Ordem

A fundação da Ordem

Na Europa em meados de 1.300, ataques violentos pelos Antigos e Renegados estavam em ascensão. Um Gen Um da Raça chamado Lucan (Thorne) recusou-se a ficar de lado e deixar isso sem repressão. Sua missão assumiu um firme, e determinado, propósito quando seu pai, um Antigo, assassinou sua mãe em um ataque de fome de sangue, indo longe demais. Lucan arrancou a cabeça de seu pai alienígena naquela mesma noite, depois arrasou o castelo da família, e declarou guerra contra os Antigos restantes.

Os membros originais

Junto à Lucan nesta luta estavam outros sete machos Gen Um da Raça, incluindo o irmão mais velho de Lucan, Marek, um indivíduo mortal chamado Tegan, e um dos oito originais, chamado Dragos (o mais velho). Eles conseguiram obliterar até o último dos antigos... todos, exceto um. Mas foi centenas de anos mais tarde — nos tempos modernos — que o segredo daquele sobrevivente, o Antigo escondido, veio à tona.

Dos membros fundadores originais da Ordem, quatro permanecem sem nome na série, o atual paradeiro deles é desconhecido. Dragos, o mais velho, e Marek estão mortos, os Antigos foram mortos durante o período da Antiga Guerra, o último teve seu fim pela mão de Tegan durante a cronologia da série. Lucan e Tegan, são ambos, membros atuais da Ordem nos dias de hoje.

Estabelecimento da sede de Boston

A Ordem com os oito membros originais se desfez, após a guerra com os Antigos terminar. Eles se separaram, buscando seus próprios caminhos na vida, alguns deles, nunca mais se ouviu falar.

Lucan e Tegan entraram em desacordo após o sequestro e morte da primeira Companheira da Raça de Tegan, Sorchia, durante a Idade Média. O fio da amizade — de fraternidade, forjado pela guerra — sobrecarregou, então se soltou. Tegan vagou por longos anos, passou algum tempo na Alemanha e em outros lugares, antes de resurgir na década de 1.890 para procurar Lucan mais uma vez.

Quanto a Lucan, sua missão pessoal após a guerra com os Antigos, foi combater Renegados onde quer que os encontrasse. Essa meta, eventualmente, o trouxe para a América, e em 1.898, ele decidiu reformar a Ordem com novos membros e estabelecer uma sede em Boston, acompanhado por um jovem macho da Raça, de Londres, chamado Gideon. Tegan veio logo depois, seguido eventualmente por vários outros corajosos guerreiros dos tempos modernos: Conlan, Dante, Rio, Nikolai, Kade, Brock, Hunter e Chase.

O segredo, subterrâneo complexo de Boston prosperou por mais de cem anos, até que, finalmente, foi comprometido por um dos principais adversários da Ordem.

Glossário de Termos

Termos usados na Série

Antigo — Termo usado para descrever um dos oito vampiros machos conquistadores alienígenas que aterrissaram na Terra há milhares de anos, e que consequentemente geraram a raça de seres híbridos alien/humanos conhecidos como a Raça. Os Antigos não são da Raça e vice-versa.

Atlantes — Termo usado para descrever homens e mulheres imortais que formaram na Terra uma colônia secreta altamente avançada há milhares de anos. Esta colônia finalmente passou a ser referida na mitologia humana e lendas como Atlântida. Foi destruída pelos Antigos em um ataque ofensivo catastrófico que enviou a rainha Atlante, e sua legião de súditos para a clandestinidade, onde permanecem até hoje. Um número pequeno de Atlantes desertou de sua colônia ao longo dos anos. Recentemente foi revelado que estes desertores tiveram filhos com mulheres humanas, criando a descendência feminina geneticamente dotada de poderes extrassensoriais, conhecidas como Companheiras da Raça.

Vínculo de Sangue — Uma profunda conexão física e emocional, inquebrável que se forma entre um macho da Raça e uma Companheira da Raça na troca de sangue ingerido. Um vínculo de sangue dá a um macho da Raça maior resistência e poder de cura, e em uma Companheira da Raça, o vínculo reforça e estabiliza o poder de seu talento extrassensorial, proporciona cura e nutrição e também lhe dá longevidade quase imortal. Os casais vinculados pelo sangue podem sentir emoção intensa um do outro, e a presença de seu companheiro e sua proximidade em suas veias. Um vínculo de sangue se inicia após o primeiro gole (se ele é um macho da Raça que bebe de uma Companheira da Raça ou vice-versa) e é selado quando o outro membro do par bebe do outro, completando a ligação. Um vínculo de sangue é divisível somente pela morte, mesmo que apenas a metade do vínculo foi iniciada. Por exemplo, se um macho da Raça bebe de uma Companheira da Raça desvinculada, ele está indissolúvelmente conectado a ela até que um deles morra. Ele não pode se vincular à outra, e sentirá esta Companheira da Raça em seu sangue enquanto dure este vínculo. Esta mesma regra se aplica se uma Companheira da Raça bebe de um macho da Raça desvinculado. Além disso, apenas pares vinculados pelo sangue são capazes de conceber.

Clube de Sangue — Um esporte de caça ilegal por meio do qual vampiros da Raça recolhem um grupo de humanos para serem usados como jogo ao vivo (ver Renata, Mira) em uma perseguição até a morte. Os clubes de sangue foram proibidos, mas ainda existem membros da Raça que se sentem no direito de saciar suas naturezas predadoras. A Ordem tem desbaratado os clubes de sangue no decorrer da série.

Sede de Sangue — O vício de beber sangue em um da Raça. A Sede de Sangue geralmente é irreversível, mas dependendo da gravidade ou duração do vício, houve casos raros de reabilitação e cura (ver Tegan, Sterling Chase). Uma vez que a Sede de Sangue de um da Raça ultrapassa o ponto de retorno, no qual seu sistema sanguíneo está completamente corrompido pela doença e não pode mais controlar a transformação de seus olhos ou a presença de suas presas, ele passa a ser considerado um Renegado e está além da salvação.

Leitura do Sangue — A habilidade de transmitir pensamentos ou memórias do sangue da pessoa de quem se está bebendo. Este talento pode funcionar em humanos, Raças ou Companheiras da Raça, em combinação ou exclusivamente um ou outro (ver Hunter, cuja habilidade funciona em Raça e Companheiras da Raça, mas não em humanos).

Raça — A descendência resultante de um Antigo e uma Companheira da Raça. Assim como seus antepassados alienígenas, a Raça vive de sangue, possui força e velocidade sobre-humana e só pode ser morta por exposição à luz solar prolongada, decapitação ou lesão corporal catastrófica. Do lado feminino, um macho da Raça herda os olhos, cabelo e coloração de pele da sua mãe, como também seu talento único extrassensorial de Companheira da Raça. A descendência da Raça sempre nasceu exclusivamente macho devido ao DNA geneticamente dominante de seus pais Antigos, no entanto experiências realizadas em particular por um indivíduo chamado Dragos resultou nas primeiras fêmeas da Raça criadas em laboratório (ver Tavia Fairchild).

Companheiras da Raça — A descendência resultante de um macho Atlante e uma humana. Chamadas Companheiras da Raça por causa de suas propriedades únicas, genéticas e de sangue, e que as tornam capazes de se reproduzir com um da Raça, estas mulheres geralmente demonstram saúde perfeita e são psiquicamente dotadas de um modo único, e normalmente talentosas artisticamente também. Companheiras da Raça nascem exclusivamente fêmeas devido ao DNA geneticamente dominante de seus pais Atlantes.

Marca das Companheiras da Raça — Uma pequena marca vermelha de nascença presente em algum lugar no corpo de toda Companheira da Raça. A marca é uma lágrima caindo dentro do berço de uma lua crescente. Esta marca também é um símbolo significativo para a cultura Atlante. Recentemente foi revelado que os Atlantes têm este símbolo escondido na palma de sua mão, uma indicação da energia da sua vida que se extingue com a morte.

Carmesim — Um narcótico de clube, criado e distribuído por um humano chamado Ben Sullivan (ver Beijo de Carmesim). Esta droga vermelha em pó apresenta lamentáveis efeitos colaterais quando tomada por membros da Raça, incitando uma Sede de Sangue febril que em muitos casos resulta em uma rápida espiral na Sede de Sangue, e em alguns casos, os transformam em Renegados (ver Camden Chase).

Darkhaven — Uma residência civil da Raça ou comunidade. Darkhavens existem na maioria das cidades ao redor do mundo e em algumas áreas rurais. Cada Darkhaven tem um líder, geralmente o membro mais velho da família ou o chefe da família. Este macho da Raça é responsável pela segurança e bem-estar de todos que vivem debaixo de seu teto.

Dermaglifos — Um padrão de marcas na pele que aparece em um Antigo ou um da Raça, cujas cores mudam de acordo com seu estado emocional ou físico. Dermaglifos se apresentam em espiral, floreado e com padrões arqueados e podem ser abundantes, cobrindo um indivíduo do crânio até o tornozelo (como visto em Antigos e alguns Gen Um vampiros da Raça) ou distribuídos e mais espaçados (como visto nas gerações posteriores da Raça).

Caminhante dos Sonhos — A habilidade de entrar nos sonhos de outra pessoa e “caminhar” pelo que o sonhador está fazendo, vendo, etc. (Ver Claire Reichen).

Agência de Execução — O braço autônomo da aplicação da lei da Raça. A Agência de Execução está atolada em disputas políticas, construção de império pessoal e corrupção, muitas vezes resultando em incompetência e ineficácia em proteger a população civil da Raça. A Agência de Execução normalmente é contrária à Ordem, e apesar da animosidade em ambos os lados ser comum, houve casos de alianças e parcerias úteis entre as duas organizações (ver Mathias Rowan, Sterling Chase).

Primeiro Amanhecer — A manhã seguinte à noite que a existência da Raça foi exposta para a humanidade ao redor do mundo, depois que Dragos libertou dezenas de Renegados sedentos de sangue do encarceramento para aterrorizar civis humanos.

Gen Um — A Raça da primeira geração, nascida de um Antigo e uma Companheira da Raça. Os dermaglifos dos Gen Um são mais abundantes do que nas gerações posteriores da Raça. Os Gen Um não são necessariamente os membros mais velhos da Raça, dependendo de quando nasceram e de quem, mas são os mais fortes da Raça, fisicamente e de outro modo. No entanto, os Gen Um também são os mais suscetíveis à Sede de Sangue.

Anfitrião — Um humano, homem ou mulher, de quem um vampiro da Raça se alimenta.

Manipulação hipnótica — A habilidade de fazer alguém ver ou acreditar em algo que não está lá (como Lucan fez com Gabrielle quando mostrou a ela um distintivo policial inexistente em Beijo da Meia-Noite).

Mestre — O termo usado pelos Servos para se referirem ao vampiro da Raça que os fez.

Explodir a mente — A capacidade de incapacitar temporariamente psiquicamente alguém causando dor debilitante em seu crânio (ver Renata).

Limpar a mente/memória — O processo usado por um da Raça para apagar memórias de um humano ou Companheira da Raça, embora este último seja desaprovado como desrespeitoso e raramente feito. Limpar a mente normalmente é feito para evitar a exposição da Raça para a humanidade após o testemunho de algo inesperado ou potencialmente prejudicial para a nação da Raça.

Servo — Um humano ou Companheira da Raça que foi sangrado até a beira da morte por um da Raça, mas no final foi mantido vivo. Neste ponto a pessoa se torna um servo, ele ou ela será completo e permanentemente escravizado pelo vampiro da Raça que bebeu deles. Não há cura para um Servo, exceto a morte. Servos raramente aceitam bem interrogatórios, eles prontamente tiram suas próprias vidas para evitar trair a confiança ou comandos do seu Mestre. Só os membros mais poderosos da Raça (Gen Um e segunda geração, geralmente) são capazes de fazer servos.

A Ordem — Uma estrutura de guerreiros da Raça fundada e dirigida por Lucan Thorne. A Ordem foi formada na Europa em meados de 1300 quando um grupo de oito guerreiros Gen Um se rebelou contra seus pais, os Antigos. Em 1898, Lucan reformulou a Ordem em Boston junto com Gideon e outros, todos unidos na missão de manter tanto humanos quanto civis da Raça protegidos da violência dos Renegados. A Ordem permaneceu sediada em Boston por décadas, mas desde o Primeiro Amanhecer sua base está em Washington, D.C., com centros de comando e equipes de guerreiros localizados ao redor do mundo.

Psicometria — A capacidade de ler a história emocional passada ou atual de um objeto, geralmente com um toque (ver Savannah).

Pirocinese — A capacidade de incendiar ou causar explosões com a mente (ver Andreas Reichen).

Renegado — Um indivíduo da raça que se tornou irrevogavelmente viciado em sangue. Os Renegados exibem presas permanentemente estendidas e os olhos apresentam um brilho âmbar sólido com pupilas verticais fixas em um constante estado de constrição (como o olho do gato). Uma vez que um vampiro da Raça torna-se completamente Renegado, não há nenhuma esperança de recuperação. O sistema circulatório dos Renegados se torna corrompido e debilitado, com uma alergia fatal ao metal titânio. A maior parte dos Renegados finalmente enlouquece com sua doença e tentam, ou conseguem, cometer suicídio.

Submeter as Sombras — A capacidade de juntar as sombras ao redor de si mesmo e manipulá-las para se esconder em uma massa (ver Sterling Chase).

Sonocinese — A capacidade de manipular e ampliar ondas sonoras com a mente (ver Corinne, Nathan).

Cabeça de merda — Termo pejorativo usado para se referir a um indivíduo da Raça que é viciado em sangue e que se tornou um Renegado.

Talento — Um termo usado alternadamente com capacidade extrassensorial em relação aos dons únicos das Companheiras da Raças e da Raça.

Transe — O ato de induzir a um estado temporário de inconsciência um humano ou Companheira da Raça por um da Raça. Todos os membros da Raça são capazes de colocar alguém em transe. Fazer isto com uma Companheira da Raça por qualquer motivo é considerado rude e geralmente é feito só como último recurso.



Os Livros da Série

Livro 01 – O Beijo da Meia-Noite

Ligações românticas

Lucan Thorne & Gabrielle Maxwell



Resumo

Uma jovem talentosa fotógrafa de arte é pega na mira de uma guerra crescente dentro da Raça, empurrando-a para os braços do guerreiro sombriamente sensual, líder Raça da Ordem.

Principais locais da história

- Antigo asilo abandonado fora de Boston, Massachusetts
- Boate La Notte, no North End de Boston
- Apartamento de Gabrielle em Willow Street, Boston
- Complexo da Sede da Ordem, em um local não revelado de Boston
- Vários outros locais, e em torno de Boston

Playlist

- Save yourself - Stabbing Westward
- Tourniquet - Evanescence
- Falling - Lacuna Coil
- Lunatics Have Taken over the Asylum - Collide
- Predator - Collide
- Too Sick to Pray - A3
- Possession - Sarah McLachlan

História de fundo

Por mais que goste de escrever romances históricos, tenho que admitir que estava ficando um pouco entediada com as restrições inerentes ao gênero — particularmente as limitações de tipos de personagens e definições. Então, quando sentei para montar uma proposta formal da história de Lucan e Gabrielle, que na época chamei de “O Beijo da Escuridão”, senti uma incrível sensação de liberdade. Poderia ajustar meu livro de qualquer forma. Poderia povoá-lo com um elenco diversificado de personagens de todas as esferas da vida. Meus heróis — diabos, e até mesmo minhas heroínas — poderiam transportar armas do cacete, dirigir carros legais, carregar um celular, até mesmo usar a palavra com f, se a situação pedisse isso!

Claro, também queria escrever algo que pudesse interessar a um editor, como tinha acabado de receber a notícia de que estava sem um contrato, ao mesmo tempo tinha acabado de me tornar a proprietária de uma casa. Mas, mesmo este contratempo alimentou meu entusiasmo para jogar fora toda a velha restrição que aprendi escrevendo romances históricos, e escrever o tipo de livro que gostaria de ler, mas que não estava encontrando no gênero romântico na época. Uma corajosa, sombria, história de vampiro, assustadora e sexy, estabelecida em Boston, uma cidade que amo.

Menos Drácula e mais Submundo.

Melhor ainda, uma mistura carregada de erotismo do Predador reunido com Blade.

A história verteu para fora de mim rápida e furiosa, e percebi que se passou um longo tempo, desde que tinha escrito coisas divertidas. Nesta altura, eu tinha um contrato incrível de três livros na mão, de uma das principais editoras de Nova Iorque, e uma trama sinuosa que poderia me carregar através de uma trilogia e conduzir tudo para um grande final.

Mas então cheguei à última página da história de Lucan e Gabrielle, e percebi que o final que tramei para este livro... bem, era uma droga. O bandido (Marek) precisava fugir para que pudesse voltar, melhor e mais arrojado, nos próximos dois livros. Mas do jeito que orquestrei sua fuga — uma muito aleijada “saída, pela esquerda” este tipo de coisa, onde ele saía correndo pela porta dos fundos de um armazém, enquanto Lucan corria para salvar Gabrielle — parecia como uma escapatória preguiçosa.

Enviei o projeto para minha editora, e lhe disse que não estava satisfeita com o fim em particular, e que queria ter outro tipo de desfecho para ele. Ela leu o manuscrito e concordou comigo — o fim precisava ser trabalhado. Então fez o que nunca acontece nas agendas apertadas das publicações: deu-me mais um mês inteiro para trabalhar nas revisões.

Costumo escrever o primeiro rascunho completo, e sou ainda melhor, com revisões e polimento. Assim, um mês para corrigir um débil final, era um convite para que desse uma boa olhada em todo o manuscrito, e realmente o fizesse brilhar o melhor que eu pudesse.

Agora, é neste ponto que o meu marido iria dizer-lhe que ele chegou para salvar o dia. E talvez tenha feito. John está sendo meu melhor amigo por quase três décadas. Ele também é meu melhor parceiro de conspiração (e meu aferidor de sanidade, quando se trata de escrever homens críveis). Então, quando reclamei com ele, que meu final estava fraco, e que precisava que o vilão escapasse em grande estilo, John balançou a cabeça e disse: — Você precisa de um helicóptero.

Livro 02 – Beijo Carmesim

Ligações Românticas

Dante & Tess Culver



Resumo

Um ato irresponsável de necessidade liga o mais feroz dos guerreiros com uma mulher mortal que desperta seus apetites e desejos mais primitivos, uma mulher que só poderia estar em conluio com seus inimigos.

Principais Locais da História

- Clínica veterinária de Tess, em South Boston
- Complexo Sede da Ordem, em um local não revelado em Boston
- Darkhaven da família Chase, em Back Bay, Boston

Playlist

- Razor-sharp - Collide
- Weak and Powerless (Tilling My Own Grave) - A Perfect Circle
- Wicked Game - H.I.M.
- Uninvited - Alanis Morissette
- Morning After - Chester Bennington
- Welcome to the Jungle - Guns'n Roses
- Killing Loneliness - H.I.M.

História de Fundo

Criativamente, eu estava em chamas quando comecei a escrever “O Beijo Carmesim”. Tinha acabado de escrever a história de Lucan e Gabrielle, e tinha um monte de editores e agentes entusiasmados atrás de mim, o único retorno externo que tinha sobre a série na época. Deixe-me dizer-lhe, saber que você tem uma equipe de profissionais experientes da indústria, genuinamente empolgados com algo que criou — especialmente depois de falhar em outro gênero — é incrivelmente motivador.

Além disso, eu simplesmente mal podia esperar para escrever a história de Dante e Tess.

Enquanto Gabrielle era minha artista ferida e atormentada, Tess era uma combatente e uma sobrevivente. Eu tinha os capítulos iniciais do Beijo Carmesim na minha cabeça por um longo tempo — com Dante mordendo-a em um estado de desespero, que tive que injetá-lo com uma seringa cheia de tranquilizante animal.

O namoro era escuro e agressivo, não convencional (para dizer o mínimo!), mas é claro, Dante não seria de nenhuma outra maneira. Dante é o tipo de personagem que é mais interessante, quando é

imprensado em um canto, assim, forçar o espartilho lutador de Rua da Ordem, em um laço de sangue com uma companheira que não tinha planos de ter, produziu faíscas voando imediatamente.

Dante também se depara com uma fonte de conflito em seu trabalho com a Ordem — uma fonte de conflito com o nome de Sterling Chase, Agente Especial de Investigação da Agência de Execução. (Desculpem-me, quero dizer, Antigo Agente Especial de Investigação). Gosto de um bom romance¹, quase tanto quanto gosto de um bom romance, emparelhar estes dois como parceiros relutantes em uma investigação conjunta, entre a Ordem e Agência de Execução, foi um das minhas partes favoritas neste livro.

Assim como sobre Sterling Chase. Quando estava escrevendo este livro, não sabia que desenvolveria seu personagem, ou uma história além do que vemos em *O Beijo Carmesim*. Até onde sabia, eu estava escrevendo uma trilogia, e já tinha o enredo e os personagens para o terceiro livro esboçado. Amei Chase, mas ele iria desaparecer no fundo depois deste livro (junto com Elise, que aliás, nunca foi concebida para acabar com ele).

Mas, no meio da elaboração deste livro, aconteceu algo terrível conosco na vida real. A filha mais velha de John, que estava lutando contra a leucemia e os efeitos colaterais do tratamento, desde o final de 2001, faleceu em janeiro de 2006.

Ao longo do terceiro livro, eu tinha planejado combinar Tegan com uma mulher humana, que seria uma pianista mundialmente famosa, mas que também estava morrendo de um misterioso câncer de sangue. Tegan iria raptá-la do hospital e encontrar uma maneira de curá-la com seu sangue. [Nota da autora: Isto é agora contra a tradição da série; machos da Raça não podem curar doenças humanas com seu sangue, e não tomam mulheres humanas como suas Companheiras.] Acho que pensei que seria terapêutico ou romântico de alguma forma, escrever um final feliz para uma heroína, lutando contra o que parecia ser uma doença terminal.

Mas à medida que Leslie ficou mais doente, e depois de ela eventualmente falecer, sabia que não havia maneira nenhuma de eu querer viver esse tipo de história, pelos meses que levaria para que a escrevesse. Nem gostaria de minimizar o que Leslie passou, e parecia fora de questão criar esse tipo de história, a um membro de minha família, quando todo mundo estava tão exposto com a tristeza.

O que significava que tinha que chegar com um romance completamente diferente ao coração do Livro 3.

Não demorou muito para que percebesse que a viúva Elise Chase seria uma companheira maravilhosa para Tegan. Talvez até melhor do que tinha previsto originalmente para ele. Então, reescrevi algumas cenas para trazer os dois juntos, e fazer o que você sabe. Encontrei o que indiscutivelmente é um dos pares preferidos dos leitores de todas as séries da Raça da Meia-Noite, até agora.

Completei *O Beijo Carmesim*, e antes que escrevesse a primeira palavra sobre o novo esboço da história de Tegan e Elise, recebi a notícia da minha agente que a Random House tinha feito uma oferta inicial para mais três livros da série. Viva!

Exceto que... minha trama global estava terminando com o terceiro livro.

Isto tinha que terminar ali. Eu já tinha alterado muito o enredo do livro, mas uma coisa que tinha que permanecer era a morte de Marek, e da forma como estava tudo, deveria acabar com o confronto final entre Tegan e ele.

¹¹ Bromance, uma mistura de Brother com Romance — Irmão com Romance.

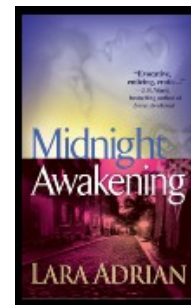
Então, enquanto comemorava a oportunidade de ser capaz de escrever sobre mais personagens, deste novo mundo de história, eu também sabia que precisava conseguir um vilão adequado para carregar a tocha, após o fim do terceiro livro. E ele precisava ser uma ameaça maior do que Marek, porque nós estivemos lá e acabamos isso.

A pressão estava em muitos aspectos, quando me estabeleci para começar a história de Tegan e Elise.

Livro 03 – O Despertar da Meia-Noite

Ligações românticas

Tegan & Elise Chase



Resumo

Uma aliança improvável é formada quando uma bela viúva Darkhaven recorre à ajuda do mais mortal guerreiro vampiro da Ordem em sua vingança pessoal contra os Renegados.

Principais locais da história

- Darkhaven da família Chase em Back Bay, Boston
- Complexo da Sede da Ordem, em um local não revelado de Boston
- Darkhaven de Andreas Reichen em Berlim, Alemanha
- Aphrodite, clube erótico em Berlim, Alemanha
- Clínica de reabilitação dos Renegados, na Alemanha
- Montanhas Bohemian, na República Tcheca.

Playlist

- Cat People - Gosling
- Iris - Goo Dolls
- The Sacrament - H.I.M.
- Man in The Box - Alice in Chains
- Hand That Feeds - Nine Inch Nails
- Stripped - Shiny Toy Guns
- Lithium - Evanescence

História de fundo

Tive um início instável, quando comecei a escrever “O Despertar da Meia-Noite”. Estava tentando me ajustar a uma nova trama de romance, e uma nova heroína, ao mesmo tempo em que trabalhava para encerrar a trama primordial dos três primeiros livros, e começar uma nova trama externa que poderia me levar direto a mais três, com potencial para mais, se as coisas fossem bem com a estreia consecutiva dos dois primeiros, em maio e junho de 2007. Tudo sobre este livro parecia aéreo durante muito tempo, incluindo o título, que durante a primeira fase do esboço foi chamado Beijo da Tentação. (Eu sei, Argh!)

Mas havia um monte de coisas boas acontecendo também.

A série tinha sido adquirida por uma nova empolgante editora Alemã, que parecia estar começando uma marca de romances paranormais, chamada LYX. Eles queriam minha série para ser seu título de lançamento, o que era emocionante por muitas razões, nada menos importante do que a Alemanha ser o país natal de minha mãe. Eu queria fazer alguma coisa para mostrar o meu apreço pela minha nova editora

alemã, e aos leitores há quem esperava que fossem desfrutar de meus livros. Então, quando estava reformulando e reescrevendo *O Despertar da Meia-Noite*, decidi escrever um novo personagem, Andreas Reichen, um charmoso e sofisticado macho da Raça que liderava um Darkhaven em Berlim.

Também decidi trazer mais membros da Ordem neste livro. Tinha mais três livros para escrever, afinal de contas, e se não tivesse cuidado, ficaria sem guerreiros da Raça rapidamente! Assim, entraram Kade e Brock — um Alasquiano com aparência de lobo, e um assassino de Renegados de fala mansa que veio de Detroit. O novo par de recrutas providenciou algum alívio cômico, de uma maneira diferente ao sombrio livro, e também trouxe mais interação entre o resto dos membros da Ordem, que em breve iriam estar sobre o convés com seus próprios livros.

Como originalmente planejado, *O Despertar da Meia-Noite* coloca para dormir a trama de bandido envolvendo o irmão de Lucan, Marek, como o vilão. No confronto final com ele, os leitores também conhecem mais sobre a primeira Companheira da Raça de Tegan, Sorchia, e a verdade por trás de seu sequestro e morte — eventos mencionados pela primeira vez em *O Beijo da Meia-Noite*.

Marek era um homem perverso, não há dúvidas sobre isso. Mas eu estava prestes a introduzir uma ameaça ainda maior na série — e começar a plantar as sementes de um arco de histórias maior, que tinha o potencial de expandir ao longo de mais do que apenas os próximos três livros.

Para fazer essa transição para um mal maior, para mim era importante sentir a biologia dos três primeiros livros de alguma forma. Simplesmente não queria encaixar isto, eu queria um encaixe perfeito. Então voltei para o início para ver se havia algum portal criativo, que tinha deixado aberto, e pudesse fazer uso agora. Encontrei-o no *Beijo da Meia-Noite*. Especificamente, encontrei a resposta que precisava na tapeçaria medieval pendurada no escritório de Lucan no complexo de Boston.

Em, *O Despertar da Meia-Noite* descobriremos, de volta à Idade Média, que um dos membros original da Ordem ajudou a esconder o último remanescente Antigo — seu pai alienígena — em vez de matar a criatura como o decreto de Lucan exigia. Esse membro da Ordem, Dragos, tinha um filho pequeno também chamado Dragos. E entre as ações distintas dos dois, está o segredo da câmara de hibernação, onde este último Antigo dormia, permanecendo fechada durante séculos. Até o fim do *Despertar da Meia-Noite*, quando a Ordem descobre a traição e encontra a câmara vazia.

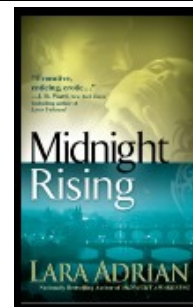
O Despertar da Meia-Noite foi um livro desafiador, mas que fiquei, no final, muito orgulhosa. Demorou um pouco mais de tempo para escrevê-lo, que os dois primeiros livros. É claro que 2006 tinha sido um longo e difícil ano no lado pessoal. Finalmente envolvi a história de Tegan e Elise em 2007, na mesma época que o *Beijo da Meia-Noite* (anteriormente intitulado *Beijo da Escuridão*, até que se descobriu que uma estabelecida autora de sucesso do New York Times, estaria lançando um livro de vampiros com esse mesmo título em 2007) estava prestes a ser publicado.

O *Beijo da Meia-Noite* estreou em 1º de Maio de 2007, e imediatamente bateu a lista de mais vendidos do EUA Today. Em 29 de maio, o *Beijo Carmesim* foi lançado. Este livro atingiu a lista dos mais vendidos do EUA Today também, mas também atingiu a lista do New York Times! Não muito tempo depois que os livros saíram, notei que os leitores on-line estavam começando a chamar a série de, a série “Beijos”. Nesta altura, a Random House não estava imprimindo o título da série sobre as capas, apenas dentro na folha de rosto (por que razão, não tenho ideia).

Em um esforço para enraizar alguma parte do verdadeiro nome da série na mente dos leitores, decidi começar a colocar a palavra “Meia-Noite” em todos os títulos. Então, para aqueles de vocês que se

perguntam, por que O Beijo Carmesim é apenas o título excêntrico da série sem a palavra “Meia-Noite” nele, agora você já sabe!

Livro 04 – Ascensão à Meia-Noite



Ligações Românticas

Rio (Eleutério da Noite Atanacio) & Dylan Alexander

Resumo

Depois de sobreviver a uma selvagem traição, Rio perdeu a esperança de redenção... até que se encontrou desejando uma repórter de tabloide fervorosa em busca de uma história sensacionalista que está mais perto da verdade do que ela jamais poderia imaginar.

Principais locais da história

- Montanhas boêmias na República Tcheca
- Darkhaven de Andreas Reichen em Berlim, Alemanha
- Vários locais em Nova Iorque
- Sede do Complexo da Ordem, local desconhecido em Boston
- Represa de Croton em Nova Iorque

Playlist

- Who Will Love Me Now - Sunscreen
- The Undertaker - Puscifer
- Apologize - OneRepublic
- Dance with the Devil - Breaking Benjamin
- Savin' Me - Nickelback
- Make Me Believe - Godsmack

História de Fundo

Despertar à Meia-Noite saiu no final de novembro de 2007 para comentários adoráveis e mais aparições nas listas de best-sellers nacionais. Eu tinha um contrato para escrever os próximos três livros da série, e baseado no sucesso dos três primeiros livros daquele ano — e a resposta surpreendente de leitores em apenas alguns meses — tive a sensação de que a Random House provavelmente permitiria que eu prosseguisse com a série, muito mais do que de quatro a seis livros.

Pra evitar escrever em outro canto com minha próxima trama abrangente, enquanto começava a trabalhar em Ascensão à Meia-Noite, decidi esboçar premissas básicas da história de todos os personagens principais que eu sabia que queria escrever. E também me ocorreu o Grande Final para a série (que por um milagre se apresentou em Escuridão depois da Meia-Noite, Livro 10, direto para cena final, justamente como eu tinha planejado).

Mas voltando à Ascensão à Meia-Noite. Pobre Rio! Quando quase o explodi aos pedaços no Beijo da Meia-Noite e eliminei sua Companheira da Raça, Eva, que agia duplamente, não fazia ideia de que

precisava recuperá-lo novamente e encontrar uma heroína apropriada para ele. Mas quando eu estava escrevendo o livro do Tegan e Elise, já estava de olho no espanhol sexy e comecei a seguir a trilha de migalhas que levaria a uma caverna escondida nas montanhas Tchecas — o lugar onde a segunda chance de Rio aconteceria e um final feliz estava para começar.

Um dos meus primeiros obstáculos com o Rio foi seu nome. Afinal que tipo de nome é este para um vampiro com cento e poucos anos? Francamente, as coisas correram tão rapidamente na publicação inicial destes livros que não fiz muita lição de casa nos personagens, além dos primeiros três heróis da minha “trilogia”. Então, além do enredo para o seguimento de toda a ação da série, também voltei para a prancheta de desenho e desenvolvi o perfil dos personagens para o resto do elenco dali em diante.

Para Rio, apresentava-se seu nome verdadeiro, Eleuterio da Noite Atanacio (ou, vagamente traduzido do espanhol “aquele que é livre e da noite eterna”) que inspirou seu histórico inteiro e as circunstâncias sombrias de sua juventude. Também me deu a resposta para a capacidade única do Raça Rio que eram suas “manos del diablo” (mãos do diabo), que permitiam que ele matasse com um toque.

Não recordo como a heroína de Rio em Ascensão à Meia-Noite, a repórter de tabloide Dylan Alexander, veio a mim inicialmente. Eu sabia que ele precisava de alguém impetuosa e franca, alguém com objetivos pessoais próprios — achar uma história suculenta que pudesse salvá-la de seu odiado, mas necessário, trabalho — que entrasse em conflito direto com ele. E no momento em que Dylan se depara com Rio, a meta principal dele é que o deixem morrer em paz.

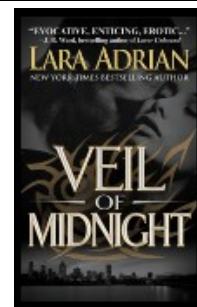
Claro, Dylan não se limitou a tropeçar no esconderijo do Rio; foi levada até lá por Eva em forma de fantasma. Eu me senti mal pelo modo como as coisas terminaram entre Eva e Rio. Sabia que Eva não era uma pessoa horrível, apenas uma pessoa egoísta que deixou sua possessividade se tornar uma doença, que fez com que sentisse que algo tão repreensível não havia como voltar atrás. Mas eu quis redimi-la, ainda que só um pouco. Usá-la como condutora para trazer Rio da escuridão que ele se retirou depois da traição de Eva parecia certo para mim. Gosto das coisas quando completam o círculo, e deixar Eva expiar pelo que fez guiando Dylan para dentro da vida dele — e mais tarde permitindo que Eva ajudasse Rio salvando Dylan quando ela estava em perigo mortal — é uma de minhas partes favoritas de Ascensão à Meia-Noite.

Além do lado emocional, o lado romântico deste livro, também temos nosso primeiro vislumbre do novo vilão da série — Dragos. Eu queria que ele entrasse em cena em grande estilo, demonstrando que se a princípio Marek parecia perigoso, este sujeito era diabólico. Escondendo-se atrás de nomes falsos e alianças secretas, que rastejava profundamente nos mais altos escalões da Agência de Execução, Dragos competiria com a Ordem pelo seu dinheiro.

Ascensão à Meia-Noite foi lançado em abril de 2008. John e eu estávamos dirigindo para Michigan para visitar meus pais quando meu editor ligou no final da tarde, enquanto nos aproximávamos de Búfalo, Nova Iorque (sim, lembro-me onde eu estava!). A lista dos mais vendidos do New York Times tinha acabado de chegar. Ascensão à Meia-Noite estreou em sexto lugar!

A história de Rio e Dylan permaneceu na lista do New York Times por outras quatro semanas. Passou duas semanas na lista dos best-sellers do USA Today, e foi meu primeiro aparecimento na lista de best-seller do Publishers Weekly. Mais tarde, a tradução alemã de Ascensão à Meia-Noite, Gebieterin Der Dunkelheit, seria meu primeiro título mais vendido lá, estreando em Der Spiegel.

Livro 05 – Véu da Meia-Noite



Ligações Românticas

Nikolai & Renata

Resumo

A missão para deter um assassino que tem como alvo os Antigos da Raça chama de Montreal o guerreiro Nikolai, onde ele cruza seu caminho — e encontra uma improvável aliada — com a única mulher capaz de deixá-lo de joelhos.

Principais Locais da História

- Vários locais em Montreal, Quebec, Canadá
- Chalé de Sergei Yakut fora de Montreal
- Um dos laboratórios de Dragos fora de Montreal
- Sede do Complexo da Ordem, local desconhecido em Boston

Playlist

- Bring Me to Life - Evanescence
- Ghostflowers - Otep
- Time of Dying - Three Days Grace
- REV 22:20 - Puscifer
- The Bird and The Worm - The Used
- Woman - Wolfmother
- Closer - Nine Inch Nails
- Personal Jesus - Marilyn Manson

História de Fundo

Ainda me lembro da onda de emoção que senti quando estava anotando o conceito preliminar para “Véu da Meia-Noite”. Eu nunca tinha escrito sobre uma heroína durona de verdade antes — uma que se vestia de couro preto, botas bicudas de salto alto, e que se eriçava com tantas armas mortíferas quanto qualquer um dos meus heróis vampiros alfas da Ordem. Melhor ainda que esta Companheira da Raça também era dotada com uma habilidade extrassensorial que podia derrubar até o Gen Um mais letal da Raça.

Querido leitor, conheça Renata.

Naturalmente, uma mulher assim precisa de um parceiro igualmente forte. Eu não podia pensar em ninguém mais adequado para ficar em pé de igualdade com Renata que o viciado em adrenalina, que adorava combater, mecânico da Ordem, Nikolai, siberiano por nascimento.

Como você provavelmente pode dizer pela playlist de músicas que escutei enquanto estava trabalhando em Vêu da Meia-Noite, a história de Niko e Renata foi bem dura, rápida e corajosa, cheia de ação. Também foi sexy e sombria, às vezes muito terna. Eu me esforço para fazer com que cada livro Raça da Meia-Noite pareça novo e diferente dos outros, ainda mantendo um sentido de coesão dentro da série. Vêu da Meia-Noite certamente foi diferente dos outros, mas também marca um ponto decisivo na série. Um que define a segunda metade da série em movimento, mas também serve como base para o que eu não sabia na época — o final que tracei para o Livro 10 realmente seria o início de toda uma nova geração de personagens e um arco a mais na série como um todo.

O que leva a Mira.

Agora, não sou muito interessada em crianças. Nunca tive uma, se isso foi o resultado de muitos anos trabalhando como babá de adolescentes ou qualquer outra coisa, eu não sei. Mas quando estava planejando este livro, percebi que para aquela dureza toda de Renata e sua quase invencibilidade de super herói, ela precisava ter um ponto fraco. Precisava de algo para torná-la vulnerável, e eu queria algo além das enxaquecas reverberantes que ela sofria depois de usar seu talento extrassensorial de detonar mentes. Renata precisava se importar com alguma coisa, com alguém.

E esse alguém era uma menina órfã de oito anos de idade (uma Companheira da Raça jovem com o dom da premonição) a quem Renata havia resgatado de um Clube de Sangue de Montreal administrado pelo futuro empregador da Renata, o abominável Gen Um, Sergei Yakut.

Foi Sergei Yakut quem trouxe Nikolai para Montreal em uma missão para a Ordem, mas foi a criança-vidente, Mira, que mostrou a Niko que seu futuro estava ligado à gostosa guarda-costas que chutou seu traseiro na primeira vez que se encontraram.

Adorei escrever este livro e espero mostrar isso neste texto. Também foi um desafio, porque além do romance e trama na história de Niko e Renata, também estive introduzindo novos personagens e tecendo tópicos de suspense externos que continuariam no resto da série.

É em Vêu da Meia-Noite que a história do meu próximo livro, Cinzas da Meia-Noite, começa a desenrolar. Desde a chegada do líder do Darkhaven de Berlim, Andreas Reichen em Despertar da Meia-Noite e seu maior envolvimento em Ascensão à Meia-Noite, eu soube que queria incluí-lo na série de um modo mais significativo. Isso remonta às minhas próprias raízes alemãs, e à minha consciência do quanto é incomum encontrar personagens alemãs na ficção comercial americana — romances, em particular — que não estão diretamente relacionados aos nazistas ou alguma outra marca de cara mau. Além disso, eu realmente adorei o Reichen!

Foi muito difícil derrubar seu mundo tão completamente. Adorei a relação que ele tinha com sua amante humana de longa data, Helene. Adorei sua família do Darkhaven em Berlim, como o jovem par acasalado com o novo bebê que recentemente recebera o nome de seu padrinho Reichen. Adorei a vida que ele teve em Berlim, e sua maneira fácil de lidar de personalidade encantadora.

Mas há um ditado popular entre os escritores: Mate seus queridos².

O fato é que do jeito que escrevi até aquele momento, a vida de Reichen estava perfeitamente resolvida. Sua história até o momento não fez nada para mover a série adiante. Reichen não teve conflito, não cometeu nenhum erro em vida, não tinha inimigos... ou tinha?

² Mate seu queridos foi citado pela primeira vez por Sir Arthur Quiller-Couche, depois adaptado por William Faulkner onde ela diz que sempre que sentir um impulso, obedeça, alguns se referem a sair matando seus personagens, mas é controverso.

Percebi que para dar a ele uma história interessante, precisava primeiro destruir tudo que eu adorava nele. Parece realmente cruel, mas uma coisa que aprendi como escritora é que personagens felizes tornam uma ficção chata. Então me propus a tornar Andreas Reichen muito, muito infeliz. E muito, muito bravo. Quando sua história acontece, Andreas Reichen é um homem pegando fogo — em mais de uma maneira!

Outras introduções que ocorreram em Veu da Meia-Noite incluem o primeiro aparecimento do Antigo, não mais em hibernação, mas aprisionado no laboratório de procriação de Dragos. Também encontramos pela primeira vez Hunter, de olhos dourados, um dos assassinos criados por Dragos. Hunter é um dos Gen Um criados a partir do Antigo cativo para ser um assassino sem emoção, leal a Dragos não só por seu dever e formação, mas também por causa do colar ultravioleta não removível que mantinha estes soldados letais sob seu controle total.

Ao final de Veu da Meia-Noite, Hunter não está mais acorrentado ao comando de Dragos. Graças à Ordem — e uma visão vislumbrada nos olhos profetizantes de Mira — Hunter deixaria Montreal para juntar-se à Ordem na luta contra seu criador e principal vilão.

Veu da Meia-Noite foi lançado no final de dezembro de 2008. Foi meu primeiro livro a ficar tanto tempo nas listas de best-seller do New York Times e USA Today por quatro semanas seguidas!

Livro 06 – Cinzas da Meia-Noite



Ligações Românticas

Andreas Reichen & Claire (Samuels) Roth

Resumo

Consumido com a vingança pelo assassinato de sua família, o líder do Darkhaven Andreas Reichen embarca em uma missão de feroz retaliação... uma missão que o leva até a mulher que uma vez possuiu seu coração, mas que agora pertence ao seu inimigo mais traiçoeiro.

Principais Locais da História

- A propriedade do Darkhaven de Wilhelm Roth fora de Berlim, Alemanha
- O escritório de Wilhelm Roth em Hamburgo, Alemanha
- A casinha da fazenda de Danika na Dinamarca
- A sede do Complexo da Ordem, local desconhecido em Boston
- A propriedade da avó de Claire em Newport, Rhode Island

Playlist

- Broken - Seether and Amy Lee
- Close to the Flame - H.I.M.
- Going Under - Evanescence
- All of This Past - Sarah Bettens
- Dreamsleep - Collide
- Falls on Me - Fuel

História de Fundo

Então, eu deixei o pobre Andreas Reichen em bom estado no final de Véu da Meia-Noite. Quando sua história começa em Cinzas da Meia-Noite, ele é um homem com um plano. E esse plano é a aniquilação total de seu inimigo reconhecido recentemente, um macho da Raça chamado Wilhelm Roth. Um macho da Raça que esteve acasalado com Claire Samuels, a mulher que Andreas um dia amou — e perdeu — há muito tempo.

Claire é umas das heroínas mais gentis da série. Mas não confunda seu exterior calmo com fraqueza. Na verdade cometeu alguns erros em sua vida — o maior deles foi duvidar do amor de Andreas por ela e escolher outro companheiro, o poderoso Wilhelm Roth, depois de Andreas deixá-la sem um rastro ou uma palavra de adeus. Quando percebe a profundidade de seu erro muitos anos mais tarde, depois de Andreas entrar de volta em sua vida em uma maré de fogo e cinzas de uma vingança sanguinária após o que Roth fez com os entes queridos do Andreas, Claire está preparada para marchar para a batalha diretamente com ele.

Depois de escrever *Véu da Meia-Noite* e o tempo gasto nas páginas com uma heroína durona como Renata, vim para *Cinzas da Meia-Noite* ainda muito “sou uma mulher, ouça-me rugir” um tanto quanto alta. É neste livro que as mulheres da Ordem — que agora incluíam as recém-chegadas Renata, Dylan, Elise, Tess e Gabrielle, além da companheira de longa data de Gideon, Savannah — dão os primeiros passos para emprestar suas próprias habilidades para a Ordem que está em crescente guerra contra Dragos e seus seguidores.

Apesar de Lucan e seu quadro de guerreiros da Raça serem fortes, nenhum deles emparelhou com uma mulher que estivesse disposta a ficar de lado e deixar seu homem lutar sozinho quando ela tinha talentos especiais para emprestar para suas missões. Para Claire, esse talento é caminhar nos sonhos, que ela usa em *Cinzas da Meia-Noite* para ajudar Andreas e a Ordem a localizarem um dos laboratórios de procriação de Dragos e derrotar um de seus tenentes mais perigosos, Wilhelm Roth.

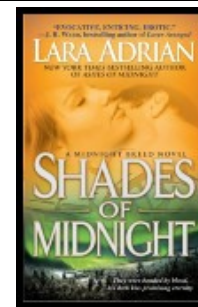
No final, Dragos ganha esta rodada. Sua fuga — e a transferência apressada do Antigo cativo — prepara o cenário para as grandes coisas que ainda estão por vir em *Sombras da Meia-Noite* e os livros a seguir. Quanto a Andreas Reichen e Claire, apesar deles não entrarem oficialmente na Ordem em *Cinzas da Meia-Noite*, eles permanecem parte integrante da série.

Outro personagem que encontramos novamente neste livro é Danika, a Companheira da Raça viúva de Conlan, que foi morto em ação em *Beijo da Meia-Noite*. Durante os eventos em *Cinzas da Meia-Noite*, precisei de uma casa segura para Claire e Andreas enganarem os homens de Roth. Com a Alemanha estando tão perto da Dinamarca, apenas pareceu lógico que a Ordem pedisse a Danika este favor especial.

O que eu não esperava era a resposta dos leitores após *Cinzas da Meia-Noite* ser lançado. Tantas pessoas ficaram emocionadas ao ver Danika novamente! Aparentemente estiveram se perguntado como a Companheira da Raça, que esteve grávida do filho do Conlan na hora de sua morte, estava se saindo desde que deixou Boston para ter seu filho em casa, na Dinamarca. Os leitores enviaram emails perguntando se eu escreveria uma história para Danika e daria a ela um final feliz. Embora não tivesse planos de expandir seu futuro naquela época, as ideias começaram a filtrar, e finalmente tive a oportunidade de tornar a visitar Danika.

Cinzas da Meia-Noite foi publicado em maio de 2009, passando três semanas na lista de best-seller do New York Times, duas semanas na lista do USA Today, estreando no 31º lugar, minha colocação mais alta na lista até aquele momento. E ainda outro lugar alto, o livro de Claire e Reichen bateu o 6º lugar na lista dos mais vendidos da Publishers Weekly na sua primeira semana também.

Livro 07 – Sombras da Meia-Noite



Ligações Românticas

Kade & Alexandra Maguire

Resumo

Uma missão no Alasca para investigar uma série de ataques de vampiros selvagens, envia o guerreiro da Raça, Kade, para sua gélida terra natal, onde ele encontra uma sexy fêmea piloto do mato, cuja própria busca por respostas o força a confrontar seus segredos mais sombrios, e um mal ainda maior, que pode destruir tudo o que tem de mais caro.

Principais locais da história

- Pequena cidade (fictícia) de Harmony, Alasca
- Darkhaven da família de Kade fora de Fairbanks, Alasca
- Complexo da Sede da Ordem, em local não revelado de Boston

História de Fundo

Desde a introdução do moreno de olhos prateados, Kade, à série em *Despertar da Meia-Noite*, eu mal podia esperar para elaborar um dos livros no Alasca. Naturalmente, este tinha que ser dele!

Eu tinha por um tempo na minha cabeça, que Kade havia deixado sua família Darkhaven, fora de Fairbanks, por um motivo que ele realmente não queria que ninguém soubesse. E também tinha em minhas anotações de personagens que ele era um gêmeo idêntico — embora se Kade deveria ser o gêmeo “bom” ou o “mau”, ainda não tinha certeza.

Comecei a planejar *Sombras da Meia-Noite* pelo lado externo das coisas: a fuga do Antigo do trem de carga, no final de *Cinzas da Meia-Noite*, e a chacina posterior da família do Alasca, o que levava a Ordem a enviar Kade do norte — ao extremo norte — para investigar. Era esse mesmo assassinato que traria a fêmea piloto do mato³, Alexandra Maguire, para o meio dos negócios da Ordem e, logo depois, para a cama de Kade.

A primeira grande lição que aprendi com a trama de *Sombras da Meia-Noite* foi que o Alasca é diferente de qualquer outro estado do país. Quer dizer, eu sabia disso, é claro. Mas não tinha ideia de quão vasto e selvagem, e pouco desenvolvido o lugar era até que comecei a estudar os mapas, comprar livros de referência, e pesquisar para obter informações gerais sobre as condições de vida, temperatura, pilotagem do mato, aplicação da lei, e vários outros detalhes que queria acertar no livro.

O Alasca é uma difícil fronteira, primitiva em muitos lugares, em outros, é uma total vastidão ameaçadora. Era realmente perfeito para o tipo de história que eu queria contar. E o lugar perfeito para ter produzido alguém como Kade — para não mencionar, seu irmão gêmeo, Seth.

³ Piloto do Mato - A pessoa que voa aviões de pequeno porte em áreas remotas.

Dada sua compartilhada capacidade da Raça para conectar-se psiquicamente com animais predadores, a trama secundária do passado de Kade, e o segredo obscuro do qual ele estava fugindo, se encaixaram como uma parte integrante de Sombras da Meia-Noite. Isto também formaria a cunha que viria eventualmente a ficar entre Kade e Alexandra.

É neste livro que o Antigo finalmente encontra seu fim. Planejei isto antecipadamente, sabendo a forma como o Antigo morreria, embora não tivesse decidido sobre as especificações do que acabaria por levá-lo ao longo dessa borda, até adentrar um pouco mais na própria escrita da história.

Eu também sabia que antes de o Antigo morrer, ele deixaria para trás um pedaço de si mesmo — uma “chave” biotecnológica que desbloquearia os segredos sobre sua espécie e seu tempo na Terra. O Antigo deixaria esse chip de biotecnologia (junto com um pouco de seu DNA) embutido na nuca de um soldado humano — ex Guarda Estadual do Alasca, Jenna Tucker-Darrow, melhor amiga de Alex.

Quando esbocei pela primeira vez a premissa do Antigo, querendo garantir que parte dele viveria quando enfrentasse a morte certa, eu tinha uma vaga noção de que além do chip criar uma transformação em Jenna em um nível genético — a transformando em algo muito mais do que humana — isto também poderia se tornar uma ferramenta, que a Ordem poderia usar em seus esforços para derrotar Dragos. Essa parte da equação mudou depois que comecei a aperfeiçoar o enredo para Capturada a Meia-Noite, a história de Jenna e Brock.

E para os leitores que se perguntam se havia uma razão para o Antigo forçar Jenna a escolher entre “vida ou morte”, antes que embutisse o chip dentro dela? Sim, há uma razão! Prometo que vou responder a essa pergunta inteiramente, antes que a série acabe.

Sombra da Meia-Noite foi lançado no final de dezembro de 2009. Ele alcançou o mais elevado, da lista dos mais vendidos do New York Times, em 5º lugar, e permaneceu na lista por três semanas seguidas. A história de Kade e Alex também passou três semanas na lista dos mais vendidos do EUA Today e Publishers Weekly. E, pela primeira vez, quebrei o top dez da Barnes & Noble, com Sombras da Meia-Noite estreando lá no 7º lugar de todos os livros à venda.

Enquanto isso, na Alemanha, a série foi muito bem também. Tão bem na verdade que a minha editora, Egmont LYX, me convidou para ir a turnê de livros por várias cidades naquele verão, quando a história de Kade e Alex estivesse para chegar às livrarias por lá. Eu nunca tinha estado em uma turnê de livro. Meu editor Americano nunca arranhou para que eu fizesse uma turnê aqui nos Estados Unidos, de modo que este convite para viajar para o exterior, e conhecer os leitores na Alemanha, foi incrível. É claro que disse sim!

E foi assim que, em junho de 2010, eu me encontrei em um turbilhão de “mini turnês” em várias cidades, incluindo Dortmund, aonde uma multidão de mais de 150 calorosas e acolhedoras fãs alemãs de Raça da Meia-Noite, vieram para ter seus livros autografados, e ouvir trechos de Sombras da Meia-Noite lidos por mim (em Inglês) e pela maravilhosa narradora dos meus audiobooks em Alemão.

Enquanto estava na Alemanha, recebi a notícia mais extraordinária: Sombra da Meia-Noite (Gezeichnete des Schicksals) estreou no ponto mais alto da série até agora, 3º lugar no Der Spiegel (The Mirror)!

Livro 08 – Capturada à Meia-Noite



Ligações românticas

Brock & Jenna Tucker-Darrow

Resumo

Encarregado da proteção de uma bela fêmea humana que trouxe desde o Alasca até a Sede da Ordem, em Boston, o guerreiro da Raça Brock, logo se vê enredado em uma impossível paixão que o desafia a confrontar os erros de seu passado, e arriscar seu coração por uma mulher que ele pode manter, mas que nunca poderá realmente possuir.

Principais locais da história

- Complexo da Sede da Ordem, em um local não revelado em Boston.
- Escritório do FBI em Nova Iorque.
- Prisão secreta de Dragos das Companheiras da Raça cativas em seus laboratórios de reprodução.
- Darkhaven de Andreas Reichen e Claire em Newport, Rhode Island
- Cemitério fora de Harmony, Alasca

Playlist

- Home - Daughtry
- Give Me a Sign - Breaking Benjamin
- Fade Into You - Mazzy Star
- All That I'm Living For - Evanescence
- Angel - Sarah McLachlan

História de Fundo

Aqui chegamos a Capturada a Meia-Noite, oito livros dentro da série. Olhando para trás agora, é surpreendente para mim o quanto o enredo evoluiu vindo desde suas origens daqueles três primeiros romances. Costumo dizer às pessoas que conheci quando lancei a primeira história de Lucan e Gabrielle, que estava embarcando em uma aventura que abrangia dez livros e contando, que não poderia ter tido a coragem de começar.

Sou uma idealizadora. Gosto de saber onde estou indo antes de colocar a primeira palavra no papel. Mas nunca tinha tentado nada desta grandiosidade. Isto tem sido uma grande experiência para mim, para crescer como escritora, como uma contadora de histórias. Estou aprendendo a confiar nos meus instintos, e durante Capturada a Meia-Noite, esses instintos foram colocados à prova.

Este livro leva a série a um grande salto para frente, com a introdução de uma heroína que é uma fêmea humana, passando por uma transformação genética que é mais do que um pouco sobre o lado bizarro da ficção científica. Eu não tinha certeza de como os leitores reagiriam a Jenna, francamente. Mas a

decisão de levá-la nesse sentido foi um daqueles momentos instintivos. Tinha que fazer o que sentia que era o melhor para a personagem, para o livro atual, e para a série como um todo. E fiquei aliviada ao descobrir que, em geral, Jenna é uma curiosidade que quase todo mundo parece gostar.

Afinal, no que ela está se tornando, afinal?

Essa é a pergunta que ouço o tempo todo, sempre que o assunto de Brock e Jenna vem à tona. E era uma pergunta que muitos de vocês fizeram, de uma forma ou de outra, através do debate de Perguntas & Respostas que realizei no meu site um tempo atrás.

Vou dizer-lhes o que Jenna não está se tornando. Não vai se transformar em uma da Raça. Ela é humana em sua essência, lembrem-se. A composição genética da Raça é de um ser de outro planeta (Antigo) e a Companheira da Raça (que hoje sabemos ser — não acho que este seja mais um grande segredo — metade Atlante). Assim, mesmo o corpo de Jenna agora contenha DNA Antigo, está faltando nela o outro pedaço que a transformaria em um da Raça.

O DNA alienígena de Jenna lhe dá muitos dos pontos fortes de um Antigo: habilidades de curar-se, vida prolongada, força e velocidade sobre-humanas, aumento cognitivo e da linguagem. Ela descobre mais tarde que seu implante de biotecnologia lhe adicionalmente dá acesso às memórias do Antigo. E não vamos esquecer, ela também tem um dermaglifo muito legal crescendo na parte de trás de seu pescoço.

O que Jenna não tem é uma alergia fatal à luz solar, como tanto a Raça quanto os Antigos tem. Ela também não tem presas ou necessidade de sangue, a fim de se sustentar, embora fique de olho na carótida de Brock com mais do que um interesse passageiro.

Jenna é uma humana com uma grande porção alienígena. É diferente de qualquer outra que já vimos até agora na série. E vai ser a chave de eventos ainda por vir, quando o segundo arco da série continuar.

Mas voltemos à Capturada a Meia-Noite.

O romance de Brock e Jenna era sobre segundas chances, e sobre aprender a deixar suas barreiras caírem, a fim de que o amor te encontrasse novamente. Ambos se curaram de passagens dolorosas — Jenna após a perda de seu marido e filha em um acidente de carro, e Brock ainda resistindo à culpa de seu fracasso, em proteger uma jovem Companheira da Raça inocente, que tinha sido colocada ao seu encargo como guarda-costas dela, quando Brock vivia em Detroit.

O romance deles foi sensível, talvez o mais terno de toda a série até agora. Nenhum deles entrou nesta relação como inocentes de olhos arregalados, ou pessoas irresponsáveis facilmente apanhadas em uma paixão excitante, que poderia extinguir tão rapidamente como começou.

Brock e Jenna tinham sido derrubados antes. Foram feridos. Ambos carregavam seu próprio peso da culpa do passado deles, achando que não eram bons o suficiente para serem amados por alguém. Então, quando finalmente se reuniram — quando sua relutante parceria nos negócios da Ordem começou a pegar fogo em uma atração irresistível e verdadeira, aprofundando o carinho — o vínculo deles foi tal que não necessitaram de sangue para selá-lo.

Enquanto o romance de Brock e Jenna arde em fogo lento, a ação em Capturada a Meia-Noite avança até a ameaça de Dragos e sua determinação para bater duro na Ordem, pela sua mão na morte de um Antigo em Sombras da Meia-Noite, e a destruição de uma das instalações de um laboratório secreto de Dragos, no Alasca.

Com Dragos parecendo mais ousado, os guerreiros e seus companheiros começam a trabalhar juntos para detê-lo. Enquanto os guerreiros perseguem Dragos e seus tenentes secretos em patrulhas noturnas, as mulheres da Ordem se esforçam para localizar as Companheiras da Raça que estão sendo mantidas em cativeiro, em seus laboratórios de reprodução. Eles vão de encontro a pistas que os levam a um ex-fugitivo do abrigo de operários e, através de uma mistura de coragem e astúcia, Jenna, Renata, Dylan e Alex finalmente desmascaram o Servo encarregado de manter as prisioneiras. Com os guerreiros e suas mulheres trabalhando como uma verdadeira equipe, as Companheiras da Raça cativas são libertadas — incluindo Corinne Bishop, a jovem Companheira da Raça que tinha sido confiada à proteção de Brock a décadas passadas, em Detroit.

Outros novos personagens entram para a série neste livro como: Mathias Rowan, um agente de execução de Boston, e um ex-amigo e associado de Sterling Chase, a família Archer, Lázaro, o Gen Um patriarca de um Darkhaven de Boston, e seu filho Christophe, que vêm à Ordem solicitando ajuda para recuperar seu filho adolescente, Kellan, que foi raptado de sua casa por sequestradores desconhecidos.

Este rapto e a recuperação de Kellan Archer colocaram em movimento eventos que alterariam o futuro da Ordem no próximo livro por vir, e mudaria o cenário da série para sempre.

Capturada a Meia-Noite passou mais tempo nas listas dos mais vendidos dos Estados Unidos, depois de seu lançamento em setembro de 2010. Ele ficou quatro semanas na lista dos mais vendidos do New York Times e USA Today, e três semanas na Publishers Weekly. Ele também ficou na lista dos mais vendidos do IndieBound — outra carreira em primeiro lugar para mim.

Nessa época, comecei a ouvir da minha agente que a Random House queria trazer a série para capa dura em breve. Difícil de acreditar que apenas cinco anos antes, pensei que minha carreira tinha acabado. Acho que a lição aqui não é diferente do tema subjacente do romance de Brock e Jenna: só porque você se sentiu como um fracasso no passado, não significa que não possa recomeçar e fazer algo melhor do seu futuro.

Livro 09 – Mais Profundo Que A Meia-Noite



Ligações Românticas

Hunter & Corinne Bishop

Resumo

Depois de anos de cativo e tortura pelo malévolo vampiro Dragos, a bonita Corinne Bishop encontra segurança e paixão nos braços de Hunter, o mais letal dos guerreiros da Ordem, um Gen Um da Raça nascido e criado para matar ao comando de Dragos. Agora a lealdade de Hunter com a Ordem será testada, quando o dever com seus novos aliados o obriga a arriscar a quebrar o coração da sensível Corinne.

Principais Locais da História

- Darkhaven da família Bishop em Detroit, Michigan
- Vários lugares dentro e em torno de New Orleans, Louisiana
- Casa de Amelie Dupree no pântano em Atchafalaya, Louisiana
- Residência do senador de Massachusetts Bobby Clarence, em North Shore
- Complexo da Sede da Ordem, em local não revelado em Boston

Playlist

- Through Hell - We Are The Fallen
- This Night - Black Lab
- Breathe Me - Sia
- Empty Bed Blues - Bessie Smith

História de Fundo

Eu realmente senti a dinâmica geral do segmento da série chegando à minha mente, enquanto escrevia Mais Profundo que a Meia-Noite. Pelo lado externo das coisas na trama, os eventos estavam em um movimento que levaria ao grande confronto final, entre a Ordem e Dragos.

Lucan e os guerreiros estavam prestes a descobrir que o sequestro de Kellan Archer foi um movimento calculado por Dragos — um ataque com a intenção de incitar a Ordem a quebrar uma de suas regras fundamentais: admitir um civil no complexo de Boston. Um local secreto, escondido há mais de cem anos, a Sede da Ordem fica de repente comprometida pelo seu maior inimigo, quando Kellan cospe um dispositivo de rastreamento colocado dentro dele por seus sequestradores.

Lucan nunca foi de fugir do perigo. No entanto, sabe que uma transferência rápida é a única escolha responsável, se quisesse manter os residentes do complexo seguros — sua família, como relutantemente chegou a pensar de todos eles ao longo da série. O Gen Um Lazo Archer, avô de Kellan, oferece uma de suas propriedades na floresta do Maine como uma base temporária das operações, mas enquanto a Ordem

começa a fazer planos para se mudar para um terreno mais seguro, Tess, que esteve grávida desde Ascensão à Meia-Noite, entra em trabalho de parto.

Mas estou me adiantando.

Mais Profundo que a Meia-Noite é a história de Hunter e Corinne. Hunter, um assassino Gen Um impassível, nascido e criado para ser um soldado do exército pessoal de Dragos, e Corinne Bishop, a Companheira da Raça sequestrada sob a vigilância de Brock em Detroit, há décadas e, recentemente libertada da prisão do laboratório de reprodução de Dragos. Ambos vítimas do mal de Dragos, Hunter e Corinne são lançados juntos em uma aliança inesperada, quando ele fica encarregado de escoltá-la para a casa de sua família, apenas para descobrir que Corinne tinha sido secretamente entregue a Dragos todos esses anos atrás por seu pai Darkhaven.

E Corinne está mantendo um segredo, também. O segredo, treze anos atrás, nasceu dela nos laboratórios de reprodução, e foi arrancado dela quando tinha apenas minutos de vida, para tornar-se o mesmo tipo de máquina perita em matar que é Hunter. Assim que foi libertada do cativeiro pela Ordem, o propósito de Corinne é encontrar seu filho e resgatá-lo do controle de Dragos.

Pensei que seria interessante emparelhar Hunter (o meu primeiro herói virgem!) com uma mulher que compartilhou sua experiência de abuso e manipulação, por Dragos. Ainda mais interessante, uma mulher cuja busca pessoal trará Hunter face-a-face com sua própria história — revelações que derrubaram as paredes que construiu em torno de suas emoções, a fim de sobreviver.

Como uma escritora (e mulher) sou fascinada por um homem forte, estoico e destemido, que vem de uma experiência destrutiva e maligna, que reduziria a maioria dos outros homens (e com razão) para tremulas poças de fraqueza e autopiedade. Como diz o ditado, o aço mais forte é forjado no fogo mais quente. Isso certamente resume Hunter, mas resume Corinne também.

Enquanto Hunter e Corinne se propõem a descobrir mais dos tenentes de Dragos, e encontrar seu filho Nathan, na volta à Boston, a Ordem tem suas mãos cheias também. Além da vulnerabilidade súbita do complexo para Dragos e, do nascimento do filho de Dante e Tess, Xander Raphael, outro círculo interno da Ordem é pego em uma espiral descendente que ameaça ter consequências catastróficas.

Sterling Chase, uma vez o tenso e sem jogo de cintura Agente de Execução, teve com o tempo, começado a escorregar perigosamente em direção a Sede de Sangue. Mas, apesar do aperto de sua consumidora doença, ele descobre uma esplêndida ligação com Dragos, através de um ambicioso senador humano que está de alguma forma aliado ao principal adversário da Ordem. E na busca de Chase para aprender mais, ele cruza o caminho com a assistente do senador, Tavia Fairchild, uma bela jovem cuja existência irá mudar o curso da série, e alterar o próprio futuro de Chase com um único tiro.

Então, sobre esse suspense final...

Nunca escrevi um suspense antes. Apesar de não me importar com eles como uma leitora, contanto que o livro não termine no meio da frase, ou sem encerramento da história principal, tenho investido nisso nas últimas quatrocentas páginas, quando escolhi acabar Mais Profundo que à Meia-Noite, com a entrega voluntária de Chase para a aplicação da lei humana, em um esforço para poupar seus amigos do complexo, fiz isso com a intenção de que o próximo livro, Escuridão Depois da Meia-Noite, estaria saindo logo depois. Alguns poucos meses depois.

Mas Escuridão Depois da Meia-Noite provou ser um livro maior do que eu esperava. Levou mais tempo para que eu conseguisse apenas ajustá-lo. Quando finalmente entreguei-o para minha editora, ela

me disse que era o melhor da série até agora. Era um grande livro, ela disse, com uma sensação de um grande livro. E por causa disso, a Random House iria liberá-lo em capa dura. O que significava um atraso maior ainda na publicação, do que se o livro tivesse saído como original.

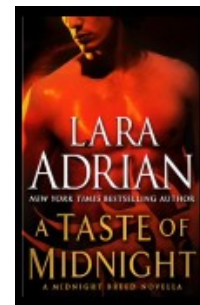
Mais Profundo que à Meia-Noite foi lançado no final de junho de 2011. Estreou no New York Times em que permaneceu nas minhas mais altas exibições na lista, no 3º lugar. Desde o meu último lançamento, o Times tinha recentemente começado o acompanhamento de vendas de e-book, além dos impressos, e Mais Profundo que à Meia-Noite também se colocou no alto da combinação de e-book/impressão, chegando a 5º. Ficou por duas semanas no New York Times, USA Today (atingindo o 12º lugar) e na lista dos mais vendidos do Publishers Weekly.

Foi nessa época que a Random House também fez uma oferta para meus próximos dois livros. Eu já tinha decidido que estava me divertindo muito com o mundo da Raça da Meia-Noite para abandonar agora — e também tinha esse germe da ideia para um segundo segmento da história, que poderia caracterizar uma novíssima geração de guerreiros da Ordem em uma nova criação futura.

À medida que comecei a trabalhar em um contrato, para o que se tornaria os Livros 11 e 12 da série, eu também lancei a ideia do Compêndio da série que você está lendo agora. Minha editora gostou do conceito e do plano para incluir a história de Gideon e Savannah, como originalmente uma novela — porém em última análise, a Random House e eu não concordamos sobre como publicar o livro. Eles queriam fazê-lo em e-book apenas, com a potencial tiragem limitada de publicação em capa dura se, e somente se, as vendas do e-book fossem resistentes o suficiente.

Eu estava inflexível que o Compêndio fosse lançado em ambos os formatos, em e-book e impressão. E, além disso, com a indústria mudando tão rapidamente, dando aos autores mais e mais liberdade para publicar o seu trabalho de forma independente, decidi recusar a oferta e guardar o Compêndio até que pudesse fazê-lo por conta própria.

Livro 9,5 – Um Gosto da Meia-Noite



Ligações Românticas

Danika MacConn & Malcolm MacBain, também conhecido como Brannoc.

Resumo

A viúva Companheira da Raça da Ordem, criando seu filho pequeno sozinha após a morte de seu companheiro guerreiro em ação, procura consolo em Edimburgo durante o Natal, na Escócia, sua amada terra natal — nunca sonhando que suas férias de escape, a traria face-a-face com um mortal chefe do crime da Raça e seu misterioso capanga, que presta serviço protegendo-o... alguém que ela já conhecia — e que poderia ter amado — há muito tempo atrás.

Principais Locais da História

- Propriedade Darkhaven da família MacConn fora de Edimburgo, na Escócia
- Vários lugares dentro e em torno de Edimburgo, na Escócia

Playlist

- Who Wants to Live Forever - Queen
- Wherever You Will Go - The Calling
- Will Stay - We Are The Fallen

História de Fundo

Esta novela, originalmente um e-book, surgiu rápida e inesperadamente. Recentemente completei o manuscrito de Escuridão Depois da Meia-Noite, do que era para ser minha primeira versão de capa dura, em janeiro de 2012 — e tinha acabado, sem sucesso, de lançar o conceito de um Compêndio da Série Raça da Meia-Noite, apresentando uma novela de Gideon e Savannah.

Como estávamos no meio das negociações do contrato para os Livros 11 e 12, o meu editor perguntou sobre a possibilidade de que eu escrevesse uma novela e-book original, a ser usada para preencher a lacuna de tempo entre Mais Profundo que à Meia-Noite e Escuridão Depois da Meia-Noite, a ideia desta nova novela também ajudaria a promover o próximo capa dura. Eles queriam incluir um trecho de Escuridão Depois da Meia-Noite no final da novela, e mais tarde, depois que o livro fosse reeditado no mercado de livro de bolso, a novela então, seria incluída como material bônus nesse lançamento.

Tudo parecia ótimo para mim... até que eles mencionaram que queriam que lhes entregasse a história de Gideon e Savannah para usar originalmente como uma novela e-book.

Bem, de jeito nenhum. Fora de questão. Como os leitores de longa data da série sabem, Gideon e Savannah se conheceram e se apaixonaram 30 anos antes da cronologia de Beijo da Meia-Noite. Para lançar a própria história deles no grande final do Livro 10, não faria sentido na trama da série. E em cima

disso, eu não estava para arrancar a história deles — um verdadeiro prelúdio da série — fora do Compêndio, que era onde sentia que isto pertencia por muitas razões.

Eu disse que não, e achei que era o fim da conversa de e-book original. Mas a Random House realmente queria que eu escrevesse algo para preencher esse vazio, então comecei a pensar em personagens secundários, e histórias que poderiam existir se não estivessem dentro da trama global já em andamento e, em seguida, paralela a ela.

Minha primeira escolha foi Danika. E desde que a novela e-book estaria saindo no início de dezembro, decidi escrever uma história de férias e configurá-la em algum lugar diferente de onde a série esteve até agora. Naturalmente enviei minha imaginação à pátria de Conlan MacConn, a Escócia. Edimburgo, para ser mais específica.

Em Um Gosto da Meia-Noite, eu queria criar uma história que esperava respeitar a relação que Danika e Conlan desfrutaram, enquanto ele estava vivo, mas introduzir uma paixão que os leitores pudessem acreditar, especialmente considerando o curto espaço de tempo que a narrativa de uma novela dita. Danika tinha que se apaixonar rápido e profundamente, então decidi dar-lhe Malcolm MacBain, um macho da Raça que ela e Con conheceram muito bem, muito tempo atrás. Ambos, Danika e Mal, tinham perdido pessoas que amavam, dar-lhes um “felizes para sempre” depois de juntos, pareceu conveniente para mim.

Em Um Gosto da Meia-Noite, também conhecemos um novo e intrigante macho da Raça da Agência de Execução chamado Thane. Apesar de não ter uma história em mente para este homem de cabelos negros, asperamente bonito e misterioso, tenho a sensação de que nós ainda o veremos.

Um Gosto da Meia-Noite foi lançado em e-book em dezembro de 2011. É a única história da Raça da Meia-Noite, que não está disponível em versão impressa nos Estados Unidos. Os leitores apenas encontram esta história em e-book, e na parte de trás do livro de bolso de Escuridão Depois da Meia-Noite no mercado impresso. A história de Danika e Malcolm está disponível independente na Alemanha através da Egmont LYX tanto em livro de bolso quanto e-book.

Livro 10 – Escuridão Depois da Meia-Noite

Ligações Românticas

Sterling Chase & Tavia Fairchild



Resumo

Separado de seus irmãos da Ordem e lutando com um vício que ameaçava consumi-lo, Sterling Chase caiu em desgraça, mas logo descobre sua melhor esperança de redenção na bela e misteriosa, Tavia Fairchild, uma mulher diferente de qualquer outra que o mundo já tenha visto.

Principais Locais da História

- Complexo da Sede da Ordem, em local não revelado em Boston
- Darkhaven de Lázaro Archer no norte do Maine
- Ilha covil de Dragos ao largo da costa do Maine
- Vários locais dentro e ao redor de Washington, DC

Playlist

- Down with the Sickness - Disturbed
- One Last Breath - Creed
- Awakening - The Damning Well
- Bodies - Drowning Pool
- In Your Eyes - Peter Gabriel

História de Fundo

Depois de traçar os ossos dessa história, o décimo volume da série, voltando algum tempo atrás, estava escrevendo Ascensão à Meia-Noite quando finalmente me aproximei do primeiro capítulo de Escuridão Depois da Meia-Noite, foi com um misto de emoção, orgulho, medo, e até mesmo um pouco de tristeza.

Quando Lucan, Gideon e Tegan — membros mais antigos do núcleo da Ordem, com Sede em Boston — começaram a detonar os explosivos que iriam selar o complexo para sempre, eu estava ali com eles, sabendo que tinha que ser feito, mas realmente não tinha certeza do que o futuro iria reservar para a Ordem e seu mundo, uma vez que este capítulo se encerrasse.

Sabia que a série iria continuar, porque tinha acabado de assinar com a Random House os próximos dois livros, mas não sabia se os leitores estariam interessados em uma nova geração de personagens, e um salto de vinte anos no futuro, onde a Raça já não se esconde da humanidade, mas está lutando para encontrar um lugar de paz entre eles. No entanto, o primeiro segmento da série Raça da Meia-Noite estava chegando próximo ao, aqui e agora, e eu tinha um monte de tópicos para terminar em Escuridão Depois da Meia-Noite.

O principal deles foi à resolução de Sterling Chase perder sua honra, sua redenção final e cura. As coisas com Chase estavam ido de mal a pior, a sua história abriu aqui. Através de sua péssima atitude e comportamento imprudente, ele tinha perdido o respeito e a amizade de seus irmãos da Ordem. Sua espiral ia em direção ao vício de sangue, e estava dançando o mais perto da borda de virar um completo Renegado. E por sua própria vontade, ele estava agora sob a custódia policial humana, sendo responsabilizado por um tiroteio na residência particular de um proeminente senador de Massachusetts.

A última coisa de que Chase precisava era ir ao resgate de uma bela jovem que havia entrado na mira da crescente guerra de Dragos contra a Ordem. Então, talvez fosse justamente o que ele precisava. E eu estava esperando todo esse tempo — e o tempo de seis livros — para Chase ficar cara-a-cara com Tavia Fairchild, e o grande segredo da própria existência dela, que iria finalmente vir à luz.

Uma coisa que senti foi que a série Raça da Meia-Noite precisava intensamente, o mais rápido possível, era a possibilidade de uma fêmea da Raça. Começando a série primeiramente como uma trilogia, em seguida um sexteto, não demorei muito antes de começar o atrito contra minha própria regra de que o mundo de toda a Raça nasceu exclusivamente macho. Mas também tinha uma regra universal, afirmando que a Raça como um todo, proibia a interferência biológica e tecnológica, relativo à concepção e o nascimento. Aha!

Então, nascimentos naturais produziam bebês machos sempre, mas alguém já tinha tentado mexer com a biologia? Certamente alguém como Dragos não se oporia em quebrar a lei da Raça para promover seus próprios planos enlouquecidos...

Então, de volta ao Livro 4, quando dei um salto de fé e assumi que a série poderia prosseguir por muito tempo, e tão longe quanto queria levá-la, decidi que uma das voltas finais no abrangente segmento da história seria a existência de uma fêmea vampiro. Mas não apenas uma fêmea da Raça, uma união genética de DNA de um Antigo e uma Companheira da Raça, o que daria a esta primeira fêmea de sua espécie, a capacidade de se misturar entre os humanos — enquanto ela mantivesse um acompanhamento médico rigoroso e tratamento.

Ela iria ser tão forte e tão poderosa quanto qualquer Gen Um, ainda tendo a capacidade de caminhar à luz do dia, e consumir alimentos humanos. E se ela reproduzisse, abriria a possibilidade muito real de mais mulheres entre a Raça — talvez até mesmo uma ou duas caminhantes do dia, no futuro.

Apresentar Tavia à série — escrever a cena em que Chase logo percebe o que ela é — foi uma das minhas partes favoritas de *Escuridão Depois da Meia-Noite*. E foi muito divertido introduzir Tavia aos outros membros da Ordem em todo seu semblante, vampírica glória, quando Tegan, Hunter, Niko e Renata chegam ao Darkhaven de Mathias Rowan, em Boston, para transportar Chase para alguma intervenção ao estilo da Raça, de volta à Sede.

Mas Tavia não foi a única grande surpresa armazenada, enquanto a série rolava em direção ao seu clímax.

Em *Escuridão Depois da Meia-Noite* Jenna revela através de sua ligação com as memórias o Antigo, que os de outro planeta não eram os únicos seres sobrenaturais na Terra, na época de sua aterrissagem forçada milhares de anos atrás. Havia outra raça poderosa de imortais — os Atlantes — com quem os Antigos estavam lutando em uma guerra particular. Alguns desses Atlantes, apesar de proibidos por sua rainha, acasalaram-se com humanos produzindo sua própria descendência híbrida na Terra...

Filhas que nasceram com o símbolo Atlante, de uma lágrima caindo no berço de uma lua crescente.

Esta era a explicação da origem das Companheiras da Raça, e vou francamente admitir, um adendo que me veio somente quando uma leitora em um dos meus eventos na Alemanha, durante minha primeira turnê do livro lá, apontou a falta de lógica nesta parte da série. Incomodava-a, o fato de que as Companheiras da Raça eram de alguma forma, inexplicavelmente especiais e poderiam nascer com diferentes componentes genéticos, do que qualquer outra fêmea humana. Esta leitora queria o “por quê” disto, e voltei para casa determinada a encontrar uma resposta que não apenas fizesse sentido, mas que se encaixasse dentro da já estabelecida tradição, e do contexto da série.

Agora, você pode estar coçando a cabeça e pensando, Atlantes?

Mas voltando ao Beijo da Meia-Noite... Você vai encontrar uma linha no livro, mencionando as várias civilizações que os Antigos dizimaram, após a sua chegada à Terra. Uma delas era a Atlântida. Tudo o que eu tinha a fazer era, encontrar uma maneira de conectar a Atlântida às Companheiras da Raça, certificando que não tinha escrito em nenhum canto a história das Companheiras da Raça, já introduzidas na série, e também entendendo por que ninguém no mundo da história até o momento sabia sobre esta ligação.

As respostas para todas essas perguntas finalmente vieram à luz em *Escuridão Depois da Meia-Noite*. Ainda mais emocionante para mim, pois estava juntando os pedaços de alguns livros de volta, percebi que também tinha a base para alguns novos personagens intrigantes, e enredos — até mesmo um novo e poderoso inimigo, uma vez que fosse dado a Dragos o que ele merecia. Imaginei todos os tipos de possibilidades para a continuação — a evolução — da série *Raça da Meia-Noite*, levando-a sob uma nova, e emocionante direção.

O que me traz ao que sinto ser a maior reviravolta em *Escuridão Depois da Meia-Noite*: a exposição da Raça para a humanidade.

Este é mais um daqueles eventos da série que já vinha escrevendo por volta do quarto livro. Uma das piores coisas que poderia acontecer a uma série de longa duração é a estagnação. Por enquanto não fiquei entediada escrevendo os livros da *Raça da Meia-Noite*, e certamente não enquanto estou apenas eventualmente na metade do enredo de dez livros, não queria cair na armadilha de manter minha série em suporte de vida artificial, apenas porque foi um sucesso e os leitores queriam mais.

Então, comecei a planejar com antecedência uma forma de agitar as coisas. Queria dar à série uma resolução final, ao mesmo tempo deixando a porta aberta, no caso de querer levá-la adiante. Uma maneira de fazer isso seria matar meus queridinhos. Não, não literalmente. Mas lembre-se do que eu disse em outra parte: personagens felizes tornam a ficção chata. O mesmo pode ser dito de seu mundo fictício.

Concedido, remover grande parte do que fez a série *Raça da Meia-Noite* popular com as leitoras — o segredo, o aspecto escondido da vida entre a Raça — era um risco. Mas acreditei que era a forma mais autêntica de fechar o segmento da história original. Afinal, Dragos não desistiria sem uma boa briga. E ele tinha dado muitas provas de que todos poderiam supor que seria louco o suficiente para orquestrar uma retaliação tão terrível e irrevogável.

Embora o mundo que conheciam não existisse mais, no final de *Escuridão Depois da Meia-Noite*, a Ordem e suas Companheiras conseguiram isto atravessando o fogo, um pouco maltratados talvez, mas intactos. Havia uma nova vida chegando, e ainda mais a caminho. E no final, para toda a *escuridão*, também há esperança.

Escuridão Depois da Meia-Noite, foi lançado em capa dura no fim de janeiro de 2012, estreando na lista do New York Times dos mais vendidos de ficção de capa dura, em 9º lugar, e na lista de associados, e-book e impresso em 8º. Ele permaneceu na lista do New York Times por duas semanas, e na lista dos mais

vendidos do EUA Today, durante duas semanas também, onde alcançou uma alta posição para mim de 17º lugar.

Um Toque de Meia-Noite

(A história de Gideon e Savannah)

Capítulo 01

Universidade de Boston.

Outubro, 1974

Savannah Dupree virou a urna prateada em suas mãos enluvadas, estudando suas intrincadas gravuras através da mancha do dano — que embotava a obra de arte de duzentos anos. O motivo floral trabalhado na prata polida era o indicativo do estilo Rococó do início e meados de 1700, no entanto, o desenho ainda estava conservado, muito menos ornamentado do que a maioria dos exemplos mostrados nos materiais de referência, que se encontravam abertos sobre a mesa de estudo do laboratório na frente dela.

Removendo uma das luvas de curador brancas de algodão, destinadas a proteger a urna da oleosidade da pele, durante o manuseio, Savannah pegou um dos livros. Ela folheou várias páginas de fotografias de objetos de arte, recipientes de beber, travessas e caixas de rapé da Itália, Inglaterra e França, comparando seus estilos mais elaborados com aquele da urna que estava tentando catalogar. Ela e as outras três estudantes calouras de História da Arte sentadas na sala de arquivos da Universidade, tinham sido escolhidas a dedo pelo professor Keaton para ganhar crédito extra em sua aula, ajudando a registrar e analisar a recente doação de mobiliários e artefatos Coloniais.

Ela não estava cega ao fato de que aquele professor era o único que selecionava apenas estudantes do sexo feminino para seu projeto de créditos extras após o expediente. A colega de quarto de Savannah, Rachel, estava em êxtase por ter sido escolhida. Por outro lado, a garota tinha feito campanha para chamar a atenção de Keaton desde a primeira semana de aula. E definitivamente foi notada. Savannah olhou em direção ao professor no escritório ao lado, onde o homem de cabelos escuros estava agora na janela, falando ao telefone, mas olhando com interesse evidente para a bela Rachel, de cabelos vermelhos, em sua apertada blusa decotada e micro minissaia.

— Ele não é uma raposa? — Ela sussurrou para Savannah, uma fileira de finas pulseiras de metal tilintou musicalmente, quando Rachel estendeu a mão para engancha o cabelo solto atrás da orelha. — Ele poderia ser o irmão de Burt Reynolds, não acha?

Savannah fez uma careta, cética. Olhou para o homem magro, com o cabelo na altura dos ombros e bigode cheio, terno de veludo marrom e camisa de cetim de gola aberta. Um pingente de zodíaco brilhava dentro de um espesso ninho de cabelos no peito exposto. Na moda ou não, a aparência não disse nada para Savannah.

— Desculpe, Rach. Não estou vendo isto. Muito menos que Burt Reynolds tem um irmão na indústria pornô. Além disso, ele é muito velho para você. Deve estar perto dos quarenta anos, pelo amor de Deus.

— Cale a boca! Acho lindo. — Rachel riu, cruzando os braços sob os seios e sacudindo a cabeça, para o Professor Keaton que tinha se movido inclinando-se mais perto do vidro, praticamente à beira de babar. — Vou perguntar se ele quer ver meu trabalho. Talvez me peça para ficar depois da aula e limpar as borrachas ou algo assim.

— Mmm hmm. Ou algo assim. — Savannah falou lentamente através de seu sorriso, balançando a cabeça quando Rachel agitou as sobrancelhas, em seguida caminhou em direção ao escritório do professor. Tendo chegado à Universidade de Boston, com uma bolsa integral e a maior pontuação no Teste de Aptidão Universitária entre vinte e duas paróquias no sul da Louisiana, Savannah realmente não precisava de ajuda para reforçar suas notas. Aceitou a cessão de crédito adicional apenas por seu amor insaciável pela história e aprendizagem.

Ela olhou para a urna novamente, então recuperou outro catálogo de prataria do período Colonial de Londres, e comparou a peça com as documentadas nas páginas. Duvidando de sua análise inicial agora, pegou o lápis e apagou o que tinha escrito em sua primeira anotação. A urna não era de origem Inglesa. Americana, ela corrigiu. Provavelmente elaborada em Nova Iorque ou Filadélfia, se fosse obrigada a adivinhar. Ou será que a simplicidade do Rococó pendia mais para o trabalho de um artesão de Boston?

Savannah deixou escapar um suspiro frustrado, pela forma como o tedioso e imperfeito o trabalho estava provando ser. Havia uma maneira melhor, afinal de contas.

Conhecia uma maneira muito mais eficiente e precisa de solucionar as origens — de todos os segredos ocultos — desses antigos tesouros. Mas não poderia de maneira nenhuma começar a acariciar tudo com suas mãos nuas. Não com o Professor Keaton em seu escritório, a poucos metros de distância. Não com suas duas outras colegas reunidas na mesa com ela, trabalhando em seus próprios itens da coleção. Não se atreveria a usar a habilidade peculiar com a qual tinha nascido.

Não, deixou essa parte dela em casa, em Acadiana. Não iria deixar ninguém aqui em Boston pensar nela como um show de horrores vodu. Ela já era bastante diferente entre o corpo estudantil predominantemente branco. Não queria que ninguém soubesse como era realmente estranha. Além de sua única parente viva — sua irmã mais velha, Amelie — ninguém mais sabia sobre o dom extrassensorial de Savannah, e era assim que pretendia manter isto.

Por mais que amasse Amelie, Savannah ficou feliz em deixar para trás o pântano, e tentar fazer seu próprio caminho na vida. Uma vida normal. Uma que não estava enraizada nos pântanos com uma mãe Cajun, que não foi mais do que uma sombra excêntrica, de todas as lembranças que Savannah tinha dela, e um pai que tinha sido um vagabundo ausente, por toda a vida de sua filha, pouco mais do que um rumor, de acordo com Amelie.

Se não fosse por Amelie, que tinha praticamente criado, Savannah não teria pertencido a ninguém. Ela ainda se sentia de alguma forma fora de lugar no mundo, perdida e buscando, desassociada de todos ao seu redor. Pelo tempo que se lembrava, sentia-se... diferente.

Era por isso que provavelmente estava se esforçando tanto para ter uma vida normal.

Esperava que se afastar para cursar a faculdade assim que saiu da escola, lhe daria algum senso de propósito. Um sentimento de pertencer e de direção. Ela pegou a carga máxima de aulas e encheu suas noites e fins de semana com um emprego de meio período na Biblioteca Pública de Boston.

Ah, merda.

Um trabalho para o qual iria se atrasar, ela percebeu, olhando para o relógio na parede. Estaria entrando em seu turno de quatro horas na biblioteca em vinte minutos — tempo suficiente apenas para encerrar agora e apressar sua bunda por toda a cidade.

Savannah fechou suas anotações e rapidamente se levantou de sua área de trabalho na mesa. Pegando a urna com as mãos enluvadas, carregou a peça de volta para a sala de armazenamento de arquivos, onde o resto dos móveis catalogados da coleção doada e objetos de arte tinham sido colocados.

Ao por o vaso prateado na prateleira e tirar as luvas, algo chamou sua atenção em um canto escuro da sala. Uma longa e delgada caixa de algum tipo estava encostada na parede, parcialmente escondida por trás de um antigo tapete enrolado.

Será que ela e os outros alunos não perceberam aquele item?

Aproximou-se para dar uma olhada melhor. Escondida atrás do tapete estava uma caixa de madeira antiga. Com cerca de um metro e meio de comprimento, o recipiente era banal, exceto pelo fato de que parecia deliberadamente separado — escondido — do resto das coisas na sala.

O que era isso?

Savannah afastou o pesado tapete enrolado, lutando com seu volume. Quando se inclinou sobre o tapete contra a parede perpendicular, bateu na caixa de madeira. Ele inclinou-se para frente de repente, prestes a cair no chão.

Em pânico, Savannah saltou, atirando os braços para frente e usando seu corpo inteiro para impedir a queda da caixa. Quando a pegou, levando a peça para baixo com seus joelhos, as velhas dobradiças de couro que a prendiam estalaram caindo com um macio *pof pof pof*.

Um frio aço polido comprido caiu para fora da caixa e nas mãos abertas de Savannah.

Suas mãos nuas.

O metal deu um frio solavanco contra as palmas de suas mãos. Pesado. Afiado. Letal.

Assustada, Savannah respirou fundo, mas não podia se mover rápido o suficiente para evitar o contato prolongado, ou o poder de seu dom, que agitou dentro dela.

A história da espada abriu-se para ela, como uma janela para o passado. Um momento aleatório, fundido para sempre no metal e agora explodindo em cores vivas, dispersando detalhes na mente de Savannah.

Ela viu um homem segurando a arma diante dele como em combate.

Alto e ameaçador, uma juba de ondas loiras dançavam freneticamente ao redor de sua cabeça, enquanto olhava para um adversário invisível sob um aveludado céu enlutarado. Sua postura era implacável, o ar sobre ele tão cruel como a própria morte. Penetrantes olhos azuis atravessavam as mechas de cabelos úmidos, suor pendendo em ângulos cruéis do rosto e da mandíbula de corte quadrado.

O homem era imenso, grossos músculos fortalecidos, ombros largos e bíceps, sob a cortina solta de sua camisa de linho cru. Macias calças, castanho-amarelado se agarravam às suas poderosas coxas,

enquanto avançava em sua presa, a lâmina pronta para matar. Quem quer que fosse o homem que já tinha empunhado essa arma mortal, não era um dândi pós-Elisabetano, mas um guerreiro.

Atrevido.

Arrogante.

Magnético.

Tão perigoso.

O espadachim caiu sobre seu alvo, sem misericórdia alguma na linha dura de sua boca, nem nos olhos azuis ardentes, que se estreitaram com a inabalável intenção, parecendo quase brilhar com uma fúria interior que Savannah não podia compreender. Uma curiosidade escura formigou dentro dela, contra seus melhores instintos.

Quem era esse homem?

De onde tinha vindo? Como viveu?

Quantos séculos atrás ele morreu?

Através da lente dos olhos de sua mente, Savannah observou o guerreiro chegar a um impasse. Encarou aquele que agora se encontrava em combate mortal. Sua boca larga estava achatada, sem piedade. Levantou o braço da espada, se preparado para atacar.

E então ele o fez, conduzindo a lâmina em um rápido, certo golpe de morte.

O coração de Savannah acelerou, batendo freneticamente em seu peito. Mal podia respirar pela combinação de medo e fascínio rodopiando dentro dela.

Tentou ver o rosto do espadachim com mais detalhes, mas seu emaranhado de cabelos dourados, e as sombras da noite que o cercavam escondiam tudo, menos as sugestões mais básicas de suas características.

E agora, como tantas vezes aconteceu com seu dom, à visão estava começando a romper distante. A imagem começou a se estilhaçar, quebrando-se em fragmentos difusos.

Ela nunca foi capaz de controlar sua capacidade, nem mesmo quando tentava. Era uma dádiva poderosa, mas evasiva demais. Agora não foi diferente. Savannah se esforçou para mantê-la, mas o vislumbre que a espada lhe deu estava escorregando... desaparecendo... à deriva fora de alcance.

Quando a mente de Savannah clareou, desenrolou os dedos que mantinha sobre a lâmina. Olhou para o comprido aço polido descansando em suas palmas abertas.

Fechou os olhos e tentou evocar o rosto do espadachim de sua memória, mas apenas uma pequena impressão sobre ele permaneceu ao seu alcance. Sem demora, mesmo isso foi se esvaindo. Em seguida, se foi.

Ele se foi.

Banindo-se de volta para o passado, onde pertencia.

E, no entanto, uma única pergunta irritante pulsava em sua mente, através de suas veias. Exigindo uma resposta, que tinha pouca esperança de resolver.

Quem era ele?

Capítulo 02

Cacos de vidro e restos das vigas podres choveram no escuro, quando os três membros da equipe de patrulha da Ordem caíram através de uma claraboia obscurecida pela sujeira, na fábrica de roupas abandonadas em Chinatown. O ataque surpresa do alto enviou o grupo de olhos selvagens, viciados em sangue, invasores do antigo edifício em ruínas, a atropelarem-se para se esconder.

Seria bom mesmo que corressem.

Gideon e seus dois companheiros tinham seguido um dos membros deste ninho de Renegados a maior parte da noite, esperando o momento oportuno para atacar. Esperando o chupador de merda levá-los para sua toca, onde a Ordem poderia pegar não apenas um predador enlouquecido pela Sede de Sangue, mas vários. Meia dúzia, pela contagem rápida de Gideon, quando ele, Dante e Conlan tropeçaram neste imprevisto, logo após a Meia-Noite.

Gideon estava sobre um dos Renegados tão logo suas botas bateram no lixo espalhado pelo chão. Saltou sobre o chupador de merda, pegando um punhado do casaco sujo do vampiro, quando voou por trás dele como uma vela. Levou o Renegado para baixo em um gancho firme, prendendo-o com o antebraço apoiado contra a nuca do homem raivoso. Com a mão livre, Gideon alcançou a menor das duas lâminas que usava em combate. A navalha afiada de titânio com bordas de aço, de trinta centímetros de comprimento, brilhava com a escassa luz do luar reluzindo por cima do telhado aberto.

O Renegado começou a lutar e se debater, rosnando através de suas presas, enquanto lutava para se soltar. Gideon não deu ao chupador de merda uma chance para tanto, prevendo que poderia escapar dele.

Mudando seu engate, Gideon agarrou uma mecha de cabelo castanho despenteado do Renegado, e puxou sua cabeça para trás. Os olhos ambarinos do vampiro brilhavam selvagens e sem foco, sua boca aberta pingava saliva pegajosa, enquanto rosnava e silvava na fúria cega de sua Sede de Sangue.

Gideon mergulhou o punhal na cavidade da base da garganta exposta do Renegado.

A morte pela lâmina poderia ter sido certa o suficiente, mas o titânio — veneno de ação rápida para o sistema sanguíneo doente de um Renegado — selou o acordo. O corpo do vampiro convulsionou quando o titânio entrou em sua corrente sanguínea, começando a devorar suas células de dentro para fora. Não levaria muito tempo — apenas alguns segundos, antes que não houvesse nada mais que lama borbulhante, então cinzas secas. Depois mais nada.

Enquanto o titânio fazia seu trabalho na matança de Gideon, ele virou-se para avaliar a situação de seus companheiros. Conlan estava em busca de um chupador de merda que tinha fugido para uma passarela de aço acima do chão de fábrica. O grande guerreiro escocês derrubou o Renegado, com um arremesso da adaga de titânio de sua mão como uma bala.

A poucos metros de distância, Dante estava envolvido em um combate corpo-a-corpo com um Renegado, que teve a insensatez de pensar que poderia lutar contra o guerreiro de cabelos escuros, íntimo e pessoal. Dante calmamente, mas rapidamente, evitou cada golpe descuidado, antes de sacar um par de selvagens, lâminas curvas da bainha em sua cintura, e fatia-las em todo o peito do atacante Renegado. O chupador de merda uivou em agonia repentina, caindo em uma pilha desossada aos pés do guerreiro.

— Três para baixo. — Con gritou com seu sotaque espesso. — Outros três para cair.

Gideon assentiu para seus companheiros.

— Dois pela parte de trás na plataforma de carga. Não deixem os bastardos fugirem.

Conlan e Dante decolaram nesta direção, sem dúvida ou hesitação. Executavam Renegados — em missões de caça sob o comando de Gideon por anos, tempo suficiente para saber que poderiam contar com sua orientação, mesmo no mais extenso combate urbano.

Gideon embainhou sua lâmina curta em favor de sua espada, a arma que tinha dominado em Londres, antes que suas viagens — e seu voto — o levassem a Boston para procurar Lucan Thorne e comprometer seu braço à Ordem.

Gideon virou a cabeça, fazendo uma rápida pesquisa abrangente das sombras e trevas, do antigo edifício. Viu o quarto Renegado em menos de um instante. Ele estava fugindo em direção ao lado oeste do local, parando aqui e ali, aparentemente à procura de um lugar para se esconder.

Gideon focou-se em sua vítima, vendo-o com algo mais do que apenas seus olhos. Ele nasceu com um forte dom da visão: a capacidade sobrenatural de ver as fontes de energia dos vivos através de massa sólida.

Pela maior parte de sua longa existência — três séculos e meio, e contando — seu dom tinha sido pouco mais do que um truque inteligente. Um jogo de salão inútil, algo que valorizou muito menos do que sua habilidade com a espada. Desde que entrou para a Ordem, aperfeiçoou seu talento extrassensorial em uma arma. Uma que lhe deu um novo propósito na vida.

Seu exclusivo propósito.

Usava essa capacidade agora para guiá-lo em direção ao seu alvo atual. O Renegado que perseguia, deveria ter decidido melhor sua noção de procurar um esconderijo. Não desperdiçando preciosos segundos de movimento, o vampiro feral desviou bruscamente para o sul dentro do edifício.

Através de tijolos, madeira e aço das paredes do abrigo, Gideon assistiu a escaldante esfera de energia do Renegado mudar de direção, empurrando-se mais profundamente nas entranhas da decadente fábrica. Gideon trilhou seus pés em um voo furtivo silencioso. Passando o caos desordenado da área de costura e ferrolhos derrubados, da extinta fábrica infestada de roedores. Ao redor de um canto, por um longo corredor com escombros espalhados.

Locais de armazenamento vazios, escritórios úmidos e escuros, alinhavam-se pelo corredor. O alvo de Gideon tinha fugido para dentro do corredor, antes de cometer um precipitado erro fatal. A energia orbital do Renegado pairava atrás de uma porta fechada no final do corredor — a apenas alguns escassos metros de uma janela, que teria o despejado para o lado de fora na rua. Se a Sede de Sangue não tivesse roubado a inteligência do vampiro, ele poderia ter escapado da morte esta noite.

Mas a morte o tinha encontrado.

Gideon se aproximou sem fazer um som. Parou do lado de fora da porta, e virou-se de frente para ela. Em seguida, arrancou o painel das dobradiças, com um brutal chute de sua bota.

O impacto derrubou o Renegado para trás, de costas no desordenado chão do escritório. Gideon pulou, com um pé plantado no centro do peito do vampiro feral, a lâmina de sua espada descansando sob o queixo dele.

— M-misericórdia. — a besta rosou, parecendo mais um grunhido animalesco do que uma voz. Misericórdia era uma palavra que não tinha qualquer significado para um da Raça, tão profundamente perdido para a Sede de Sangue, como esta criatura estava. Gideon tinha visto isso bem de perto. A respiração do Renegado estava azeda, cheirando a doença e ao consumo excessivo de sangue humano, que era seu vício. Saliva espessa borbilhava em sua garganta, enquanto os lábios do vampiro puxavam para trás de enormes presas amareladas. — Deixe-me... ir. Tenha... misericórdia...

Gideon olhou firme nos olhos ambarinos selvagens. Viu apenas selvageria lá. Viu o sangue, fumaça e latente ruína. Viu mortes tão horríveis, que o assombravam mesmo agora.

— Misericórdia. — o Renegado silvou, mesmo enquanto a fúria crepitava em seu olhar selvagem.

Gideon não reconheceu o argumento. Com uma flexão de ombro, enfiou a espada profundamente, cortando a garganta e coluna vertebral em um golpe completo.

Uma rápida execução indolor.

Esse foi o limite da sua misericórdia esta noite.

Capítulo 03

Savannah chegou cedo ao departamento de História da Arte naquela tarde. Ela mal podia esperar pelo final de seu dia de aulas para sair, e fez um caminho mais curto no campus assim que Literatura Inglesa 101 terminou. Ela subiu os três lances de escadas para a sala de arquivo fora do escritório do Professor Keaton, animada por ver que era a primeira aluna a apresentar-se para o projeto pós-aula. Esvaziando sua mochila ao lado de sua mesa de trabalho, deslizou para a sala de armazenamento que continha os itens que ainda precisavam ser catalogados para a coleção da Universidade.

A espada estava exatamente onde ela a havia deixado no dia anterior, cuidadosamente devolvida à sua caixa de madeira no canto da sala.

O pulso de Savannah retrocedeu quando ela entrou e suavemente fechou a porta atrás dela. A antiga bela lâmina e — o misterioso guerreiro de cabelos dourados que a tinha usado uma vez com habilidade letal — tinha assombrado seus pensamentos durante todo esse tempo. Ela queria saber mais. Precisava saber mais, com uma compulsão muito forte para resistir.

Ela tentou ignorar a pontada de culpa que a esfaqueou enquanto contornou a caixa de luvas limpas de curador e afundou as próprias mãos na frente do recipiente que continha a espada.

Ela levantou o comprimento da tampa da caixa e gentilmente a abriu. O comprimento de aço polido brilhava. Savannah não tinha tido a chance de realmente olhar para o seu artesanato ontem, depois de ter caído de forma tão inesperada em suas mãos.

Ela não tinha percebido, então, como o aperto do aço trabalhado foi gravado com a imagem de uma ave de rapina mergulhando em um ataque brutal, cruel, abrindo o bico em um grito. Nem tinha prestado atenção na pedra preciosa na alça da lâmina, um rubi vermelho-sangue engaiolado por garras de metal grotesco. Um calafrio correu em seus braços enquanto estudava a arma agora.

Esta espada não foi de nenhum herói.

E ainda assim, ela não pôde resistir à necessidade de saber mais sobre o homem que ela tinha visto empunhá-la em seu vislumbre de antes.

Savannah flexionou os dedos, então, suavemente os descansou na lâmina.

A visão saltou em sua mente ainda mais rápida do que a primeira vez.

Exceto que essa era uma olhadinha diferente no passado da arma. Algo inesperado, mas igualmente intrigante de uma maneira diferente.

Um par de meninos — do mesmo tamanho, gêmeos idênticos — brincavam com a espada em um estábulo iluminado por tochas. Poderiam ter mais de dez anos de idade, ambos vestidos como pequenos senhores do século XVII em camisas de linho brancas, botas de montaria e calças azuis escuras que se reuniam no joelho. Eles estavam rindo, revezando-se com a espada, golpeando e se lançando em um fardo de palha, fingindo matar animais imaginários.

Até que algo fora do estábulo os assustou.

Medo encheu seus rostos jovens. Seus olhos se voltaram um para o outro, cheios de medo, pânico. Um deles abriu a boca em um grito silencioso — assim que a tocha na parede do estábulo saiu.

Savannah recuou da lâmina. Ela a deixou ir, tremendo, e foi pega por um terror profundo por estas duas crianças. O que aconteceu com eles?

Ela não podia ir embora. Agora não.

Não até que soubesse.

Seus dedos tremiam quando ela os trouxe de volta sobre a lâmina novamente. Ela colocou as mãos para baixo sobre o aço frio e esperou. Embora não fosse por muito tempo.

A janela para o passado abriu a sua boca como um dragão, escuro e irregular, um abismo lambido pelo fogo.

O estábulo estava em chamas. As chamas subiram nas barracas e vigas, devorando tudo em seu caminho. Sangue banhava os cargos de madeira bruta e o fardo de palha amarela. Muito sangue. Ele estava em toda parte.

E os meninos...

O par estava imóvel no chão do estábulo. Seus corpos foram atacados, quebrados. Quase irreconhecíveis como as belas crianças que pareciam tão alegres e despreocupadas. Tão vivas.

O coração de Savannah se sentia preso, frio e apertado, com este terrível vislumbre jogado à sua frente. Ela queria desviar o olhar. Ela não queria ver os restos terríveis dos outrora belos meninos gêmeos, inocentes.

Ah, meu Deus. O horror a sufocou.

Alguém matou aqueles jovens preciosos, mataram-nos.

Não, não alguém, ela percebeu naquele instante seguinte.

Alguma coisa.

A figura encapuzada que segurava a espada agora era construído como um homem, uma imensa parede de ombros largos de um homem. Mas a partir de dentro da escuridão do capuz de lã pesada, olhos brilhantes cor âmbar ardiam como brasas em conjunto, em um rosto desumano e monstruoso. Ele não estava sozinho. Dois outros como ele, vestidos de forma semelhante em casacos pesados com capuz, estavam com ele, participantes da carnificina. Ela não conseguia distinguir as suas características com todas as sombras e a cintilação da pouca luz das chamas que se torciam nas paredes e vigas de sustentação do estábulo.

Não era humano, sua mente insistiu. Mas se não era humano, então o quê?

Savannah tentou dar uma olhada melhor na imagem dos atacantes dos meninos que começava a vacilar e dissolver.

Não. Olhem para mim, malditos.

Deixe-me vê-los.

Mas a visão começou a lascar em fragmentos visuais que quebraram em pedaços menores, transformando dessa maneira e assim. Escorregando para fora de seu alcance. Distorcendo o que viu.

Tinha que ser um truque de seu agarre instável em seu dom.

Porque o que ela estava vendo a partir desta visão do passado não poderia ser real.

De dentro do fundo capuz de um deles que agora segurava a espada, o par de olhos âmbar brilhava. E no instante antes que a imagem desaparecesse completamente, Savannah teria jurado pela sua própria vida que ela viu o brilho de ossos brancos de dentes afiados.

Presas.

Mas o que...?

Uma mão desceu sobre o ombro dela. Savannah gritou, quase pulando para fora de sua pele.

— Acalme-se! — Rachel riu enquanto Savannah balançou a cabeça ao redor. — Não tenha um maldito ataque do coração. Sou só eu. Puxa, parece que você acabou de ver um fantasma.

O pulso de Savannah estava batendo forte, a respiração, mas tudo desapareceu. Ela não tinha voz para responder a sua colega de quarto, só conseguia olhar para ela em silêncio. O olhar de Rachel foi para a espada.

— O que você está fazendo aqui sozinha? De onde veio isso?

Savannah limpou a garganta, agora que seu coração tinha finalmente desocupado a área. Ela puxou as mãos longe da lâmina, escondendo-as assim Rachel não veria como elas tremiam.

— Eu... Eu a achei ontem.

— É um rubi no punho desta coisa?

Savannah encolheu os ombros.

— Eu acho que sim.

— Sério? Bizarro! — Ela se inclinou para ver melhor. — Deixe-me olhar por um segundo.

Savannah quase alertou a amiga para ter cuidado, que ela não gostaria de ver o que Savannah tinha acabado de presenciar. Mas esse dom — uma maldição, hoje — pertencia exclusivamente a ela.

Savannah observou Rachel pegar a lâmina e admirar. Nada aconteceu com a garota. Ela não tinha noção do horrível passado da arma secular.

— Rach... Você acredita em monstros?

— O quê? — Ela soltou uma gargalhada. — Que diabos você está falando?

— Nada. — Savannah sacudiu a cabeça. — Esqueça isso. Estou apenas brincando.

Rachel segurou a espada com as duas mãos e girou nos calcanhares, assumindo uma pose dramática de combate. Seu pulso estava cheio de finas pulseiras de metal que tilintavam juntas musicalmente enquanto ela zombava confiante e aparava com a lâmina.

— Você sabe, nós não devemos lidar com essa coisa sem luvas. Deus, ela é pesada. E muito velha.

Savannah se levantou, mergulhou as mãos nos bolsos de sua calça jeans larga.

— Pelo menos 200 anos de idade. Final de 1600 seria o meu palpíte. Mais do que um palpíte, uma certeza.

— É linda. Deve valer uma fortuna, eu aposto.

Savannah encolheu os ombros. Deu um aceno fraco.

— Eu suponho.

— Eu não me lembro de ter visto isso na lista de inventário da coleção. — Rachel franziu a testa. — Eu vou mostrar a Bill. Não posso acreditar que ele teria perdido isso.

— Bill?

Rachel revirou os olhos.

— Professor Keaton. Mas eu não posso chamá-lo assim esta noite em nosso encontro, posso?

Savannah sabia que ela estava sendo intrometida, mas ela não se importava. Além disso, era bom ter algo mais em que pensar por um momento.

— Você está saindo com Professor Keaton?

— Jantar e um filme. — Rachel respondeu, praticamente cantando as palavras. — Ele vai me levar para ver um novo filme assustador que acabou de sair. O Massacre da Serra Elétrica.

Savannah bufou.

— Parece romântico.

O sorriso em resposta de Rachel era tímido.

— Tenho certeza que será. Portanto, não espere por mim no apartamento esta noite. Se eu tiver alguma coisa a dizer sobre isso, vou me atrasar. Se eu chegar em casa, afinal. Agora, você vai me entregar essa coisa?

Savannah agradeceu, dando uma sacudida lenta de sua cabeça enquanto Rachel vestiu um par de luvas de curador e gentilmente colocou a terrível arma de volta para dentro da caixa fina de madeira. Savannah deu um sorriso malicioso; a menina se virou e saiu.

Quando ela foi embora, Savannah soltou uma respiração reprimida, percebendo somente então, como estava abalada. Estendeu a mão para o seu próprio par de luvas e o caderno que tinha arquivado na prateleira no dia anterior. Suas mãos ainda estavam instáveis. Seu coração ainda estava batendo em torno do peito como um pássaro enjaulado.

Ela tinha visto um monte de coisas incríveis com o seu dom, mas nunca algo assim.

Nunca algo tão brutal e horrível como o abate dos dois meninos.

E nunca algo que parecesse tão absolutamente irreal como o vislumbrar que a espada tinha lhe dado de um grupo de criaturas que não poderia existir. Não antes, ou agora.

Ela não conseguia reunir coragem para dar um nome ao que testemunhou, mas a palavra fria, sombria, estava pulsando em suas veias a cada batida frenética de seu coração.

Vampiros.

Capítulo 04

Por quase cem anos, a cidade de Boston foi a anfitriã inconsciente de um grupo de guerreiros da Raça que juraram preservar a paz com os seres humanos e manter a existência da nação vampiro — seus selvagens, membros afligidos pela Sede de Sangue em particular — em segredo da humanidade. A Ordem tinha começado na Europa em meados de 1300, com oito membros fundadores, dos quais apenas dois permaneciam: Lucan, líder formidável da Ordem, e Tegan, um lutador de sangue frio que jogava segundo às suas próprias regras e respondia a ninguém.

Eles, junto com o resto dos membros da estrutura atual da sociedade — Gideon, Dante, Conlan e Rio — sentavam-se reunidos em uma mesa de conferência na sala de guerra do quartel general subterrâneo da Ordem no final daquela tarde. Gideon acabara de reportar à sua equipe uma invasão do covil dos Renegados na noite anterior, e agora, Rio estava retransmitindo os resultados da sua missão de reconhecimento individual a um suposto ninho localizado no Sul.

Na cabeceira da longa mesa à esquerda de Gideon, de cabelo negro estava sentado o líder da ordem, de primeira geração, em um silêncio ilegível, juntou os dedos debaixo do queixo escuro mal barbeado enquanto ouvia os relatos dos guerreiros.

As mãos de Gideon não estavam tão inativas. Embora sua mente estivesse totalmente concentrada na reunião, os seus dedos estavam ocupados mexendo com um novo protótipo de microcomputador que tinha recebido apenas alguns dias atrás. A máquina não tinha nada de especial, com pequenos interruptores e luzes LED vermelhas na parte frontal, mas porra, se não conseguia fazer seu sangue circular um pouco mais rápido pelas suas veias. Quase tão bom quanto transformar em cinza um Renegado. Inferno, era quase tão bom quanto sexo.

Não que devesse se lembrar do que era aquilo, considerando quanto tempo tinha passado desde que tinha se permitido desejar uma mulher. Anos, pelo menos. Décadas, provavelmente, se realmente quisesse fazer as contas. E não queria.

Enquanto Rio transmitia o seu relatório de reconhecimento, Gideon executou um programa de código binário rápido, usando os comutadores para carregar as instruções no processador. A capacidade da máquina era limitada, suas funções ainda mais, mas a tecnologia no seu todo o fascinava e sua mente estava sempre sedenta de novos conhecimentos, independentemente do assunto.

— Bom trabalho, todo mundo. — Lucan disse, quando a reunião começou a ficar repetitiva. Ele olhou para Tegan, o grande guerreiro de cabelo amarelado no lado oposto da mesa. — Se as informações de Rio se confirmarem, podemos estar olhando para um ninho de mais de uma dúzia de sanguessugas. Vamos precisar de todas as mãos disponíveis lá hoje à noite para limpar o lugar.

Tegan olhou fixamente por um momento, os olhos verdes tão duros quanto pedras preciosas.

— Quer que eu entre e limpe o ninho, diga e será feito. Mas sabe que trabalho só.

Lucan encarou-o de volta, raiva brilhando âmbar no cinza frio do seu olhar.

— Você limpa o ninho, mas fará com apoio. Se tiver vontade de morrer, lide com isso em seu tempo livre.

Por vários momentos, a sala de guerra parou em um silêncio desconfortável. A boca de Tegan torceu, seus lábios separados para descobrir apenas as pontas de suas presas. Ele rosnou baixo em sua garganta, mas não agravou a luta pelo poder. Coisa boa, porque Deus sabia que se os dois guerreiros da primeira geração lutassem em uma verdadeira competição, não existiria nenhum vencedor fácil.

Assim como o resto dos guerreiros que estavam reunidos ao redor da mesa, Gideon tinha conhecimento da animosidade entre Lucan e Tegan. Estava centrado na mulher, Companheira da Raça de Tegan, morta há muito tempo, Sorchia, que foi tirada dele nos dias iniciais da Ordem. Tegan perdeu-a primeiro, tragicamente, para um inimigo que a transformou em uma serva e a deixou pior que morta. Mas foi pela mão de Lucan que Sorchia pereceu, um ato de misericórdia que Tegan nunca poderia perdoar.

Dos que atualmente serviam a Ordem, somente Rio e Conlan tinham Companheiras da Raça. Eva e Danika eram mulheres fortes, tinham que ser. Embora a raça estivesse perto de ser imortal e muito difícil de matar, a morte era um risco em cada missão. E se preocupar com Companheiras da Raça sendo deixadas para trás para lamentar era uma responsabilidade que poucos guerreiros queriam aceitar.

O serviço não permitia distrações.

Era um dogma que Gideon tinha aprendido da maneira mais difícil. Um erro que não poderia corrigir, independentemente do quanto desejasse.

Não importava quantos Renegados ele incinerava, a culpa permanecia com ele.

Em uma baixa, murmurada maldição, Gideon arrancou seus pensamentos do passado e introduziu a última sequência de seu código de programação no computador. Apertou o botão que iria executar os comandos, e esperou.

No início nada aconteceu. Então...

— Sangue brilhante! — Ele cantou, olhando com admiração triunfante como as luzes LED vermelhas no painel frontal do processador iluminavam-se em um padrão de vagas ondulantes — exatamente da forma que o seu programa as tinha instruído. Os guerreiros olharam para ele com diferentes expressões, desde a confusão possível, até a preocupação com seu bem-estar mental. — Olhem só para isso? É uma beleza.

Ele girou o processador ao redor da mesa para que pudessem ver o milagre tecnológico acontecendo diante de seus olhos. Quando ninguém reagiu, Gideon soltou uma risada incrédula.

— Vamos, é notável. É o futuro sangrento.

Dante sorriu do seu lugar na mesa.

— Era exatamente o que precisávamos, Gid. Uma caixa de pão iluminada.

— Esta caixa de pão é um protótipo de computador de mesa. — Tirou a tampa de metal para que todos pudessem ver as placas e circuitos dentro. — Estamos falando de um processador de 8 bits e memória de 256 bytes, tudo neste projeto compacto.

Do seu lugar mais à frente na mesa, Rio espreguiçou-se casualmente na cadeira e inclinou-se para a frente para ver melhor. Existia humor no seu sotaque espanhol enrolado.

— Podemos jogar Pong nisto? — Ele e Dante riram. Mesmo Con juntou-se depois de um momento.

— Um dia, vai ficar admirado com o que a tecnologia fará. — Gideon disse recusando-se a deixá-los diminuir sua excitação. Não importava que estivesse próximo de ser um grande geek como estava. Ele apontou para um armário adjacente semelhante a uma sala onde anos antes, ele tinha começado a criação de um centro de servidores que faziam funcionar muitos dos sistemas de segurança e vigilância do quartel, entre outras coisas. — Posso imaginar um dia quando aquela sala cheia de processadores do tamanho de geladeiras será um laboratório técnico adequado, com suficiente poder de computação para manter uma cidade pequena em funcionamento.

— Ok, legal. Se você está dizendo. — Dante respondeu. Sua ampla boca curvando-se. — Mas enquanto isso, nenhum Pong?

Gideon deu-lhe uma saudação de um dedo, sorrindo, apesar de si mesmo.

— Punheteiros. Bando de babacas sem esperança.

Lucan pigarreou e trouxe a reunião de volta para o caminho certo.

— Precisamos começar a aumentar as patrulhas. Gostaria de nada mais do que livrar Boston dos Renegados completamente, mas isso ainda deixa outras cidades com necessidade de limpeza. Cedo ou tarde, se as coisas continuarem como estão, vamos precisar avaliar nossas opções.

— O que você está dizendo, Lucan? — Rio perguntou. — Está falando de trazer novos membros?

Ele deu um aceno vago com a cabeça.

— Pode não ser uma má ideia em algum momento.

— A Ordem começou com oito. — Tegan disse. — Já faz algum tempo que temos mantido as coisas estáveis com seis.

— Sim. — Lucan concordou. — Mas as coisas com certeza não estão ficando melhores lá fora. Podemos precisar de mais do que oito de nós há longo prazo.

Conlan apoiou os cotovelos na borda da mesa, lançou um olhar ao redor para todos os que estavam sentados com ele.

— Conheço um sujeito que seria tão bom candidato como qualquer outro, acho. Nascido na Sibéria. Ele é jovem, mas forte. Talvez valesse a pena falar com ele.

Lucan grunhiu.

— Mantereí isto em mente. Agora mesmo, a prioridade é cuidar dos negócios em casa. Seis Renegados incinerados ontem à noite e outro ninho na nossa mira é um lugar decente para começar.

— Decente, sim. — Gideon interrompeu. — Mas longe do suficiente, para meu gosto.

Rio deu um assobio baixo.

— A única coisa mais afiada do que sua mente, amigo, é seu ódio pelos Renegados. Se um dia eu cair, não gostaria de me encontrar no final de sua lâmina.

Gideon não reconheceu a observação com nada mais do que um olhar sombrio na direção de seu companheiro. Não podia negar a profundidade de sua necessidade de erradicar os membros doentes de sua espécie. Sua inimizade remontava cerca de dois séculos. Perto do início, em Londres.

Dante olhou especulativamente do outro lado da mesa.

— Contando com o sanguessuga que matou ontem à noite, isso deixa você com quantas mortes, Gid?

Ele deu de ombros.

— Um par de centenas, mais ou menos.

Interiormente, Gideon fez uma contagem rápida: duzentos e setenta e oito desde que chegou à Boston em 1898. Outros quarenta e seis Renegados perderam a cabeça na ponta de sua espada, incluindo os três que massacraram os seus irmãos mais novos.

Já não podia imaginar os rostos dos meninos, ou ouvir suas risadas. Mas ele ainda podia sentir as cinzas do fogo, enquanto tentava desesperadamente puxá-los para fora do estábulo queimando na noite em que foram mortos. Gideon tinha estado caçando Renegados desde então, tentando apagar a sua culpa. Tentando encontrar algum pequeno grau de redenção por não ter conseguido protegê-los.

Até o momento?

Não estava nem perto.

Capítulo 05

Savannah estava com o cenho franzido desde que saiu do seu apartamento em Allston até o campus da Universidade, ainda atordoada e extremamente necessitada de café. Teve uma noite de sono agitada, para dizer o mínimo. Muitos sonhos perturbadores. Muitas perguntas inquietantes rodando na sua cabeça depois do que testemunhou tocando na porra daquela espada. Ela esteve mais acordada do que dormiu na maior parte da noite.

Não ajudou que Rachel não chegou em casa depois do seu encontro com o Professor Keaton. Claro, aquela era a intenção dela. Ela não falou tanto sobre isso ontem? Aliás, Savannah ficou acordada em seu quarto no pequeno apartamento apertado, prestando atenção para ouvir sua companheira de quarto retornar. Preocupada que Rachel estivesse entrando de cabeça em um relacionamento com um sujeito como o Professor Keaton, um homem muito mais velho que não fazia nenhum segredo de seu desejo em ter muitas aventuras sexuais. Ou, no seu caso, uma parte grande do corpo estudantil feminino.

Savannah não queria ver sua amiga magoada. Sabia de primeira mão o que era ser descartada por alguém em quem confiava, e esta era uma lição que esperava nunca mais repetir. Além disso, Rachel provavelmente só iria rir da preocupação de Savannah. Ela a chamaria de covarde — muito reservada e séria para sua idade — coisas que Savannah ouvira antes de outras pessoas, ao longo de sua vida.

Verdade seja dita, parte dela estava com um pouco de inveja do espírito livre de Rachel. Enquanto Savannah se afligia e preocupava noite afora, provavelmente Rachel estava se esbaldando com o Professor Keaton. Ou melhor, Bill, corrigiu revirando os olhos, tentando não imaginar sua colega de quarto ofegando o nome do Professor Keaton no auge da paixão.

Deus, como conseguiria atravessar sua aula hoje sem a involuntária — e totalmente não desejada — imagem mental dos dois nus juntos?

Savannah dobrou a esquina para o campus da Universidade na Commonwealth Avenue ainda considerando o potencial constrangimento de tudo isso, quando a visão de viaturas policiais e uma ambulância estacionada com as luzes piscando na frente do edifício de História da Arte a deteve. Alguns repórteres e uma equipe de filmagem saltaram de um furgão de notícias para forçar a passagem empurrando através da multidão do lado de fora.

Que diabos...?

Ela se apressou, um medo terrível subindo pela sua garganta.

— O que está acontecendo? — Ela perguntou a um colega estudante em direção a parte de trás dos espectadores.

— Alguém atacou um dos professores de História da Arte no seu escritório bem tarde na noite passada. Parece que ele está bem mal.

— Pelo menos está vivo. — Alguém acrescentou. — É mais do que se pode dizer da aluna que estava com ele.

O coração de Savannah afundou até o estômago, tão frio quanto uma pedra.

— Uma aluna? — Não, não Rachel. Não podia ser. — Quem é?

A resposta veio de outra pessoa nas proximidades.

— Uma caloura em sua classe de Antiguidades. O rumor é que eles estavam envolvidos em umas atividades extracurriculares em seu escritório quando a merda veio abaixo.

Os pés de Savannah estavam se movendo debaixo dela, levando-a em direção à entrada do prédio, antes inclusive de perceber que estava em movimento. Ela entrou correndo, evitando os policiais e funcionários da Universidade tentando manter a crescente multidão do lado de fora e sob controle.

— Senhorita, ninguém tem permissão de entrar no prédio agora. — Um dos agentes da polícia a chamaram enquanto corria para a escadaria. Ela ignorou o comando, correndo o mais rápido que pode subindo os três lances de escada e corredor abaixo em direção ao escritório do Professor Keaton.

A equipe de reportagem que ela viu chegar alguns minutos atrás pairava no corredor, as câmeras rolando enquanto a polícia e paramédicos trabalhavam logo no interior da porta aberta. Conforme se aproximava, uma maca foi levada para o corredor com um paciente sendo atendido por um dos assistentes da ambulância.

O Professor Keaton estava deitado inconsciente enquanto empurravam sua maca em direção aos elevadores, seu rosto e pescoço cobertos de sangue, sua pele branca como um fantasma acima do cobertor que o cobria até o queixo. Savannah ficou ali, imóvel em choque, enquanto Keaton era levado para o hospital.

— Abram caminho! — Um ríspido sotaque de Boston gritou por trás dela. Ela se sobressaltou voltando a prestar atenção, e deu um passo de lado enquanto outra maca era empurrada para fora do escritório do professor.

Não tinha médico nenhum atendendo este paciente. Nenhuma urgência no modo como a equipe de emergência empurrava a maca no corredor, e começava uma marcha sem pressa em direção ao segundo conjunto de elevadores. Savannah levou a mão até a boca para conter o grito sufocado que borbulhou em sua garganta.

Ah, Rachel. Não.

Seu corpo delicado estava envolvido completamente em um lençol com manchas vermelhas escuras. Um de seus braços deslizou para fora da coberta para pendurar inerte ao lado da maca. Savannah olhou fixamente com mudo pesar, incapaz de desviar o olhar daquela mão sem vida e a dúzia de pulseiras reunidas no pulso de Rachel, pegajosas com seu sangue.

Cambaleando com descrença e horror, Savannah entrou aos tropeções no escritório do professor, seu estômago se revolvendo.

— Fora daqui, todo mundo! — Um dos detetives de polícia trabalhando ali dentro ordenou. Ele colocou uma mão no ombro de Savannah quando ela caiu para frente e segurou sua cintura, tentando não perder o café da manhã. — Senhorita, você precisa sair agora. Esta é uma cena de crime.

— Ela era minha colega de quarto. — Savannah murmurou, as lágrimas sufocando-a. A náusea subiu ao ver o sangue espirrado na parede próxima à escrivaninha e sofá do Professor Keaton. — Por que alguém faria isto? Por que eles a matariam?

— É isso que estamos tentando descobrir aqui. — Disse o policial, sua voz assumindo um tom mais simpático. — Sinto muito pela sua amiga, mas você vai ter que nos deixar fazer nosso trabalho agora. Eu

gostaria de falar com você sobre quando foi a última vez que viu sua colega de quarto, então por favor espere do lado de fora.

Enquanto ele falava, a equipe de reportagem pareceu pensar que era o momento oportuno para se amontoarem com suas câmeras. O repórter se inseriu entre Savannah e o oficial, empurrando seu microfone no detetive.

— Você tem alguma pista do que aconteceu aqui? Foi um arrombamento ao acaso? Roubo? Ou algum tipo de ataque pessoal? O campus deve se preocupar com a segurança de seus alunos e professores?

O policial estreitou os olhos no abutre com o microfone e soltou um suspiro irritado.

— Neste momento não temos nenhuma razão para acreditar que qualquer um esteja em perigo. Não há sinais de arrombamento, nem qualquer evidência óbvia de luta além do que aconteceu aqui neste escritório. Apesar de parecer que nada foi roubado, não podemos descartar o roubo como um motivo até que tenhamos a oportunidade de rever e revisar completamente a cena...

Savannah não podia ouvir mais nada. Saiu flutuando do escritório do Keaton e entrou no laboratório de estudos adjacente, onde ela, Rachel e os outros alunos trabalharam menos de vinte e quatro horas atrás. Ela desabou em uma cadeira das mesas de trabalho, sentindo-se do lado de fora do seu próprio corpo conforme a discussão do assassinato de Rachel e o Professor Keaton escapava por um triz e continuava no escritório respingado de sangue.

O olhar de Savannah vagava sem rumo por cima dos materiais de referência empilhados sobre as mesas de laboratório, depois em direção ao quarto de armazenamento de arquivo. A porta estava escancarada, mas nenhum policial ou funcionário da Universidade estava lá dentro.

Ela levantou-se e se aproximou entorpecidamente, entrando no quarto escuro.

E até mesmo através de sua névoa de choque e pesar, percebeu imediatamente que algo não estava certo.

— Não está aqui.

Ela deu meia volta, uma onda súbita de adrenalina enviando-a correndo de volta ao escritório do Professor Keaton. Fez uma busca visual rápida pela sala, olhando além da escrivaninha desarrumada e um sofá muito usado. Passou por todo o sangue.

— Ela se foi. — Os policiais e a equipe de reportagem ficaram em silêncio, todo mundo virando o olhar para ela agora. — Algo foi tirado daqui ontem à noite.

* * *

Eva acionou o alarme de incêndio da cozinha do Complexo novamente.

O sinal sonoro agudo e alto trouxe cada guerreiro do lugar correndo a todo vapor para desligar a maldita coisa.

Gideon abandonou seu trabalho da manhã no microcomputador — sua nova obsessão — e foi a mil para o corredor sinuoso da sede subterrânea até a cozinha instalada especificamente para Eva e Danika, as únicas duas moradoras biologicamente capazes de comer qualquer coisa que saísse dela. Mesmo que fosse questionável, quando era a vez da Companheira da Raça do Rio no fogão.

O espanhol chegou na cozinha poucos segundos antes de Gideon. Rio tinha silenciado o alarme e estava puxando Eva em um abraço afetuoso, rindo com bom humor enquanto ela tentava arranjar desculpas pelo que aconteceu.

— Só me virei por um minuto para assistir algo no noticiário. — Ela protestou, acenando com a mão em direção à pequena televisão em cima do balcão enquanto Lucan, Dante e Tegan sacudiam suas cabeças e retornavam ao que estavam fazendo. Conlan ficou, adiantando-se para colocar um braço ao redor de sua companheira Danika que estava perto, tentando esconder o sorriso por trás de sua mão.

— Além do mais — Eva continuou —, havia apenas um pouco de fumaça desta vez. Eu juro que este alarme me odeia.

— Está tudo bem, baby. — Rio disse em meio a risadas. — Cozinhar nunca foi sua melhor qualidade. Olhe pelo lado positivo, pelo menos ninguém se machucou.

— Diga isso ao seu café da manhã. — Gideon disse ironicamente. Ele levantou a caçarola de ovos e salsicha carbonizada do fogão e despejou a bagunça no lixo.

Quando passou pela TV, foi atingido por um par de olhos de corça, marrom como chocolate, circundados por cílios volumosos e espessos. A jovem estava sendo entrevistada do lado de fora de uma das Universidades locais. Cachos pretos curtos formavam uma auréola em seu rosto adorável e suave. Suas feições suaves agradavam um oval perfeito de pele lisa café com leite e creme que parecia que seria tão suave ao toque como veludo.

Mas a boca da jovem beleza estava tensa, com linhas de tensão a cada lado. E agora que Gideon estava olhando de perto, percebeu lágrimas brotavam naqueles belos olhos escuros.

— Fale mais sobre o artefato que você diz que parece estar faltando. — Pressionou o repórter, enfiando um microfone em direção ao seu rosto.

— É uma espada. — ela respondeu, uma voz combinando com seu rosto bonito, apesar do tremor que fazia suas palavras tremerem um pouco. — É uma espada muito antiga.

— Certo. — disse o repórter. — E você disse que tem certeza que viu esta espada ontem mesmo na sala de aula do Professor Keaton?

— Isso aí é sobre o que? — Gideon perguntou observando atentamente a jovem.

— Alguém agrediu um professor da faculdade ontem à noite. — Danika explicou. — Ele foi levado para o Hospital Geral de Massachusetts, sua condição é crítica, mas estável. A estudante que estava com ele foi morta. Parece que suspeitam que o assalto pode ter dado errado.

Gideon grunhiu em reconhecimento, perguntando-se o que a estudante sendo entrevistada tinha a ver com a situação.

— A espada era parte de uma coleção de móveis e objetos de arte Coloniais que foram doadas para a Universidade recentemente. — Ela disse ao repórter. — Pelo menos, acredito que era parte da coleção. Enfim, está sumida agora. É a única coisa que está faltando, pelo que posso dizer.

— Ah, tá. E pode descrever para nossos telespectadores como é a espada?

— É inglesa. Dos meados do século XVII. — ela respondeu com certeza. — Tem uma águia ou um falcão gravado no punho.

Gideon congelou, de repente seu sangue correndo frio em suas veias.

— Tem um rubi no punho — a jovem continuou —, mantido no lugar por garras de aço esculpidas.

Ah, Cristo.

Gideon ficou ali em pé, rígido como um pedaço de madeira, imobilizado pelas palavras que afundaram em seu cérebro.

A arma que esta estudante estava descrevendo com tantos detalhes era inconfundível... ele a conhecia muito bem.

Ele segurou muito aquela espada na mão, muito tempo atrás. Desapareceu na noite em que seus irmãos gêmeos foram assassinados, tomada, ele assumiu, pelos Renegados que os abateram com ela enquanto Gideon estava longe do Darkhaven. Não esteve lá para protegê-los, como deveria ter estado.

Ele nunca pensou que veria a espada novamente, nunca mais quis vê-la. Não depois daquela noite.

Nunca imaginou que ela acabaria aqui, em Boston.

Há quanto tempo? A quem pertencia?

Melhor ainda, quem queria mal o suficiente a ele para matá-lo?

A necessidade de achar respostas para aquelas perguntas correu pelas suas veias como fogo. Ele tinha que saber mais.

E enquanto Gideon assistia a bonita estudante na tela de televisão, soube exatamente onde começar a procurar.

Capítulo 06

— Essa é a última devolução de hoje, Sra. Kennefick. — Savannah recolocou o cartão de check-out na parte de trás de um novo romance popular de terror sobre uma desajustada social chamada Carrie. Ela olhou para o livro, com a solitária garota fictícia do ensino médio do Maine que possuía algum tipo de poder assustador. Ela estava meio tentada a emprestar o livro. Talvez o pegasse se seu dia já não tivesse sido horrível o suficiente.

Sua supervisora, a velha Sra. Kennefick, oferecera para Savannah tirar uma noite de folga, mas o fato triste era que a última coisa que Savannah queria fazer era passar mais horas que o necessário sozinha em seu apartamento. Seu turno da noite na biblioteca era uma distração bem vinda para o que tinha acontecido na Universidade.

Rachel estava morta. Deus, Savannah mal podia acreditar. Seu estômago se apertou com o pensamento de sua amiga e o Professor Keaton sendo atacados por um assaltante desconhecido. Os olhos dela formigaram com lágrimas que brotaram, mas ela as segurou. Ela não podia se permitir afundar em sua dor e choque. Ela já teve que sair do balcão de devolução de livros duas vezes esta noite, mal conseguindo chegar ao toalete feminino antes que os soluços saíssem rasgados de sua garganta.

Se ela conseguisse passar os restantes 40 minutos de seu turno sem sair de novo, seria um milagre.

— Tudo pronto, então, querida? — Sra. Kennefick afagou seu coque grisalho e depois alisou o casquinho da mesma cor de seu cabelo enquanto ela caminhava ao redor de sua mesa na sala de processos.

— Tudo pronto. — Savannah disse, acrescentando a cópia usada de Carrie ao carrinho de livros com o restante das devoluções manuseadas naquela noite.

— Muito bem. — A velha senhora pegou o carrinho e começou a levá-lo antes que Savannah pudesse detê-la. — Não faz sentido você ficar esperando por mais tempo esta noite, querida. Vou arquivar essas devoluções. Você tranca tudo quando sair?

— Mas Sra. Kennefick, eu realmente não me importo.

A mulher a dispensou com um pequeno aceno e continuou debruçada sobre o carrinho com sua saia sem graça e seus sapatos de sola macia reverberando no tranquilo corredor da biblioteca.

Savannah olhou de relance para o relógio na parede, observando o lento tiquetaquear. Ela procurou por algo mais para fazer, sabendo que era apenas uma desculpa para não voltar a realidade que a esperava do lado de fora da biblioteca. Ela aproveitou a oportunidade para organizar o porta lápis da Sra. Kennefick e o porta clipes, inclusive chegando ao ponto de usar a borda de seu longo suéter de gola alta para varrer a poeira inexistente da superfície imaculada da mesa de sua supervisora.

Savannah estava ocupada endireitando os arquivos dos usuários quando sentiu os finos pelos da sua nuca arrepiarem com uma estranha sensação de consciência. Um calor pinicou sua pele, estranho e inquietante.

Alguém estava na sala de devolução de livros da biblioteca.

Embora a sala ao lado estivesse em silêncio, ela fechou a gaveta e saiu para investigar.

Alguém estava lá, tudo bem.

Um homem estava no centro da sala de costas para ela, vestindo com um longo casaco preto, calças pretas e botas pretas. Um punk, ao olhar para ele. Uma grande punk.

Nossa, o cara tinha que ter um metro e noventa e três de altura e todo construído sobre músculos sólidos. O que tornava a coisa ainda mais desproporcional ao encontrá-lo ali em silêncio total, com cabelos loiros, espessos e espetados caídos sobre seus ombros largos, enquanto ele percorria com o olhar as pinturas que circundavam os painéis que ornamentavam a sala em estilo medieval.

Savannah caminhou em direção a ele, cautelosa ainda que intrigada.

— A biblioteca está prestes a fechar. Posso ajudá-lo a encontrar alguma coisa?

Ele lentamente girou para encará-la, e, oh, uau ...

A descrição de punk podia ter se encaixado no seu estilo de roupa, mas era onde terminava. Ele era bonito — devastadoramente. Debaixo da coroa de seu cabelo dourado, uma ampla testa e uma angulosa maçã do rosto combinavam com um queixo quadrado que estaria melhor em uma tela de cinema do que em pé no meio da sala Abbey na Biblioteca Pública de Boston.

— Só olhando. — disse ele depois de um longo momento, um toque de sotaque britânico em sua voz profunda.

E logo ele não estava mais olhando os artigos de arte. Seus penetrantes olhos azuis encontraram o olhar dela e o seguraram firme, tão afiados e frios que pareciam ler e processar tudo sobre ela em um instante.

Savannah sentiu sua pele ficar tensa sob sua atenção, fazendo com que a malha suave de cor marfim parecesse como uma lixa contra o seu pescoço e seios. Ela se sentia muito quente, muito observada, e muito consciente do tamanho e masculinidade desse estranho à sua frente.

Ela tentou projetar um ar de calma e profissionalismo, apesar do estranho caos acontecendo em seu sistema nervoso central em reação a este homem. Andando ao lado dele, mesmo que apenas para escapar de sua análise, ela olhou para a série de quinze trabalhos originais que descreviam o rei Arthur e seus cavaleiros da Távola Redonda, pintado para a biblioteca na virada do século pelo artista Edwin Austin Abbey.

— Então, no que você está mais interessado: no trabalho de Abbey ou nas lendas Arturianas?

Ele continuava a segui-la com o olhar.

— Eu estou interessado em tudo. A mente não é um recipiente a ser preenchido, mas um fogo a ser aceso.

Savannah registrou a declaração, sabendo que ela tinha ouvido isto em algum lugar antes.

— Plutarco. — ela adivinhou.

Ela foi recompensada com um sorriso de soslaio do lindo não punk em pé ao lado dela.

— Uma estudante de filosofia, eu presumo.

— Não é a minha melhor matéria, mas me dou bem na maioria das matérias.

O sorriso dele se curvou um pouco por causa disso, como se mentalmente ela marcasse um ponto a seu favor. Ele tinha um sorriso bonito. Dentes retos e brancos emoldurados por lábios cheios e exuberantes que fizeram seu pulso acelerar um pouco mais. E aquele sotaque Inglês estava fazendo coisas engraçadas para seu ritmo cardíaco também.

— Deixe-me adivinhar. — disse ele, estudando-a daquela maneira irritante novamente. — Wellesley? Ou talvez Radcliffe?

Ela balançou a cabeça com a menção dos dois colégios para mulheres privados e de prestígio.

— Universidade de Boston. Sou caloura no curso de História da Arte.

— História da Arte. Uma escolha rara. A maioria das faculdades está se voltando para médicos e advogados nos dias de hoje. Ou jovens magos matemáticos com a esperança de serem futuros Einsteins.

Savannah encolheu os ombros.

— Eu acho que você poderia dizer que estou mais confortável com o passado.

Normalmente, isto seria cem por cento verdadeiro. Mas não ultimamente. Não depois do que ela tinha visto refletido ontem na história da espada. Agora, ela desejava poder voltar no tempo e desfazer o toque que lhe mostrara os horrores infligidos ao par de jovens do passado. Ela também desejava poder negar o outro horror que testemunhou na história da lâmina — os monstros que simplesmente não podiam existir, exceto no lado mais escuro da ficção.

Ela gostaria de poder voltar no tempo até o momento em que Rachel contou sobre seu encontro com o Professor Keaton, para que pudesse avisá-la a não ir.

Agora, depois de tudo o que acontecera recentemente, Savannah não conseguia encontrar mais conforto no passado.

— A propósito, eu sou Gideon. — A voz profunda e rica a puxou de volta para o presente, uma bem vinda linha de vida, mesmo que oferecida por um estranho. Ele estendeu a mão, mas ela não conseguiu reunir coragem para pegá-la.

— Savannah. — ela respondeu calmamente, apertando suas mãos atrás das costas para resistir à tentação de chegar a ele, mesmo que o seu dom não funcionasse em seres vivos. A ideia de tocá-lo era ao mesmo tempo atraente e inquietante. Ela sentia como se devesse conhecê-lo de alguma forma, talvez o tivesse visto na biblioteca ou ao redor da cidade em algum lugar, mas ela estava certa de que nunca o tinha visto antes. — As pessoas não costumam passar muito tempo nesta área da biblioteca. A Sala de Leitura Bates e o Hall Sargent são mais populares entre os usuários.

Ela estava divagando, mas ele não parecia notar ou se importar. Aqueles olhos azuis a prendiam e a observavam. Ela quase podia sentir as engrenagens da mente dele analisando tudo o que ela dizia e fazia. Procurando por algo.

— E quanto a você, Savannah?

— Eu?

— Qual é sua sala favorita?

— Ah. — Ela soltou uma risada nervosa, sentindo-se estúpida ao redor dele, uma sensação a qual não estava acostumada. Como se nenhum de seus estudos ou escolaridade a tivesse preparado para encontrar alguém como ele. Era loucura pensar nisso. Não fazia sentido lógico. E ainda assim ela sentia. Este homem — Gideon, ela pensou, testando o nome em sua mente — parecia eterno e de alguma forma antigo ao mesmo tempo. Ele mantinha uma confiança que parecia dizer que nada poderia surpreendê-lo. — Esta sala é a minha favorita. — ela murmurou sombriamente. — Eu sempre gostei de histórias de heróis.

A boca dele se curvou.

— Homens que matam dragões? Resgatam princesas de torres?

Savannah lhe deu um olhar de esguelha.

— Não, a busca da verdade por alguém que não tem medo de persegui-la, não importa o custo.

Ele reconheceu sua defesa com uma ligeira elevação do queixo.

— Mesmo que isso signifique arriscar o assento de Perilous?

Juntos, eles olharam para o painel que representava essa parte da lenda do Rei Artur, a cadeira na Mesa Redonda que significava a morte para qualquer um que tomasse seu lugar lá e que se provasse indigno da busca do Santo Graal.

Savannah podia sentir Gideon estudando-a, apesar de seu olhar estar fixo na pintura na parede. O calor de seu corpo grande, mais perto dela do que percebera, parecia queimar sua roupa, imprimindo-se em sua pele. Seu pulso parecia acelerar mais enquanto os segundos se esticavam entre eles.

— Caloura. — disse ele depois de um tempo, uma estranha melancolia em seu tom. — Eu não sabia que você era tão jovem.

— Eu vou fazer dezenove em poucos meses. — respondeu ela, inexplicavelmente na defensiva. — Por quê? Quantos anos você achou que eu tinha? Quantos anos você tem?

Ele deu uma sacudida lenta de cabeça. Então, trouxe seu olhar para ela, ao seu lado.

— Eu deveria ir. Como você disse a biblioteca fechará. Eu não quero atrapalhar seu trabalho.

— Está tudo bem se você quiser ficar mais algum tempo. Eu não preciso expulsá-lo por mais 15 minutos, por isso, sinta-se livre para desfrutar da arte. — Ela deu uma última olhada para Sir Galahad sendo conduzido para a cadeira que iria confirmar sua honra ou escrever seu destino, e não pode deixar de recitar outra das citações de Plutarco — A pintura é uma poesia silenciosa e a poesia é pintura que fala.

Gideon respondeu com um sorriso que ameaçou roubar-lhe os joelhos.

— De fato, Savannah. Na verdade, é.

Ela não conseguiu conter seu sorriso também. E pela primeira vez, durante todo o dia, ela se sentiu relaxada. Sentiu-se feliz. Sentiu-se esperançosa, por mais estranho que parecesse. Não sobrecarregada com tristeza e entorpecida com choque e confusão.

Bastou um encontro casual com um estranho, uma conversa inesperada. Alguns momentos de bondade de alguém que não tinha ideia do que ela tinha passado. Alguém que vagava em seu local de trabalho por um capricho e acabou fazendo o pior dia de sua vida parecer menos horrível simplesmente por estar lá.

— Prazer em conhecê-lo, Gideon.

— Da mesma forma, Savannah.

Desta vez, foi ela quem estendeu a mão. Ele não hesitou em tomá-la. Como esperado, o aperto dele era quente e forte, os dedos longos engolindo os dela facilmente. À medida que o contato era quebrado, ela se perguntou se ele sentia o mesmo choque de consciência que ela sentia. Deus, a breve ligação deles passou por ela como uma suave corrente elétrica, calor e energia ziguezagueando em suas veias.

E ela não poderia perder o fato de que algo sobre ele lhe parecia tão vagamente familiar...

— Eu deveria ir. — disse ele, pela segunda vez esta noite. Ela não queria que fosse tão cedo, mas também não podia pedir para ele ficar. Poderia?

— Talvez te veja de novo em algum momento. — ela deixou escapar, antes que deixasse o impulso assumir seu cérebro.

Ele olhou para ela por um longo momento, mas não respondeu de uma forma ou de outra.

Então, como o mistério que tinha sido o momento em que ela o viu pela primeira vez, ele simplesmente se virou e caminhou para longe, para fora da porta e para a noite à espera.

* * *

Gideon esperou agachado como uma gárgula no canto do telhado da biblioteca até Savannah sair do prédio, poucos minutos depois.

Ele pretendia sair, como dissera. Ele tinha decidido logo após falar com ela por apenas alguns minutos — depois de saber que ela era uma caloura de dezoito anos de idade, pelo amor de Deus — que a sua busca para descobrir mais sobre quem tinha a maldita espada precisaria se desdobrar sem envolver uma jovem e inocente mulher.

Ele não poderia usar Savannah para obter informações.

Ele não iria usá-la para qualquer coisa.

E ele, com certeza, não precisava se esgueirar em torno de seu local de trabalho, seguindo-a em um silêncio furtivo de um telhado para o outro, enquanto ela fazia seu trajeto da biblioteca para a estação de trem. Mas isso era o que ele fazia, dizendo a si mesmo que era a necessidade de ver uma fêmea vulnerável dormindo com segurança em uma cidade repleta de perigos ocultos.

Não importa que ela certamente pudesse contar com ele entre esses perigos, se ela tivesse alguma ideia do que ele realmente era.

Gideon saltou para o nível da rua para deslizar até a estação de trem a uma distância segura dela.

Ele embarcou em um vagão diferente, observando através da multidão para se certificar de que ela não fosse molestada durante o trajeto. Quando ela saiu em Lower Allston ele a seguiu, acompanhando-a até um modesto prédio de tijolos em uma rua lateral chamada Walbridge. Uma luz se acendeu atrás de uma janela com cortinas no segundo andar.

Ele esperou mais um pouco, mantendo uma vigília não planejada das sombras, até o brilho ofuscante da luz do apartamento de Savannah ser extinta uma hora e meia mais tarde.

Então ele se fundiu novamente à escuridão que era a sua casa e campo de batalha.

Capítulo 07

A aula de História da Arte, foi cancelada no dia seguinte, é claro.

O edifício do departamento estava quieto, não havia nenhum aluno dentro hoje. Apenas os professores que trabalhavam em suas salas privadas. O boato em torno do campus era que o Professor Keaton se recuperaria totalmente. Ele ainda estava no hospital, mas alguém tinha ouvido falar, outro dos professores mencionou que Keaton poderia receber alta e voltar ao trabalho em duas semanas ou menos. Foi a única boa notícia em toda essa situação horrível.

Savannah só queria que Rachel tivesse sido tão feliz também.

Foi a morte de sua amiga que trouxe Savannah de volta para o departamento de História da Arte naquela manhã, embora não houvesse nenhuma aula para participar. Deslizou para dentro do prédio, inexplicavelmente atraída pelo local do terrível crime.

Por que Rachel e o Professor Keaton foram atacados? E por quem?

A espada antiga era valiosa, certamente, mas era o suficiente para justificar um ataque tão hediondo e letal?

Quando Savannah subiu as escadas para o segundo andar do prédio, se sentia um pouco como se fosse para seu próprio Lugar Perigoso, em busca de uma verdade que ela não tinha certeza estar preparada, ou equipada, para enfrentar.

Os detetives da polícia estavam muito longe, as barricadas e a fita foram removidas do local. Ainda assim, simplesmente estar lá dava um frio nas veias de Savannah enquanto ela se aproximou da porta do escritório do professor Keaton no corredor. Mas ela precisava ver a sala novamente. Esperava encontrar alguma coisa que fora esquecido, algo que daria algum senso de compreensão do que aconteceu, e por quê.

A porta do escritório de Keaton estava fechada e trancada. Havia apenas a sala de arquivo e estudo ao lado.

Merda.

Savannah sacudiu a maçaneta da porta, por tudo de bom que ele fez. Não haveria como conseguir passar pelas fechaduras. Não, a menos que quisesse ir lá embaixo e tentar persuadir um dos professores do departamento a deixá-la entrar.

Mesmo que tivesse prática em evitar mentira e manipulação, sua mente começou a trabalhar em uma série de desculpas que pudessem angariar seu acesso ao escritório. Acidentalmente deixou um de seus livros de outra aula lá dentro e precisava dele para o próximo exame. Perdeu a carteira de estudante e pensou que pudesse estar com seu notebook na sala de estudo. Precisava terminar a catalogação de um último item na coleção de arquivo para certificar-se de que tivesse o seu crédito extra no projeto, uma vez que o Professor Keaton voltasse para a escola.

Certo. Uma ideia mais ridícula que a outra.

Não que a resposta honesta fosse mais convincente: Queria atravessar o escritório do Professor Keaton e tocar tudo à vista, com suas mãos, para ver se poderia perceber todos os indícios que a polícia poderia ter perdido.

Vazia, Savannah começou a girar para sair. Quando se virou, algo chamou sua atenção no chão do corredor. Um círculo fino de metal.

Poderia ser o que estava pensando?

Correu para olhar, sentindo-se tanto animada e enojada ao ver a pulseira delicada a seus pés. Reconheceu-a imediatamente. Uma das pulseiras de Rachel. Deve ter caído de seu pulso quando empurraram seu corpo para longe.

Todo o ser de Savannah recuou ao ver a evidência sangrenta do sofrimento de Rachel. Mas tinha que tocar a pulseira. Seja qual fosse a trágica lembrança que seria dita a ela, Savannah tinha que saber.

Ela pegou-a do chão e fechou os dedos em torno do anel de metal frio.

Seu dom extrassensorial acordou imediatamente. O choque da pulseira oprimida, a memória alojada no metal tão horrivelmente doce.

Viu Rachel no escritório de Keaton. Seu rosto estava torcido em rígido, mortal terror.

E não demorou muito para Savannah entender o porquê

Sem aviso, estava de repente olhando para o rosto do atacante de Rachel, enquanto a besta se fechava ali.

E era uma besta. O mesmo tipo de olhos ardentes, de presas de monstro que Savannah estava tentando esquecer desde que tocou a velha espada. Exceto que esse monstro não estava vestido com uma capa com capuz como o grupo que matou os meninos. Esta besta usava um terno escuro de aparência cara e camisa branca. Roupas de um cavalheiro refinado e ricamente decorados, cabelo castanho, mas o rosto de um monstro horripilante.

A criatura pulou para Rachel, suas mandíbulas de dentes cortantes abertos, tão logo foi para a garganta da menina.

Oh, meu Deus.

Impossível. Não podia estar vendo isso, de novo não. Não podia ser real.

Estava perdendo a cabeça?

Savannah não conseguia respirar. A constrição em seus pulmões queimava em seu peito. Seu coração batia forte, ressoando em seus ouvidos. Não conseguia encontrar sua voz, apesar de todo o seu corpo parecer estar gritando.

Ela ficou boquiaberta, a pulseira agora descansando na palma da sua mão que estava virada para cima. Cada instinto lhe dizia para jogá-la fora, tão rapidamente e para tão longe quanto pudesse. Mas era tudo o que restava de sua amiga.

E o anel de metal frágil continha o que poderia ser a única evidência do assassino de Rachel.

Tinha que dizer a alguém o que viu.

Mas a quem?

Sua habilidade de psicometria era estranha o suficiente, mas como esperar que alguém acreditasse nela quando tentasse explicar os monstros que viu — não uma, mas duas vezes — por meio de seu dom?

Pensariam que ela está louca.

Inferno, talvez estivesse.

A irmã de Savannah, Amelie, há muito tempo, disse que sua mãe era um pouco ruim da cabeça. Talvez Savannah fosse muito. Porque agora, essa era a única coisa que fazia sentido para ela. Era a única maneira que poderia explicar o que tinha testemunhado ao longo dos últimos dois dias.

Não sabia o que fazer ou a quem recorrer.

Precisava de tempo para pensar.

Era necessário obter algum controle sobre si mesma, antes de perdê-lo completamente.

Savannah deixou a pulseira de Raquel cair em sua mochila e correu para fora do prédio.

* * *

Gideon bateu uma segunda vez na porta do apartamento de Savannah, não de todo convencido de que fosse uma boa ideia para ele estar lá.

Então outra vez, também não tinha sido exatamente uma excelente lógica desviar de sua primeira hora de patrulha da noite e passar pela Biblioteca Pública de Boston, na esperança de vê-la. No entanto, tinha feito isso também, e ficou incomodado ao saber que Savannah estava ausente de seu turno. Mau julgamento ou não, ele não conseguiu evitar que suas botas o carregassem por toda a cidade até o seu modesto apartamento.

Enquanto os nós dos dedos caíam contra a porta para uma terceira batida, ele finalmente ouviu um movimento no interior. Ele sabia que ela estava em casa, o seu talento a tinha traído, embora ela parecesse determinada a ignorar quem estava na porta. Uma sombra no olho mágico a delatou quando ela se moveu na frente dele agora para olhar para fora. Em seguida, uma inalação suave do outro lado da porta. Um trinco caiu livre. Em seguida, outro.

Savannah abriu a porta, com o rosto abrandado com muda surpresa. Gideon bebeu da visão dela em um instante, de seus belos olhos escuros e boca sensual, com suas adoráveis curvas e, membros longos e magros. Hoje à noite ela estava vestida confortavelmente em um jeans queimado que abraçava seus quadris e coxas, e um top branco de uma banda de rock sob uma desbotada camisa de trabalho jeans.

Pelo amor de Deus, ela estava sem sutiã por baixo do logotipo vermelho brilhante dos Rolling Stones. A visão inesperada de seus seios pequenos e alegres quase o fez esquecer por que estava lá.

— Gideon.

Não era exatamente uma saudação de boas vindas, a forma como as sobrancelhas pretas finas estavam unidas em sua testa enquanto olhava para ele. Ela enviou um rápido olhar através dele para o segundo andar atrás, parecendo distraída e nervosa. Quando sua atenção voltou para ele, seu cenho se aprofundou.

— O que você está fazendo aqui? Como você sabe onde moro?

Ele sabia que um pequeno reconhecimento seria um problema assim que chegasse, mas era um risco que tinha se disposto a assumir.

— Eu passei na biblioteca hoje à noite, pensei que poderia vê-la novamente. Sua supervisora me disse que você tinha ligado avisando que estava doente hoje. Ela parecia muito preocupada com você. Espero que você não se importe de eu ter vindo para dar uma olhada em você.

— Sra. Kennefick te deu meu endereço?

Ela não tinha, mas Gideon não confirmou nem negou.

— Você está bem?

A testa franzida de Savannah relaxou um pouco.

— Estou bem. — Disse ela, mas podia ver que ela estava afobada, nervosa. Suas bochechas estavam pálidas, e seu rosto estava tenso, linhas se agrupando em sua boca. — Você não deveria ter vindo. Estou bem, mas este não é realmente um bom momento para mim, Gideon.

Algo estava muito errado aqui. Ele podia sentir a ansiedade dela pulsando em ondas palpáveis. O medo de Savannah estava pendurado pesadamente no meio metro de espaço entre eles.

— Alguma coisa aconteceu com você.

— Não comigo. — Ela deu um aceno fraco da cabeça, cruzando os braços sobre si mesma como um escudo. Sua voz era calma, baixa. — Alguma coisa aconteceu com minha amiga, Rachel, a garota com quem estava dividindo este quarto. Ela foi morta algumas noites atrás. Ela e um dos professores da Universidade de Boston foram atacados. Professor Keaton sobreviveu, mas Rachel...

— Sinto muito por sua amiga. — Disse Gideon. — Eu não sabia.

Era a verdade, ou perto o suficiente. Ele não sabia que Savannah tinha estado perto de uma das vítimas. Podia ver que ela estava sofrendo, mas havia algo mais acontecendo também, e o guerreiro nele estava desconfiado de que havia mais que ainda não sabia sobre a situação.

— Eu ouvi algumas notícias recentes sobre um assalto no edifício de História da Arte no campus. — Disse ele casualmente. — Sua amiga e o professor foram atacados durante um arrombamento e roubo de algum tipo de relíquia, não foi?

Savannah olhou para ele por um longo momento, como se não conseguisse se decidir se iria responder.

— Eu não tenho certeza do que aconteceu naquela noite. — Ela finalmente murmurou. Descruzou os braços e moveu uma mão para a borda da porta. Deu um passo para trás. A mão apoiada na porta agora começou a fechá-la por frações. — Obrigada por me verificar, Gideon. Não estou com estado de espírito para falar agora, então...

Com sua retirada, ele avançou um passo.

— O que há de errado, Savannah? Você pode me dizer.

Ela balançou a cabeça.

— Eu não quero falar sobre isso. Eu não posso...

O intestino de Gideon se apertou com preocupação.

— Você perdeu alguém com quem se preocupava. Sei que não é fácil. Mas ontem à noite na biblioteca, você parecia diferente. Não tão visivelmente chateada, do jeito que está agora. Você está com medo de algo, Savannah. Não tente negar. Alguma coisa aconteceu com você hoje.

— Não. — A palavra saiu embargada, forçada por seus lábios. — Por favor, Gideon. Não quero mais falar sobre isso.

Ela estava tentando desesperadamente manter a coerência, ele podia ver isso. Mas ela estava muito abalada, lidando com algo mais visceral do que uma simples dor ou medo.

Ela estava apavorada.

Ele estudou-a mais de perto, vendo a profundidade do seu medo, do tremor que a percorria da cabeça aos pés, onde ela estava. Meu Deus, o que diabos poderia tê-la colocado em tal estado?

— Savannah, alguém a ameaçou de alguma forma? — Seu sangue fervia pelo pensamento. — Será que alguém a machucou?

Ela balançou a cabeça, em silêncio enquanto voltava-se para seu apartamento, deixando a porta aberta. Ele a seguiu para dentro, sem ser convidado, mas não estava prestes a ir embora e deixá-la sozinha para lidar com o que a acometera de terror.

Gideon fechou a porta atrás dele e entrou na apertada sala de estar. Seu olhar se desviou em direção ao quarto a esquerda, onde a mala estava aberta sobre a cama, alguns artigos de roupa dobradas jogadas em seu interior.

— Você está indo para algum lugar?

— Eu preciso ir embora por um tempo. — Disse ela, ainda flutuando à sua frente no pequeno espaço de vida, mantendo-o em suas costas. — Preciso arejar a minha cabeça. O único lugar que eu sei onde posso fazer isso é voltando para casa em Atchafalaya. Liguei para minha irmã esta tarde. Amelie também acha que é melhor eu voltar para casa.

— Louisiana. — Ele disse. — É um longo caminho sangrento só para limpar sua cabeça.

— É a minha casa. É o lugar ao qual pertenço.

— Não. — Ele disse, uma negação cortada. — Você está em pânico sobre algo e está fugindo. Percebi que você era mais forte do que isso, Savannah. Pensei que você gostasse de heróis que fossem rápidos e perseguissem a verdade, não importando o custo.

— Você não sabe nada sobre mim. — Ela atirou de volta, e girou para enfrentá-lo. Seus olhos castanhos escuros o perfuraram com uma mistura quente de medo e raiva. Ela cruzou os braços sobre o peito de novo, uma postura ferida, de autoproteção.

Ele caminhou em sua direção com passos desprovidos de pressa. Ela se manteve firme, observando sua abordagem. Não recuou, mas manteve os braços apoiados, apertados contra si mesma, impedindo-o, talvez impedindo qualquer um, de realmente chegar perto.

Gideon tomou uma de suas mãos em um firme, mas gentil, aperto.

— Você não precisa se proteger contra mim. Eu sou um dos caras bons.

Ele também tomou posse de sua outra mão agora, e puxou os braços para os lados. Seu peito subia e descia com cada respiração superficial e rápida que ela tomava enquanto ele estendia a mão para tocar seu queixo delicado com a palma da mão. Sua pele era suave e cremosa sob a ponta do polegar, os lábios macios, suaves como cetim, cor de um vinho rosa escuro.

Ele não pôde resistir à necessidade de prová-la, apenas uma vez.

Curvando seus dedos ao redor de sua nuca quente, ele trouxe-a para si e roçou os lábios nos dela. Ela era mais doce do que ele tinha imaginado, o calor de sua boca e a ternura de seu beijo despertou nele uma necessidade como um homem sedento deveria almejar água fria e clara.

Gideon não podia deixar de arrastá-la mais profundamente contra ele, testando a fissura de seus lábios com a ponta de sua língua faminta. Ela arrancou dele um belo gemido, suas mãos subindo até os ombros, agarrando-se a ele em uma deliciosa rendição.

Ele deslizou sua camisa jeans para que pudesse sentir a pele nua de seus braços. Um erro. Porque agora os picos duros como pedra dos seios livres de Savannah foram esmagados contra o peito dele, uma consciência que queimou diretamente através de sua jaqueta de couro preta e camiseta, despertando-lhe tão rapidamente como se ela estivesse parada completamente nua diante dele.

Ele sentiu as pontas afiadas de suas presas se alongando quando o desejo o percorreu como um rastilho de pólvora. Que bom que seus olhos estavam fechados, ou o brilho aquecido de sua íris iria traí-lo em um instante como sendo algo diferente de humano.

Gideon rosnou contra a boca dela, dizendo a si mesmo que esta rápida paixão perigosa era simplesmente o resultado de um longo período de seca auto imposto.

Certo. Se ao menos ele acreditasse nisso.

O que ele sentia era algo muito mais surpreendente. Preocupante, também.

Porque não era qualquer mulher que ele queria naquele momento. Era apenas essa.

Talvez ela sentisse a força escura de sua necessidade por ela. Deus sabia, ela tinha que sentir isso. Seu pênis era uma crista de aço entre eles, suas veias pulsando com o rufar de uma exigência para tê-la. Para reivindicá-la.

— Gideon, eu não posso. — Ela se afastou e respirou hesitantemente. Seu punho se aproximou de sua boca, pressionando contra seus lábios brilhantes e inchados pelo beijo. — Desculpe-me, não posso fazer isso. — Sussurrou entrecortadamente. — Eu não posso começar a querer algo que parece tão bom quando tudo ao meu redor parece tão terrivelmente errado. Estou tão confusa.

Inferno, ele estava. A confusão era um sentimento totalmente desconhecido para ele. Esta mulher o tinha tirado de seu eixo no momento em que a conheceu, suas tiradas de raciocínio rápido na biblioteca, a atração intensa que também trazia, só por estar perto dela.

Ele não tinha ido olhá-la em seu apartamento a fim de seduzi-la, mas agora que a beijou, a queria. Isso era ruim. Seu beijo deixou um desejo feroz batendo em seu interior pela primeira vez em mais anos do que se importava de lembrar. Custou todo o seu autocontrole resfriar o martelar de seu pulso a fim de garantir que o âmbar de seus olhos se extinguisse antes de encontrar seu olhar. Convencer as presas a retornarem ao seu estado humano, antes de tentar falar.

Savannah soltou um suspiro.

— Eu nunca estive tão confusa em toda a minha vida. E você está certo, Gideon. Eu estou com medo.
— Ela parecia tão vulnerável e doce. Tão só. — Estou com medo estar ficando louca.

Ele se aproximou, deu uma sacudida leve de sua cabeça.

— Você não parece louca, para mim.

— Você não sabe. — Respondeu ela, com a voz calma. — Ninguém sabe, exceto Amelie.

— Ninguém sabe o que, Savannah?

— Isso, eu... vejo as coisas. — Ela deixou a declaração ficar entre eles por um longo momento, com o olhar em busca de seus olhos, observando uma reação em seu rosto. — Eu vi o ataque a Rachel. Vi como ela foi assassinada. Vi... o monstro que fez isso.

Gideon manteve-se imóvel diante da menção da palavra monstro. Ele manteve sua expressão neutra, um show de calma cuidadosamente educada e compreensão paciente, apesar de que seus instintos da raça estavam em alerta máximo, alarmando como sinos que retinem.

— O que você quer dizer, você viu a morte de sua amiga? Você estava lá?

Ela balançou a cabeça lentamente.

— Eu a vi depois, quando encontrei uma das pulseiras de Rachel fora do escritório do Professor Keaton. Ela a estava usando naquela noite. Toquei a pulseira, e ela mostrou-me tudo. — Ela apertou os lábios, como se não tivesse certeza se deveria ir em frente. — Não posso explicar como ou por que, mas quando eu toco um objeto... posso ver um vislumbre de seu passado.

— E quando você tocou a pulseira, viu a morte de sua amiga.

— Sim. — Savannah olhou-o com uma expressão muito sábia. Desolada por um escuro conhecimento inabalável. — Eu vi Rachel ser assassinado por algo desumano, Gideon. Parecia um homem, mas não poderia sê-lo. Não com presas afiadas e terríveis olhos amarelos brilhantes.

Santo. Sangrento. Inferno.

Esquecendo o fato de que ela tinha acabado de confessar ter uma habilidade extrassensorial poderosa — algo que muitos mortais falsificavam, mas muito poucos realmente possuíam — era a outra revelação de Savannah que apertou friamente as veias de Gideon enquanto ela falava.

Quando ele não respondeu de imediato, Savannah soltou uma risada sem humor.

— Agora, você acha que eu sou louca.

— Não. — Não, não achava que ela era louca. Longe disso. Era inteligente e bonita, uma centena de anos de sabedoria naqueles olhos castanhos que ainda não tinham visto nem vinte anos de vida. Ela era extraordinária, e agora Gideon se perguntava se havia algo mais em Savannah que ainda tinha que entender.

Mas antes que ele pudesse fazer as perguntas — perguntas sobre o seu talento especial e se seu corpo trazia quaisquer marcas de nascença incomuns — ela se afastou dele e a resposta estava bem ali na sua linha de visão. Uma pequena marca vermelha em seu ombro esquerdo, apenas parcialmente visível sob a alça fina de sua blusa branca. Era inconfundível: uma lágrima caindo na base de uma lua crescente.

Savannah não era meramente humana.

Ela era uma Companheira da Raça.

Ah, foda! Isso não era bom. Não era nada bom. Havia um protocolo a ser observado quando descobrissem mulheres como Savannah vivendo entre o público Homo Sapiens em geral. Esse protocolo certamente não incluía sedução ou duplicidade, duas coisas entre as quais Gideon estava atualmente oscilando como um homem em um fio de alta tensão.

— Desde que eu obviamente o deixei mudo com a minha instabilidade mental, — continuou ela, enquanto sua perda atípica de palavras ou uma solução rápida a iludiu — então eu poderia muito bem dizer-lhe sobre a outra visão. Havia uma espada na coleção de História da Arte, uma espada muito antiga. O único item que desapareceu na outra noite. Toquei essa espada recentemente também, Gideon. — Ela virou-se para olhá-lo. — Ele me mostrou o mesmo tipo de criatura — um grupo delas, na verdade. Usando a espada, mataram um par de meninos há muito tempo. Nunca tinha visto algo tão terrível. Não até que vi o que aconteceu a Rachel. Eu sei que você provavelmente não acredita em nada disso...

— Eu acredito em você, Savannah. — Sua mente se agitava pelas implicações de tudo o que ele estava ouvindo, tudo o que estava vendo nesta assustada, mas franca, espécime do sexo feminino. — Eu acredito em você, e quero ajudá-la.

— Como você pode ajudar? — Ele ouviu o desespero batendo em sua voz agora. Ela estava exausta e emocionalmente esgotada. Ela flutuou até o sofá flácido e caiu sobre ele dobrada sobre os joelhos, e segurou a cabeça entre as mãos. — Como alguém pode ajudar com algo parecido com isso? Quero dizer, não há nenhuma maneira possível de que o que vi seja real. Isso não faz nenhum sentido, né?

Que Deus o ajudasse, ele quase deixou escapar a verdade para ela, ali mesmo. Ele queria explicar a confusão, ajudá-la a encontrar o sentido de tudo o que a deixou tão angustiada e incerta.

Mas ele não podia. Não tinha esse direito.

A Ordem precisava ser informada da existência de Savannah. Como um guerreiro — inferno, como qualquer outro membro da Raça — era o dever de Gideon ver essa mulher introduzida suavemente em seu mundo e em seu lugar nele, ela deveria escolher participar. Não cair descuidadamente em seu pior.

— O que eu vi não faz sentido. — Ela murmurou. — Mas talvez eu devesse ir à polícia e dizer-lhes, de qualquer maneira.

— Você não pode fazer isso, Savannah. — Suas palavras saíram muito rápido, com muita força. Era uma ordem, e ele não poderia levá-la de volta.

Ela levantou a cabeça, em seguida, com a testa franzida em uma carranca.

— Eu tenho que dizer a alguém, não é?

— Você o fez. Você me disse. — Ele se aproximou, sentou-se ao lado dela no sofá. Ela não vacilou ou se retirou quando ele colocou a mão em suas costas e acariciou-a lentamente. — Deixe-me ajudá-la a passar por isso.

— Como?

Ele estendeu a mão livre para acariciar a curva de veludo de sua bochecha.

— Por enquanto, eu só preciso que você confie em mim o quanto puder.

Ela sustentou o olhar por um longo momento, então deu um aceno de cabeça e se enrolou em seu abraço. A cabeça repousava sobre seu coração, seu corpo esbelto aninhado próximo, quente e suave em seus braços. Era uma luta manter seu desejo sob controle com Savannah pressionada tão docemente contra ele.

Mas ela precisava de conforto agora. Ela precisava se sentir segura. Ele poderia dar-lhe pelo menos isso, por enquanto.

Gideon a segurou quando ela caiu em um sono profundo em seus braços. Algum tempo depois, facilmente horas, levantou-se do sofá e levou-a carinhosamente a sua cama para que ela pudesse descansar mais confortavelmente.

Ele ficou até uma hora antes do amanhecer, olhando para ela. Certificando-se que ela estava segura.

Perguntando-se em que diabos ele estava se metendo.

Capítulo 08

— Diga para mim que isto é algum tipo de brincadeira maldita.

Lucan Thorne não estava satisfeito ao ouvir que Gideon deixou seu posto sem permissão na patrulha da noite. Ele ficou ainda menos entusiasmado ao descobrir onde Gideon gastou aquelas horas fora da grade.

— Uma maldita Companheira da Raça? Que diabo você estava pensando, cara? — O Gen Um líder da Ordem soltou uma maldição desagradável. — Talvez você não estivesse pensando. Não com seu cérebro, certamente. Só isto já é motivo de uma grande preocupação, se você quer saber. Você nunca perdeu de vista seu dever para com a Ordem, Gideon. Nem uma vez em todos estes anos.

— E eu não perdi de vista agora.

Ele estava sentado na sala de guerra com Lucan e Tegan, o Antigo radiava fúria e andava pela sala como um gato enjaulado. O outro estava se espreguiçando em uma cadeira de conferência no outro lado da mesa, mostrando menos que um ligeiro interesse na manhã de Gideon — confortável e batendo a caneta em cima de um caderno com notas de revisão da missão.

— Meu interesse nesta mulher não tem nada a ver com os interesses da Ordem. Eu disse a você, é pessoal.

— Exatamente meu ponto. — Os olhos cinza tempestuosos de Lucan estreitaram-se nele. — Interesses pessoais não têm nenhum lugar nesta operação. Interesses pessoais deixam as pessoas negligentes. Você fica negligente, você tem pessoas mortas.

— Eu posso lidar com isto, Lucan.

— Não é uma escolha sua, Gid. Você sabe o protocolo. Nós temos que deixar o Darkhaven saber sobre ela, deixe-os entrar nisto. Nós não fazemos trabalho diplomático. Por uma condenada boa razão.

— Ela testemunhou um da Raça assassinar um humano. — Gideon revelou. — A mulher acabou no necrotério depois do ataque a um dos professores da Universidade a outra noite. A menina morta era companheira de quarto de Savannah. Ela foi morta por um de nossa espécie.

A mandíbula de Lucan ficou ainda mais rígida.

— Você está certo disto? Você está dizendo que esta Companheira da Raça — Savannah — estava lá quando aconteceu?

— O dom dela, Lucan, é a psicometria. Ela toca um objeto e pode ver um pouco de seu passado. Assim foi como ela viu o assassinato de sua amiga.

— Ela disse isso a alguém? — Tegan falou lentamente de sua cadeira no fim da mesa.

— Não. Só para mim. — Gideon respondeu. — Eu gostaria de manter isto assim, para sua própria segurança e da nossa espécie inteira. E isto não é tudo que ela viu com seu dom.

Ambos os guerreiros Gen Um olhando fixamente para ele agora.

— Esta merda pode ficar pior? — Lucan rosnou.

— Durante o ataque, existia uma espada tirada dos arquivos de História de Arte da Universidade. Uma espada a qual é muito familiar para mim, porque ela era a marca dos Rogues e estão ligados aos meus jovens irmãos e à noite que eles foram sacrificados no Darkhaven de nossa família em Londres. — Gideon pigarreou, ainda saboreando a fumaça que perdurou por meses depois que o estábulo queimou. — Savannah tocou esta espada também. Ela viu os Rogues e o que eles fizeram para minha família. Eu nunca mais pensei naquela espada maldita novamente, até agora. Até que eu percebi que ela tinha aparecido em Boston, cerca de trezentos anos mais tarde.

Tegan grunhiu.

— Apareceu, só para desaparecer novamente.

— Está certo. Eu preciso saber quem tem aquela espada agora.

Tegan deu um vago aceno com a cabeça, seu cabelo longo caindo em seus olhos, mas não o bastante para mascarar a intensidade de seu olhar duro de um verde precioso.

— Você pensa que existe uma conexão entre a espada estar aqui em Boston e os assassinatos de seus irmãos séculos atrás.

— É uma pergunta que precisa ser respondida. — Gideon disse. — E eu não posso fazer isso a menos que Savannah possa identificar o macho da Raça responsável pelo ataque na Universidade.

— Que tal a outra vítima, a pessoa que sobreviveu? — Lucan disse. — É outra testemunha em potencial que estava realmente lá e sobreviveu para contar.

Gideon agitou sua cabeça.

— Ele está ainda hospitalizado, em estado crítico. O tempo que levaria para se recuperar o suficiente para algum interrogatório privado e a memória necessária retornar, Savannah já poderia ter me dado tudo que preciso.

Embora Lucan não dissesse nada, Gideon podia ver a suspeita nos olhos agudos do Gen.

— Você está arriscando-se demais, ficando perto desta fêmea. Ela é uma Companheira da Raça, Gideon. Isso poderia estar certo para sujeitos como Con e Rio, mas não para alguns de nós. — Ele olhou para Tegan, atrás para Gideon. — Nós somos os membros mais antigos desta operação agora. Nós somos o núcleo. Nós temos passado por merda o suficiente para saber que relações, laços de sangue, não se misturam bem com a guerra. Alguém sempre sai machucado no fim.

— Eu não estou procurando por uma companheira, porra. — A resposta do Gideon era afiada, soando muito defensiva, até para suas próprias orelhas. Ele exalou um juramento maduro. — E eu não tenho nenhuma intenção de machucá-la.

— Bom. — Lucan disse. — Então você não terá nenhum problema quando eu mandar um dos Darkhavens encontrar a fêmea em seu lugar e levá-la em sua custódia protetora enquanto ela será educada para acelerar seu conhecimento da Raça e seu lugar em nosso mundo.

Gideon eriçou, levantando-se de sua cadeira para enfrentar seu velho amigo e chefe da Ordem.

— Colocá-la em transe e enviá-la com um dos líderes do Darkhaven de Boston? Nenhuma chance. Ela é só uma criança assustada e confusa, Lucan.

— Você não está agindo como se ela fosse apenas uma criança. Você está agindo como se você fosse o responsável por esta fêmea. Como se você tivesse mais que um interesse passageiro.

Cristo, ele estava? Gideon quis refutar a acusação, mas as palavras se sentaram como chumbo frio na parte de trás de sua garganta.

Ele não tinha intenção de sentir qualquer coisa por Savannah. Ele estava certo como inferno que não esperava sentir o súbito e violento pico de posse sobre ela com a mera ideia de ir embora, deixando sua segurança e bem-estar aos cuidados de um civil da Raça.

Nem podia imaginar o dia em que ele estaria em pé contra Lucan Thorne acima de qualquer comando direto, um comando que Gideon sabia em seu íntimo que era o certo para Lucan fazer. Por causa de Savannah, nada mais.

Lucan fixou um olhar sombrio em Gideon.

— Ela está lá fora agora mesmo, caminhando ao redor com a palavra vampiro na ponta de sua língua. A quantas pessoas você pensa que ela dirá antes de nós termos a chance de contê-la? Ela disse a você, pelo amor de Deus. E se ela disser à polícia?

— Ela não dirá. — Gideon disse, desejando que ele acreditasse nisto. — Eu disse a ela que a ajudaria a entender tudo. Eu disse a ela que poderia confiar em mim.

— Confiar em você? Ela acabou de te conhecer. — Lucan assinalou. — Ela tem amigos a quem possa contar? Colegas? Família?

Gideon movimentou a cabeça.

— Uma irmã na Louisiana. Eu não sei sobre ninguém mais. Mas posso descobrir. Eu posso cuidar de quaisquer linhas soltas. Eu quero poder explicar tudo para Savannah. Depois de ontem à noite, eu devo isto a ela.

Lucan grunhiu, sua expressão dura, não convencido.

Gideon avançou.

— Eu quero saber o que a espada que foi usada para matar meus irmãos está fazendo aqui em Boston. Eu quero saber o porquê. Eu diria que a Ordem gostaria desta resposta também, por que o filho de uma cadela assassinou um humano para pegar isto e deixou outro próximo da morte.

— Nós não podemos deixá-la lá fora sozinha, Gid. Seu conhecimento é uma ameaça para toda a Raça. Também é uma ameaça para ela, se a pessoa que matou sua companheira de quarto de alguma maneira souber da existência de uma testemunha e voltar suas atenções para Savannah.

As veias de Gideon gelaram ao simples pensamento. Ele estriparia qualquer macho da Raça que tentasse tocá-la com intenção de prejudicá-la.

— Eu não vou deixar ninguém machucá-la. Ela precisa ser protegida.

— Concordo. — Lucan disse. — Mas isso significa dia e noite, algo que nós não podemos cumprir já que ela está vivendo entre a população humana. E nós, certo como inferno, não traremos uma fêmea civil aqui para o complexo. — Lucan olhou fixamente, um tendão contraindo-se em seu maxilar quadrado. — Você quer iniciá-la sobre a Raça e nosso mundo, muito bem. Eu darei a você isto. Você quer ver se seu

talento pode nos ajudar a identificar o bastardo que atacou aqueles humanos na outra noite, isto é seu também.

Gideon movimentou a cabeça, agradecido pela chance e mais aliviado do que ele deveria estar na perspectiva de ter Savannah confiada aos seus cuidados.

Lucan pigarreou intencionalmente.

— Você a trará rapidamente. Você a questionará. Mas você fará tudo isto dentro do abrigo seguro de um Darkhaven local. É o melhor lugar para ela agora mesmo, Gideon. Você sabe isto.

Ele sabia. Mas isso não significava que ele tinha que gostar disto.

E ele não gostava disto.

No momento, ele não via quaisquer opções melhores.

— Eu farei alguns telefonemas. — Lucan disse. — Este plano entra em movimento hoje à noite.

Gideon permaneceu em pé, seu maxilar rígido, com seus punhos fechados ao longo do corpo enquanto o líder da Ordem deixava a sala. Tegan levantou de sua cadeira um momento mais tarde. Ele foi em direção a Gideon, estudando-o com aqueles olhos ilegíveis. Ele segurou algo em sua mão, um pedaço de papel dobrado, rasgado do caderno que estava sobre a mesa ao lado da caneta que ele estava brincando durante a reunião improvisada.

— O que é isto? — Gideon disse quando o grande Gen Um ofereceu o papel dobrado para ele.

Tegan não respondeu.

Ele andou a passos largos para fora da sala de guerra em direção ao corredor, sem uma palavra.

* * *

No dia seguinte, ao meio-dia, o campus da Universidade estava lotado com alunos, pessoas acomodadas em grupos pequenos debaixo de carvalhos altos, copas de árvores frondosas, comendo os lanches empacotados, outros praticando esportes nos gramados largos, verdes. Parecia que praticamente todo mundo estava aproveitando um dia de outubro ensolarado e morno. Uma foto instantânea bonita de um mundo que parecia tão inocente. Tão... normal.

Savannah caminhou, as pessoas passando tagarelando, rindo, colegas despreocupados, apressando seus passos na calçada de concreto, seus braços embrulhados firmemente ao redor sua bolsa e livro.

Ela tinha acabado de sair de uma reunião com seu conselheiro acadêmico, que deu sua autorização para uma pequena licença de suas aulas. Ela estava indo para casa em breve, partindo em poucas horas. Embora ela tivesse dito ao conselheiro que esperava retornar às aulas em poucas semanas, depois que lidasse com alguns — assuntos pessoais —. Savannah estava certa que não existiria tempo suficiente no mundo para entender tudo que havia visto durante os últimos dias.

Ainda se perguntava se de alguma maneira não estaria perdendo a razão. Gideon não pareceu achar isso na noite anterior. Tinha sido incrivelmente doce da parte dele ir verificá-la, preocupado com o fato de ela dizer que estava doente no trabalho. Seu conforto, embora totalmente e inesperado e sem ser convidado, tinha sido tudo o que ela precisava.

Seu beijo não tinha sido nem um pouco ruim. Mais sim, incrível. Ela não estava preparada para o quão bom foi sentir estar em seus braços, sua boca sob seu controle. Se ela se concentrasse, ainda podia sentir o calor de seus lábios contra os dela. E seu corpo lembrava-se também, cada terminação nervosa aquecendo e formigando com apenas o pensamento de estar abraçada a ele.

Se Gideon fosse um homem inferior, poderia ter usado seu estado emocional abalado para tirar vantagem ontem à noite e tentar entrar em suas calças. Deus sabia, que depois do beijo que eles haviam compartilhado, provavelmente não teria precisado convencê-la a deixá-lo ir mais longe.

Ela realmente sonhou que ele havia ficado durante a maior parte da noite. Mas não existia nenhum sinal dele quando acordou só esta manhã em sua cama, ainda vestida com seu top e calça jeans.

Ela o veria novamente?

Provavelmente não. Ela não tinha nenhuma ideia de como achá-lo. Nenhuma ideia de onde ele vivia, ou o que fazia para viver. Ela nem mesmo sabia seu nome completo. De alguma maneira, desde a primeira vez que o encontrou, casualmente, ele conseguiu evitar revelar qualquer coisa sobre si mesmo, além de obviamente ser culto e bem educado.

Sem mencionar que era extremamente paciente e compreensivo em se tratando de mulheres histéricas falando sobre coisas sobrenaturais, habilidades extrassensoriais e criaturas sobrenaturais que possivelmente não podiam existir a não ser em romances e filmes de terror.

Gideon tinha sido mais que paciente e compreensivo, de fato. Ele havia sido uma fonte de tranquilidade para ela, mais apoio do que poderia ter esperado. Uma parte sua acreditou quando ele disse que poderia ajudar a entender tudo. Que ele queria ajudá-la a entender o que disse a ele, embora interiormente ele pudesse suspeitar que ela estivesse mais que um pouco tocada.

Existia uma parte dela que acreditava que Gideon era capaz de qualquer coisa que quisesse, qualquer coisa que promettesse. Ele simplesmente projetava aquele ar de total e absoluto comando. Ele enchia qualquer lugar em que estivesse, irradiava um poder indefinível. Seus olhos azuis inteligentes diziam a qualquer um que olhasse neles que possuía a genialidade e a experiência de um homem com duas vezes sua idade.

Só que, qual a idade dele, de qualquer maneira?

Savannah mentalmente o colocou ao redor de trinta, mas ela não podia estar certa. Ele não respondeu quando perguntou sua idade naquela primeira noite na biblioteca. Ele pareceu muito vivido, muito sábio de alguma maneira, para ser apenas dez anos mais velho que ela. Ele tinha que ser muito mais velho, certamente, ainda que seu rosto não tivesse nenhuma linha, nenhuma cicatriz ou marcas para traí-la sua idade.

E seu corpo... Parecia construído de músculo firme e osso forte, inquebrável. Eterno, como tudo sobre ele.

E agora que ela estava pensando sobre isto, existia algo friamente, esquisitamente familiar sobre Gideon também. Ela olhava para ele e sentia uma fagulha em seus sentidos, como se eles tivessem se encontrado em algum lugar antes, entretanto era impossível.

Apesar do entusiasmo de seus instintos ou outras partes de sua anatomia — fora o quanto foi bom a primeira vez que encontrara Gideon há duas noites na Abbey, Biblioteca Pública de Boston. Até duas noites

atrás, ele havia sido um estranho para ela. Um estranho que não merecia ter seus problemas, reais ou imaginários, despejados sobre ele.

Foi por isso que Amelie ligou naquela manhã, para dizer a Savannah que havia comprado uma passagem de ônibus para casa, e que estaria na estação esperando-a mais tarde, naquela noite. Savannah concordou, provavelmente era melhor retornar ao Louisiana durante algum tempo.

Ela teve mais um compromisso para cuidar no campus, então estaria voltando para seu apartamento para terminar de empacotar tudo. Desejou que existisse um modo de ver Gideon antes de partir, pelo menos dizer adeus. Talvez uma breve passagem na biblioteca na esperança que ele pudesse estar lá esta tarde novamente, ela não tinha meios de localizá-lo antes de ter que ir para a rodoviária hoje à noite.

Talvez a Sra. Kennefick soubesse mais sobre ele? Ela trabalhara na ala de registros de biblioteca toda sua vida; se Gideon era um protetor, talvez Sra. Kennefick pudesse dar a Savannah seu nome ou endereço completo. Era um lugar para começar, de qualquer maneira. Savannah podia chamar e perguntar assim que ela empacotasse tudo no departamento inglês.

Com pensamento deixando uma esperança correr por suas veias, Savannah dificilmente notou o Firebird branco atrás dela, andando lentamente na rua paralela a ela na calçada. A janela de passageiro lateral foi aberta lentamente, a música de discoteca saindo do carro.

Aborrecida, Savannah olhou, piscando na luz solar quando o motorista reduziu sua velocidade até acompanhar seus passos.

Ele era a última pessoa que esperava ver hoje.

— Professor Keaton?

— Savannah. Como você está?

— Eu? — Ela perguntou, incrédula. Ele freou para uma parada e debruçou através das cadeiras conforme ela se curvava para ter um olhar mais atento sobre ele. — Eu estou bem, mas que tal você? O que você está fazendo fora do hospital? Eu ouvi que você não sairia por uma semana ou mais.

— Tive alta na última hora. Agradeça a Deus pelo milagre da medicina moderna. — Seu sorriso pareceu fraco, não alcançando seus olhos. Ele pareceu pálido e abatido, sua pele bronzeada um tanto quanto feita de cera contra a cor escura de seu bigode e sobrancelhas grossas. Ele parecia desfigurado e exausto, como se vindo de um fim de semana de farra em festa rave.

E não admira — duas noites atrás o homem tinha sido arrastado inconsciente para a UTI. Agora ele estava atrás do volante de seu possante carro com Barry White cantando através dos autofalantes. Ela caminhou em direção ao carro e debruçou-se para conversar com ele pela janela de passageiro.

— Você tem certeza que deveria estar dirigindo? Você quase morreu na outra noite, Professor Keaton. Parece apenas que depois de tudo que você passou...

Ele a olhou firme, sua expressão sóbria agora.

— Eu não deveria estar aqui, é isso que você quer dizer, Savannah? Eu não deveria estar vivo quando sua amiga está morta.

— Não. — Ela agitou sua cabeça, envergonhada por sua desajeitada escolha de palavras. — Eu não quis dizer isto. Eu nunca pensaria isto.

— Eu tentei protegê-la. Eu tentei salvá-la, Savannah. — Ele soltou um suspiro comprido. — Não existia nada que eu pudesse fazer. Eu espero que você acredite em mim. Espero que você possa me perdoar.

— Claro. — ela murmurou. — Eu estou certa que você fez tudo que podia. Ninguém poderia culpá-lo pelo que aconteceu a Rachel.

Enquanto ela falava para tranquilizá-lo, não podia evitar a imagem do rosto do monstro se formando em sua mente. As presas horríveis. O negro de seus olhos. Ficou gelada com a memória, um arrepio profundo correndo por sua coluna.

E ainda Keaton parecia estranhamente inalterado. Ele parecia de alguma maneira, intocado pelo terror que ele passou naquela noite. Calmamente aceitando o milagre de sua sobrevivência de um ataque por algo inumano, infernal. Como qualquer um que não soubesse verdadeiramente a profundidade do horror que suportou, ou ele estava escondendo isso dela.

A menos que o dom de Savannah não estivesse certo. Nunca tinha estado completamente em seu controle, mas talvez estivesse se tornando incerto. Talvez ela não esteja ficando louca afinal. Talvez ela estivesse simplesmente perdendo a compreensão de uma habilidade que tentou por tanto tempo manter em segredo do resto do mundo.

— Eu não posso imaginar o quão terrível a experiência deve ter sido para você, Professor Keaton. Para ambos, você e Rachel. — Ela o olhou mais atenta, procurando por quaisquer rachaduras em seu comportamento. — Enquanto você estava tentando salvar sua vida, conseguiu um vislumbre do atacante?

— Sim. — ele respondeu, sem piscar. — Eu consegui um breve olhar, logo antes de ficar inconsciente.

A respiração de Savannah congelou em seus pulmões.

— Você disse a alguém?

— Claro. Eu disse a polícia esta manhã, quando vieram me ver no hospital quando eu estava recebendo alta.

Savannah tragou, incerta se queria ouvir seu terror narrado por outra pessoa.

— O que você disse a eles, Professor Keaton?

— Eu disse a eles o que eu vi. Um vagabundo que provavelmente vagava pela rua, procurando por algo de valor para conseguir dinheiro para droga. Rachel e eu o surpreendemos, e ele nos atacou como um animal selvagem.

Savannah escutou, incapaz de falar por um momento. Não fazia sentido. Não, com o vislumbre que teve da pulseira de Rachel, fazia menos sentido, mas ela podia dizer que Keaton estava mentindo.

— Você está certo sobre isto? Você está certo que era um vagabundo, e não... outra pessoa?

Keaton riu então, uma pequena pontada de humor. Ele desligou o rádio abruptamente, seus movimentos muito rápidos.

— Se eu estou certo? Eu era o único lá para ver o que aconteceu. Claro, que estou certo. Sobre o quê é isso tudo, Savannah? O que está acontecendo com você?

— Nada. — Ela agitou sua cabeça. — Eu estou só tentando entender o que aconteceu.

— Eu disse a você. — Ele se debruçou mais sobre o assento do passageiro, agarrando a maçaneta. — Onde você está indo, afinal?

— Departamento inglês. — ela respondeu rigidamente, uma sensação inexplicável de mal estar se espalhando por ela. — Eu tenho que conversar com meu professor sobre levar para casa um pouco de trabalho comigo em minha licença.

— Você está deixando a escola? — Ele soou surpreso, mas seu rosto permaneceu esquisitamente inalterado, em branco e ilegível. — É por causa do que aconteceu?

— Eu só preciso ir. — Ela se afastou da porta, cuidadosa em manter seus passos sutis e sua voz firme enquanto pensava em formular uma mentira protetora. — Existem alguns problemas em casa agora mesmo, e minha família precisa de mim lá.

— Entendo. — Keaton movimentou a cabeça. — Eu estou certo que você ouviu que o enterro de Rachel será em Brookline neste final de semana. Eu sei que você está sozinha em Boston, então se você quiser, eu poderia levá-la.

— Não, obrigada. — Ela já havia ouvido sobre o funeral, claro, e já havia dado suas condolências e sentimentos para mãe de Rachel quando a mulher ligou perturbada para avisá-la sobre a data e a hora do sepultamento. — Eu estou indo hoje à noite para Louisiana. Eu já estou com minha passagem de ônibus reservada e esperando por mim.

— Então, até breve. — ele observou. — Bem, então, pelo menos me deixe dar-lhe carona até o Departamento Inglês. Nós poderemos conversar um pouco mais sobre tudo a caminho.

A inquietação de Savannah sobre ele aumentou. Não existia nenhum modo no inferno que ela se aproximaria dele pelo modo que ele estava agindo.

— Eu estou atrasada, sabe como é. Será mais rápido se eu atravessar o campus a pé. — Ela forçou um sorriso casual. — Mas obrigada por oferecer, Professor Keaton. Eu realmente preciso ir agora.

— Fique à vontade. — ele disse, então ligou o rádio novamente. — Vejo você por aí, Savannah.

Ela deu a ele um aceno com a cabeça enquanto retrocedia para a segurança da calçada e as centenas de alunos ao redor em sua pausa de almoço. Savannah olhava enquanto Keaton ia embora.

Quando ele estava longe da vista, seu carro branco desaparecendo sobre outra parte de campus, ela soltou a respiração que não percebeu que estava prendendo. Então ela virou na direção oposta e correu como se o diabo estivesse em seus calcanhares.

Capítulo 09

Savannah se sentou na beirada do lado duro da mala no terminal de ônibus da Estação Sul, seu joelho direito tremendo com reação nervosa. Seu ônibus estava atrasado. Ela foi até a estação umas horas antes naquela noite, ansiosa para estar a caminho de casa. Até desesperada.

Seu encontro perturbador com o Professor Keaton abalou-a completamente, mas foi seu telefonema para a biblioteca, depois que ela chegou em casa, que realmente agravou o estado de confusão e mal-estar crescente de Savannah.

A Sra. Kennefick não foi capaz de ajudar Savannah a localizar Gideon. Oh, ela se lembrou do grande homem loiro de couro preto que apareceu na outra noite perguntando por Savannah.

— Difícil não notar um homem como ele. — ela disse, a declaração do ano. — Ele não é exatamente a clientela típica da biblioteca.

Não, não havia nada típico sobre Gideon afinal. Exceto o fato de que ele era homem e aparentemente perito em mentir na cara de uma mulher. Porque quando perguntou à Sra. Kennefick se contou a Gideon onde Savannah morava, a mulher mais velha rejeitou a ideia.

— Não, claro que não, querida. Nunca se é cuidadosa demais nestes dias, é triste dizer. Mas ele me disse que era um amigo seu. Espero que eu não tenha me excedido quando o informei que você ligou dizendo que estava doente.

Savannah tranquilizou amavelmente sua idosa supervisora de que não fez nada errado, mas por dentro estava repleta de dúvidas a respeito de tudo. Agora tinha que por Gideon naquele rolo também. Se a Sra. Kennefick não o enviou ao apartamento de Savannah, como ele a encontrou? E por que a deixou pensar que chegou ao seu endereço através de meios honestos?

Nada mais estava fazendo sentido para ela. Não podia deixar de se sentir desconfiada de tudo e de todos, como se seu mundo inteiro estivesse se desviando do caminho da realidade.

Ela precisava de uma boa dose de lar para se ajustar, colocar sua vida de volta nos eixos. Ajudá-la a colocar tudo em seu devido lugar novamente. Estava ansiosa pela boa comida de Amelie, e seu ombro quente e macio para se apoiar.

Se apenas o maldito ônibus chegasse aqui.

Vinte minutos atrasado agora. A noite tinha caído recentemente do lado de fora da estação. O horário do rush da noite encheu o lugar com passageiros correndo para seus trens e ônibus enquanto fumaça de escapamento era expelida através de portas abertas e anúncios ilegíveis de endereços públicos gritados praticamente de maneira incompreensível dos autofalantes do teto.

Mal chegavam, os passageiros iam novamente, deixando Savannah e alguns outros dispersos esperando um tempo aparentemente interminável por algum sinal de que eles realmente conseguiriam sair da estação esta noite. Ela levantou-se com um bocejo profundo, justamente quando os autofalantes da estação voltaram à vida e grasnaram algo indecifrável sobre o ônibus para Louisiana.

Savannah pegou sua mala e correu para um dos atendentes do balcão.

— Perdi o anúncio agora mesmo. Será que disseram quanto tempo vai demorar antes do ônibus para New Orleans começar a embarcar?

— Dez minutos.

Finalmente. Tempo apenas suficiente para encontrar um banheiro e então estaria a caminho afinal. Savannah agradeceu o atendente, em seguida dirigiu-se para o banheiro feminino mais distante do terminal com a bagagem na mão. A mala volumosa fazia-a caminhar desajeitada. Tão desajeitada, que quando se aproximou do banco dos banheiros e telefones públicos, quase tropeçou no pé enorme de um morador de rua acomodado na alcova nas sombras bem do lado de fora da porta do banheiro feminino.

— Com licença. — ela murmurou quando percebeu que bateu nele.

Ele não pareceu se importar. Ou talvez nem estivesse ciente dela afinal, desmaiado ou dormindo, ela não podia dizer. O homem com um moletom da marinha esfarrapado e calças de trabalho imundas nem sequer levantou a cabeça. Savannah não podia ver seu rosto. Cabelo comprido e sujo pendia por cima de sua sobancelha e caía pelo queixo.

Savannah tentou controlar melhor sua mala e contornou aquele corpanzil imóvel para ir ao banheiro.

* * *

Gideon sabia que Savannah não estava em casa antes mesmo de bater na sua porta. Nenhuma luz acesa ali dentro. Nenhum som. Nenhum brilho revelador pelas paredes quando a procurou com o dom da sua visão.

— Merda.

Talvez devesse ter tentado a biblioteca primeiro, em vez de verificá-la em casa. Mas mesmo quando considerou a rapidez com que poderia atravessar a cidade para procurar por ela lá, foi tomado por um sentimento de pavor.

Savannah não teria deixado Boston... teria?

Afinal, aquela foi a intenção dela na noite passada. Pensou que poderia tê-la convencido a ficar e deixá-lo ajudá-la, mas o que deu a ela para se agarrar? Um beijo quente e uma vaga promessa que ele podia de alguma forma, milagrosamente, tornar tudo melhor?

Porra. Ele era um idiota em pensar que ela ficaria com aquele frágil incentivo. Não podia culpá-la se acabasse arrumando a mala e partisse para a Louisiana assim que ele rastejou para fora da sua cama doze horas atrás.

Ele não podia tê-la perdido tão facilmente.

Ele não a deixaria partir tão facilmente, droga. E aquela reivindicação tinha menos a ver com os objetivos da Ordem ou o protocolo Darkhaven do que ele queria admitir, até para si mesmo.

Se Savannah partisse, iria atrás dela.

Gideon agarrou a maçaneta com um aperto mortal. Trancada.

Ele era bastante forte; poderia ter arrancado a maldita coisa com seu punho. Mas também era da Raça, e isso significava que não tinha que recorrer às táticas de homem das cavernas quando tinha mais ferramentas furtivas ao seu comando.

Mentalmente liberou as duas trancas das fechaduras. A porta escancarou e Gideon deslizou dentro do apartamento. Uma rápida verificação no quarto disse-lhe que suas piores suspeitas estavam corretas.

A mala de Savannah se foi. No pequeno armário apertado, um monte de cabides vazios.

— Droga. — Ele rosnou, espreitando para fora até a sala onde a beijou na noite passada, segurou-a nos braços enquanto ela dormia de encontro a ele no sofá. Olhou por todo lado, procurando por qualquer coisa... uma pista que pudesse levá-lo até ela.

Concentrou-se em um bloco de notas deitado ao lado do telefone da cozinha. Riscou, mais do que caminhou, atravessando o lugar para pegar a nota. Em uma caligrafia vibrante e cheia de curvas alguém anotou Estação Sul, seguido por um número e um horário. Um horário de ônibus.

A partida de Savannah para New Orleans.

Ela estava partindo.

E se o horário fosse exato, ela já estava a caminho.

Foi há mais de vinte minutos.

Gideon voou para fora dali de qualquer maneira, determinado a alcançá-la. Ele saiu a pé, sua genética da Raça levando-o muito mais rápido do que qualquer veículo feito pelo homem podia.

Ele não era nada além de ar frio sobre os humanos por quem passava, seus pés voando acima do pavimento e pelo trânsito engarrafado nas ruas, acelerando em direção à Estação Sul.

* * *

Savannah posicionou sua mala ao lado do dispensador de papel toalha no banheiro vazio e deu um passo para o meio da cabine do sanitário. Deslizou a trava bamba no lugar, ouvindo o ruído suave da porta de entrada oscilar quando alguém entrou no banheiro feminino alguns segundos atrás dela. Esperançosamente alguém que não pensasse que sua maltratada mala American Tourister valesse a pena ser roubada.

Ela estava prestes a abrir o zíper de sua calça jeans, até que o banheiro ecoou com o som súbito de metal raspando fortemente em concreto. Como se alguém estivesse arrastando o lixo transbordante pelo chão do banheiro. Era o zelador entrando para limpar?

— Oi? Tem alguém aqui agora. — Ela gritou.

E então desejou ter mantido sua boca fechada porque ninguém respondeu.

O banheiro ficou muito quieto, nada além do fio de água suave gotejando em uma das pias brancas entupidas fora da cabine. Savannah congelou, cada instinto animal que tinha ficou tenso com alarme.

Ela escutou, esperando pelo som da voz de alguém — um desajeitado pedido de desculpas pela intrusão, um pedido para que ela saísse logo para que o banheiro pudesse entrar em manutenção. Ela não ouviu nada. Estava ali sozinha.

Não, não estava sozinha.

Havia uma respiração áspera de boca aberta em algum lugar do outro lado da porta de metal instável. Botas pesadas arrastando no chão de concreto imundo. Pararam na frente de sua cabine.

Savannah reconheceu-as imediatamente.

Era o morador de rua que estava dormindo no terminal lá fora.

Uma onda de medo tomou conta dela, deixando sua pele formigando com arrepios, mas convocou o tom de voz mais ameaçador que possuía.

— É melhor sair daqui agora, imbecil, a menos que queira passar a noite na cadeia.

No meio do sussurro de sua respiração, uma risada. Baixa e maliciosa. Não muito sã. Talvez não bastante humana.

Oh, Deus.

Savannah engoliu em seco. Estava presa na cabine, não sabia se gritava e trazia outra pessoa para dentro do seu pesadelo ou permanecia em silêncio e rezava para que isto fosse apenas outro truque de sua mente enlouquecendo.

Pelo menos a ameaça estava do outro lado da porta. O painel de metal não era o mais resistente, mas estava trancado por dentro. Contanto que mantivesse aquela porta trancada entre eles, estava segura.

Mas por quanto tempo?

Ela teve a resposta um segundo depois.

Enquanto estava lá tremendo entre o sanitário e a porta, a fechadura começou a se sacudir sozinha.

* * *

A Estação Sul estava lotada de passageiros de um trem recém-chegado quando Gideon deslizou derrapando dentro do terminal. Embrenhando-se entre o mar de humanos que chegavam, alguns andando a passos largos evidentemente impacientes, outros vagando sem rumo, Gideon procurou pela placa com o horário e esquadrinhou as partidas do trem de Savannah para New Orleans.

Atrasado.

O que teria sido uma excelente notícia, exceto que a placa estava mostrando que o trem deixou a estação. Partiu apenas dois minutos atrás.

Gideon mal podia conter a necessidade de pôr seu punho em algo.

— Droga.

Considerou correr atrás do trem. Se ele não o alcançasse no caminho, as chances eram boas que o encontrasse em sua primeira parada ao longo do caminho. Então o quê? Subir a bordo e procurar Savannah entre os outros passageiros?

Qual seria a melhor tática assim que a encontrasse? Colocá-la em transe e levá-la para fora do trem enquanto tentava evitar ser visto por centenas de testemunhas? Ou chapar seu traseiro no assento ao lado dela e lhe dar um rápido resumo sobre as Companheiras da Raça, Renegados e outros vampiros gerados por alienígenas ali mesmo no Amtrak número 59 para New Orleans?

Cristo, que desastre.

Não que tivesse um montão de opções aqui.

Gideon se dirigiu mais profundamente no terminal, calculando mentalmente os resultados potenciais de ambos cenários menos do que ideais. Enquanto caminhava em direção a um corredor que levava aos portões de embarque, sentiu o cheiro de algo adocicado no corredor.

Inconfundível para seus sentidos da Raça, o mau cheiro de um Renegado em algum lugar nas proximidades.

Gideon deu uma olhada ao redor, procurando pela fonte do odor. Nada além de humanos na estação ao redor dele. Ainda assim, sua nuca arrepiou com a certeza. Seu olhar deslizou para um cone amarelo de manutenção na porta para o banheiro das mulheres atravessando o corredor. Ele andou a passos largos mais perto, e o odor desagradável de um vampiro feroz reforçado.

Seu talento penetrou na madeira e aço da porta de vai-e-vem, travando em um par de fontes de calor ali dentro. Um era enorme e corpulento. O outro, alto e esbelto, congelado no lugar diante da ameaça de frente para ela.

Ah, porra. Savannah.

O corpo inteiro do Gideon acendeu em uma raiva quente e feroz. Em um segundo ele estava no corredor do terminal, no próximo estava no banheiro público fechado, empurrando para passar pelo lixo virado e poder saltar no Renegado — exatamente quando o cabeça de merda estava prestes a invadir a cabine do sanitário para atacar Savannah.

Com um grunhido baixo, Gideon levantou o vampiro para longe de Savannah. Dirigiu a coluna do Renegado na parede de pia brancas e espelhos sujos no lado oposto do banheiro. Com o impacto uma das bacias velhas caiu no chão, quebrando com um baque pesado aos pés de Gideon. Água espalhou da torneira quebrada, silvando quase tão ferozmente quanto o vampiro feroz lutando para se livrar do aperto inabalável do Gideon.

O cabeça de merda grunhiu e rosnou, rangendo suas presas amareladas. Ele recendia a Sede de Sangue e a evidência acidificada de uma alimentação recente, mas seus olhos âmbar com as pupilas finas em formato de fenda mantinham a aparência de uma fera voraz ainda sedenta de sangue.

Que esta besta conseguiu chegar tão perto de Savannah — a meros segundos de tocá-la, mordê-la, perto o suficiente para matá-la — fazia as veias de Gideon pulsar com a necessidade de punir.

Estrifar o filho da puta que pretendia fazer mal a ela.

E ele teria se Savannah não esteve no banheiro para testemunhar isto.

Seu rosto aflito estava refletido no vidro rachado do espelho atrás do Renegado lutando ainda mais. Os escuros olhos de corça de Savannah estavam arregalados com terror, sua boca bonita caiu aberta em um grito silencioso enquanto olhava fixamente para Gideon e a besta presa entre ele e a parede do banheiro.

— Saia daqui. — Gideon disse a ela, pronto para acabar com o cabeça de merda e relutante em fazer isto na frente dela. — Espere por mim lá fora, Savannah. Você não quer ver isto.

Mas ela não se moveu. Talvez não pudesse. Ou talvez fosse a tenacidade da mulher, sua mente afiada e curiosa, que não cederia ao susto quando a necessidade de respostas era mais forte.

O Renegado resistiu e se debateu, tentando livrar-se de Gideon. Havia pouco tempo para hesitar. O barulho do terminal no lado de fora da porta do banheiro iria mascarar a maior parte dos sons de luta, mas

tinha que acabar com isto depressa antes que atraíssem atenção indesejada. Gideon puxou um de seus punhais longos da bainha embaixo do seu sobretudo preto.

Os olhos âmbar do cabeça de merda rolaram em direção ao movimento. A consciência de sua morte iminente atravessou a boca aberta em escárnio. Ele rugiu, uma mão imunda disparando ao lado dele, agarrando algum tipo de arma.

Ele não teve chance.

Gideon mudou seu aperto e trouxe seu punhal entre seus corpos. Com uma punhalada dura a lâmina afundou profundamente, mergulhando no centro do tórax do Renegado. O cabeça de merda congelou, arquejando rapidamente, as brasas gêmeas de seus olhos fixos em Gideon, o rosto medonho cedendo na derrota.

Gideon segurou o punhal no lugar enquanto o vampiro da Raça doente estremecia em torno do comprimento mortal da afiada lâmina de titânio.

A morte foi imediata. Gideon soltou o grande cadáver enquanto o titânio começou a se alimentar do Renegado, dissolvendo-o de dentro para fora. Em questão de minutos, o amontoado de carne e osso seria nada além de cinzas, então toda evidência de sua existência acabaria completamente.

Gideon virou para enfrentar Savannah.

— Você está ferida?

Muda, ela sacudiu sua cabeça.

— Gideon... quem era ele? O que era ele? — Ela respirou fundo de forma irregular. — Meu Deus, que diabo está acontecendo?

Gideon recolheu sua lâmina ensanguentada e foi até ela. Puxou seu corpo trêmulo debaixo de seu braço e ergueu suavemente seu rosto.

— Ele tocou em você?

— Não. — Ela murmurou. — Mas se você não estivesse aqui...

Ele a beijou, um breve roçar terno de sua boca contra a dela.

— Estou aqui. Mantereí você segura, Savannah. Confia em mim?

— Sim. — ela sussurrou. — Confio em você. — Ela perscrutou ao redor dele, para onde o Renegado morto estava rapidamente se desintegrando, roupa e tudo. — Mas não entendo nada disso. Como pode qualquer coisa disso ser real?

— Vamos. — Ele pegou a mão dela na sua. — Pode haver mais de onde esse veio. Nós temos que ir agora.

Ele a levou para fora do banheiro, de volta ao alvoreço da estação. Não foi até que estavam parados de pé na calçada no ar fresco da noite que Gideon percebeu que estava perdido sobre onde ir.

O apartamento de Savannah era do outro lado da cidade, a vários quilômetros de distância. Não que parecesse uma boa ideia levá-la até lá. Duvidava muito que o Renegado que a seguiu na rodoviária fosse uma coisa aleatória. Quem quer que colocou o cabeça de merda em sua trilha sem dúvida teria seu

apartamento sob vigilância também. E por mais que Gideon quisesse saber quem era, o bem-estar de Savannah era sua única preocupação agora.

O que deveria ter sido motivo suficiente para mandá-la ao Darkhaven mais próximo. Para ter certeza que esta seria a escolha mais lógica e pragmática. Mas lógica e pragmatismo podiam se foder neste exato momento, pelo que lhe dizia respeito.

Ele não estava pronto para arrancar Savannah para longe da situação horripilante e milhares de perguntas que precisavam de respostas, só para entregá-la ao braço diplomático da nação Raça. De fato, estava achando difícil imaginar um cenário onde estivesse pronto para entregá-la a outra pessoa e ir embora. Ele sentiu seus dedos suaves apertarem em torno de sua palma larga enquanto ela estava em pé ao lado dele na escuridão, esperando que ele fizesse sua escolha.

Confiando nele para mantê-la segura, como prometeu que faria.

Gideon olhou de relance dentro daquele olhar castanho aveludado e soube de repente que uma feroz onda de protecionismo surgiu nele. Mandá-la embora agora estava fora de cogitação. Era seu dever acompanhá-la em seu mundo gentilmente. Indignou-se com a ideia de deixar um estranho fora da Agência de Execução ou um civil entrar onde esta mulher estava em causa.

Sua mulher.

A reivindicação arrastou por cima dele de algum lugar no fundo do seu subconsciente, uma coisa afiada e primitiva. Pulsava em suas veias, martelando duro em seus ouvidos com cada batimento do seu coração.

E ele precisava dela também.

Depois de vê-la tão perto do perigo lá atrás na estação — depois de perceber como poderia tê-la perdido rápido hoje à noite — Gideon não queria nada além de puxar Savannah contra ele e nunca deixá-la fora de sua vista novamente.

Ele não a empurraria para os Darkhavens ou a Agência de Execução, mesmo que aquilo significasse ignorar deliberadamente o protocolo Raça.

Ainda que isso significasse desafiar abertamente as ordens de Lucan.

Gideon enfiou a mão no bolso de seu uniforme preto e retirou o pedaço de papel que Tegan lhe deu no Complexo mais cedo naquele dia. Ele o leu pela segunda vez. Apenas um endereço, nada mais.

Um endereço que ficava apenas alguns quarteirões de distância de onde estava agora.

Ele não tinha certeza do que esperar quando eles chegassem lá, mas no momento pareceu ser sua melhor e única opção.

— Vamos. — ele murmurou, acariciando a boca no calor da têmpora dela.

E com Savannah debaixo do abrigo de seu braço, agarrando-se a ele como um salva-vidas, Gideon guiou-a para longe do terminal de ônibus lotado.

Capítulo 10

— Que lugar é esse?

Savannah ficou em pé ao lado de Gideon em uma ruazinha residencial tranquila e histórica, um pouco mais de um quilômetro da Estação Sul, ela achava. Diante deles assomava uma casa estreita de tijolos vermelhos de três andares. Era imponente, mas normalmente muito próxima aos seus belos e acolhedores vizinhos.

Nenhuma luz brilhava dentro da casa, nenhum som emanava dentre suas paredes. Suas janelas estavam escuras e bem trancadas com painéis pretos de madeira. A luz da varanda de ferro e vidro era fria, deixando a calçada e os degraus escuros enquanto ela e Gideon faziam seu caminho até a porta de madeira pesada.

A casa, apesar de todos seus esforços aparentemente deliberados para se misturar com as outras na rua, permanecia proibitiva em sua quietude absoluta.

Savannah esfregou os braços para afugentar o frio enquanto assimilava a laje estoica de tijolo e escuridão.

— Alguém mora aqui? É tão silenciosa quanto uma tumba.

— Nunca estive aqui antes. — Gideon disse. De cabeça baixa, ele olhava fixamente com firme intenção a fechadura da grossa porta de carvalho. Embora não notasse se ele tinha uma chave, em poucos segundos a fechadura estava destrancada e Gideon abriu a porta para ela. — Entre.

Ela o seguiu, parando incerta no local desconhecido. Ainda abalada com o que aconteceu na rodoviária.

— Está tão escuro aqui.

— Fique onde está. — Sua voz profunda com seu sotaque relaxante era um ruído baixo ao lado dela, as pontas dos dedos quentes onde ele acariciava cegamente o lado de seu rosto. — Encontrarei um pouco de luz para você.

Ela esperou enquanto ele habilmente cruzava o lugar e acendia uma pequena luminária a vários metros dela.

A iluminação suave revelou um espaço quase vazio. Uma cadeira solitária — uma relíquia rústica da virada do século passado, pelo menos — posicionada ao lado da mesa de madeira simples onde a luminária agora brilhava. Do outro lado do aposento, a boca fria e negra de uma lareira aparentemente há muito tempo sem uso misturava o ar viciado com o tom acre de fumaça de madeira velha.

Savannah cautelosamente arrastou Gideon quando a deixou na sala principal para entrar em um quarto adjacente. Ela cruzou os braços na sua frente, dobrando os dedos nus para os lados para evitar o toque inadvertido que despertaria sua habilidade extrassensorial. Suspeitava que esta casa nunca foi preenchida com família ou risos. Não precisava despertar seu dom e confirmar isto.

Não, teve escuridão o bastante por um longo tempo.

— Estaremos seguros aqui, Savannah. — Gideon acendeu outra luminária no espaço onde estava agora. Retirou seu sobretudo de couro preto e colocou-o na cama. Presos em torno dos quadris de seu uniforme de combate preto, usava um cinto grosso repleto com todo tipo de armas — um par de pistolas, um conjunto de facas, inclusive a lâmina selvagem que ele empunhou na estação. Tirou o cinto e colocou-o em cima do seu casaco. — Savannah, eu te dou a minha palavra que não vou deixar nada acontecer com você. Sabe que pode confiar em mim, não é?

Ela acenou com a cabeça concordando e entrou no quarto modesto, notando imediatamente a falta de decoração ou objetos pessoais. A cama estava feita, mas arrumada com lençóis lisos e um único travesseiro.

O tipo da cama que se poderia esperar ver em um alojamento de soldado, mais do que em uma casa.

Havia uma tristeza neste lugar.

Um sofrimento profundo, triste.

E raiva.

Negra, crua... consumindo.

Savannah estremeceu sob o peso disso. Mas foi a lembrança do que ela testemunhou mais cedo naquela noite que ameaçou derrubá-la.

— Gideon, o que aconteceu lá na Estação? — Deus, só de falar nisso agora fez sua cabeça rebobinar tudo de novo. Ela tinha tantas perguntas. Elas saíram de uma vez. — Como soube onde me procurar? Como pode saber onde eu estava... e que estava em apuros atrás daquela porta fechada do banheiro? Como foi capaz de fazer o que fez com aquele... aquele monstro? Eu vi o que aconteceu. Você o apunhalou, e ele... — Ela soltou um suspiro trêmulo, querendo negar o que testemunhou, mesmo certa que foi real. — Você o apunhalou e ele se desintegrou. Você o matou como se não fosse grande coisa. Como se tivesse visto aquele tipo de monstro umas cem vezes antes.

— Mais vezes do que isto, Savannah. — Gideon andou a passos largos até ela, seu belo rosto sóbrio, de um modo alarmante. — Matei centenas como ele.

— Centenas. — Ela murmurou, engolindo em seco para passar a palavra impressionante. — Gideon, aquele homem... aquela criatura... não era humano.

— Não.

Savannah olhou fixamente para ele, lutando para processar sua resposta tranquila. Esperava que ele oferecesse algum tipo de explicação lógica para o que estava acontecendo, algum tipo de negação razoável que acalmasse o pânico crescendo dentro dela.

Porém, o humor rápido e a confiança reconfortante que normalmente brilhavam em seus olhos azuis não estavam ali. Sua expressão estava cheia de uma gravidade calma que o fez parecer tanto terno quanto letal ao mesmo tempo. Duas qualidades que viu em primeira mão nele durante o pouco tempo que o conhecia.

Ela tomou fôlego, tentando conter a histeria que ameaçava subir por sua garganta e sufocá-la.

— Esse mesmo tipo de monstro matou Rachel. E aqueles garotinhos que vi quando toquei naquela espada antiga da coleção de História da Arte... eles foram massacrados por um grupo daquele mesmo tipo

de monstro. Tentei dizer a você quando veio me ver no meu apartamento ontem à noite. Eu não queria acreditar nisso naquele momento. Ainda não quero.

— Eu sei. — Ele estendeu a mão e suavemente alisou sua bochecha. — E como eu te disse na noite passada, estou aqui por você, Savannah. Quero ajudá-la a entender tudo isso.

Ela olhou dentro de seus olhos.

— Vampiros. — ela disse baixinho, sua voz destrocada, o medo ainda cru e maduro em seu peito. — É disso que estamos falando, não é? Aquele homem no terminal de ônibus. Aqueles que vi quando toquei a espada e a pulseira de Rachel... eles eram vampiros.

Algo cintilou no seu olhar agora. Houve uma hesitação incomum em sua voz firme.

— Pela definição mais básica, sim. É isso que eles eram.

— Oh, meu Deus. — Foi duro o suficiente vir a enfrentar a ideia quando só vivia na sua cabeça. Mas ouvi-lo falar isto agora — ter testemunhado Gideon estripando uma das criaturas bem na frente dela — fez a realidade cair em cima dela como uma onda sufocante. — Está me dizendo que os vampiros são reais. Eles são reais e de alguma forma você sabe como matá-los.

— Eu, junto com alguns outros como eu, sim. — Ele estava estudando-a agora, medindo-a de algum modo, como se não tivesse certeza se ela podia lidar com suas respostas. — Nem toda a Raça é como aquele que veio atrás de você na estação. Ou aquele que matou sua amiga. Ou aqueles que assassinaram aqueles meninos inocentes. Só Renegados fazem isto, Savannah. Os indivíduos mais depravados e doentes.

— Isto é loucura, Gideon. Não quero ouvir mais nada agora. Eu não posso.

— Savannah, você precisa entender que existem perigos neste mundo. Perigos que poucas pessoas realmente compreendem. Depois desta noite... depois de tudo que você viu... não pode voltar à sua antiga vida. Talvez nunca mais. Você é parte de algo mais sombrio agora, e existem coisas que precisa saber para sobreviver...

— Não. — Ela sacudiu a cabeça e afastou-se do toque suave de Gideon. Tudo estava acontecendo rápido demais. Ela estava confusa e abalada, muito devastada para processar mais nada. — Já ouvi o suficiente por enquanto. Não quero ouvir mais nada sobre monstros, perigo ou morte. Estou tentando segurar as pontas, Gideon, mas estou tão assustada.

Ela colocou o rosto entre as mãos, lutando para não desabar na frente dele, mas falhando miseravelmente. Um soluço a sacudiu. Então Gideon a abraçou e puxou-a contra seu corpo forte, quente. Ele não disse nada, simplesmente abraçou-a e deixou que se recuperasse por um momento.

— Estou tão confusa. — Ela murmurou contra seu tórax. — Estou apavorada.

— Não se preocupe. — Ele acariciou suas costas, seu toque um conforto bem-vindo aliviando sua ansiedade. Seu corpo pareceu tão poderoso ao redor dela, sólido e aconchegante, envolvendo-a em sua força constante. — A última coisa que quero é que você fique confusa. — ele sussurrou contra sua têmpora. — Não quero que tenha medo de nada. Muito menos de mim.

— Medo de você? Não. — Ela deu uma sacudida lenta da cabeça, então apertou sua testa no meio do seu peito, sentindo o tamborilar duro de seus batimentos cardíacos contra ela. — Você é a única coisa que parece real para mim, Gideon. De tudo que aconteceu nos últimos dias, a única coisa que sei com certeza agora é o modo como você me faz sentir.

Sua resposta foi um rosnado baixo, vibrando em algum lugar dentro dele. Ela sentiu seus músculos contraindo enquanto ele continuava a segurá-la, sua força mortal e pronta para agir, ainda envolvido ao redor dela com a maior ternura.

Savannah ergueu a cabeça para encontrar seu olhar. Seus olhos ficaram mais escuros na luz fraca da luminária, ainda que nas profundezas de todo aquele azul tempestuoso, um fogo hipnotizante parecia crepitar. O calor nele era uma coisa palpável, irradiando em todos os lugares que eles tocavam.

— Você pareceu certo para mim ontem à noite, Gideon, quando me beijou. Eu estava assustada também, mas você pareceu tão certo. — Ela se esticou até alcançar sua mandíbula rígida com o berço de sua mão. — Como você entrou na minha vida justamente quando eu mais precisava?

Ele disse o nome dela, um sussurro espesso que vazou por entre seus dentes cerrados. Um tormento pareceu devastá-lo, cada tendão ficando mais tenso, ainda que permanecessem juntos no parco santuário do quarto.

— Se alguma coisa me assusta quando se trata de você, — ela confidenciou suavemente — é o quanto preciso sentir seus braços ao meu redor assim. Você me faz sentir segura, Gideon. De um modo que nunca conheci antes. Você faz com que eu me sinta como se nada de ruim pudesse me tocar enquanto estou com você.

— Não pode. Não permitirei isto. Não enquanto eu estiver respirando. — Sua voz era um trovejar, profunda e retumbante. — Você sempre estará segura, Savannah. Aposto minha vida nisso.

Ela sorriu, movida pela ferocidade de seu voto.

— Falou como um dos nobres cavaleiros do Arthur. Nunca tive meu próprio herói.

Ele soltou um palavrão baixo e estrangulado.

— Não, não sou nobre. E certamente não sou herói de ninguém. Apenas alguém que se importa contigo. Um homem que quer se certificar de que você nunca esteja em perigo. Um homem que quer que encontre a felicidade que você merece. Um homem que quer... Ah, porra. — Seu olhar queimou quando olhou para ela. — Só para constar, sou um homem que quer você para caralho...

Savannah observou o jogo de tensão passar pelo seu rosto magro e anguloso e na linha larga de sua boca. Isso se aprofundou quando seu olhar quente travou no olhar inabalável dela.

— O que você quer, Gideon?

Seus olhos abrasadores a varreram, e quando falou sua resposta veio na forma de um grunhido gutural, quase animal.

— Eu quero isto. — Ele disse e a trouxe mais dentro de seu abraço com apenas uma leve contração dos músculos que a mantinham presa contra ele. Poder percorreu-o quase sem esforço, sua pulsação martelando contra sua pele em todos os lugares onde seus corpos estavam conectados.

— E isto. — Ele suavemente deslizou as pontas dos dedos do lado de seu rosto, em seguida passou a ponta do polegar por seu lábio inferior. Abaixando a cabeça para a dela, ele desceu até que suas bocas estavam a menos de um sopro de distância. — E quero isto.

Ele a beijou.

Não o encontro lento de seus lábios da outra noite, mas um beijo faminto que reivindicou sua boca sem desculpas, sua língua empurrando entre seus dentes em uma exigência febril. Rosnou algo que não dava para entender quando a esmagou contra ele, sua respiração vindo rápida e dura, quente contra seu rosto.

Sua boca a consumiu. Bebeu-a com uma ferocidade que tanto a assustou quanto inflamou.

O aperto de Gideon nela aumentou. Sua excitação era inconfundível, uma presença dura e pesada que chamava a parte mais primitiva dela. O corpo de Savannah respondeu, ficando molhada com a necessidade quente dentro dela. Ela gemeu quando o beijo de Gideon aprofundou, cheio de paixão, questionador. Tão nu com desejo que tirou o ar de seus pulmões.

Ele arrastou o corpo dela enrubescido encostado ao dele agora, pegando a nuca dela com sua mão grande. Seus dedos queimaram onde rodeou seu pescoço, marcando seu toque na pele dela.

E seu beijo a possuiu também.

Seu pulso latejava em todos os lugares onde a tocava, crescendo para um rugido que encheu seus ouvidos quando seus lábios e língua a consumiram. Ela retribuiu, encontrando a língua dele com a sua e puxando-o profundamente. Prazer retumbou por ele, grave como um trovão, vibrando contra seus seios e barriga.

Savannah arqueou quando a mão livre dele encontrou a bainha do seu suéter e deslizou para dentro. Seus dedos duros e quentes correram até suas costelas e sobre a renda fina de seu sutiã. Ela gemeu de prazer, perdida em seu toque enquanto ele amassava seus seios e continuava a causar estragos em seus sentidos com seu beijo.

— Tenho que ter você, Savannah. — Respondeu asperamente contra seus lábios, ofegante, sua voz estranhamente grossa. — Ah, Cristo... nunca quis nada mais do que quero isto com você agora. Eu quero você. Você toda.

Ele não esperou por permissão. Tirou seu suéter e sutiã jogando-os de lado, curvou para dispensar atenção aos seios nus com o calor delicioso de sua boca. Seus mamilos estavam tensos e doloridos por causa de sua atenção, a necessidade molhada dentro dela transformando-se em lava ardente a cada volta, e toque de sua boca.

Desesperada para colocar suas mãos nele, ela baixou a mão para o zíper de seu uniforme de combate negro e sentiu a protuberância férrea do seu pau inchar ainda mais debaixo de sua palma e dedos. Seu sexo era poder puro sob sua mão, pulsando com exigência carnal.

Ela estava queimando por ele também. Faminta com a mesma necessidade, a mesma urgência de sentir seu corpo duro contra ela, dentro dela. Agarrou-o através do tecido, e ele se afastou de um arranco dos seus seios com um grunhido irregular. Abaixando a cabeça, ele beijou uma trilha de fogo descendo por suas costelas e abdômen, ficando de cócoras diante dela. Sua boca questionadora baixou ainda mais então, provocando sua pele sensível acima da cintura baixa de sua calça jeans abraçando seus quadris.

— Gideon, sim. — Ela arquejou tremendo com a sensação, suas próprias palavras pouco mais que o som de um ofego. — Oh, Deus, sim. Preciso disso também. Preciso de você agora.

Ela prendeu o fôlego com um suspiro superficial quando ele desabotoou os botões e arrastou a calça jeans e a calcinha para baixo com um movimento rápido e firme. O ar frio atingiu o topo de suas coxas nuas

e o trecho exposto de cachos entre eles. Então um momento mais tarde, era tudo calor quando Gideon pressionou seu rosto em seu montículo e beijou seu lugar mais privado.

Savannah deixou as mãos cair em seus ombros, segurando como se sua vida dependesse disso enquanto sua boca fechava em seu sexo. A língua dele dividiu a fenda dela, molhada, quente e perversa. Ele chupou-a, tomando a pequena pérola entre os dentes, brincando com ela, rodando a ponta de sua língua em cima de sua carne e fazendo-a choramingar com o prazer que crescia.

— Você tem um gosto tão doce, Savannah, — ele disse entre aqueles beijos eróticos e sensuais. — Quero comer você. Lamber cada doce polegada sua. Ouvir você gritar meu nome.

Oh, Deus, não demoraria muito mais, ela pensou, fechando os olhos e deixando a cabeça cair nos ombros quando ele agarrou sua bunda nua e enterrou o rosto entre suas pernas separadas. Ele provocava seu clitóris com a boca, atormentando-a com golpes enquanto espalhava delicadamente as pétalas inchadas e molhadas de seu sexo com as pontas dos dedos escorregadias com os sucos do seu corpo.

— Tão apertada. — ele murmurou, penetrando-a lentamente com apenas um dedo. Seu corpo agarrou-o instantaneamente, avidamente, suas coxas tremendo enquanto ele a lambia e trabalhava seu dedo dentro do núcleo do seu sexo. — Deus, Savannah... eu sabia que você era extraordinária, mas droga. Nunca estive preparado para isto. É tão doce o modo como você responde a mim. Tão bonito.

Ela gemeu ante seus elogios sensuais, a única resposta que conseguiu conforme seu sangue corria febrilmente por suas veias, deixando cada terminação nervosa em chamas.

E Gideon não lhe deu qualquer descanso. Seus dedos a tocaram com maestria. Sua boca era implacável, sua língua muito, muito boa.

Suas pernas estavam ficando moles embaixo dela. Ela agarrou sua cabeça, enterrou os dedos na seda loira de seu cabelo curto quando o prazer cresceu e formou uma crista prestes a colidir nela.

— Gideon. — ela ofegou. — Não aguento mais. Por favor... você tem que parar...

— Nunca. — ele rosnou. — Deixe ir, baby. Deixe-me levar você.

Seus joelhos estavam como geleia, os músculos de suas coxas tremendo quando o orgasmo rugiu em cima dela.

— Mmm, assim, Savannah. — ele persuadiu. — Goze para mim. Deixe-me te ouvir.

Sua voz era um grito estrangulado quando ele chupou mais forte, levando-a mais alto quando seu clímax chegou ao ápice. Ela não podia diminuir a velocidade. Não podia segurar de volta outro segundo.

E então ela gritou seu nome. Foi arrancado dela com um suspiro áspero quando todo seu ser se despedaçou na boca do Gideon. Ela ainda estava tremendo com os abalos secundários quando ele levantou-se de onde estava agachado e rapidamente tirou a calça.

— A camisa também. — Ela murmurou afogando-se em prazer, mas querendo sentir sua pele nua contra a dela. Ele hesitou por um momento, seu rosto desviou — uma pausa estranha que poderia ser registrada mais completamente, se ela não estivesse envolvida na névoa do orgasmo mais incrível que já teve.

Gideon tirou a camisa e ela pegou somente um vislumbre fugaz de intrincadas tatuagens tribais em seu tórax um pouco antes de ele mergulhar sobre ela com um beijo febril.

— Eu preciso estar dentro de você. — ele rosnou, soando sombrio e faminto, o arranhão áspero de sua voz profunda praticamente irreconhecível. — Agora, Savannah.

— Sim. — ela concordou, precisando sentir mais dele também. — Agora.

Ele a reivindicou com um beijo tão selvagem e carnal que a balançou. Ela se sentiu movendo para trás rapidamente, seus pés mal tocando o chão. Ela veio de encontro à parede do quarto de forma dura, o corpo grande do Gideon cobrindo-a. Sua boca ainda travada na dela, suas mãos fortes espalmando as bochechas de sua bunda. Apertou-a possessivamente, sua ereção levantando quente e orgulhosa contra seu quadril. Ele mudou o peso em seus pés, pegando-a com um aperto diferente agora. Então a ergueu como se não pesasse mais do que uma pena, guiando suas pernas ao redor dele.

Ele era tão gostoso contra ela, quente, duro e faminto.

Tão real.

Em meio a tanto terror e confusão, estar com Gideon era o único lugar onde se sentia segura.

Ela nunca conheceu nada que sentisse tão certo.

— Tome-me agora. — ela murmurou. — Tome tudo que quiser, Gideon.

Ele não respondeu. Não com palavras, quer dizer.

Segurando-a no alto com suas mãos, empurrou sua pélvis adiante e acomodou-a até o punho na lança grossa do seu pau. Ele se moveu com golpes urgentes, para dentro e para fora, mais profundos e em seguida ainda mais profundos, pistoneando-a em seu comprimento.

Savannah sentiu a tensão acumular nele quando seu ritmo aumentou para um nível febril. Seus ombros eram granito debaixo de seus dedos curvados, seus músculos agrupados em nós quando se agarrou a ele e deixou-o perseguir seu próprio clímax.

Ele o encontrou rapidamente, seus quadris resistindo de modo selvagem, empurrando cada vez mais profundamente com cada reivindicação de sua carne contra a dela. Savannah já estava se desfazendo novamente, estilhaçando com prazer, quando Gideon rugiu um som reverente sem palavras e encheu-a com o gozo quente de sua liberação.

Capítulo 11

Bill Keaton sabia que ele tinha companhia em sua casa em Southie naquela noite, antes mesmo do homem alto, impecavelmente trajado, descolar das sombras no interior da porta da frente.

Ele estava esperando esta visita que o proibia de buscá-lo, mas sempre esperava por suas instruções. Para segui-las sem questionar ou fracassar. Keaton estava relutante em decepcioná-lo, e ele sabia que a notícia que ele tinha para transmitir esta noite não seria bem-vinda.

Ele se levantou de sua cadeira e deixou o seu jantar meio descongelado intocado na bandeja de TV para saudar o visitante. Atrás dele, na sala de estar, soavam sirenes e efeitos sonoros de tiros na televisão. Um desses dramas policiais que ele assistia a cada semana, mas agora não conseguia lembrar o motivo. Como o bife de Salisbúria e purê de batatas que preparou para jantar mais de uma hora atrás, ele descobriu que não tinha mais gosto por qualquer uma das coisas que apreciou uma dia.

Ele estava diferente desde o incidente na Universidade algumas noites atrás.

Ele era um homem mudado.

E a causa dessa mudança agora estava diante dele, em silêncio expectante dentro da casa de Keaton. Keaton deu um aceno respeitoso de saudação, tão respeitoso como um arco.

— Será que o indivíduo enviado para lidar com a menina aparecerá como planejado esta noite?

— Sim. — respondeu Keaton, olhos permanecendo baixos, subserviente. — Tudo estava no lugar, assim como discutimos.

— Então, a menina está morta?

— Ela não está. — respondeu Keaton, ansioso agora. Ele arriscou levantar os olhos e satisfazer o olhar duro de quem ele servia. — Ela vive. Vi-a sair da estação com um homem.

O olhar perspicaz estreitou contra ele, provocando-o com fogo mortal.

— Que homem?

— Grande. — disse Keaton. — Alto. Um assassino louro em um casaco de couro preto. Eu vi armas no cinto da cintura, mas ele não era policial ou aplicador da lei. E ele não era mortal.

Isso Keaton sabia com plena certeza, apenas um dos novos sentidos que ele tinha adquirido algumas noites atrás, quando seus olhos se abriram para um novo e escondido mundo escuro. O mundo que este homem mostrou-lhe quando fez Keaton tudo de novo.

— Será que eles te viram, a garota e seu companheiro?

Keaton deu uma sacudida lenta de sua cabeça.

— Não. Eu percebi o que ele era, e assim tive a certeza de não ser notado. Ele é um de sua espécie.

Um grunhido de reconhecimento, enquanto o fogo nos olhos daquele predador crepitava ainda mais friamente.

— Claro, ele é um do meu tipo. Ainda pior, ele é um da Ordem. — Então, mais para si mesmo, ele pensou: — Será que ele possivelmente sabe sobre mim? Será que ele percebe que eu tenho essa espada, depois de todo esse tempo?

O olhar agudo voltou a Keaton agora.

— Você os viu sair da estação juntos. Para onde eles foram?

— Eu não sei. — respondeu Keaton, supondo que deveria sentir medo em admitir isso, no entanto, obrigou-se apenas a falar a verdade a quem ele pertencia agora. — Eu vi a garota e seu companheiro saírem do terminal, mas depois desapareceram. Eu não sei para onde eles foram. Eu fui para o apartamento dela em Allston esperar, mas nunca chegaram lá.

Um rugido irrompeu por entre os dentes cerrados.

— Eu preciso encontrar a garota antes que ela diga à Ordem o que sabe. Foda-se, pode ser tarde demais para isso já.

— Devo localizar o indivíduo que enviamos à estação hoje à noite para demarcar seu apartamento?
— Keaton ofereceu ansioso para fornecer uma solução.

Sua sugestão ganhou apenas um gesto.

— Essa arma em particular é inútil agora. Gideon terá matado o Renegado com certeza. Então, novamente, talvez esse revés possa trabalhar a meu favor. — Um sorriso escuro quebrou em seu rosto eterno, sem rugas. — E pensar que eu quase matei minha Companheira da Raça quando ela estupidamente deu uma série de minhas lembranças privadas para a Universidade. Ela não sabia, é claro. Ela não podia saber. Eu nunca disse a ela sobre essa espada ou como cheguei a tê-la.

— E agora você a tem em sua posse mais uma vez. — disse Keaton. — Estou satisfeito por ter servido para recuperar o que lhe pertence.

O riso em resposta era afiado, sem humor.

— Pelo que me lembro, — ele murmurou — eu não lhe dei nenhuma escolha, Keaton. Uma vez que você viu o que eu fiz àquela puta de merda que você estava fodendo em seu escritório, você quebrou fácil o suficiente.

Keaton não sentiu nenhuma reação à lembrança de sua covardia. Ele foi separado de todo o evento, livre de todas as fraquezas de seu antigo eu. Tudo o que importava para ele agora era fazer o que era necessário, o que seu mestre ordenava a ele.

— Eu vou fazer com que a tarefa seja realizada da forma que quiser senhor. Savannah Dupree vai morrer.

— Não. Eu acho que não. — O vampiro que possuía a vida e a mente de Keaton agora, sua própria alma, parou com deliberação sem pressa. — Eu tenho um plano melhor. Encontre-a. Traga-a para mim. Desde que, obviamente, seja de algum interesse para o guerreiro, Gideon, ela pode me ajudar a terminar a contagem que começou séculos atrás.

* * *

Pegue tudo o que você quiser.

A terna oferta de Savannah batia nas têmporas de Gideon — em seu sangue — horas depois de terem feito amor. Ele a tinha deixado saciada e dormindo suavemente no quarto há pouco tempo, enquanto saiu para a sala principal da antiga casa vazia para eliminar alguma da sua energia inquieta.

Sem camisa, vestindo apenas seu uniforme preto, ele passou por uma série de rápidas manobras radiais de combate com o longo punhal no seu cinto de armas. Ele mantinha as mãos e o corpo em um movimento muito necessário. Sua mente se agitava pelas lembranças vívidas da paixão que ele tinha compartilhado com Savannah, paixão de tremer a terra que ainda deixava suas veias iluminadas e elétricas. Outra parte de sua anatomia estava correndo com uma coleira curta também.

Mas o curso incrível do prazer que ele tinha tomado de Savannah era a culpa que sentia por ter se escondido — o seu verdadeiro eu — dela, mesmo quando ela tinha entregado tudo o que tinha para ele.

Pegue tudo que você quiser Gideon.

— Foda-se. — ele murmurou baixo, debaixo de sua respiração. Se ela soubesse o quanto ele queria.

Girou nos calcanhares nus para fazer um golpe selvagem em um adversário invisível. Nele mesmo, ou no Renegado que abordou Savannah hoje à noite? Ele não tinha certeza de quem era o maior vilão desta noite.

Precisava dizer a ela o que ele era. Teria que ser a escolha de Savannah como ela escolheria pensar nele, depois que lhe dissesse a verdade, que ela legitimamente merecia há algumas horas atrás.

A verdade que ela merecia a partir do momento em que ele percebeu pela primeira vez que a bonita, inocente jovem estudante era uma Companheira da Raça, e não uma simples homo sapiens do sexo feminino. Savannah merecia um inferno de muito mais do que ele tinha dado a ela até agora.

E se ele fosse honesto consigo mesmo, ela merecia mais do que ele poderia esperar oferecer a ela como a companheira de um homem cujo passado estava mergulhado em derramamento de sangue e fracasso. Um guerreiro cujo futuro estava prometido na íntegra à Ordem.

Ele precisava explicar tudo isso e muito mais para Savannah. Droga, ele queria ter dito antes das coisas terem chegado tão longe de sua mão esta noite. Ele deixou-se ficar muito preso, e agora ele foi pego em uma armadilha de sua própria criação.

Levaria tempo e algum trabalho para fazer as coisas agora. Tempo sozinho com Savannah era um luxo que ele não esperava ter por muito mais tempo.

Depois do que aconteceu no terminal de ônibus, era imperativo que fosse dado à Savannah, proteção integral e santuário que a nação Raça tinha para oferecer. Antes que o perigo que a perseguia chegasse mais perto do que tinha sido no início desta noite.

Tanto quanto Gideon queria negá-lo, não foi por acaso que o Renegado só passou a ir atrás de Savannah na estação. Ele a havia perseguido até lá. Não era por causa da Sede de Sangue ou uma oportunidade básica. Gideon apostaria seu braço de espada que alguém tinha enviado o chupador atrás dela.

Mais do que provavelmente, a mesma pessoa que tinha matado sua colega de quarto e deixou seu professor para morrer. O mesmo alguém que estava agora, aparentemente, de posse da espada usada para abater os parentes de Gideon.

Precisava encontrar o desgraçado e derrubá-lo.

Antes que Savannah acabasse, de qualquer forma, no meio do fogo cruzado.

Eles não podiam ficar aqui para sempre. Onde quer que eles estivessem. Tegan nunca tinha mencionado este lugar antes. Mesmo que o guerreiro tivesse oferecido a velha casa à Gideon, ele não tinha se equivocado de que Tegan queria que fosse um abrigo muito temporário. Francamente, Gideon tinha que concordar com Savannah que o lugar parecia mais um túmulo negligenciado do que uma casa.

Tanto quanto Gideon odiava admitir isso, ela precisava ser transferida, em um arranjo mais adequado, mais permanente. E a menos que ele tivesse perdido a cabeça e significasse desafiar o édito de Lucan Thorne, pela segunda vez em tantos dias, ele não poderia levar Savannah para o complexo. Gideon podia apenas imaginar o quão inflexível o líder Gen Um da Ordem reagiria a um ser civil levado lá contra o protocolo de longa data da Ordem.

Mas e se ela fosse como Companheira de Gideon?

A ideia bateu dura. Não porque fosse uma louca má ideia do caralho. Mas, por causa da forma sã e direita que pareceu a ele.

Savannah ao seu lado, unidos na vida pelo sangue em algum lugar perto de para sempre.

Pegue tudo que você quiser Gideon.

Savannah, sua Companheira da Raça.

Santo inferno...

O pensamento abriu algo quente e profundo em seu peito. Uma ansiedade. Um desejo tão completo que lhe deixou imóvel, sem fôlego.

Ah, Cristo.

A sangrenta última coisa de que ele precisava era deixar-se apaixonar por Savannah.

Ele amaldiçoou severamente, dando uma facada viciosa no ar com o longo punhal que usou para destruir o Renegado que tinha ido atrás de Savannah. Girando sobre os calcanhares nus, ele se lançou em uma nova luta simulada, esta destinada ao inimigo desconhecido que ele estava determinado a desmascarar — bem antes que ele forçasse aquele macho Raça engolir o mesmo aço que matou seu Renegado garoto de recados.

Foi nesse momento que Gideon ouviu uma agitação suave no outro quarto.

Savannah estava fora da cama. Ela se movimentou para a porta aberta da sala ao lado onde ele estava com o longo punhal seguro em sua mão, o seu movimento suspenso na postura de um homem prestes a matar.

— Savannah.

Ela olhou para ele, seus grandes olhos castanhos ainda sonolentos, seu ágil corpo bonito, totalmente nu. Tão impressionante.

Gideon bebeu da visão dela com um olhar guloso, seu pulso chutando com rápida excitação feroz.

Mas ela não estava olhando para ele da mesma maneira.

Ela parecia acometida de alguma forma. Desajeitada com choque silencioso.

— Oh, meu Deus. — ela murmurou depois de um momento. A voz dela era baixa e sem fôlego, embora não de suspensão ou desejo. Ela ficou boquiaberta com uma mistura de choque e dor, seu lindo rosto se contorceu com a confusão. — Oh, meu Deus... Eu sabia que você parecia familiar. Eu sabia que eu o tinha visto em algum lugar antes...

— Savannah, o que há de errado? — Ele colocou a lâmina para baixo sobre a lareira e foi em direção a ela.

— Não. — Ela balançou a cabeça, estendeu a mão como se quisesse impedi-lo de chegar mais perto. — Eu vi você antes, Gideon. Quando segurei a espada antiga, vi o assassinato daqueles dois meninos há todos esses anos atrás... Mas eu também te vi.

Seu sangue gelou em face de seu medo.

— Savannah...

— Eu vi você, como está com uma lâmina em sua mão — o jeito que você parecia agora pouco. — disse ela, falando sobre ele. — Só que não era você. Não poderia ser você.

Ele não falou, não poderia refutar o que ela estava dizendo. O que ela viu com seu dom de Companheira da Raça.

— Quero dizer, como é que poderia ser você, certo? — Ela apertou, no limite de suas palavras. — O homem que vi deve estar morto há um par de séculos agora.

— Eu posso explicar. — ele ofereceu pouco convincente.

Ele deu um passo para mais perto dela, mas ela se afastou. Ela cruzou os braços sobre si como se ela estivesse nua na frente de um estranho agora. — Você não é humano. — ela murmurou. — Você não pode ser.

Ele xingou em voz baixa.

— Eu não quero que você tenha medo de mim, Savannah. Se você apenas me ouvir agora...

— Oh, Deus. — Ela soltou uma risada aguda. — Você não vai nem tentar negar?

Ele sentiu um tendão assinalar fortemente em sua mandíbula.

— Eu queria explicar tudo para você, mas não enquanto você estava chateada. Você mesma disse esta noite que não estava pronta para ouvir mais.

Ela cambaleou um passo para trás, balançando a cabeça em negação muda. Seu olhar estava distante, introspectivo. Ele a estava perdendo. Ela estava se afastando dele como se fosse algo a ser desconfiado, temido. Talvez até mesmo insultado.

— Eu tenho que sair daqui. — ela murmurou secamente. — Eu tenho que ir para casa. Tenho que ligar para minha irmã. Ela estava esperando que eu fosse de ônibus hoje à noite, e eu...

Ela separou-se, em seguida, voltando-se para correr de volta para o quarto. Ela fez um circuito frenético na sala, começando a recuperar suas roupas.

Gideon a seguiu.

— Savannah, você não pode fugir disso. Você está imersa agora. Nós dois estamos.

Ela não respondeu. Pegou a calcinha do chão e se colocou apressadamente nela, mostrando a palha escura de seda entre as pernas dela e dando-lhe uma visão intimista de suas longas coxas acetinadas e pele cremosa.

Pele que ele tinha provado em todos os lugares e desejava saborear novamente.

Sem falar com ele ou olhá-lo, ela procurou seu sutiã. Os pequenos seios balançavam com seus movimentos, enquanto ela dava de ombros para o pequeno pedaço de renda.

Excitação agitou dentro Gideon, poderosa demais para ele segurar. Não podia conter sua rápida reação física ante a visão dela, tão bonita e despenteada de seu ato de amor algumas horas atrás. Seus glifos começaram a saltar para a vida em sua pele. As gengivas vibraram com o despertar de suas presas.

Rapidamente, ela agarrou o suéter e calça jeans, os segurando quando passou correndo por ele, de cabeça baixa, para fora do quarto.

Ele a seguiu rapidamente, espreitando por trás dela.

— Savannah, você não pode sair. Eu não posso deixar você ir para casa agora. É tarde demais. — Sua voz era de cascalho, áspera pelo desejo crescente e a necessidade feroz para fazê-la entender toda a verdade agora.

Ele riscou até onde ela estava, mais rápido do que ela poderia acompanhá-lo. Colocou a mão em no ombro dela onde a pequena lágrima vermelha e meia lua, marca das Companheiras da Raça, marcava sua pele impecável.

— Caramba, pare de me afastar. Ouça-me.

Ela se virou, com os olhos arregalados. Seu olhar estava quente em seu crânio, deve ter brilhado para ela nesse momento, tanto quanto brasas acesas. Por algum milagre de decepção e vontade desesperada, ele tinha sido capaz de esconder sua transformação dela hoje mais cedo, mas não agora. Tampouco tentou.

— Oh, meu Deus. — ela gemeu, o medo sangrando em sua voz. Ela se esforçou em se segurar, virou a cabeça de lado em um suspiro estrangulado de horror.

Gideon tomou-lhe o queixo e guiou suavemente o rosto na direção dele.

— Savannah, olhe para mim. Veja-me. Confie em mim. Você disse que confiava.

Seus olhos caíram lentamente para a boca aberta e as pontas de suas presas, que se estendiam mais a cada segundo. Depois de um longo momento, ela olhou de volta para o seu olhar ardente.

— Você é um deles. Você é um monstro, como eles. Um Renegado...

— Não. — ele negou com firmeza. — Renegado não, Savannah. Mas eu sou da Raça, como eles são. Como eles eram antes de se perderem na Sede de Sangue.

— Um vampiro. — ela esclareceu, talvez a necessidade de dizer a palavra em voz alta. Sua voz caiu para algo menos do que um sussurro. — Você está morto?

— Não. — Ele resistiu ao impulso de rir do equívoco bruto tão ridículo, mas só porque ela estava tão obviamente horrorizada com o pensamento. — Eu não sou morto-vivo, Savannah. É aí que o mito e a realidade mais se diferenciam quando se trata de minha espécie. A Raça é de origem alheia a este mundo. Grande diferença.

Ela ficou boquiaberta com ele agora, estudando-o. Ele não se importava com sua inspeção flagrante, uma vez que quanto mais tempo ficava parado diante dela, mais calma parecia ficar.

— Você não tem nada a temer de mim. — disse a ela, falando as palavras como uma promessa. Um voto solene. — Você nunca precisa me temer, Savannah...

Ela engoliu em seco, seu olhar passando rapidamente sobre cada centímetro de seu rosto, da boca, do peito coberto de dermaglifos e os ombros.

Quando ela hesitantemente levantou a mão, em seguida, deixou-a cair de volta para o lado novamente, Gideon pegou seus dedos em um aperto leve e levou suavemente sua palma da mão para a boca. Ele beijou o centro quente, não dando nenhuma de suas arestas, apenas o calor suave e quente de sua boca. Em seguida, ele guiou a mão ao seu peito, apoiando-a sobre a batida forte de seu coração.

— Sinta-me, Savannah. Eu sou de carne, sangue e ossos, assim como você. E eu nunca vou te machucar.

Ela manteve a mão ali, mesmo depois que ele a soltou.

— Diga-me como isso é possível? — ela murmurou. — Como isso pode ser real?

Gideon alisou os dedos ao longo de sua bochecha, em seguida, para baixo ao longo do ponto de sua carótida, que voava como um pássaro enjaulado contra a ponta do polegar no seu pulso.

— Se vista primeiro. — ele a instruiu com ternura, mais para o seu próprio bem do que o dela. — Em seguida, sente-se e vamos conversar.

Ela olhou para a cadeira de madeira solitária na sala de estar da casa desolada de Tegan. Para alívio de Gideon, ela olhou para trás não com terror ou repulsa, mas com a sabedoria e a sagacidade afiada, melhor do que uma mulher com o dobro de sua idade jovem.

— É hora de me arriscar em meu próprio assento de Perilous?

— Eu duvido que já tenha existido alguém mais digno. — ele respondeu.

E se ele já não estivesse meio apaixonado por ela, Gideon reconheceu que ele caiu um pouco mais duro nesse momento.

Capítulo 12

Gideon tinha andado à sua frente enquanto falava.

Agora que tinha terminado, ele finalmente fez uma pausa, olhando-a com um expectante, estranhamente cativante, espécie de silêncio enquanto Savannah trabalhava para absorver tudo o que tinha acabado de ouvir.

— Está tudo bem? — Ele perguntou cuidadosamente, quando o peso de sua nova educação a deixou sem palavras. — Ainda comigo, Savannah?

Ela assentiu com a cabeça, tentando fazer com que todas as peças se encaixassem na sua mente.

Toda a história incrível de sua espécie e de onde eles vieram, como eles viviam em segredo ao lado de seres humanos há milhares de anos. E como Gideon e um pequeno número grupo corajosos homens da Raça com o mesmo pensamento, — modernos cavaleiros — trabalhavam juntos como uma unidade aqui mesmo em Boston para manter a cidade protegida da violência dos Renegados.

Era tudo muito incompreensível.

Mas ela acreditou nele.

Confiou na palavra dele que o conto fantástico que tinha acabado de contar era a verdade.

Era, estivesse preparada a aceitá-lo ou não, a sua nova realidade.

Uma realidade que parecia um pouco menos assustadora tendo Gideon com ela.

Ela olhou para ele.

— Vampiros do espaço sideral, huh?

Ele sorriu ironicamente.

— Os Antigos eram *extraterrestres*, não homenzinhos verdes. Predadores mortais diferentes daqueles que este planeta já tinha visto. O topo da cadeia alimentar.

— Certo. Mas sua descendência...

— A Raça.

— A Raça. — ela disse, ainda testando tudo fora em sua mente. — Eles são parte humanos?

— Híbridos descendentes dos Antigos e das Companheiras da Raça, mulheres como você. — ele esclareceu.

Savannah estendeu a mão para o seu ombro esquerdo, onde um pequeno sinal de nascença declarava que era a outra metade do tipo de Gideon. Ela soltou uma risada suave e balançou a cabeça.

— A minha mãe costumava dizer que era um beijo de fada.

Gideon deu um passo na direção dela. Enquanto sentava na velha cadeira de madeira, deu um leve encolher de ombros.

— Algo fez você e outras nascidas com esta marca diferente das outras mulheres. Quem pode dizer que não foram as fadas? — Sua boca se curvou em um terno, sorriso íntimo. — Isso a torna muito especial, Savannah. Extraordinária. Mas você seria ambas e muito mais, mesmo sem a sua marca.

Savannah observava, hipnotizada, como as faíscas de fogo nas suas íris azuis brilhantes reluziam como estrelas. Suas pupilas tinham diminuído para finas, fendas verticais inumanas, como o olho de um gato. Talvez devesse ter sentido alarme ou repulsa, em vez disso, estava paralisada, atônita ao ver a mudança que ele apresentava em muitos aspectos intrigantes, fantásticos.

Ela estendeu a mão para ele, convidou-o mais perto. Ele se colocou entre seus joelhos e afundou-se de cócoras. Seu grande corpo irradiava um calor palpável. Onde os joelhos e coxas se tocavam, ela podia sentir o duro martelar de seu pulso. Seu próprio coração parecia responder, seguindo seu ritmo, como se fossem um único e mesmo ser.

Savannah não conseguiu resistir a tocá-lo.

Seu peito nu, seus ombros poderosos e seus braços musculosos estavam vivos, com um emaranhado de arcos intrincados e redemoinhos que o cobriam, apenas um tom mais escuro do que a sua pele dourada.

Dermaglifos, ele explicou, junto com o resto do que lhe dissera.

Ela traçou um dos padrões ao longo do seu firme peitoral com a ponta do dedo e ficou maravilhada como sua cor se intensificava com o seu toque. Ela seguiu as ondas graciosas e a queda do glifo, vendo-o voltar à vida e passar de ouro vivo à tons escuros.

— Eles são lindos. — disse ela, e ouviu o grunhido de aprovação profundamente no seu peito enquanto brincava com mais cor em outros lugares da sua pele aveludada. Fascinou-a desde que o conheceu sob as paredes de Abbey na biblioteca. Mas sentia curiosidade sobre ele de outra forma. Queria conhecê-lo melhor, queria saber tudo sobre o seu amante que era algo mais do que um homem. — Eu poderia brincar com seus dermaglifos o dia todo. — admitiu, incapaz de esconder sua admiração e prazer. — Eu adoro a forma como as cores mudam para vinho e índigo quando toco neles.

— Desejo. — ele respondeu asperamente. — Isso é o que essas cores significam.

— Seus olhos. — olhou para cima e viu uma fme crescente no belo rosto, na sua voz baixa e rouca. “Seus olhos”, disse ela, observando como as faíscas tinham se multiplicado, agora mais do que um fulgor âmbar, lentamente inundando o azul das suas íris. — Quando nós fizemos amor mais cedo, eu senti o calor de seu olhar. Vi que havia um fogo ganhando vida nos seus olhos. Este tipo de incêndio. Você escondeu isso de mim.

— Eu não queria assustá-la. — uma crua, admissão descarada.

— Não tenho medo agora, Gideon. Quero saber. — Ela estendeu a mão para ele, segurou sua mandíbula rígida na palma da mão — Quero entender.

Ele a olhou fixamente por um longo momento, então rosnou o nome dela e cobriu a sua boca em um beijo longo e lento.

Savannah se derreteu nele, arrastada pelo calor e prazer dos seus lábios nos dela. Ela ansiava por um sabor mais profundo, testando as linhas da boca dele com a língua. Ele não quis ceder em um primeiro momento, gemendo enquanto recusava.

Ela não o deixaria esconder-se dela. Agora não. Não outra vez, nem nunca quando estivessem juntos.

Ela se arrastou para a beira da cadeira e colocou as mãos a volta da parte de trás da cabeça dele, espetando os dedos no seu curto cabelo sedoso. Ela passou a língua ao longo de sua boca, insistindo, pressionando seu corpo contra o dele.

Ele desistiu com uma maldição baixa e ela empurrou para dentro, emocionada por sentir a sua boca faminta. As pontas afiadas das suas presas raspavam sua língua quando ela o beijou mais profundamente. Quando ela dificilmente podia aguentar mais, recuou para o olhar diretamente no rosto.

Pouco restava que permitisse confundi-lo com um homem mortal. Seus olhos estavam em chamas, suas presas enormes e afiadas. Seus dermaglifos estavam lívidos com uma cor escura, agitados como seres vivos sobre sua pele.

Ele era magnífico.

E ela não sentiu medo enquanto bebia à sua plena transformação.

— Leve-me para a cama, Gideon. Faça amor comigo novamente, agora, como está. Eu quero estar com você do jeito que você é.

Com um grunhido de outro mundo em concordância, ele tirou-a de forma áspera da cadeira para os seus braços fortes.

Em seguida, levantou-se e levou-a para o quarto, como ela tinha ordenado.

* * *

Gideon nunca tinha visto nada mais bonito do que o olhar de prazer no rosto de Savannah enquanto caminhava em direção ao orgasmo, seus olhos escuros fixos no seu olhar enquanto ela cavalgava em um lento, mas claramente crescente ritmo.

Eles deixaram a cama um pouco antes o amanhecer do lado de fora da casa da cidade ficar selada. Agora, eles se sentaram cara a cara em uma banheira com água morna, Savannah em cima dele, seu pau enterrado bem no fundo da sua apertada vagina, seus peitos dançando em um movimento sedutor na frente de seu olhar sedento e boca faminta. Ele não pôde resistir a puxar um dos mamilos marrons atrevidos entre os dentes, rolando a língua sobre o pico pouco apertado e gentilmente passeando a ponta de suas presas ao longo da curva de sua carne macia.

Ela prendeu a respiração, afiada, trêmula, quando ele fechou a boca sobre ela um pouco mais forte, apenas o suficiente para lembrá-la o que ele era e para atormentar-se quando ele sentiu que desejava ir mais longe com ela fazê-la em sua, todos os sentidos.

Fazer amor com ela abertamente, sem medo ou ocultação de sua verdadeira natureza, tinha sido incrível. Uma boa explosão da mente. Tinham esgotado um ao outro ontem à noite, dormindo pouco tempo nos braços um do outro antes de despertar mais uma vez, beijar e acariciar e fazer amor novamente.

Gideon sabia que deveria ter se afastado em alguns pontos para informar o Complexo, mas não tinha sido capaz de encontrar a vontade de sair da cama que tinha compartilhado com Savannah. Da forma como as coisas estavam indo esta manhã, ele nunca poderia voltar atrás. Savannah balançava sobre ele, os olhos fechados seu rosto brilhando com a luz âmbar do olhar de prazer dele.

Ele acariciou o seu rosto e pescoço enquanto ela se movia sobre ele em um ritmo mais profundo, mais rápido. A água do banho espalhava-se a volta deles ruidosamente, o som molhado e erótico de sua vida amorosa. Ela começou-se a gozar, gemidos suaves deslizaram através de seus lábios entreabertos.

Gideon agarrou seu traseiro em um aperto mais firme e moveu sua pélvis em sincronia com suas ondulações. Seu pênis parecia aço quente no interior da luva apertada do corpo dela, sentiu a construção da pressão para uma febre na base de sua coluna. Suas presas encheram a sua boca. Suas gengivas pulsaram com a necessidade de provar a coluna graciosa do pescoço de Savannah quando ela jogou a cabeça para trás e gritou com o clímax.

Gideon a seguiu pela borda um instante mais tarde, o seu orgasmo quebrando-o em uma onda alçada em seu corpo inteiro e um grito áspero de lançamento. Ele estremeceu dentro dela, onda após onda de calor escaldante atirando para fora de si mesmo. Ele murmurou o nome dela, uma oração ou maldição, ele não sabia.

Ela sorriu enquanto ele a preenchia, seus olhos escuros absorvendo-o, mesmo que ele soubesse que devia parecer selvagem e sobrenatural. Ela não se esquivou. Não a sua Savannah, agora não.

Ela caiu contra ele, mole e saciada. Gideon segurou-a perto, acariciando com as mãos suas costas. Sua respiração estava quente contra o lado do seu pescoço, seus lábios macios e úmidos no ponto pulsante, onde ela descansava, fazendo sua carótida saltar loucamente em resposta.

— Não me canso de você. — ela murmurou. — Está usando algum tipo de feitiço da Raça comigo que me faz te querer tão desesperadamente?

Ele riu.

— Se eu tivesse esse tipo de poder... Nunca a deixaria sair da minha cama. Ou minha banheira.

— Ou da cadeira na sala ao lado. — acrescentou ela, uma lembrança de outro local de que tinham feito uso nestas últimas horas felizes.

A excitação de Gideon acordou novamente com o pensamento, e ele se perguntou como sua vida amorosa intensa seria se eles fossem acasalados, compartilhando um laço de sangue. Uma pequena mordida e ela seria sua para sempre. *Pensamento perigoso*. Algo que ele não estava preparado para considerar, independentemente do quanto o seu corpo parecia sentir de outra forma.

— Também não me canso de você. — ele disse, dando-lhe um beijo na têmpora. — Faz muito tempo desde que estive com alguém. Tive que recordar novamente como é feito. Embora eu não consiga pensar em nada melhor do que estudar o seu corpo e aprender todas as maneiras para agradá-lo.

Ele sentiu o sorriso dela contra ele.

— Bem, você está fazendo tudo direito.

— Aprendo rápido.

Savannah riu e se aconchegou mais perto, praticamente sobre ele na apertada banheira vitoriana. Sua perna longa estava estendida acima dele, os braços dele embrulhados ao redor do seu peito. Gideon acariciou o braço dela.

— Por um longo tempo, fui colocando toda a minha energia e foco em missões da Ordem. Definitivamente estou relaxando sobre isso agora. Provavelmente vou ter um inferno para pagar — e com razão — quando informar sobre onde estive.

Savannah ergueu a cabeça, estudando seu rosto.

— Quanto tempo?

— Quanto tempo faz que eu quis alguém do jeito como a quero?

Ela assentiu com a cabeça.

— Nunca. — ele disse. — Você é a primeira a esse respeito. Eu tive minha cota de ligações. Escapadas impensadas que não significavam nada para mim.

— Quanto tempo desde que você fez amor? — Ela pressionou.

— A última vez? — Ele encolheu os ombros. — Dezoito ou dezenove anos, se tivesse que adivinhar. — O espaço de toda a sua vida, que parecia de alguma forma apropriada para ele agora. — Não foi memorável, Savannah. Nenhuma delas foram, comparadas a esta. Comparadas a você.

Ela ficou em silêncio, traçando um glifo no seu peito.

— Só estive com um cara antes, Danny Meeks, um menino de minha cidade natal. Atleta de alta escola, quarterback da equipe do colégio, rei do baile... O garoto com o qual todas as meninas na escola sonhavam estar.

Gideon grunhiu, sentindo uma onda de possessividade pura. Ele queria fazer um comentário espertinho sobre atletas com QIs menores do que o tamanho de as sandálias dela, mas podia sentir Savannah contendo-se enquanto falava.

— O que ele fez para você? — Ele perguntou, sua possessividade escurecendo em direção à fúria com a suspeita de que o menino estúpido a tinha ferido de alguma forma.

— Eu pensei que ele realmente gostasse de mim. Podia escolher qualquer uma que quisesse na escola, e ele tinha acabado de terminar com a mais bonita, a garota mais popular da minha turma. Mas lá estava ele, me perseguindo. — Ela suspirou baixinho, ainda movendo o dedo ao longo da curva de dermaglifos de Gideon, cuja cor não estava subindo pelo desejo novamente, mas pela raiva por sua dor. — Tivemos alguns encontros, e depois de várias semanas, ele começou a pressionar para levar as coisas mais longe com ele. Eu era virgem. Queria esperar até encontrar a pessoa certa, sabe?

Gideon acariciou-lhe o braço, deixando-a falar, enquanto no interior sabia onde isso estava indo e ele não gostou.

— Finalmente, eu cedi. — ela disse. — Nós fizemos sexo, e foi horrível. Doe. Ele era desajeitado e rude.

Ele não queria imaginá-la com outro homem, muito menos um que seria tão descuidado com ela.

— Continuamos a namorar ainda durante um par de meses depois disso. — ela continuou. — Danny nunca me tratou melhor. Apenas levava o que queria de mim. Depois de um tempo, eu comecei a ouvir rumores de que ele tinha telefonado para sua antiga namorada novamente. Que estava comigo apenas para provocar ciúmes. Eles se juntaram novamente, e eu nem sabia sobre isso até que os vi curtindo em um

dos seus jogos. Ele nunca sequer se importou comigo. Ele fingiu ser uma coisa comigo, mas o tempo todo em que estivemos juntos, ele só estava me usando para conseguir algo que ele realmente queria.

Gideon rosnou. Ele pulsava com fúria, querendo nada mais do que ensinar ao pequeno idiota uma lição. Estrangular o filho humano de uma cadela por magoá-la.

— Savannah, eu sinto muito.

— Está tudo bem. — Ela balançou a cabeça que descansava no seu peito. — Eu aprendi com isso. Tornou-me mais cuidadosa. Mais protetora de mim, do meu coração. E então você apareceu...

Ela olhou para cima nos seus olhos.

— Eu nunca imaginei que eu podia sentir todas as coisas que sinto com você, Gideon. Eu nunca entendi o quanto me sentia tão perdida — toda minha vida — até que encontrei você. Penso que foi o destino que nos uniu na biblioteca há algumas noites.

Só ele sabia que não tinha sido o destino de forma alguma que o tinha mandado para ela naquela noite. Ele a tinha procurado em primeiro lugar como um guerreiro em uma missão privada para reunir informação sobre a espada e quem a tinha agora.

Essa missão tinha mudado rapidamente, uma vez que ele veio a conhecer Savannah. Uma vez que ele veio a se preocupar com ela tão rapidamente, tão profundamente. Deveria ter sido honesto sobre o seu primeiro encontro antes. Deveria tê-lo feito então — teria — mas antes que pudesse pronunciar a primeira palavra, ela cobriu a sua boca com um beijo carinhoso.

Era tudo o que podia fazer para não acabar com seu doce beijo e deixar escapar as outras palavras contundentes que estavam na ponta da língua: Esteja comigo. Ligue-se a mim. Deixe-me ser seu companheiro.

Mas não era justo pedir tanto dela, não quando ela estava entrando no seu mundo e ele ainda tinha assuntos inacabados para tratar.

Ele ainda tinha inimigos ocultos para eliminar. E ele não iria assumir por um momento que matar o vampiro que a tinha abordado na Estação Sul eliminava toda a ameaça que estava seguindo Savannah.

Lembrar esse encontro deixou-o tenso e sério. Ela deve ter sentido a mudança nele, porque Savannah afastou-se dele nesse momento.

— O que foi? O que está errado?

— Ontem à noite, no terminal de ônibus, — ele disse. — reparou em alguém a seguindo? Observando, antes ou depois de sua chegada? Não me refiro ao vampiro que encurralou você, mas outra pessoa. Alguém que poderia ter tido conhecimento de que isso estava acontecendo.

— Não. Por quê? — Apreensão brilhou no seu olhar interrogativo. — Pensa que o Renegado estava com outros? Pensa que eu era o alvo de alguma forma?

— Eu acho que é uma possibilidade muito real, Savannah. Não estou disposto a assumir o contrário. — Gideon não queria alarmá-la desnecessariamente, mas ela também tinha que entender o quão perigosa a situação poderia ser para ela do lado de fora. — Penso que o Renegado foi enviado para encontrá-la por outra pessoa.

Mais do que provável, enviado para silenciá-la, um pensamento que fez seu sangue gelar nas suas veias.

Savannah olhou fixamente para ele.

— Por causa do que aconteceu para Rachel e o Professor Keaton? Quer dizer, você pensa que a pessoa que os atacou está agora atrás de mim? Por quê?

— A espada, Savannah. O que mais viu quando a tocou?

Ela balançou a cabeça.

— Já lhe disse. Vi os Renegados que mataram aqueles dois pequenos meninos. E vi você, atingindo alguém com a lâmina. Você matou alguém com ela.

Gideon deu um aceno de cabeça severo.

— Em um duelo, muitos anos atrás, sim. Matei o macho da Raça que fez a espada. Seu nome era Hugh Faulkner, um Raça Gen Um e o melhor fabricante de espadas em Londres na época. Ele também era um idiota e um canalha, um desviado que levou o seu prazer no derramamento de sangue. Especialmente quando se tratava de mulheres humanas.

— O que aconteceu?

— Uma noite em Londres, Faulkner apareceu em uma taberna de Cheapside com uma fêmea humana debaixo do braço. Ela estava em más condições, pálida e sem resposta, quase sangrou até a morte. — Gideon não podia conter a repugnância do seu tom. Havia leis entre a Raça destinadas a proteger os seres humanos contra os piores abusos de poder da Raça, mas também havia indivíduos entre sua espécie, como Faulkner, que se consideravam acima de qualquer lei.

— Poucos dos machos da Raça no estabelecimento considerariam se confrontar com um Raça Gen Um, especialmente um tão indecente quanto Faulkner. Mas não pude tolerar o que ele havia feito para a mulher. Palavras foram trocadas. A próxima coisa que me dei conta, Faulkner e eu estávamos do lado de fora, na escuridão, envolvidos em um confronto até a morte pelo destino da mulher. — Gideon recordava-se como se o confronto tivesse acontecido ontem, e não cerca de três centenas de anos no passado. — Eu tinha ganhado alguma notoriedade pela minha habilidade com a espada, mais do que Faulkner, como se constatou. Ele perdeu a lâmina quase imediatamente e tropeçou. Foi um deslize fatal. Poderia ter tomado a sua cabeça em seguida ali mesmo, mas em um ato de misericórdia — estupidez, pensando bem — travei a minha mão.

— Ele trapaceou? — Savannah adivinhou.

Gideon assentiu vagamente.

— No minuto em que me virei para ir embora e recuperar sua espada caída, Faulkner começou a levantar-se até chegar a mim. Eu percebi o meu erro imediatamente. Recuperei-me rapidamente, e antes de Faulkner poder se levantar, voltei a ele e cortei-o ao meio com sua própria maldita espada.

Savannah tomou fôlego suavemente.

— Foi o que eu o vi fazendo. Você o matando com a espada que toquei.

— Ganhei o confronto e mandei a mulher humana para longe para ser cuidada até que estivesse bem de novo. — Gideon respondeu. — Quanto a espada de Faulkner, gostaria de tê-la deixado onde estava, naquela noite, ao lado de seu cadáver.

Compreensão amanheceu nos olhos tenros de Savannah.

— Os meninos gêmeos que eu vi ao tocar a espada antes de eles serem atacados nos estábulos por Renegados...

— Meus irmãos. — ele confirmou. — Simon e Roderick.

— Gideon. — ela solenemente sussurrou. — Sinto muito pela sua perda.

— Foi há muito tempo atrás. — ele disse.

— Mas ainda sente isto. Não é?

Ele soltou um suspiro pesado.

— Fiquei culpado por não protegê-los. Nossos pais estavam mortos. Os meninos eram minha responsabilidade. Várias semanas após o confronto com Faulkner, eu estava fora, na farra na cidade. Simon e Roddy eram jovens, nem mesmo 10 anos de idade, mas com idade suficiente para caçar por conta própria como os jovens da Raça. Eu tinha como certo que estariam seguros o suficiente por conta própria por algumas horas naquela noite.

Savannah se aproximou e puxou sua mão fechada até os lábios e beijou os dedos cerrados com doce compaixão. Ele relaxou os dedos para entrelaçá-los com os dela.

— Meus irmãos eram a razão pela qual vim para Boston. Entrei na Ordem para caçar Renegados, depois de matar os três que os mataram, assim como dezenas de outros para completar.

— Centenas mais. — Savannah lembrou-lhe.

Ele grunhiu.

— Pensei que matar Renegados faria diminuir a culpa sobre a morte de meus irmãos, mas não fez.

— Há quanto tempo você vem tentando se tornar melhor, Gideon?

Ele exalou um juramento baixo.

— Simon e Roddy foram mortos há três séculos.

Ela levantou a cabeça e olhou para ele. Boquiaberta.

— Exatamente quantos anos você tem?

— Trezentos e setenta e dois. — disse arrastando as palavras. — Mais meses, menos meses.

— Oh, meu Deus. — Ela deixou cair a cabeça de volta para baixo no peito dele e riu. Então riu de novo. — Pensei que Rachel era louca por correr atrás do Professor Keaton, e ele estava apenas nos seus quarenta. Estou me apaixonando por uma relíquia total.

Gideon parou.

— Se apaixonando?

— Sim. — ela respondeu calmamente, mas sem hesitação. Ela olhou para ele. Uma fina sobrancelha arqueada ironicamente. — Não me diga que isso é tudo o que preciso para assustar um vampiro de trezentos e setenta e dois anos de idade.

— Não. — ele disse, mas sentiu uma cautela repentina.

Não por causa da sua doce confissão; ele voltaria a esse pronunciamento tentador em outro momento.

Agora, seus instintos guerreiros estavam zumbindo com preocupação fria. Ele sentou-se na banheira, franzindo a testa.

— Keaton. — afirmou categoricamente. — Quando é que ele sairá do hospital?

— Ele já saiu. — Savannah respondeu. — Eu o vi ontem no campus. Ele parecia horrível, mas me disse que tinha tido uma recuperação completa e o hospital o liberou mais cedo do que o esperado. Ele estava agindo meio estranho...

Gideon ficou tenso.

— Estranho de que forma?

— Eu não sei. Estranho. Assustador. E ele mentiu quando lhe perguntei sobre o ataque.

— Conte.

Ela encolheu os ombros.

— Disse que viu quem matou Rachel e o atacou naquela noite. Keaton disse que foi um vagabundo, mas a visão que tenho da pulseira de Rachel me mostrou um homem em um terno muito caro. Um homem com olhos cor de âmbar e presas.

— Puta merda. — Por que não percebeu isso antes, Gideon não tinha ideia. O atacante matou a colega de quarto de Savannah, mas deixou o professor vivo. Isso não foi um acidente. — O que mais Keaton lhe disse?

— Nada demais. Como eu disse, ele estava agindo de forma estranha, e não como ele mesmo. Não me sentia segura perto dele.

— Será que Keaton sabia que estava indo para a estação de ônibus na noite passada?

Ela fez uma pausa, pensando.

— Eu lhe disse que estava indo para casa em Louisiana. Eu poderia ter mencionado que ia pegar o ônibus...

Gideon rosnou e saiu da banheira. A água jorrou dos seus membros nus e peito.

— Eu preciso ver Keaton por mim mesmo. É a única maneira que eu possa ter certeza. — Ele pensou sobre a hora do dia, provavelmente mal passando do meio-dia e amaldiçoou sem rodeios.

Savannah saiu também, e ficou ao lado dele. Ela colocou a mão no seu ombro.

— Gideon, do que você precisa ter certeza?

— Dos ferimentos de Keaton na noite do ataque. — ele disse. — Preciso saber se foi mordido.

— Eu não sei. Eu não vi assim tanto quando toquei a pulseira de Rachel. — Ela olhou fixamente para ele em confusão. — Por quê? O que isso lhe dirá se Keaton foi mordido?

— Se o vir, vou saber imediatamente se ele ainda é humano ou se ele foi mordido e sangrado pelo seu atacante. Eu preciso saber se ele foi transformado em um Servo pelo vampiro que levou a espada da Universidade.

— Um Servo. Se Keaton foi mordido, isso lhe dirá o que você precisa saber?

— Sim. — Ele passou a mão sobre o couro cabeludo. — O problema com isto é que eu estou preso dentro de casa até o anoitecer.

— Gideon. — ela disse. — E se eu for ver Keaton agora?

— O que você quer dizer? — Ele se mostrou indignado com o pensamento de ela chegar perto do homem. — Você não vai a lugar nenhum sem mim. Eu não vou correr esse risco.

Ela balançou a cabeça.

— Quero dizer, talvez eu possa dizer-lhe se Keaton foi mordido durante o ataque. — Em resposta a sua careta, ela disse. — Ainda tenho a pulseira de Rachel.

— Onde?

— Aqui, comigo. Está na minha bolsa no outro quarto.

— Preciso que vá buscá-la, Savannah. Agora.

Capítulo 13

Savannah acordou de um cochilo excepcionalmente pesado, sozinha na cama.

Quanto tempo tinha dormindo? Sentia a cabeça pesada, como se estivesse saindo de uma anestesia leve.

Onde estava Gideon?

Ela chamou por ele, mas a casa vazia estava em silêncio. Empurrando-se para cima do colchão, fez uma varredura com os olhos turvos no quarto escuro.

— Gideon?

Não houve resposta.

— Gideon, onde você está?

Ela sentou-se e atirou o lençol para longe. Acendeu o abajur da cabeceira. No travesseiro ao seu lado havia um pedaço de papel. Uma nota rabiscada no verso do bilhete de ônibus não utilizado, que estava em sua bolsa. A letra era nítida, precisa, inclinada para frente e ousada — como ele.

Desculpe, tive que fazer isso desse modo. Você estará segura aqui. Volto em breve.

Savannah olhou ao redor do quarto. As roupas de Gideon se foram. Suas botas e armas. Até o último vestígio dele, desapareceu.

Ela sabia onde ele tinha ido.

Através do nevoeiro de tudo o que ele tinha feito com ela, recordou sua reação explosiva, quando tinha usado a pulseira de Rachel, para outro vislumbre do ataque do vampiro, naquela noite no escritório do Professor Keaton.

Keaton tinha sido mordido, assim como Gideon suspeitava.

Já não mais o homem que era, mas um escravo para o comando de seu Mestre vampiro.

Um indivíduo que Gideon parecia determinado a encontrar.

Tinha quase escalado as paredes com a energia inquieta, enquanto a tarde arrastava-se do lado de fora da casa. Ele mal podia esperar para sair de lá. Andava ansioso, esperando a chance de sair e enfrentar Keaton, então caçar o Mestre do Servo.

Savannah queria ir com ele, mas sua recusa tinha sido severa e inabalável. Ele estava irredutível de que ela ficasse bem onde estava, deixando-o lidar com a situação como bem entendesse — sozinho. Ou com os seus irmãos da Ordem, se necessário.

Isto até que insistiu que não iria ficar para trás, cravando os saltos com determinação igual à dele, até que ele finalmente suavizou.

Beijou-a com ternura. Trouxe-a para o abrigo de seus braços e, cuidadosamente, tocou a palma da mão em sua testa. Então...

Então, nada.

Isso era tudo o que conseguia se lembrar das últimas duas horas, pelo menos.

Desculpe tive que fazer isto deste modo, ele tinha escrito em sua nota.

Maldito seja!

Savannah saltou para fora da cama. Enfiou-se em suas roupas, e correu para a porta da frente. Puxou a trava. Ela não se moveu.

Ele a trancou do lado de dentro?

Puta da vida agora foi até a janela e tentou abri-la. Selada, permanentemente fechada, cada uma delas fechadas pelo exterior. Toda a casa estava trancada, ela percebeu, fazendo uma verificação frenética do perímetro de todo o lugar.

Ela finalmente parou sem fôlego na pequena cozinha vazia, indignada.

Não havia maneira de sair.

Estava presa aqui, e Gideon estava em algum lugar lá fora, procurando enfrentar um inimigo poderoso por conta própria.

Ela sabia que não poderia ajudá-lo — não no tipo de batalha que ele estava acostumado a lutar. Mas, deixando-a para trás assim, para esperar e se preocupar? Para forçá-la a cumprir com sua vontade, induzindo seu poder da Raça sobre ela? Se não estivesse tão preocupada com ele, iria matá-lo da próxima vez que o visse.

Sufocou um suspiro de pânico. Deus, por favor, deixe-me vê-lo novamente.

Ela caiu nas tabuas do chão áspero, de joelhos... e notou algo no canto da cozinha, que não tinha visto em sua busca por um meio para fora da casa.

Havia uma porta no chão. Quase invisível, moldada no assoalho e perfeitamente nivelada com o resto do revestimento.

Com uma mistura de curiosidade e pressentimento, Savannah se arrastou em direção a isto, e sentiu em torno pela junção. Alavancou os dedos entre um par de tábuas e encontrou um painel quadrado oculto, desengonçado e instável. Ela levantou-o, deslizou-o para o lado e recostou-se, quando uma corrente de ar frio e úmido soprou para fora da abertura escura.

Savannah olhou para baixo pelo espaço, tentando ver se a escuridão levava para fora da casa, para algum lugar, ou simplesmente para baixo a uma antiga adega. Um arrepio em sua nuca lhe disse que, não era para nenhum dos dois, mas agora que tinha aberto a porta, não poderia simplesmente fechá-la novamente sem ter a resposta.

Uma rústica escada tinha sido construída na parede de barro abaixo. Ela escorregou para dentro do buraco, e cuidadosamente desceu cerca de seis metros para o fundo.

Era um poço profundo, sem luz, exceto a iluminação escassa derramando da cozinha acima.

Se pensou que a casa parecia um túmulo na noite passada, quando ela e Gideon chegaram pela primeira vez, esta câmara talhada a mão na terra fria e escura, trazia o sentimento de volta dez vezes mais.

Quem fez isso?

O que era isso?

Savannah olhou em torno do espaço abandonado. Nada além de paredes úmidas e piso, um lugar de tristeza e isolamento. Um lugar de esquecimento.

Não ela pensou, vendo o propósito do quarto escondido somente agora — um nicho esculpido na parede oposta, criado para manter uma rude caixa de madeira, que tinha sido cuidadosamente colocada dentro do recanto.

Este buraco na terra era um lugar de recordações.

De penitência.

Ela se aproximou da alcova e da antiga caixa que isto continha. Mesmo sem tocá-la, podia sentir a angústia que cercava o relicário.

De onde esta caixa vinha? Por que aqui? Quem tinha posto isto tão deliberadamente neste lugar?

Ela tinha que saber.

Savannah passou a mão nua levemente sobre a parte superior da caixa antiga.

Tristeza alagou-a, penetrando diretamente em seu âmago.

Restos de uma jovem mulher estavam dentro por muito, muito tempo. Cinzas e ossos, ungidos em lágrimas. Lágrimas de um homem.

Não, não um homem.

Um macho da Raça, desconhecido para ela, lamentando sua Companheira morta. Culpando a si mesmo por sua morte.

Savannah o viu em um clarão de seu dom extra-sensorial: Um guerreiro enorme com desgrehado cabelo acastanhado, e penetrantes olhos verdes como pedras preciosas. Olhos que queimavam de raiva, tristeza e auto aversão.

Sua dor estava extremamente em carne viva.

Muito dolorosa para ela ficar mais tempo.

Afastou a mão apressadamente e recuou, colocando a maior distância que podia entre ela e o passado terrível contido na caixa.

Abalada, não querendo mais saber de quartos ou segredos escondidos desta casa, ela correu de volta para cima, para esperar o retorno de Gideon.

* * *

Depois de arrombar o prédio da Administração dos Docentes na Universidade, assim que a noite caiu, Gideon se dirigiu para o bairro operário de Southie, os olhos postos na casa daquele professor William Charles Keaton.

Um degradante, não aparente apartamento de solteiro, da virada do século da Nova Inglaterra, mas havia um chamativo Firebird branco estacionado na entrada lateral, que era propaganda suficiente para um caçador de rabo de saia como Keaton.

Ou melhor, um caçador de rabo de saia como tinha sido.

Depois de ouvir Savannah confirmar naquela tarde o que suspeitava — que Keaton tinha, de fato, sido mordido pelo macho da Raça que o atacou — Gideon tinha certeza de que a única coisa que interessava agora para Keaton, era obedecer as ordens de seu Mestre.

Gideon precisava saber a quem Keaton servia.

Precisava saber quem queria a espada de Hugh Faulkner a ponto de matar por isso, e por quê.

Ele não estava com muita esperança de que Keaton fosse entregar facilmente estas respostas, absolutamente. Interrogar Servos não era frequentemente um esforço muito produtivo. A fidelidade do escravo de mente pertencia totalmente ao seu Mestre.

Ainda assim, Gideon tinha que tentar.

Para a segurança de Savannah, se nada mais.

Ele tinha odiado como o inferno ter que recorrer a deixá-la em transe, pouco antes do pôr do sol, mas sabia que não tinha muita escolha. Nunca teria saído daquela casa com ela. Trancá-la provavelmente não iria trazer-lhe nenhum prêmio de herói, tampouco.

Merda.

Teria que adicionar outro pedido de desculpas ao resto que lhe devia — começando com aquele com o qual planejava confessar, tão logo a visse novamente.

Aquele sobre como a deixou continuar pensando todo esse tempo, que a maneira como se conheceram tinha sido um simples acaso. O destino, como ela batizou isto, pouco antes de sua doce confissão, de que estava se apaixonando por ele.

Ela precisava saber que, apesar de seus motivos para procurá-la no início, o que sentia por ela agora — imediatamente após conhecê-la, se fosse honesto consigo mesmo — era real.

Ela precisava saber que era importante para ele, ainda mais que sua busca pessoal de respostas sobre a maldita espada e o macho da Raça que estava disposto a matar por isso.

Precisava saber que a amava.

Ele não conhecia uma maneira melhor de provar isto, do que removendo a ameaça de alguém que procurava fazer-lhe mal.

Começando com o Servo dentro desta casa.

Gideon entrou furtivamente, a tranca fraca na antiga porta da frente não era competição para o comando mental que deu para abri-la. A televisão soava abandonada na sala de estar, perto da porta de entrada. Um antigo jantar assentava ressecado em um recipiente de alumínio, em uma bandeja sobre a TV, ao lado de uma poltrona acolchoada marrom. Espalhado aberto sobre o assento estava um mapa do estado da Louisiana.

Filho da puta.

Gideon teve que reprimir duramente a fúria que começou a ferver em seu âmago, quando notou a linha traçada a lápis, sobre a região centro-sul do estado.

Ele passou a olhar à sua volta, procurando a energia do corpo do ocupante da casa, com seu talento de Percepção Extra Sensorial. Encontrou o fraco brilho laranja de Keaton, sob o assoalho a seus pés. O Servo estava no porão.

Gideon caminhou em direção à escada, no corredor que conduzia para o porão abaixo.

A luz ofuscada estava lá embaixo.

Sons vagos de vasculhar filtraram subindo os degraus... então, silêncio abrupto.

O Servo tinha acabado perceber a presença de um macho da Raça, diferente de seu Mestre.

Gideon pegou uma de suas armas na mão, enquanto descia as escadas para uma área aberta do porão. Keaton tinha desaparecido, fugido para se esconder em algum lugar, sem dúvida. Não que pudesse ir longe.

Gideon caminhou para baixo, desviando o olhar para a bancada tosca de troncos, e a placa de gesso com ferramentas penduradas, e pequenos contentores de suprimentos. A mochila escura estava aberta no banco. Dentro estavam rolos de corda, uma faca de caça e um rolo de fita adesiva prateada.

O sangue de Gideon ferveu com a visão de um óbvio kit de sequestro.

O Mestre de Keaton aparentemente mudou de ideia sobre incitar o Renegado para Savannah, e agora a queria capturada viva. O pensamento não assentava melhor em Gideon.

Ele girou a cabeça em torno do bagunçado porão, procurando pelo Servo.

Encontrou-o escondido em um quarto nos fundos do espaço.

Gideon dirigiu-se adiante, em direção a um quarto anexo, separado por uma cortina de miçangas. Arrastou-a para o lado e entrou no quarto decorado com o que só poderia ser descrito como um Bunker da Primeira Guerra. As paredes ostentavam uma extensa coleção de mosquetes e bastões, floretes e chifres de pólvora. Evidentemente, Keaton preferia sua história com uma pitada de derramamento de sangue.

Gideon caminhou em direção ao brilho da forma de Keaton, escondido atrás de uma porta do armário na outra extremidade do quarto. Gideon queria explodir um buraco no bastardo através do painel de madeira, mas precisava do Servo respirando para que pudesse espremer o nome de seu Mestre, dele.

— Planejando uma viagem, Keaton, — ele perguntou.

Sem resposta. O Servo fez pequenos movimentos urgentes, dentro do armário, movimentos que Gideon viu com as pequenas mudanças da energia da massa do humano. Ele não podia matar Keaton, pura e simplesmente, mas tirar um membro de cada vez poderia provar seu ponto.

— Precisamos ter uma conversa, Keaton. Precisa me dizer a quem você serve.

O Servo zombou agora. Gideon soltou uma maldição, e sacudiu a cabeça.

— Você pode sair agora, ou pode sair em pedaços.

Novamente, nenhuma resposta. Então Gideon deu um tiro na porta.

O Servo resmungou pelo impacto, mas quase não reagiu à dor. Então começou a cacarejar. Rindo mansamente, como louco.

Gideon percebeu seu erro apenas uma fração de segundo tarde demais.

Keaton abriu a porta do armário. Estava sorrindo, segurando duas granadas da II Guerra Mundial nas mãos. Os pinos já tinham sido arrancados.

Put a Merda.

Gideon virou-se e correu para o outro lado.

Estava no meio da escada, exatamente quando as granadas detonaram.

A explosão o jogou contra a parede, fumaça e destroços voaram ao redor dele. Ele bateu com força sentindo a queimadura de aleatórios estilhaços, salpicando em suas costas. Mas estava vivo. Ainda estava inteiro. O alívio tomou conta dele... até que suas narinas encheram-se com o cheiro alarmante de seu próprio sangue.

Muito disso.

Ele mudou de posição de onde tinha caído nas escadas, e olhou para avaliar os danos. Centenas de lacerações e pele chamuscada, onde os estilhaços quentes o tinham atingido. Nada em sua genética da Raça poderia curar a tempo por conta própria, em algumas horas.

Mas foi outro ferimento que lhe deu uma pausa.

O rasgo catastrófico na coxa esquerda, que tinha quase cortado o membro, e atualmente estava jorrando como um gêiser, com cada esmurrar forte de seus batimentos cardíacos.

O sangue escorria dele rápido e com força.

Seu corpo podia curar-se de uma lesão. Tinha feito, mais vezes do que jamais se preocupou em lembrar.

Mas este era ruim.

Este era mortalmente ruim, mesmo para um de sua espécie.

Capítulo 14

Um murro pesado bateu à porta da frente, fazendo com que Savannah levantasse da cadeira em um sobressalto.

— Gideon?

Parecia que ela estava esperando por uma eternidade, a preocupação com ele e a angústia por ter sido deixada sozinha na antiga e deplorável casa fazia o tempo se arrastar indefinidamente.

Outro baque alto soou do lado de fora da porta.

Ela atravessou a sala, sentindo uma onda de alívio.

— Gideon é você?

Ela queria que fosse ele.

Orou para que fosse ... Até que ouviu o ruído metálico da fechadura e, em seguida, a porta se abriu e um corpo suado e encharcado de sangue caiu com força no chão.

— Oh, meu Deus. Gideon!

Savannah correu para ele. Ela caiu ao lado dele, horrorizada com sua condição. Seu cabelo e rosto, as mãos — cada centímetro exposto dele estava coberto de cinzas negras, suor e sangue. Muito sangue.

Ele tentou falar, mas tudo o que passou por seus lábios era uma lima de som.

— Keaton. — ele chiou. — Mor... ele está morto... agora não pode mais prejudicá-la.

Ela soltou uma maldição que soou mais como um soluço.

— Eu não me importo com ele, caramba. Tudo que me importa é você.

Ele tentou se sentar, apenas para cair de volta no chão em um monte. Sangue escorria debaixo dele, pulsando para fora de um grande número de ferimentos causados por estilhaços e uma lesão muito profunda na coxa.

Ela alcançou o cinto de couro de armas dele, apertou-o em um torniquete improvisado ao redor da porção superior da perna dele. Ela podia ver os músculos do corte aberto em sua coxa. *Putá merda*. Ela também podia ver o osso lá.

— Gideon. — ela gritou. — Você precisa de ajuda. Você precisa de um hospital

— Não. — Ele rosnou a palavra, sua voz soando sobrenatural, letal.

Seus olhos estavam em chamas, completamente inundados em uma brilhante luz âmbar. Suas pupilas haviam diminuído tanto que quase não estavam lá. Suas presas enchiam a boca, esticadas como punhais afiados entre os lábios entreabertos, enquanto ele lutava para puxar o ar em seus pulmões.

— Afaste-se. — ele engasgou quando ela estendeu a mão para suavizar a mecha encharcada de cabelo grudado na testa. Sua pele estava pálida e branca como cera. Seu rosto se contorceu em uma pura agonia. — Fique longe.

— Você tem que me deixar te ajudar. — Ela se inclinou sobre ele para tentar levantá-lo.

Os olhos de Gideon rolaram avidamente para sua garganta.

— Para trás!

O comando assobiado a fez recuar, retroceder. Ela olhou para ele, sem saber o que fazer e meio com medo que ele já estivesse morrendo.

— Gideon, por favor. Eu não sei o que fazer.

— Chame-os. —disse ele densamente. Ele recitou uma sequência de números. — Vá agora... chame-os.

Ela tentou desesperadamente lembrar a sequência, repetiu-os de volta para ele para ter certeza. Ele deu um aceno vago, as pálpebras caídas, a pele cada vez mais perigosamente pálida.

— Depressa, Savannah.

— Tudo bem. — disse ela. — Ok, Gideon. Vou ligar para eles. Fique comigo. Eu vou conseguir ajuda para você.

Ela voou para o quarto para pegar a carteira de sua bolsa e uma caneta para rabiscar freneticamente os dígitos na palma de sua mão. Então ela correu para fora da casa e para rua, rezando para que o orelhão na esquina não estivesse fora de serviço.

Desajeitadamente ela colocou as moedas no orelhão e então ligou para o número que Gideon lhe dera. Tocou uma vez, então o silêncio como se alguém pegasse na outra extremidade.

— Hum, Alô? Olá!

— Sim. — Uma voz profunda e ameaçadora atendeu.

— Gideon me disse para ligar. — ela desabafou em pânico. — Alguma coisa aconteceu com ele e eu...
Clique.

— Olá?

O tom de discagem zumbia em seu ouvido.

* * *

Não foram nem dez minutos depois e Savannah encontrava-se ao lado de um Gideon indiferente, olhando para o rosto duro e olhos ilegíveis de um enorme macho da Raça vestido com couro preto e um pulsante poder letal.

Ele não tinha batido, simplesmente entrara direto sem uma palavra de saudação ou uma explicação. E ele chegou a pé, aparentemente, de onde Savannah nem podia imaginar.

Desde que ela conheceria Gideon e aprendera sobre a sua espécie, ela estava simplesmente aceitando algumas coisas como parte da sua nova realidade.

Ainda assim, ela mal pode conter o impulso de se arrastar para fora do caminho do homem perturbador quando ele entrou na casa.

O lugar era dele, não havia nenhuma dúvida sobre isso.

Fora ele quem colocara a caixa de cinzas no quarto escondido abaixo da cozinha.

Era a dolorosa tristeza dele que Savannah tinha vislumbrado quando tocara no relicário.

Ele olhou para ela agora, sem qualquer emoção. Seus olhos verdes não olhavam muito para ela, mas através dela.

Ele sabia. Ele sabia que ela tinha descido em seu aposento privado cheio de morte.

Savannah podia ver a consciência de sua violação na face sombria dele, embora ele não dissesse nada. Não fizesse nada, a não ser ir sombriamente para o lado de Gideon. Ele inclinou seu corpo grande e ficou agachado de cócoras ao lado de Gideon. A maldição baixa vaiou do grande macho.

— Ele não vai acordar. — Savannah murmurou. — Depois que retornei após fazer a chamada, eu o encontrei assim, inconsciente.

— Ele perdeu muito sangue. — A voz era o mesmo profundo rosnado e ameaçador que ela ouvira do outro lado da linha. — Ele precisa de cuidados adequados.

— Você pode salvá-lo?

A cabeça morena virou para encará-la, tristes olhos verdes varrendo-a.

— Ele precisa de sangue.

Savannah olhou para Gideon, recordando a sua forte reprimenda de que ela não chegasse perto dele. Ele estava furioso, tão desesperado, apesar de ter sido óbvio que ele queria beber dela, precisava.

— Ele não me quer. Ele me disse para ficar longe dele.

O olhar inquietante dele ficou preso nela por um longo momento antes que o vampiro voltasse sua atenção para o seu companheiro caído. Ele inspecionou a ferida na perna de Gideon, rosnando enquanto avaliava os danos.

— Então, você é a garota.

— Como?

— A Companheira da Raça que meu homem aqui não tem sido capaz de ficar longe desde que te viu no noticiário da TV no início desta semana, falando sobre a espada usada para matar seus irmãos.

Savannah sentiu uma pontada de confusão. Uma sensação estranha de medo.

— Gideon me viu no noticiário? Ele sabia que eu tinha visto a espada? — Ela balançou a cabeça. — Não, isso não está certo. Nós nos conhecemos na biblioteca onde eu trabalho. Ele não sabia nada sobre mim antes disso.

O outro guerreiro olhou para ela mais uma vez, um olhar fixo que fez seu desconforto se aprofundar ainda mais.

— Gideon estava olhando para alguns dos trabalhos artísticos da biblioteca. Foi pouco antes do fechamento, e ...

Suas palavras se perderam quando uma compreensão indesejada começou a se estabelecer.

Certo. Apenas aconteceu de ele estar na biblioteca, sem olhar para os livros, mas visitando as obras de arte fora de seu escritório. Flertando com ela. Citando Plutarco e praticamente a despindo com os olhos debaixo dos murais da Sala Abbey.

Fingindo que não sabia nada sobre o fato de que sua companheira de quarto tinha sido assassinada na noite anterior por um maldito vampiro — um de sua própria espécie.

Savannah se sentiu estranhamente exposta. Como um tolo que tinha chegado dois minutos após uma piada.

— Você está dizendo que ele me procurou naquela noite?

O guerreiro murmurou baixo, mas ele não respondera sua pergunta. Não havia necessidade. Ela sabia a verdade agora. Finalmente, ela supunha.

Gideon tinha visto sua entrevista no noticiário e a perseguiu para obter informações sobre alguém que ele estava determinado a encontrar. Alguém que ele acreditava que era seu inimigo, talvez ligado aos assassinatos de seus irmãos.

Ele a usou.

Era por isso que ele sabia onde ela morava, porque ele estava sempre no lugar certo na hora certa com ela.

Ele a estava seguindo do jeito que ele faria com qualquer outra presa... ou peão.

Deus, tudo entre eles era apenas parte de um plano? Alguma vingança privada que ele pretendia seguir?

Savannah cambaleou para trás, sentindo-se como se tivesse acabado de ser esbofeteada.

Ele ainda a estava usando hoje, encorajando-a a tocar a pulseira de Rachel para que ele pudesse aprender mais sobre Keaton e o vampiro que o atacou.

Agora Gideon estava deitado a seus pés, ferido e fraco, inconsciente e sangrando — talvez morrendo — por causa de sua maldita busca.

E ela estava parada sobre ele como uma idiota, sentindo-se impotente e com medo... medo de que ela tivesse se deixado apaixonar por ele, quando tudo o que ela, aparentemente, tinha sido para ele era um meio para um fim.

Era mais fácil ela aceitar que ele era Raça — algo muito diferente de humano — do que perceber que ela tinha sido um brinquedo o tempo todo. A dor que ela sentia era como a do aço frio cortando o centro de seu ser.

Outra pessoa a tinha usado para obter algo que queria mais, mas Danny Meeks só tinha tomado sua virgindade. Gideon tinha tomado seu coração.

Savannah deu um passo para trás. Em seguida outro, observando como o companheiro de Ordem de Gideon ajustava o torniquete em torno de sua coxa atacada e o preparava para levá-lo de volta para onde ele pertencia.

Ela sentiu o ar fresco em suas costas quando alcançou a porta aberta para a noite.

Então ela girou e saiu correndo, antes que as primeiras lágrimas quentes comessem a inundar suas bochechas.

Capítulo 15

Savannah.

Gideon subitamente voltou da vigília em um grito, sua única preocupação, cada célula concentrada em um único pensamento... ela.

Sentou-se e sentiu a pontada de resposta pela dor em todo o corpo, a pior de todas vinha do profundo corte em sua coxa. Ele estava em uma cama. Deitado na enfermaria da Ordem. Respirou, e não farejou qualquer das cinzas ou suor ou sangue que estava incrustado em cada centímetro quadrado dele após o seu calvário na casa de Keaton. Alguém havia se dado ao trabalho de limpá-lo depois de remendá-lo.

— Que horas são? — Ele murmurou em voz alta. Quanto tempo estava inconsciente? — Ah, merda. Que dia é hoje?

— Está tudo bem, Gideon. Relaxe. — Uma mão de fêmea foi colocada gentilmente em seu ombro nu. — Você está bem. Tegan lhe trouxe de volta para o complexo na noite passada.

Na noite passada.

— Danika. — ele murmurou, aumentando os olhos abertos a fim de olhar a Companheira da Raça de Conlan, que estava ao lado dele, um rolo de ataduras de gaze branca em sua mão. — Onde ela está? Onde está a Savannah?

A loira alta deu uma sacudida simpática de cabeça.

— Sinto muito, eu não sei.

Droga. Gideon jogou fora o lençol e balançou as pernas no lado da cama, ignorando a quente e lancinante queixa de seus ferimentos.

— Eu preciso vê-la. Eu preciso encontrá-la. O Mestre de Keaton ainda está lá fora em algum lugar. Ela não está segura...

— Ela se foi, cara. — Tegan estava no limiar da sala de enfermaria. Seu rosto era sombrio, quase sem reconhecimento quando Danika calmamente saiu deixando os dois guerreiros sozinhos. — A culpa é minha, Gideon. Eu não sabia...

— O que aconteceu? — Um aumento de adrenalina e pavor arremeteu em suas veias. — O que você fez com ela?

— Disse-lhe a verdade. Que é, aparentemente, mais do que você tem feito.

— Ah, porra. — Gideon passou a mão pelo cabelo. — Foda. O que você disse a ela, T?

Tegan deu um encolher vago de ombros, embora seus olhos verdes ficassem ilegíveis.

— Que ela tem sido sua obsessão pessoal desde que a viu no noticiário no dia do ataque na Universidade.

Gideon gemeu.

— Merda.

— Sim, ela não estava exatamente feliz em ouvir isso.

— Eu tenho que ir até ela. Ela pode estar em perigo, Tegan. Eu preciso encontrá-la e ter certeza que está bem. Tenho que ter certeza que ela sabe que eu a amo. Que preciso dela.

— Você não está em condições de deixar o complexo.

— Foda-se. — Gideon levantou sobre seus pés, fazendo uma careta na agonia devido a sua perna ferida, mas não a ponto de deixar algo tão trivial como uma artéria femoral cortada recentemente impedi-lo de ir atrás da mulher que ele amava. — Ela é minha. Pertence a mim. Vou dizer-lhe isso, e então vou trazê-la de volta.

Tegan grunhiu.

— Meio que percebi que você podia dizer isso. E estou muito à frente de você, meu homem, pela primeira vez, talvez. Há um jato fretado pela Ordem aguardando, abastecido e esperando por você no hangar particular. Você só precisa dizer aos pilotos aonde você quer ir.

— Louisiana. — Ele murmurou. — Ela deve ter ido para casa, na Louisiana.

Tegan atirou-lhe uma pilha de roupa limpa que estava empilhada ao lado da cama.

— O que você está esperando, então? Dê o fora daqui.

* * *

Com as sombras espessas do Atchafalaya aparecendo à frente, Gideon pulou da parte de trás do caminhão velho no qual ele pegou uma carona do lado de fora do aeroporto Baton Rouge. Sua perna ferida doía como um filho da puta a cada quilômetro corrido mais profundamente na vegetação densa e árvores caídas carregadas com musgos de ciprestes da bacia.

A irmã de Savannah, Amelie, vivia em uma estrada remota neste trecho de pântanos escassamente povoado. Gideon sabia exatamente onde encontrá-la. Depois de acordar na enfermaria, permaneceu no complexo da Ordem apenas tempo suficiente para fazer uma entrada rápida no banco de dados da Receita Federal que cuspiu o endereço dela em um instante.

Ele se arrastou para fora da estrada de terra para espreitar a modesta casa de telhas cinza, com a sua varanda coberta e luz suave brilhando nas janelas. Não havia carros na calçada pavimentada a frente. Não havia som vindo de dentro da pequena moradia quando ele andou nas pontas dos pés em direção a ela.

Agachado, ele subiu os degraus que conduziam à varanda e à porta da frente, seu músculo da coxa protestando a cada flexão e movimento. Seu talento buscava além das finas paredes da casa, em busca da reveladora energia vital. Alguém estava sentado na sala, sozinho.

Gideon bateu na porta da frente, apenas para descobrir que não estava totalmente fechada.

— Savannah?

Um gemido abafado respondeu de dentro.

— Savannah. — Gideon teve sua arma na mão imediatamente, entrando de assalto no lugar, seu corpo cheio de alarme.

Não era Savannah. Era a irmã dela, sem dúvida. A mulher negra de precoce meia-idade estava amarrada e amordaçada em uma cadeira da cozinha no centro da sala de estar. Evidências de uma briga estavam todas à sua volta: móveis derrubados, bugigangas quebradas.

Mas nenhum sinal de Savannah.

Os olhos de Amelie Dupree estavam grandes quando Gideon aproximou-se dela com a pistola em sua mão. Ela gritou através da mordaça, começou a agitar-se em pânico na cadeira.

— Shh! — Gideon acalmou, trabalhando através do seu terror a fim de saber o que poderia ter acontecido com Savannah. Ele rasgou as cordas de Amelie soltando-a e libertou o pano em volta do rosto e da boca. — Eu não vou te machucar. Onde está Savannah? Estou aqui para protegê-la.

— Levaram-na!

O sangue de Gideon gelou.

— Quem a levou?

— Eu não sei. — Ela balançou a cabeça, um soluço quebrado em sua garganta. — Um par de homens veio aqui, apareceram cerca de uma hora atrás. Amarraram-me e levaram minha irmãzinha a mão armada.

O grunhido de raiva de Gideon era animalesco, letal.

— Para onde é que eles a levaram? Como esses homens se parecem?

Amelie caiu para frente, com a cabeça entre as mãos.

— Eu não sei, eu não sei! Oh, Deus, alguém tem que ajudá-la. Tenho que chamar a polícia!

Gideon deu um aperto firme nos ombros da mulher, obrigando-a a olhar para ele.

— Ouça-me, Amelie. Você tem que ficar quieta, não chame ninguém. Você tem que confiar em mim. Eu não vou deixar nada acontecer a Savannah.

Ela olhou para ele, dúvidas nadavam em seus olhos angustiados.

— Você é aquele? Aquele que quebrou o coração dela lá em Boston, enviando-a de volta aqui ontem à noite, quando todo o seu mundo estava desmoronando?

Ele não respondeu a isso, mesmo que a culpa se abatesse pesadamente sobre ele.

— Eu sou aquele que a ama. Mais do que minha própria vida.

— Não os deixe machucá-la. — Gritou ela. — Não deixe que os homens matem minha doce Savannah.

Gideon deu um aceno solene com a cabeça.

— Não permitirei. Juro minha vida nisso.

Assim que ele disse isso, um veículo se aproximou, parando ao lado da casa do lado de fora. O barulho monótono do motor ficou em silêncio, seguido pelo baque nítido de duas portas do carro se fechando um momento depois.

Gideon levantou a cabeça, todos os seus instintos de batalha se vivificando dentro dele. Ele virou a cabeça para a porta da frente, a arma em riste.

Lá estava ela.

Em pé no gramado da frente de sua irmã, na escuridão, presa pelo pescoço por um homem humano, um Servo, Gideon percebeu de uma só vez. O grande bandido segurava o nariz de sua pistola encravada contra a têmpora de Savannah. Ela estava chorando, com o rosto coberto de lágrimas, os lábios cinzentos de terror.

Todo o sangue correu precipitadamente da cabeça de Gideon, o centro do peito começou a bater duramente.

Foi então que ele percebeu o segundo homem, um macho da Raça, em pé à vontade nas sombras de uma árvore de cipreste nas proximidades. Estava vestido com um sobretudo da marinha sob medida de lã, seu cabelo castanho impecavelmente cortado e elegantemente penteado para trás de seu rosto. Seguro em um aperto solto na frente dele estava um comprido e reluzente aço polido. A longa lâmina brilhava à luz do luar.

Gideon não tinha necessidade de ver o cabo para saber que haveria uma ave de rapina — um falcão — trabalhada no punho artesanal.

A espada de Hugh Faulkner.

Mas este não era o ferreiro Gen Um que Gideon matou em Londres todos aqueles séculos atrás. Nunca tinha visto esse vampiro antes, estava certo disso.

— Largue sua arma, guerreiro.

Gideon olhou do macho da Raça para o Servo que segurava Savannah, calculando qual dos dois ele deveria matar primeiro a fim de dar-lhe as melhores chances de fugir ileso. Nada era garantido, e ele estava relutante em arriscar a cometer um erro que tivesse um custo tão alto.

— Abaixе as armas agora. — O vampiro falou pausadamente. — Ou o meu homem vai explodir a bela cabeça.

Gideon relaxou seu controle sobre a pistola, depois se inclinou para abaixá-la.

— Todas elas. Lentamente.

Ele tirou o cinto de armas e colocou-o no chão a seus pés. O corte em sua coxa enfaixada estava sangrando de novo, o sangue penetrando através de sua calça.

O outro vampiro cheirou o ar dramaticamente, os lábios descascando para trás em um sorriso divertido.

— Não é tão intocável, afinal.

Gideon assistiu ao macho da Raça girar a espada de Faulkner sobre sua ponta na terra úmida do jardim da frente de Amelie Dupree.

— Eu te conheço?

O vampiro riu.

— Ninguém conhecia. Não naquela época.

Gideon tentou situá-lo, tentou descobrir se, ou quando, seus caminhos poderiam ter se cruzado.

— Você não teria me notado. Ele quase não o fez, também. — Havia um ressentimento ácido no tom, mas outra coisa também. Uma velha e amarga dor. — O bastardo não reconhecido. A única família que ele tinha.

Gideon estreitou seu olhar sobre o outro homem.

— Hugh Faulkner teve um filho?

Um fino sorriso cheio de ódio se estendeu na fachada polida de seu rosto em uma feia zombaria.

— Um filho adolescente que o viu morrer ao seu lado, abatido a céu aberto, com menos respeito do que pode ser mostrado a suínos comuns. Um filho que prometeu vingá-lo, mesmo que ele não tivesse tido nenhuma utilidade para mim em vida. — O bastardo de Hugh Faulkner deu um sorriso verdadeiro agora. — Um filho que decidiu tirar do assassino do meu pai, a única família que lhe restava.

Gideon se eriçou, fúria cravou em suas veias.

— Meus irmãos eram crianças inocentes. Você arranjou para aqueles três Renegados entrarem e matá-los?

— Eu pensei que seria o suficiente. — Respondeu calmamente. — Pensei que isso iria acertar as contas. E assim foi, por um longo tempo. Mesmo depois que vim para a América para começar uma nova vida com um novo nome. Um nome que eu construí com algum prestígio, algum respeito: Cyril Smithson.

Gideon lembrou vagamente o nome entre aqueles da elite Darkhaven. Um nome de um rico e socialmente importante. Uma história que poderia estar destruída dentro dos círculos civis da raça, se uma palavra do ignóbil passado assassino de seu patriarca viesse à luz.

— Saber que eu tomei o seu último parente vivo poderia ter sido o suficiente, mesmo depois que o encontrei em Boston e vi você realizar suas missões como um da Ordem. — Smithson continuou. — Mas, então, minha benfeitora Companheira da Raça doou tolamente algumas das minhas coisas particulares para a Universidade, incluindo a espada de meu pai. Quando fui recuperá-la, Keaton estava em seu escritório martelando em uma jovem prostituta. Ela me viu e gritou. — O macho da Raça estalou a língua. — Bem, eu não poderia ser responsabilizado pelo que aconteceu depois. A menina viu meus dentes, meus olhos.

— Então você a matou também. — Disse Gideon.

Smithson encolheu os ombros.

— Tinha que cuidar dela. E de sua companheira de quarto aqui também.

Gideon seguiu o olhar do vampiro para Savannah. Ela estava respirando com dificuldade, o peito subindo e caindo rapidamente devido ao seu medo. Seus olhos encontraram os de Gideon, pedindo, orando.

Smithson girou a espada à toa com os dedos.

— Esta lâmina nunca deveria ter deixado minha posse depois que os Renegados a trouxeram para mim com o sangue de seus irmãos sobre ela. Você nunca deveria saber a verdade sobre o que aconteceu naquela noite. Agora que você... bem, acho que está tudo de volta ao começo novamente, não é?

O vampiro levantou a espada, testando seu peso.

— Eu nunca fui muito bom com lâminas. São armas rudimentares, realmente. Mas eficazes.

— O que você quer, Smithson? Uma disputa até a morte comigo, aqui e agora?

— Sim. — Ele encontrou o olhar fervendo de Gideon através do quintal. — Sim, isso é precisamente o que quero. Mas não vou subestimá-lo do jeito que meu pai fez.

Ele lançou um olhar para o seu Servo. Dois tiros foram disparados em rápida sucessão, uma bala em cada um dos ombros de Gideon.

Savannah gritou. Ela lutou nos braços de seu captor, naquele momento, com os olhos lacrimejando enquanto olhava para Gideon, e o cano da pistola do Servo voltou à sua têmpora.

Ele mal sentia a dor das novas feridas. Seu foco estava enraizado totalmente nela, e na selvagem e desesperada expressão em seu olhar. Ele deu um leve aceno de cabeça, o comando tácito para que ela não fizesse nada para arriscar sua própria vida.

— Isso deve equilibrar as condições. — Smithson afirmou enquanto os tiros continuavam a ecoar pelo pântano. — Pensando bem, outra boa medida. — disse ao Servo. — O intestino agora.

A mão do Servo começou a se afastar da cabeça de Savannah. Gideon viu em agonizante câmera lenta a contração do músculo enquanto o pulso do ser humano começou a girar de seu principal alvo para o novo comando de seu Mestre.

Savannah, não!

Gideon nem sequer teve tempo para disparar as palavras de sua língua. Ela aproveitou a oportunidade para mudar o seu peso enquanto a atenção do Servo estava longe dela. Savannah bateu o braço do homem para cima, assim que ele puxou o gatilho. O tiro voou longe, até as árvores, e Savannah se soltou do seu agarre.

— Mate-a! — Smithson ordenou.

E em um horrível, instante arrasador, outra bala foi lançada da arma do Servo. Atingindo-a pelas costas. Ela caiu como um peso morto no chão.

Amelie gritou e voou para fora da varanda atrás dele a fim de correr para o lado de sua irmã.

Gideon rugiu. Horror e raiva sangraram através dele, frio, preto e ácido.

— Não. — Gritou, torturado com uma angústia diferente de qualquer outra que já tinha conhecido. — Não!

Ele saltou sobre Smithson, levou-o para o chão em uma dura colisão.

Esmurrou-o e espacou-o, rolando em uma luta selvagem corpo-a-corpo na grama molhada. Gideon estava vagamente consciente da corrida do Servo em direção a eles, o cano da arma apontado para baixo, para a briga, mas hesitava em atirar e, inadvertidamente, extinguir seu próprio criador.

Gideon ignorou a ameaça e continuou a castigar Smithson. Eles rasgaram um ao outro, com presas e ranger de dentes enquanto lutavam no chão. A fúria de Gideon era como a de um animal com fome, esperando a chance de dar o golpe final.

Quando Smithson virou a cabeça para alcançar sua espada perdida, Gideon atacou-o com um propósito letal. Agarrou a garganta do outro homem com os dentes e garras, afundando-os profundamente.

Ele mordeu o pescoço de Smithson, arrancando carne e laringe em uma agitação feroz de sua cabeça.

Smithson empurrava e se debatia em agonia, o sangue jorrando por toda parte.

Seu Servo ficou em um atordoado silêncio, uma breve hesitação, que era todo o tempo que Gideon precisava para acabar com ambos em um ataque.

Ele pegou a espada de Faulkner e guiou-a ao peito de Smithson.

O vampiro convulsionou em torno da lâmina, com os olhos arregalados e salientes nas órbitas.

Gideon ouviu mais uma rodada de tiros em algum lugar perto dele. Sentiu um duro golpe repentino no lado de seu crânio, antes de sua visão começar a se encher de vermelho. Sangue. Seu sangue, derramando em seus olhos do buraco agora furado em seu crânio pelo tiro final do Servo.

O peito de Smithson sacudiu com uma respiração gorgolejante encharcada enquanto a morte o levava. Seu Servo caiu sem vida no chão, ao mesmo tempo, a vida da mente do escravo amarrada inexoravelmente a do seu Mestre.

— Savannah. — Gideon arrastou-se até onde Amelie pairava ao seu lado. Savannah não estava se movendo. Suas costas estavam cobertas de sangue. O ferimento de bala deixou um buraco escuro queimado em seu suéter cinza pálido, perto das costelas.

— Ela está morrendo! — Amelie lamentou, sem olhar para ele, mas completamente focada em sua irmã. Ela acariciou Savannah com as mãos trêmulas, o rosto ferido com tristeza. — Você prometeu salvá-la. Você jurou sua vida.

— Afaste-se! — ele murmurou espessamente, sua voz sobrenatural, áspera pelos ferimentos e angústia e a presença de suas presas aglomeradas, que enchiam sua boca. — Deixe-me ajudá-la.

Foi só então que Amelie virou-se para olhá-lo. Ela sugou uma respiração bruscamente e recuou. Ela ciscou para trás com Savannah segura bem perto dela, enquanto pensava se poderia protegê-la do monstro sangrando e terrivelmente transformado do homem que ele tinha sido há apenas alguns minutos atrás.

— Oh, meu Deus. Que tipo de semente do diabo é você?

— Por favor. — Gideon sussurrou. Sua visão estava sumindo, seu pulso martelava fortemente em suas têmporas, trazendo uma dor insuportável para seu crânio. Tinha que agir rapidamente. Não havia muito tempo para fazer o que era necessário antes de um ou outro deles morrerem. Pegou a mão de Savannah, afastando suavemente seu corpo inerte do aperto de Amelie.

— Por favor, é o único jeito. Confie em mim nisso. Deixe-me salvá-la.

Ele não esperou. Não podia deixar mais nenhum segundo passar sem alimentá-la com o poder de seu sangue devido às feridas de Savannah.

Ele mordeu seu pulso e manteve a veia aberta sobre seus lábios entreabertos.

— Beba. — Sussurrou espessamente. — Por favor, baby... beba, por mim. — Gotas de um vermelho profundo mergulharam em sua boca indolente. O fluxo acelerando, pulsando dele devido a todo trabalhar da batida de seu coração. — Vamos lá, Savannah. Faça-o. Por favor, dê este presente a mim. É tudo o que tenho para lhe dar agora.

Sua língua começou a se mover suavemente. Sua garganta esbelta começou a trabalhar, dar o primeiro gole de sua veia. Ela bebeu mais uma vez, depois outra. Suas pálpebras começaram a se levantar um pouco, apenas uma sugestão de resposta, mas o suficiente para arrancar um suspiro de alívio nu do peito de Gideon.

Ela iria sobreviver.

Sentia isso com uma certeza que o orgulhava. Seu sangue iria salvá-la.

Ela estava viva. Smithson estava morto, incapaz de machucá-la.

Gideon tinha mantido sua promessa a ela, afinal.

Sua visão se desvaneceu de cinza fosco para preto, a dormência rastejava sobre seu couro cabeludo. Ele teve que lutar para permanecer em pé, embora amarras invisíveis o dragassem para baixo.

Lutou contra o forte impulso de seu ferimento e embalou a cabeça de Savannah em seu braço, centrando-se no ritmo constante de sua boca trabalhando suavemente em seu pulso, bebendo dele, sendo curada por ele.

Por enquanto, isso era suficiente.

Capítulo 16

Savannah estava descansando em uma cadeira no quarto dos fundos da casa de Amelie quando Gideon acordou pela primeira vez desde o tiroteio.

Foram quase dezoito horas de espera, de esperança.

De rezar para que, por milagre, ele voltasse para ela.

Cuidou dele o melhor que pôde, ela mesma totalmente recuperada da provação e nunca se sentiu mais forte em sua vida.

Graças a ele.

Foi para o lado dele na cama quando suas pálpebras começaram a tremer. Inclinando-se sobre ele acariciou seu rosto, alisou as pontas suaves espetadas do seu cabelo loiro. Ele inclinou o rosto para o seu toque, gemendo baixinho. Seus olhos abriram uma fresta, apertando os olhos na penumbra do quarto.

— Onde estamos?

— Na casa da minha irmã. — ela respondeu gentilmente.

Ele ofegou ligeiramente, agora ansioso.

— Estamos sozinhos? Alguém sabe que estou aqui?

— Só Amelie. Está tudo bem, Gideon. Ela sabe sobre você. Eu a ajudei a entender o que você é. Ela manterá nosso segredo.

— Onde ela está?

— No outro quarto, assistindo televisão.

Ele virou o rosto em direção à parede do corredor e Savannah achou que estava procurando por Amelie através da habilidade extra-sensorial que possuía.

— Não posso vê-la. Meu talento... não está funcionando. Ele se foi.

Savannah podia sentir sua agitação. Seu pulso disparou. Ele ergueu a mão para proteger os olhos.

— Está tão brilhante aqui dentro.

Ela olhou de relance para as persianas da janela que estavam abaixadas e bloqueavam até a menor luminosidade da luz solar da tarde do lado de fora.

— Desculpe. Pensei que estaria escuro suficiente para você.

Ela caminhou até a cômoda e trouxe um par de enormes óculos de sol de lentes arredondadas.

— Aqui. — disse ela, cuidadosamente deslizando-os em seu rosto. — Experimente estes.

Ele abriu os olhos e deu um leve aceno com a cabeça em aprovação.

— Melhor. Provavelmente não é minha melhor aparência, entretanto.

— Você parece bem demais para mim. — Ela sorriu e se sentou ao lado dele no colchão. — Eu não tinha certeza se você acordaria novamente. Não tinha certeza se funcionaria.

Quando ele franziu o cenho, ela continuou.

— Naquela noite quando voltou de forma tão terrível da casa de Keaton, seu amigo da Ordem disse que você precisava de sangue. E Amelie me contou o que você fez por mim ontem à noite, depois que fui baleada. Você me salvou com seu sangue, Gideon. Então tive que tentar salvá-lo com o meu.

Ele deixou escapar um juramento.

— O vínculo de sangue, Savannah... é permanente. Inquebrável. É uma coisa sagrada. — Seu olhar severo se aprofundou. — Não é assim que deveria ser.

Ela se recostou, sentindo-se ferida. Sentindo que fez algo errado e ele estava desapontado.

— Sinto muito se não era o que você queria.

Gideon se empurrou para cima da cama e gemeu de dor.

— Tenha cuidado. — ela disse, tentando levá-lo de volta para baixo. — Não devia estar se movendo, e eu não devia estar dizendo coisas que te aborreçam. Você levou um tiro ontem à noite também. O que me atingiu atravessou meu pulmão e costelas, mas aquele dentro de você...

— Ainda está na minha cabeça. — ele adivinhou sombriamente. — No meu cérebro.

Savannah deu um aceno com a cabeça sóbrio.

— Amelie queria levá-lo para o hospital...

— Não. — Ele disse firmemente, do mesmo modo que insistiu na outra noite em Boston quando ela quis conseguir ajuda médica para seus ferimentos naquele momento. — Os médicos humanos não podem me ajudar, Savannah.

— Eu sei. — ela disse. — Então fiz a única coisa em que pude pensar.

Ele estendeu a mão e pegou a dela.

— Você salvou minha vida. — Ele jurou novamente, mais vigorosamente desta vez. — Quando percebi que você partiu... quando soube que o Mestre de Keaton ainda estava lá fora em algum lugar, não pude chegar a você rápido suficiente, Savannah.

Ela ouviu a raiva em sua voz para o inimigo que queria tanto exterminar e destruir, e concordou tristemente.

— Estou feliz que ele está morto. Pelo que fez com Rachel e seus irmãos, inclusive com o Professor Keaton. Pelo que fez a você, Gideon, estou feliz que Smithson está morto. Fico feliz que você conseguiu o que veio fazer aqui.

Ele franziu o cenho.

— Eu vim por você, Savannah. Eu te amo. Deveria ter dito isto antes. Eu deveria dizer isto mil vezes agora, para que saiba o que significa para mim.

Ela sentiu um calor florescendo em seu peito, escoando pelas suas veias. Não era sua própria emoção, mas de Gideon. Atravessando seu vínculo.

— Eu sei que você sente isto. — disse ele, seu aperto quente na mão dela. — Sei que pode sentir meu amor dentro de você agora, em seu sangue. Diga-me que me ama também, Savannah. Diga-me que me deixará te provar isto. Seja minha Companheira. Volte comigo para Boston. Deixe-me tentar ser o herói que você merece.

Ela deslizou sua mão para fora da dele e deu uma pequena sacudida com a cabeça.

— Não quero um herói.

Ela pensou sobre como ele quase morreu ontem à noite — em combate, agora com uma bala enterrada no fundo do seu cérebro. Uma bala que podia se desalojar a qualquer momento e causar mais danos, talvez algo que seu sangue não pudesse corrigir.

Talvez a bala já tivesse tomado coisas dele: seu talento de percepção extra-sensorial. Seus olhos.

— Eu não poderia suportar isto. — ela murmurou. — Não posso ficar aguardando enquanto você parte para a guerra todas as noites. Não sou forte o suficiente para te dar permissão para lutar e sangrar e talvez nunca mais voltar.

Gideon ficou em silêncio por um longo tempo com o rosto abatido.

— Estive matando Renegados quase toda minha vida adulta, tentando empatar a pontuação. Tentando me redimir. Foi uma missão vazia. Mas a Ordem é minha família, Savannah. Os guerreiros são meus irmãos agora, os únicos que sempre terei. Não posso desistir deles, nem mesmo por você.

Com o coração partido, ela acenou com a cabeça silenciosamente. Lutou para encontrar sua voz.

— Eu entendo. Não seria justo de minha parte pedir isso a você.

Ele ergueu o queixo dela com a ponta dos dedos.

— Você não fez isso. Você me pediu para não sair e lutar. Talvez eu possa fazer. Talvez existam outras maneiras... maneiras de não combater... que eu possa servir as missões da Ordem, mesmo assim manter um compromisso com você... Minha mulher. Minha Companheira da Raça. Meu amor para sempre.

Savannah queria deixar a euforia inundá-la, mas ainda estava atormentada com o modo como eles deixaram as coisas lá atrás em Boston.

— Você me magoou, Gideon. Não foi sincero comigo. Sem isto, não teremos nada.

— Eu sei. — Ele acariciou sua bochecha. — Eu sei e sinto muito. Deixe-me fazer as pazes com você. Deixe-me te amar. — Ele pegou a nuca dela com sua mão grande e forte e puxou-a para ele para um beijo breve e carinhoso. — Diga que me ama, e deixe-me começar a ser o homem que você me faz querer ser.

Ela soltou um suspiro, incapaz de resistir a ele ou recusá-lo.

— Eu amo você, Gideon.

— Então deixe me vincular com você corretamente, da maneira que quero que seja para você, para nós. Seja minha, Savannah.

— Sim. — ela sussurrou contra seus lábios. — Sim, Gideon. Serei sua Companhia.

Ele a puxou contra ele, deixando-a sentir sua excitação.

— Vamos fazer isto direito, agora.

Ela estendeu a mão e com seu dedo indicador empurrou os óculos de sol ridículos para baixo na ponte do seu nariz. Faíscas âmbar dispararam pelo azul pálido de seus olhos.

— Você está apenas poucas horas fora da porta da morte e quer fazer amor?

Ele sorriu abertamente.

— Oh, quero fazer muito mais do que isto.

— Minha irmã está no outro quarto. — ela o lembrou, sussurrando com uma risada escandalizada.

Gideon ficou quieto por um instante, tempo durante o qual a porta do quarto fechou silenciosamente por vontade própria, a fechadura suavemente fazendo um click no lugar.

Beijou-a, em seguida arrastou seus lábios na lateral do seu pescoço. O coração de Savannah pulsou em resposta ao sutil deslizar das pontas das presas no ponto do seu pulso. Ele a arrastou ainda mais para cima ao lado dele e rolou em sua direção, esfregando seu comprimento rígido no quadril dela, convidando e exigindo.

— Você é muito mau. — Ela disse, enquanto ele abria a boca em cima de sua carótida.

E então suavemente, sensualmente, sentiu aqueles pontos afiados perfurarem sua pele delicada. Suas veias se acenderam, elétricas e quentes com poder enquanto Gideon puxava o primeiro longo gole de sua veia.

— Oh, Deus. — Ela ofegou, o prazer inundando-a. — Você é muito, muito mau.

E à medida que seu corpo derretia no dele, Savannah estava pensando em como a vida com Gideon seria muito, muito boa.

* * *

Guia de Referência dos Personagens (Ordem alfabética pelo primeiro nome ou sobrenome)**A**

Alexandra “Alex” Maguire — Companheira da Raça do membro da Ordem Kade. Alex nasceu e foi criada na região rural dos pântanos da Flórida. Quando tinha nove anos, sua mãe e seu irmão mais novo, Richie, foram mortos uma noite em um ataque brutal pelos Renegados (embora na época ela não percebesse quem os atacantes eram de verdade). Alex e seu pai, Hank, fugiram o mais longe que puderam, estabelecendo-se em uma cidadezinha do Alasca.

Os melhores amigos de Alex são seu cão-lobo, Luna, e uma ex-soldado do Estado do Alasca, chamada Jenna Tucker-Darrow. Quando ela tinha vinte e sete anos e seu pai morreu de Alzheimer, Alex encabeçou os negócios de pilotagem da família para áreas remotas, até que em uma corrida de abastecimento para o interior, descobre a cena de um crime horrível que se assemelha ao ataque de sua família. Esta descoberta leva-a para o centro de uma investigação sendo conduzida pela Ordem — e para os braços do guerreiro da Raça nascido no Alasca, Kade.

Cabelos: loiros.

Olhos: castanhos.

Marca de Companheira da Raça: na parte da frente do seu quadril esquerdo.

Essência do sangue: mel e amêndoa.

Habilidade única: um padrão interno que diz a ela com um toque se alguém está sendo honesto.

Companheiro: Kade.

Heroína em: Sombras da Meia-Noite (Livro 7).

Primeira menção na série: Apareceu em Sombras da Meia-Noite.

Alexei “Lex” Yakut (d.) — Macho da Raça, segunda geração. Filho de um Gen Um corrupto chamado Sergei Yakut. Vivendo no rústico, porém, amplo bosque de caça do seu pai fora de Montreal, em Quebec, Lex serviu como braço direito de seu pai, comandando a equipe de segurança de Sergei, que incluía um guarda-costas feminino Companheira da Raça (ver Renata).

A arrogância de Lex e a ânsia de poder provou ser sua ruína, quando ele organizou o assassinato do seu pai por Renegados e tentou implicar o guerreiro da Ordem que estava de visita, Nikolai, pelo crime. Em uma tentativa de se introduzir no círculo íntimo de Dragos, Lex organizou entregar Niko a um dos tenentes de Dragos (ver Edgar Fabien). Lex incrementa sua barganha oferecendo uma criança vidente (ver Mira) para Fabien pela soma de dois milhões de dólares. No final, o próprio Lex é enganado por Dragos e seus associados ao pensar que ele estava sendo escoltado para uma reunião VIP, e ao invés disso, foi morto por um grupo de Agentes da Execução enviados por ordem de Dragos.

Primeira menção na série: Apareceu em Veu da Meia-Noite.

Amelie Dupree — Humana. Meia-irmã mais velha de Savannah, Companheira da Raça de Gideon. Uma antiga parteira, Amelie viveu nos pântanos de Atchafalaya por setenta anos. Ela é viúva, com duas filhas e um filho, e oito netos. Sua visão se foi agora, deixando-a com olhos esbranquiçados e nublados, mas vivendo muito bem sozinha. Em contato com Savannah ocasionalmente desde que Savannah se emparelhou a Gideon. Amelie gosta de Gideon, e está ciente da existência da Raça devido a um incidente que ocorreu do lado de fora de sua casa três décadas atrás, quando dispararam em Savannah e Gideon e quase foram mortos. Amelie viu Gideon salvar a vida de Savannah dando-lhe seu sangue, um segredo que Amelie guardou todos esses anos.

Primeira menção na série: Apareceu em Mais Profundo que a Meia-Noite.

Antigo — O último sobrevivente alienígena e avô de Dragos. Acreditavam que o Antigo morreu durante a guerra da Ordem contra seus antepassados do outro mundo, mas o pai de Dragos (também chamado Dragos) secretamente sabia que o Antigo estava na caverna de uma montanha na República Tcheca, onde este permaneceu em uma câmara de hibernação até a época atual. O Antigo foi removido mais tarde por Dragos para seu laboratório de procriação, entretanto escapou para o Alasca, onde foi morto pela Ordem em Sombras da Meia-Noite.

Primeira menção na série: Foi feita referência a ele em Beijo da Meia-Noite como parte do grupo original de Antigos que caíram na Terra há milhares de anos; feita referência especificamente em Despertar da Meia-Noite; primeira aparição verdadeira em Véu da Meia-Noite.

Andreas Reichen — Macho da Raça, companheiro de Claire Samuels Roth. Nascido mais de trezentos anos atrás na Alemanha, era líder de um Darkhaven em Berlim. Reichen é suave e sofisticado, culto e legal — o último encantador.

Apesar de não ser formalmente treinado como guerreiro, Reichen estava familiarizado há muitos anos com Tegan, quem ajudou o líder do Darkhaven alemão com a eliminação de um bando de Renegados que estavam atacando os civis de sua área em 1809. Reichen e Claire estiveram apaixonados cerca de cinquenta anos antes da ordem cronológica de Despertar da Meia-Noite, mas o casal foi traído (*ver Wilhem Roth*), e sofreu uma longa separação antes de se reunirem em Cinzas da Meia-Noite.

Durante seu tempo separado de Claire, Reichen teve uma amante humana, proprietária de um clube de sexo, Helene. O relacionamento terminou em tragédia quando, durante o cronograma de Véu da Meia-Noite, Helene foi transformada em uma Serva e Agentes de Execução levaram-na para dentro do Darkhaven para massacrar a todos ali dentro. Reichen se depara com o resultado e tem que matar sua amante humana em um ato de misericórdia. Em seguida ele queima seu Darkhaven com uma enorme bola de fogo, conjurado pelo poder de sua habilidade extra-sensorial.

Reichen e Claire agora estão emparelhados e moram em seu Darkhaven em Newport, Rhode Island. Reichen atualmente é um membro da Ordem, servindo principalmente em missões encobertas no exterior enquanto trabalha para ganhar o controle de sua pirocinese.

Cabelo: castanho escuro ondulado, geralmente usado solto.

Olhos: Castanhos

Habilidade única: Pirocinese.

Companheira: Claire Samuels Roth.

Herói em: Cinzas da Meia-Noite (Livro 6).

Primeira menção na série: Aparece em Despertar da Meia-Noite.

Anna — Companheira da Raça e velha amiga de Elise Chase. Elise encontra Anna na recepção de Andreas Reichen em Berlim. Thomas, o filho da Raça de Anna, foi amigo do filho da Elise, Camden, quando eram crianças. Anna não tinha ouvido falar da morte de Cam e fica claramente desconfortável com a notícia. Simpatizando com Elise, oferece-se para mostrar a ela os arredores de Berlim se Elise ficar por ali durante algum tempo.

Primeira menção na série: Aparece em Despertar da Meia-Noite.

Annabeth Jablonsky — Humana. Residente em Harmony, Alasca, e garçonete na Taberna do Pete. Com o nome de Âmbar Joy, Annabeth costumava dançar em um clube de strip-tease em Fairbanks, onde Teddy Toms viu sua performance e desenvolveu uma paixão por ela. Annabeth estava festejando com amigos e Teddy Toms na noite em que ele e sua família foram mortos pelo Antigo. Ela também viu Kade no Pete's na noite seguinte que Alex o encontrou e pensou que ele era sexy.

Primeira menção na série: Aparece em Sombras da Meia-Noite.

Arno Pike (d.) — Macho da Raça, Vice-Diretor na Agência de Execução da Raça, tenente secreto de Dragos e membro leal de seu círculo íntimo. Pike esteve emparelhado, mas sua Companheira da Raça morreu em um assalto cerca de um ano antes da ordem cronológica de Escuridão Depois da Meia-Noite.

Pike vai da Agência até um clube de sip&strip⁴ em Chinatown para relaxar quando Dragos chega de sua vitória em cima da Ordem, onde enviou guerreiros para lutar pela nova Sede depois que Dragos ajudou a expor o Complexo de Boston para a polícia e para as leis humanas. Pike está ansioso sobre a aparição pública de Dragos, mas capitula quando seu chefe insiste em uma mesa privada e nas melhores mulheres do clube. Pike logo se reúne com ele, e a noite acaba na matança de todos os humanos no clube.

Mais tarde Pike é capturado pela Ordem e questionado sobre suas conexões com Dragos. Pike diz a Lucan que é muito tarde para deter Dragos, mas recusa-se a dizer mais qualquer coisa. Hunter é encarregado de terminar o interrogatório lendo seu sangue. Mas a primeira mordida revela que Pike ingeriu veneno, e o tenente do Dragos leva a verdade com ele com sua morte.

Primeira menção na série: Aparece em Escuridão Depois da Meia-Noite.

August Chase (d.) — Macho da Raça, pai de Sterling e Quentin Chase. A Companheira da Raça de August não está presente nem foi especificamente nomeada até o momento na série. Patriarca da venerável família Chase, August preparou seus filhos para serem moralmente puros, não aceitando nada menos que perfeição deles em todos os momentos. Ele foi Diretor da Agência de Execução por alguns séculos antes de sua morte em patrulha em um momento não datado antes da morte do filho Quentin, acontecida cinco

⁴ Sip and strip é clube onde é regra beber e fazer strip, normalmente associado a jogos, como strip poker.

anos antes da ordem cronológica de Beijo Carmesim. Apesar de August nunca ter falado as palavras precisamente, Sterling Chase cresceu sentindo que seu pai já tinha o filho que queria em Quentin, deixando Sterling sentir-se redundante e nunca capaz de estar à altura de seu irmão mais velho.

Primeira menção na série: Foi feito referência a ele em *Escuridão Depois da Meia-Noite*.

Atendente do Departamento de Polícia de Boston, não identificado (d.) — Humano. Trabalhou na delegacia de polícia na noite em que Gabrielle deu entrada, já servindo como Servo para um Mestre não identificado (*ver Marek*). O atendente chama seu Mestre com o número não listado de telefone e endereço de Gabrielle, depois de ela fazer seu relatório sobre um ataque vampiro fora da boate La Notte. Mais tarde é avistado por Gabrielle quando a segue durante o dia enquanto ela está tirando fotos. Ele foge e Gabrielle tenta persegui-lo, mas perde-o na cidade.

O atendente está presente na delegacia na próxima vez que Gabrielle chega lá procurando pelo “Detetive” Lucan Thorne. O atendente tem uma briga particular com outro policial (*ver Oficial Carrigan*), e durante a briga apunhala o outro homem até matá-lo em uma escadaria na delegacia. O atendente então segue Gabrielle, depois de vê-la falando com Lucan na rua. O atendente tenta executar Gabrielle com seu carro, mas Lucan intervém. Percebendo que o humano é Servo, Lucan mata-o rasgando a garganta do atendente na frente de Gabrielle, aterrorizando-a, e pela primeira vez expondo Lucan para ela como um da Raça.

Primeira menção na série: Apareceu em *Beijo da Meia-Noite*.

Avery, Detetive Humano. — Detetive de polícia de meia-idade do departamento de Polícia de Boston. Avery é introduzido pela primeira vez para Tavia Fairchild na delegacia, quando ela traz à vista a programação e identifica Sterling Chase como o atirador na festa de feriado do Senador Clarence. Avery é um homem simpático, tenta deixar Tavia confortável e assegurá-la de que ela está segura. Mais tarde, depois de Sterling Chase libertar-se da custódia da polícia e fugir da delegacia para ir atrás do Senador Clarence como uma ligação certa com Dragos, o Detetive Avery encontra Tavia no prédio de escritórios do Senador e organiza para que ela seja mantida sob custódia em um hotel de Boston sob proteção policial (*ver Murphy*). Chase então confronta Avery para descobrir para onde Tavia foi levada. Avery tenta resistir em colocar Tavia no que ele considera perigo mortal por causa de Chase, mas finalmente muda de ideia e desiste de sua localização. Chase apaga a memória do detetive, mas deixa-o ileso por respeito ao óbvio cuidado do humano com o bem estar da Tavia. O detetive Avery é visto novamente depois de Boston estar em meio aos ataques em massa dos Renegados. Ele está chocado com a situação, como o resto da população, mas aliviado ao ver Tavia viva e bem.

Primeira menção na série: Apareceu em *Mais Escuro Depois da Meia-Noite*.

B

Ben Sullivan (d.) — Humano. Ex-engenheiro químico e gerente de desenvolvimento de pesquisa para uma companhia de cosmética em Boston, é demitido por sua firme oposição às experiências com animais. As visões de Ben o colocaram no círculo social da médica veterinária Tess Culver dois anos antes da ordem cronológica de Beijo Carmesim, e o par teve um breve romance, embora Ben permaneça possessivo com Tess após a separação.

Ben não é tão ético quanto parece; usa suas habilidades de engenharia química para fabricar drogas para a cena do clube de dança ao lado. Quando um patrocinador anônimo (*ver Marek*) aborda-o para fazer uma de suas misturas, uma substância de pó vermelho semelhante ao Ecstasy chamado Carmesim. Ben aceita a oferta. Ele não percebe que seu patrocinador é um vampiro e que o Carmesim tem um efeito devastador na Raça. Depois de testemunhar uma daquelas reações em uma boate (*ver Jonas Redmond*), Ben telefona para seu patrocinador para adverti-lo dos incomuns efeitos colaterais do Carmesim. Depois que uma reunião é organizada entre eles, Ben faz um download de sua receita em um pendrive e destrói todos os outros registros da droga em seu computador. Esconde o pendrive no escritório de Tess para mantê-lo a salvo.

Depois de um confronto de Dante e Sterling Chase da Ordem, finalmente Ben é apanhado por seu patrocinador e levado para um local desconhecido, onde é obrigado a entregar a receita do Carmesim ou fazer um novo lote naquele mesmo lugar para análise. Quando ele falha em ambos os comandos, Ben é transformado em Servo por seu patrocinador. Com instruções para recuperar o pendrive que ele guardou no escritório de Tess — evidência que Tess descobriu desde então e entregou para Dante e a Ordem — Ben sequestra-a e leva-a para o escritório onde sua assistente foi torturada e logo estará morta (*ver Nora*). Dante e os membros da Ordem chegam não muito tempo depois, e durante uma luta violenta, Ben Sullivan é morto por Dante.

Primeira menção na série: Apareceu em Beijo Carmesim.

Bill Keaton (d.) — Humano. Professor de História da arte na Universidade de Boston quando Savannah estava frequentando como uma estudante caloura, aproximadamente em 1974. Keaton tinha um olho em cima de suas alunas, incluindo a colega de quarto de Savannah, Rachel. Keaton e a garota são atacados por um vampiro uma noite depois de horas na Universidade, deixando Rachel morta e Keaton hospitalizado. Depois foi revelado que Keaton foi transformado em Servo durante o ataque e está trabalhando em aliança com um dos inimigos de longa data de Gideon da Inglaterra (*ver Cyril Smithson*). Gideon mata Keaton após um confronto que deixa Gideon severamente ferido.

Primeira menção na série: Apareceu em Toque da Meia-Noite.

Bobby Alexander — Humano. Padrasto do Dylan, marido de Sharon Alexander e pai de seus dois filhos, Morrison e Lennon. Bobby era um bêbado e picareta, responsável pelo acidente de carro que matou Morrison quando era adolescente e incitou Lennon, o outro irmão de Dylan, a cortar todas as laços com a família e juntar-se ao exército. Quando Dylan era ainda bastante jovem, Bobby leu o diário dela e viu entradas relativas às mulheres mortas que viu com seu dom extra-sensorial. Ele tentou tirar proveito do talento da sua filha, mas Dylan não podia controlar seu dom ao comando dele. Finalmente Bobby abandonou a família quando Dylan tinha doze anos e nunca retornou.

Primeira menção na série: Feito referência em Ascensão à Meia-Noite.

Brent (d.) — Macho da Raça que pega a amiga de Gabrielle, Kendra, na boate em Boston. Kendra e Brent tornam-se inseparáveis e mais tarde Brent se torna um Renegado, provavelmente sob a influência de Marek, irmão corrupto do Lucan. Brent é responsável pelo atentado suicida na estação do metrô em Boston que mata Conlan, sua identidade descoberta por Gabrielle quando ela está no Complexo da Ordem e assiste a filmagem do vídeo da vigilância da cena.

Primeira menção na série: Apareceu em Beijo da Meia-Noite.

Brock — Macho da Raça, membro da Ordem. Companheiro de Jenna Tucker-Darrow. Nascido em Detroit, Brock tem mais de 110 anos. Foi recrutado pela Ordem junto com Kade, alguns meses depois da morte do Conlan.

Em 1930, Brock serviu como membro da segurança e guarda-costas para os Bishops, uma família proeminente do Darkhaven de Detroit, Brock sendo pessoalmente responsável por uma de suas filhas adotadas Companheiras da Raça, Corinne. Quando ela desapareceu na cidade aos dezoito anos e foi dada como morta Brock se culpou, um fardo de culpa que carregava mesmo quando se juntou à Ordem. Bem humorado com seus camaradas, mas impiedoso com aqueles que atravessavam seu caminho, Brock sentia-se indigno de ser amado ou que lhe confiassem a vida de outra pessoa, até que foi encarregado de proteger uma humana ferida, Jenna, trouxe-a de volta de uma missão no Alasca que deixou-a transformada em um da Raça, de um modo que jamais poderia ter imaginado ser possível.

Cabelo: Preto, rente ao crânio.

Olhos: Castanhos escuros.

Habilidade única: Pode absorver e diminuir a dor e sofrimento humanos com suas mãos.

Companheira: Jenna Tucker-Darrow (humana).

Herói em: Capturada à Meia-Noite (Livro 8).

Primeira menção na série: Apareceu em Despertar da Meia-Noite.

C

Camden Chase (d.) — Macho da Raça, filho único de Quentin e Elise Chase no Darkhaven de Boston. Aos dezoito, Camden começou a ficar rebelde e acabou saindo de casa. Fazia parte do número crescente de jovens da Raça que começou a desaparecer de seus Darkhavens durante a ordem cronológica de Beijo Carmesim. Mais tarde é revelado que Camden e seus amigos estavam ficando viciados em um novo narcótico chamado Carmesim, que induzia a Sede de Sangue e sentimentos de euforia e poder. Camden em particular estava em perigo, porque era uma cobaia do criador do Carmesim (*ver Ben Sullivan*). Cam foi mantido prisioneiro e alimentou-se de grandes doses da droga. Desenvolveu a Sede de Sangue e logo virou Renegado, matando um vizinho humano de Sullivan e precipitando-se quando seu tio, Sterling Chase, aparece na cena do crime e tenta argumentar com ele. Cam chega mais tarde em casa, no Darkhaven de sua família, completamente Renegado. Quando o jovem parece ter a intenção de se lançar para cima de sua mãe Elise, Sterling Chase dispara nele, matando-o com uma bala de titânio diante dela.

Primeira menção na série: Apareceu em Beijo Carmesim.

Carrigan, Oficial (d.) — Humano. Carrigan era o policial prestes a se aposentar na delegacia de polícia de Boston que tomou o depoimento de Gabrielle sobre o ataque-vampiro fora da boate La Notte. Carrigan não acreditou nela, e ficou irritado quando ela retorna algumas noites mais tarde procurando pelo “Detetive” Lucan Thorne (as credenciais falsas que Lucan mostrou a ela em seu apartamento). Carrigan tratou Gabrielle rudemente, então vira sua arrogância para um atendente desajeitado que vem a ser um Servo. Carrigan é apunhalado no pescoço pelo Servo, que mata o policial em uma escadaria tranquila da delegacia depois de sua altercação verbal.

Primeira menção na série: Apareceu em Beijo da Meia-Noite.

Chade Bishop — Humano. Morador de Harmony, Alasca. Chade estava festejando com Annabeth Jablonsky, Teddy Toms, Skeeter Arnold e outros na noite em que Teddy e sua família foram mortos pelo Antigo. Ridicularizou Teddy e sua gagueira. Chade não tem nenhuma relação com a família da Raça chamada Bishop.

Primeira menção na série: Apareceu em Sombras da Meia-Noite.

Charlotte “Lottie” Bishop — Irmã adotada Companheira da Raça de Corinne, cresceram juntas na família Bishop no Darkhaven em Detroit. Lottie é cinco anos mais nova que Corinne, e atualmente vive em um Darkhaven em Londres com seu companheiro. Tem dois filhos crescidos, um deles tem sua própria Companheira da Raça e filho.

Primeira menção na série: Feito referência em Mais profundo que a Meia-Noite.

Christophe Archer (d.) — Macho da Raça de Boston, segunda geração. Filho de Lazaro Archer, pai de Kellan. Christophe vem relutantemente à Ordem com Lazaro, buscando ajuda depois do rapto do Kellan. Christophe é o típico vampiro da Raça de Darkhaven, rico, bem relacionado, olha um pouco de nariz

empinado para a Ordem e seus métodos agressivos. Mas quando seu filho corre perigo, Christophe está pronto para fazer qualquer coisa, dar qualquer coisa para tê-lo de volta. Christophe é morto por um aliado corrupto de Dragos, o Agente de Execução Freyne, do lado de fora do edifício em Boston onde Kellan estava sendo mantido.

Primeira menção na série: Apareceu em Capturada à Meia-Noite.

Claire (Samuels Roth) Reichen — Companheira da Raça do membro da Ordem Andreas Reichen. Claire Samuels nasceu mais de cinquenta anos atrás, filha de um trabalhador americano pacífico e uma médica de aldeia do Zimbábue. Criada por parentes ricos de sua mãe em Newport, Rhode Island, depois da violência na África que matou seus pais, Claire, uma pianista talentosa, mais tarde frequentou uma Universidade na Alemanha. Foi atacada lá uma noite por uma criatura que tentou mordê-la, mas foi poupada por outro de sua espécie, um macho da Raça chamado Wilhelm Roth. Roth, já acasalado, levou Claire para seu Darkhaven como sua protegida.

Lá ela aprendeu sobre a Raça e seu lugar no mundo como Companheira da Raça. Também se apaixonou por um encantador, mas temerário, macho da Raça de Berlim, Andreas Reichen. Mas enquanto Claire aguardava a proposta de Andreas para ser sua companheira, em vez disso ele a deixou sem uma palavra. Rejeitada e de coração partido, Claire mais tarde capitulou para Roth depois que sua Companheira da Raça foi morta e ele se ofereceu para tomá-la como sua companheira. Anos mais tarde, aquela escolha retornaria para assombrá-la quando Andreas Reichen entra na vida de Claire novamente, em uma missão de vingança sanguinária contra o vilão que é seu companheiro.

Cabelo: Negro macio.

Olhos: Castanhos profundos.

Marca de Companheira da Raça: Lado direito do pescoço, no ponto de pulso.

Essência de sangue: Baunilha e especiarias quentes.

Habilidade única: Caminhante do sonho.

Companheiro: Andreas Reichen.

Heroína em: Cinzas da Meia-Noite (Livro 6).

Primeira menção na série: Apareceu em Cinzas da Meia-Noite.

Coleman Hogg — Humano. Chefe de Dylan no tabloide, homem desagradável. Ele estava descontente com ela com sua viagem de última hora para a Europa no lugar de sua mãe, ameaçando que se ela quisesse manter seu emprego, seria melhor voltar com a ideia de alguma grande história. Dylan depois envia fotos a ele e um esboço de sua história de vampiros na República Tcheca, mas sua situação se agrava ainda mais quando é forçada a estender sua permanência fora do país. Ele finalmente a demite por correio de voz. Depois da Ordem descobrir sobre a história e as fotos que Dylan enviou para revista, Lucan ordena a Gideon a infectar os computadores da revista com um vírus, e enviar Niko e Kade para apagar a mente de Coleman Hogg.

Primeira menção na série: Feito referência em Ascensão à Meia-Noite.

Conlan MacConn (d.) — Macho da Raça, primeiro companheiro de Danika por mais de quatrocentos anos. O casal viveu nas Highlands da Escócia durante séculos, antes do sentido de dever de Con trazê-los para a América mais ou menos cem anos atrás, onde mais tarde prometeu sua espada para a Ordem. Ruivo, bonito, bem humorado, Conlan era um membro da Ordem em Boston até ser morto em ação em um atentado suicida dos Renegados (*ver Brent*) em um trem em Boston.

Conlan tinha aproximadamente quinhentos anos na época em que morreu, filho de uma líder escocesa (Companheira da Raça) e um Macho da Raça. Conlan e Danika estiveram acasalados por mais de quatrocentos anos e estavam esperando seu primeiro filho (*ver Connor MacConn*) juntos no momento em que foi morto. O rito do funeral do Conlan foi o primeiro a acontecer dentro da ordem cronológica atual da série.

Primeira menção na série: Apareceu em Beijo da Meia-Noite.

Connor MacConn — Macho da Raça, filho de Danika e Conlan. Connor estava por nascer quando seu pai Conlan foi morto em ação em Boston. Danika se mudou para a Dinamarca para ter seu filho, e durante a ordem cronológica de Cinzas da Meia-Noite, o menino é uma criança loira, de olhos azuis e com menos de dois anos, quando Andreas Reichen e Claire buscam abrigo com Danika enquanto fogem de Wilhelm Roth e Dragos. Vários meses mais tarde na ordem cronológica da série, no romance Um Gosto de Meia-Noite, Connor e sua mãe estão visitando a família de Conlan na Escócia no feriado de Natal. Danika teme que seu filho cresça um dia para se tornar guerreiro como seu pai.

Primeira menção na série: Apareceu em Cinzas da Meia-Noite como uma criança.

Corinne Bishop — Companheira da Raça de Hunter, membro da Ordem. Nascida no verão de 1917, Corinne foi abandonada na porta dos fundos de um hospital de Detroit logo depois de seu nascimento. Adotada por uma proeminente família da Raça, os Bishops, a bebê Companheira da Raça foi criada em uma vida de luxo até que em seu aniversário de dezoito anos, quando desapareceu enquanto estava fora em um clube de jazz. Corinne foi sequestrada enquanto estava sob a vigilância de um segurança da família do Darkhaven (*ver Brock*) e finalmente dada como morta, uma mentira perpetuada pelas ações de seu pai Darkhaven, Victor Bishop.

Depois de setenta e cinco anos de encarceramento nos laboratórios de procriação do Dragos, Corinne é salva pela Ordem, junto com várias outras Companheiras da Raça capturadas. Descobriram que ela e os outros foram parte de experiências genéticas e reprodutivas, onde Corinne deu à luz um filho treze anos atrás, um menino que ela chamou de Nathan. Sua busca para encontrá-lo e deter o vilão responsável pelo seu sofrimento, leva Corinne para o meio da guerra da Ordem contra seu inimigo — e aos braços de um dos membros mais letais da Ordem, o Gen Um ex-assassino chamado Hunter. Corinne ama jazz, particularmente Bessie Smith.

Cabelo: Ébano brilhoso e longo.

Olhos: Amendoados, azuis-esverdeados.

Marca de Companheira da Raça: No dorso de sua mão direita.

Essência de sangue: Bergamota e violetas.

Habilidade única: Sonocinese.

Companheiro: Hunter.

Heroína em: Mais Profundo Que a Meia-Noite (Livro 9).

Primeira menção na série: Apareceu em Capturada à Meia-Noite.

Curtis (d.) — Humano. Mais nova criança na propriedade da Anna (*ver Jack*). Descobriu-se mais tarde que Curtis era um Servo do Edgar Fabien, depois dele localizar o guerreiro da Ordem Nikolai se recuperando em um apartamento de garagem na metade da casa com Renata. O relatório de Curtis para Fabien resulta em uma equipe de Agentes de Execução fervilhando na propriedade da Anna. Na confusão, Nikolai consegue colocar as mãos em Curtis, mas antes de conseguir que o Servo dissesse a ele quem era seu Mestre, o humano tem uma faca na mão e abre sua própria garganta, matando-se.

Primeira menção na série: Apareceu em Véu da Meia-Noite.

Cyril Smithson (d.) — Macho da Raça. Filho não reconhecido do inimigo de longa data de Gideon em Londres, Hugh Faulkner, o fabricante de espada. Cyril testemunhou o duelo onde Gideon matou Hugh, e o jovem Macho da Raça jurou uma vingança secreta. Cyril enviou renegados para massacrar os irmãos mais novos do Gideon e recuperar a espada que Hugh perdeu na competição contra Gideon. Logo em seguida, Cyril deixou a Inglaterra para começar uma nova vida de riqueza e privilégio em Boston, com o nome Smithson.

Cruza com Gideon novamente quando a espada inadvertidamente acaba em uma coleção de artefatos Coloniais doados para a Universidade de Boston, onde Savannah Dupree descobre seu ignóbil passado por seu toque extra-sensorial, o que põe em movimento eventos que trazem Gideon e Cyril para dentro do conflito mais uma vez. Cyril Smithson mais tarde segue Savannah e Gideon para a Louisiana, onde dispara neles na frente da casa da irmã de Savannah. Gideon mata Cyril antes de salvar a vida de Savannah com seu vínculo de sangue. A partir deste dia, uma das balas de Cyril permanece enterrada no cérebro do Gideon, minando sua habilidade extra-sensorial e impedindo-o de assumir missões de combate.

Primeira menção na série: Apareceu em Toque da Meia-Noite.

D

Danika (MacConn) MacBain — Companheira da Raça do membro da Ordem Conlan MacConn até sua morte. Companheira da Raça atual de Malcolm MacBain. Danika nasceu na Dinamarca mais de quatrocentos anos atrás, e acasalou com Conlan do clã escocês MacConn quando ela tinha dezoito anos, até sua morte recente em uma missão para a Ordem em Boston.

No momento da morte de Con, Danika estava grávida de seu primeiro filho. Ela deixou Boston para voltar para sua casa na Dinamarca, onde deu à luz ao seu filho Connor. Durante a ordem cronológica de Cinzas da Meia-Noite, Danika providenciou uma casa segura na Dinamarca para Andreas Reichen e Claire Roth. Lá ela leu a mente de Claire e garantiu a ela que Andreas sente o mesmo arrependimento de ter perdido tanto tempo um sem o outro.

Mais tarde, durante a ordem cronológica de Um Gosto da Meia-Noite, Danika e Connor viajam para a Escócia para se reunir com família do Conlan em Edimburgo para o Natal. Enquanto estava lá, Danika cruza caminho com um perigoso gângster da Raça (*ver Reiver*) e seu misterioso cúmplice com cicatrizes chamado Brannoc — um Macho da Raça que Danika uma vez conheceu muito bem, em uma época diferente quando Brannoc era um homem diferente (*ver Malcolm MacBain*).

Cabelo: Loiro.

Olhos: Azuis.

Marca de Companheira da Raça: Em seu abdômen.

Essência de sangue: Chuva fresca.

Habilidade única: Leitura da mente.

Companheiro: Conlan MacConn, guerreiro da Ordem de longa data (falecido); Malcolm MacBain.

Heroína em: Um Gosto da Meia-Noite (Livro 9,5).

Primeira menção na série: Apareceu em Beijo da Meia-Noite.

Dante (Malebranche) — Macho da Raça, membro da ordem e companheiro de Tess Culver. Filho único, Dante nasceu no século XVIII na Itália duzentos e vinte e nove anos atrás. Ainda tem um pouco de seu sotaque italiano. O pai de Dante foi morto por um rival político na Itália; sua mãe pereceu em uma correnteza ao tentar salvar uma vítima de afogamento algum tempo depois.

O arrogante espartano do grupo Dante adotou o sobrenome de Malebranche quando foi forçado a se misturar entre os humanos. Malebranche (“garras do mal”) também é o que ele chama suas armas de escolha — um par de lâminas curvas de titânio que usa no combate corpo a corpo contra os Renegados. Dante luta duro e joga duro, e apesar de sua arrogância, também é ferozmente leal para aqueles com quem se importa. Seu melhor amigo na Ordem é Sterling Chase, apesar daquela amizade ter ficado tensa e quase foi rompida quando Chase começou a exibir sinais de Sede de Sangue e suas ações começaram a pôr em risco as missões da Ordem. Dante e Tess tinham a intenção de tornar Chase padrinho de Xander Raphael, mas em vez disso pediram a Gideon para aceitar a honra. A relação entre Dante e Chase está se recuperando novamente durante a ordem cronológica de Escuridão Depois da Meia-Noite.

Cabelo: Preto.

Olhos: Cor de whisky.

Habilidade única: Amaldiçoado com premonições mortais.

Companheira: Tess Culver (o casal tem um filho recém-nascido chamado Xander Raphael).

Herói em: Beijo Carmesim (Livro 2).

Primeira menção na série: Apareceu em Beijo da Meia-Noite.

Dmitri (d.) — Macho da Raça, Irmão mais novo do Nikolai falecido na Rússia. Cerca de vinte anos mais novo que Nikolai, Dmitri era brilhante e estudioso, apaixonado por filosofia e desmontar coisas para ver como elas funcionavam. Mas ele adorava Niko, queria ser mais como seu irmão mais velho. Uma noite Dmitri escutou um dos rivais do Niko da Ucrânia fazendo observações duras sobre seu irmão. Dmitri gritou com o Macho da Raça e apunhalou-o. Foi um golpe de sorte, mas enfureceu o outro vampiro que cortou a cabeça de Dmitri para se vingar. Niko mais tarde caçou o Macho da Raça ucraniano e o matou. Niko trouxe o prêmio aos seus pais como pedido de desculpa pela morte do Dmitri, mas eles se afastaram dele, dizendo que deveria ter sido Niko, em vez de Dmitri. Niko deixou sua família e nunca olhou para trás.

Primeira menção na série: Feito referência em Véu da Meia-Noite.

Doutor Lewis (d.) — Humano. Especialista médico particular que esteve tratando da “condição” de Tavia Fairchild sua vida inteira. Doutor Lewis é, de fato, um Servo sob as ordens de Dragos, junto com outros manipuladores de Tavia (*ver Tia Sarah*). Fora de sua clínica particular segura na zona rural de Sherborn, Massachusetts, o Doutor Lewis também trata em segredo outros como Tavia — Fêmeas da Raça Gen Um criadas em laboratórios de procriação do Dragos.

Através dos registros do Doutor Lewis, Tavia descobriu informações sobre ela mesma (como Sujeito 8, Paciente “Octavia”) e outros que foram colocados em vários locais secretos para viver inconscientemente entre os humanos como parte da população mortal, sua genética da Raça suprimida através de medicamentos, até que Dragos sinta a necessidade de ativar suas criações para seus próprios propósitos. Tavia também descobre que o Doutor Lewis esteve usando seu dom de memória fotográfica para fornecer a Dragos nomes e inteligência de várias autoridades políticas e contatos do governo humano, enquanto ela estava deitada sendo interrogada em sessões clinicamente avançadas na clínica. Tavia mata o Doutor Lewis na casa em que viveu com sua “Tia Sarah”, depois que o doutor chega e tenta drogá-la após perceber que ela está algo diferente da Homo Sapiens básica.

Primeira menção na série: Apareceu em Escuridão Depois da Meia-Noite.

Dragos, mais conhecido como Gordon Fasso, também conhecido como Gerard Starkn e Drake Masters (d.) — Segunda geração de Macho da Raça, não acasalado. Filho de um Gen Um pai da Raça de quem leva o mesmo nome (*ver Dragos, o Antigo*) e uma mãe chamada Kassia.

Nascido em segredo nos meados de 1300, Dragos foi mandado embora por sua mãe para viver com uma família com o nome de Odolf, para proteger a criança. Kassia temia o que poderia acontecer se soubessem que o pai Gen Um de Dragos, durante a guerra entre a Ordem e seus antepassados alienígenas, tinha em segredo enviado um dos Antigos para uma cripta de hibernação escondida nas montanhas Boêmias. O pai

de Dragos morreu nas mãos de um inimigo (*ver Marek*), levando seu segredo para o túmulo, e Kassia, ela mesma em perigo, tirou sua própria vida. Mas Dragos era parecido demais com seu enganoso pai. Quando se deparou com o segredo da localização do Antigo muitos anos depois, decidiu usar o conhecimento — e a genética do Antigo adormecido — para benefício próprio.

Recuperando o Antigo e aprisionando-o em seus laboratórios reprodução, Dragos passou décadas aumentando seu próprio exército de Hunters e fazendo experiências para criar um ramo da Raça nunca visto antes: Gen Um fêmeas, como Tavia Fairchild. Ao longo dos anos Dragos usou muitas máscaras e assumiu muitos nomes. Moveu-se em círculos humanos como Gordon Fasso e Drake Masters, e acumulou poder e aliados dentro da Raça como Gerard Starkn, diretor da Agência de Execução.

A loucura de Dragos cresceu ao longo do tempo, culminando em um ato final irreparável de vingança com a Ordem por todos os seus esforços para neutralizá-lo. Ele libertou centenas de Renegados do cativeiro no mundo inteiro, virando-os contra as populações humanas desavisadas e expondo a Raça para a humanidade da pior forma possível. Dragos finalmente foi morto por Sterling Chase, mas o estrago que fez foi imensurável. O resultado sangrento daquela noite crucial veio a ser conhecido como Primeiro Amanhecer.

Primeira menção na série: Feito referência em *Despertar da Meia-Noite*; Apareceu em *Ascensão à Meia-Noite*.

Dragos, o Antigo (d.) — Macho da Raça, Gen Um. Pai de Dragos, o segundo, companheiro de Kassia. Um dos membros originais da Ordem em sua fundação nos meados de 1300. Cometeu um ato de traição durante a guerra da Ordem com os Antigos, quando ajudou o alienígena que o gerou a escapar da morte, ao invés disso escondeu o Antigo bem longe em uma caverna na montanha onde hoje é a República Tcheca. Dragos, o Antigo, cometeu o erro de confiar seu segredo a outro macho da Raça (*ver Marek*) e pagou por esse erro com sua cabeça, levando a localização do Antigo com ele para seu túmulo.

Primeira menção na série: Feito referência em *Despertar da Meia-Noite*.

Dylan Alexander — Companheira da Raça do membro da Ordem Rio. Nascida e criada por sua mãe solteira em Nova Iorque, Dylan teve dois meios-irmãos, o nome dos dois também foi dado homenageando os músicos do rock: Morrison e Lennon. Trinta e dois durante a ordem cronológica de *Ascensão à Meia-Noite*, Dylan Alexander nasceu com o dom perturbador de ver os mortos. Temendo se aproveitarem dela ou evitarem por esta habilidade, ela durante muito tempo tenta escondê-lo, negá-lo. Quando adulta, Dylan passou a construir para si mesma uma carreira no jornalismo, até que deixou um preconceito pessoal nublar sua reportagem. Rebaixada para um tabloide de segunda, depara-se com uma história sensacional enquanto estava de férias nas montanhas da República Tcheca.

Esta história, expondo uma cripta misteriosa escondida nas cavernas, deixa-a cara-a-cara com a existência da Raça — e coloca-a no meio da guerra da Ordem com um inimigo perigoso disposto a dominar o mundo. Isso também a atrai para o cheio de cicatrizes e emocionalmente fechado Rio, e em uma paixão para a qual nenhum deles estavam preparados. Dylan mais tarde descobre que o homem que pensava ser seu pai (*ver Bobby Alexander*) era realmente seu padrasto, e seu verdadeiro pai é um homem que sua mãe conheceu em Mykonos com o nome de Zael. Através da investigação de Jenna Tucker-Darrow, é revelado que Zael provavelmente seja um Atlante imortal.

Cabelo: Longo, vermelho-fogo encaracolado.

Olhos: Verdes salpicados de dourado.

Marca de Companheira da Raça: Nuca.

Essência de sangue: Zimbros e mel.

Habilidade única: Pode ver e ouvir os espíritos das Companheiras das Raças mortas, mas não pode se comunicar com elas.

Companheiro: Rio.

Heroína em: Ascensão à Meia-Noite (Livro 4).

Primeira menção na série: Apareceu em Ascensão à Meia-Noite.

E

Edgar Fabien (d.) — Macho da Raça, segunda geração. Cerca de quatrocentos anos de idade, não acasalado e líder de seu Darkhaven em Montreal, Quebec, por um século e meio até a ordem cronológica de Véu da Meia-Noite. Um civil rico da Raça, Fabien tem cabelo loiro acinzentado, com as feições parecidas às de um pássaro, e de constituição esbelta e musculosa. Está sempre meticulosamente vestido, geralmente com os melhores ternos sob medida. As conexões de Fabien alcançam profundamente a elite do Darkhaven e os níveis mais altos da Agência de Execução. Sua riqueza e conexões ajudam a protegê-lo de qualquer consequência resultante de seus interesses pessoais sádicos e criminosos, que incluem uma predileção pelas garotinhas.

Fabien também é um aliado secreto de Dragos, um tenente em seu círculo íntimo. Alexei Yakut comete o erro de subestimar o poder e tentativas de Fabien de se tornar seu braço forte para deste modo orquestrar o assassinato de seu pai e oferecer o guerreiro da Ordem Nikolai como o autor do crime. Fabien acaba com Niko em sua custódia e Mira, a criança vidente, como prêmio pessoal, obtendo de Alexei a soma de dois milhões de dólares. Em troca por seus esforços, Alexei é morto no chalé do seu pai por Agentes de Execução, um ataque organizado por Dragos e Fabien. Mais tarde, Fabien apresenta Mira para Dragos como um presente em uma reunião de seguidores do Dragos. Quando a reunião é invadida pela Ordem, Dragos culpa Fabien pelo fracasso da segurança e atira entre os olhos do Macho da Raça, matando-o.

Primeira menção na série: Apareceu em Véu da Meia-Noite.

Eleutério “Rio” da Noite Atanacio — Macho da Raça, membro da Ordem, companheiro de Dylan Alexander. Nascido na Espanha, em algum momento no início de 1900. Nunca conheceu seu pai, um Renegado que estuprou a mãe de Rio de dezesseis anos e deixou-a grávida de um filho que ela temeria e desprezaria como monstro.

Mais tarde, órfão quando menino depois que os homens da aldeia invadiram a cabana da sua mãe e a mataram, Rio foi encontrado em torno de cinco anos de idade e criado pelo Darkhaven da área. Eles ensinaram quem ele era e como sobreviver. Eles também deram ao menino um nome, já que não recebeu nenhum de sua mãe, e pensava em si mesmo como uma abominação por causa de suas “manos del diablo” — suas letais mãos do diabo — um elegante e significativo nome: Eleutério da Noite Atanacio.

Apesar de seu passado trágico e uma traição mais recente de sua primeira Companheira da Raça (*ver Eva*), que deixou-o com cicatrizes terríveis e quase o destruiu, Rio permanece um dos mais nobres e honrados membro da Ordem. Ele é acasalado com Dylan Alexander com quem se encontrou nas montanhas Tchechas, depois que o fantasma de Eva levou Dylan até a caverna onde Rio estava se escondendo.

Cabelo: Castanho escuro, espesso e ondulado.

Olhos: Topázio.

Habilidade única: Amaldiçoado com o poder de matar com seu toque, especialmente quando provocado.

Companheira: Eva (falecida); Dylan Alexander.

Herói em: Ascensão à Meia-Noite (Livro 4).

Primeira menção na série: Apareceu em Beijo da Meia-Noite.

Emma MacConn — Companheira da Raça de James MacConn, um primo de Conlan MacConn. Emma é uma ruiva delicada, na casa dos vinte anos. Ela e James vivem em Edimburgo na Escócia, e ambos estavam presentes na festa de Natal, e Um Gosto da Meia-Noite, onde Danika encontra um perigoso chefe do crime chamado Reiver e seu guarda-costas, Brannoc (mais conhecido como Malcolm MacBain).

Primeira menção na série: Apareceu em Um Gosto da Meia-Noite.

Enfermeira Doublemint — Humana. Uma das enfermeiras cuidando de Sterling Chase na instalação médica para onde ele foi levado depois de ser baleado e disparado por Taser em ação no Departamento de Polícia de Boston. Chase apelida a Enfermeira de “Doublemint” por causa do grande pedaço de chiclete de menta que ela mastiga ao lado do seu leito do hospital. A enfermeira menciona que o laboratório precisava colher sangue de Chase para fazer exame pela terceira vez, porque os resultados continuam voltando confusos. Também comenta para seu colega de trabalho (*ver Enfermeiro Mike*) sobre a condição de Chase, expressando assombro que ele pudesse ter sobrevivido a tal trauma corporal. Depois que a Enfermeira Doublemint deixa o quarto, Chase começa sua fuga.

Primeira menção na série: Apareceu em Escuridão Depois da Meia-Noite.

Enfermeiro Mike — Humano. Um dos enfermeiros atendendo Sterling Chase na instalação médica para onde ele foi levado depois de ser baleado e disparado por Taser em ação no Departamento de Polícia de Boston. Mike é um homem grande, de voz alta com sotaque acentuado de Boston. Está trabalhando em Chase, informando suas condições e preparando seus medicamentos e sedativos quando sua colega de trabalho (*ver Enfermeira Doublemint*) sai para atender outras coisas no hospital. Mike pensa que seu paciente está inconsciente, mas Chase está acordado, esperando sua chance de fugir. Quando Mike instala o soro, Chase salta para cima dele para se alimentar, então coloca-o em transe. Chase toma o uniforme do enfermeiro, mas os sapatos são muito pequenos. Chase coloca Mike na cama do hospital, apaga sua memória, então foge dali a pé.

Primeira menção na série: Apareceu em Escuridão Depois da Meia-Noite.

Eleanor Archer (d.) — Companheira da Raça de Lazaro Archer, mãe de Christophe e outro filho cujo nome não foi mencionado. Eleanor foi morta quando o Darkhaven da família foi arrasado em Boston, um ataque ordenado por Dragos. Eleanor (“Ellie”) era bonita e obstinada, e profundamente amada por Lázaro.

Primeira menção na série: Feito referência em Capturada à Meia-Noite.

Elise Chase — Companheira da Raça de Tegan, membro da Ordem. Uma protegida do Darkhaven desde que era garotinha nos cortiços de Boston no século XIX, Elise foi criada por uma família proeminente da Raça, os Chases. Finalmente tornou-se a Companheira da Raça de Quentin Chase, irmão mais velho de Sterling Chase. Quentin morreu cinco anos antes dos eventos em Beijo da Meia-Noite, deixando Elise viúva. Mais recentemente, seu filho Camden de dezoito anos se tornou Renegado depois de ser exposto a uma

droga chamada Carmesim, e então faleceu, morto a tiros por Sterling Chase quando o Renegado poderia ter atacado sua mãe.

Depois da morte de Camden, Elise quer vingança contra o indivíduo responsável por criar a droga que o envenenou. Sua busca leva-a contra Tegan da Ordem, e a introduz em uma paixão perigosa que ela não consegue resistir.

Cabelo: Loiro claro.

Olhos: Lavanda claro.

Marca de Companheira da Raça: Na parte interna de sua coxa direita.

Essência de sangue: Urze, rosas e chuva fresca de primavera.

Habilidade única: Ouve telepaticamente os pecados e energia negativa dos humanos.

Companheiro: Quentin Chase(falecido); Tegan.

Heroína em: Despertar da Meia-Noite (Livro 3).

Primeira menção na série: Apareceu em Beijo Carmesim.

Ethan — Macho da Raça, novato na Agência de Execução em Boston. Ethan é o agente que chama Mathias Rowan para ver o resultado do massacre no clube de strip-tease de Chinatown. Ethan é um bom agente, mas novo em seu posto. Rowan é um Macho da Raça dedicado à justiça, uma raridade dentro da Agência naquele momento.

Primeira menção na série: Apareceu em Escuridão Depois da Meia-Noite.

Eva (d.) — Primeira Companheira da Raça de Rio. Traiu-o e ao resto da Ordem por Marek, levando os guerreiros para uma emboscada que deixou Rio gravemente ferido e quase à beira da morte. Eva não tinha intenção que ele fosse ferido, e quando a equipe retorna com vítimas em massa, Eva revela sua duplicidade e finalmente se mata depois que Rio a denúncia publicamente.

Eva aparece como fantasma em Ascensão à Meia-Noite, primeira atuação como guia para Dylan Alexander na República Tcheca, levando Dylan a encontrar Rio, quem está definhando na caverna da montanha onde o Antigo uma vez foi localizado. Eva implora a Dylan para “salvá-lo”. Mais tarde Eva aparece novamente, desta vez para Rio, depois de Dylan ser capturada por Dragos. Eva ajuda Rio a encontrar Dylan na represa do Reservatório de Croton, em Nova Iorque. Eva faz uma aparição final para Dylan, depois que Rio e Dylan estão acasalados e a salvo no Complexo da Ordem em Boston. Rio queima os objetos pessoais de Eva, e esta sorri com tristeza para Dylan com compreensão e aceitação antes de desaparecer.

Primeira menção na série: Apareceu em Beijo da Meia-Noite.

Evrán (d.) — Macho da Raça, irmão mais velho de Lucan, o do meio dos três irmãos (Marek sendo primogênito). Evran tornou-se Renegado logo que alcançou a maioridade. Mais tarde foi morto em

combate durante uma das velhas guerras entre a Raça e os Renegados, Evran estando do lado errado do conflito.

Primeira menção na série: Feito referência em Beijo da Meia-Noite.

F

Fiona MacBain (d.) — Primeira Companheira da Raça de Malcolm MacBain. Fiona era gentil e inocente, só tinha vinte e dois anos quando Malcolm a conheceu. Ela olhava para ele como uma espécie de herói de contos de fadas, ajudava o cansado Macho da Raça a lembrar como era ser despreocupado e aberto. Malcom e Fiona estavam juntos a menos de um ano quando ele percebeu que a amava. Eles acasalaram e viveram em seu castelo Darkhaven fora de Edimburgo, logo em seguida Fiona ficou grávida.

Passaram-se apenas alguns meses quando ela viajou sozinha para a cidade um dia para pegar roupa de cama para o berçário, enquanto Malcom estava em casa construindo uma cadeira de balanço. Fiona foi agarrada na rua por um cafetão que supria os clubes de sangue do chefe do crime da Raça local (*ver Reiver*). Fiona lutou com seu sequestrador e foi apunhalada no coração. Sentindo sua dor através de seu vínculo de sangue e sentindo que ela ainda estava viva, Malcolm desafiou o sol do meio-dia para procurar por ela. Chegou em Edimburgo queimado e fraco, tarde demais para salvar sua companheira. Mas encontrou o cafetão e matou-o, então jurou vingar Fiona e seu filho por nascer, infiltrando-se na organização do chefe do crime e destruindo-o por dentro. Embora os ritos fúnebres das Companheiras da Raça peçam cremação, Malcolm ao invés disso trouxe o corpo ensanguentado de Fiona para casa e enterrou-a naquele mesmo dia.

Primeira menção na série: Feito referência em Um Gosto da Meia-Noite.

Fran Littlejohn — Humana. Moradora de Harmony, Alasca. Trabalha no centro médico da cidade. Fran estava presente quando Skeeter matou o Grande Dave Grant no centro. Mais tarde Kade a fez entrar em transe, fazendo-a esquecer o que testemunhou e a fez dizer em uma reunião de moradores de Harmony que o Grande Dave morreu na mesa por seus ferimentos sofridos no ataque.

Primeira menção na série: Apareceu em Sombras da Meia-Noite.

Freyne (d.) — Macho da Raça, Agente de Execução. Freyne está presente na cena de um crime com Mathias Rowan quando Sterling Chase e Brock aparecem para conversar com Rowan. Freyne provoca Chase sobre a morte do seu sobrinho Camden, incitando Chase a lutar com ele. Mais tarde, após o rapto de Kellan Archer, Freyne é o agente que recebe uma pista de um informante humano a respeito do local onde Kellan está sendo mantido. Freyne está presente na missão da Agência para resgatar o jovem da Raça, liderado por Mathias Rowan. Enquanto estava lá, a duplicidade e aliança de Freyne com Dragos é revelada quando, deixado sozinho com Chase para proteger o pai do Kellan, Christophe, e seu avô Lázaro, Freyne em vez disso assassina Christophe, e Lázaro sobrevive por pouco. Freyne é morto por Hunter, que se depara com o ataque e intervém.

Primeira menção na série: Apareceu em Capturada à Meia-Noite.

G

Gabrielle Maxwell — Companheira da Raça de Lucan, líder da Ordem. Órfã ainda criança em Boston vinte e sete anos antes de abrir a série da Raça da Meia-Noite. A mãe solteira adolescente de Gabrielle era de uma instituição, e cometeu suicídio mais tarde, depois de afirmar ter sido atacada por um vampiro. Gabrielle não sabe quem é seu pai, foi criada em um orfanato até ser adotada por uma família (humana) local, os Maxwells, quando tinha doze anos. Gabrielle teve uma juventude conturbada.

Aos vinte e oito anos ela vivia sozinha e tinha se tornado uma fotógrafa de arte talentosa cujas imagens, sem o conhecimento dela, muitas vezes caracteriza as localizações da Raça. Gabrielle não sabia nada sobre o mundo da Raça, nem seu lugar nele como Companheira da Raça até que seu caminho cruzou com o de Lucan, em uma noite de verão horripilante em Boston.

Cabelo: Ruivo.

Olhos: Castanhos suaves.

Marca de Companheira da Raça: Atrás da orelha esquerda.

Essência de sangue: Jasmim florescendo à noite.

Habilidade única: Pode sentir e é atraída para áreas com a presença da Raça.

Companheiro: Lucan.

Heroína em: Beijo da Meia-Noite (Livro 1).

Primeira menção na série: Apareceu em Beijo da Meia-Noite.

Gideon — Macho da Raça, membro da Ordem. Companheiro de Savannah Dupree. Nascido na Inglaterra em 1.602. Reconhecido por sua habilidade com uma espada, Gideon trabalhou de forma independente para eliminar Renegados, mas procurou Lucan para se juntar à Ordem depois que os irmãos gêmeos de Gideon, Simon e Roderick, foram mortos por Renegados em um ataque em seu Darkhaven fora de Londres. Gideon é o gênio residente da Ordem, responsável por toda a tecnologia e até mesmo atua como médico do Complexo quando é necessário.

Já não participa das missões de combate devido a uma lesão cerebral irreparável sofrida durante o salvamento de sua Companheira da Raça, Savannah, mais de trinta anos antes da ordem cronológica de Beijo da Meia-Noite. Gideon ainda tem uma bala alojada profundamente no cérebro depois daquele confronto (*ver Cyril Smithson*), que incapacitou seu talento extra-sensorial e impactou sua visão, de forma que tinha que usar óculos de sol o tempo todo.

Cabelo: Loiro com um corte espetado.

Olhos: Azuis aguçados, normalmente olhando por cima dos aros azuis claros ou tons de prata.

Habilidade única: Poder de ver energia vital através de algo sólido (talento perdido devido à lesão).

Companheira: Savannah Dupree.

Herói em: Um Toque de Meia-Noite (prequel Livro 0.5)

Primeira menção na série: Apareceu em Beijo da Meia-Noite.

Goran — Humano. Jovem barman bonito na taverna da cidadezinha fora de Praga, aonde Dylan e seus companheiros de viagem vão para comer e beber depois de caminhar nas montanhas Tcheças. Goran flerta com Dylan, e conta para as mulheres sobre a área e o folclore recente do testemunho do seu próprio avô de uma criatura com presas (*ver Rio*) que atacou um de seus trabalhadores de campo alguns meses antes da ordem cronológica de Ascensão à Meia-Noite. Dylan quer questionar seu avô para um artigo que planeja escrever para o tabloide em que trabalha, mas Goran informa que o velho morreu de velhice recentemente.

Primeira menção na série: Apareceu em Ascensão à Meia-Noite.

Green (d.) — Humano. Agente especial do FBI, escritório de Nova Iorque. Green é parceiro do FBI de Phillip Cho e Servo de Dragos. Green atira com um Taser em Jenna no escritório de NY depois que ela chega para uma reunião com Cho. Green atira acidentalmente em Cho no veículo enquanto estão levando Jenna para Dragos, batendo com o carro. Brock está em perseguição em um segundo veículo, segue o carro do FBI acidentado para salvar Jenna. Green sai atirando, e Jenna finalmente mata o Servo usando a pistola do Brock.

Primeira menção na série: Apareceu em Capturada à Meia-Noite.

Grande Dave Grant (d.) — Humano. Morador de Harmony, Alasca, cliente frequente da Taberna do Pete. Fala em tom alto e é combativo, Grande Dave instiga uma festa de caça ao lobo com outros homens depois do assassinato não explicado da família do Toms. Na caça ao lobo, o Grande Dave ao invés disso encontra o Antigo em uma caverna e é ferido gravemente. Levado para o centro médico da região, o Grande Dave mais tarde é apunhalado e morto ali por Skeeter Arnold, que foi transformado em Servo.

Primeira menção na série: Apareceu em Sombras da Meia-Noite.

Grande Homem (d.) — Humano. Cafetão da área de Berlim que tenta intervir quando Rio precisar se alimentar de uma de suas garotas (*ver Uta*). Grande Homem puxa uma faca para Rio e este está muito perto da loucura da sede para evitar retaliações. Rio mata o cafetão no beco.

Primeira menção na série: Apareceu em Ascensão da Meia-Noite.

Gresa (d.) — Humano. Entregador albanês, que é um dos caras maus que pegam Jenna depois que ela foge do Complexo da Ordem em Boston, e falsamente aceitam levá-la para a rodoviária. Gresa e seu companheiro ao invés disso levam Jenna para um frigorífico de carne em Southie, Gresa atira na coxa dela durante uma luta no furgão, então eles a trancam em um local refrigerado. Brock morde Gresa, então mata-o quebrando seu pescoço.

Primeira menção na série: Apareceu em Capturada à Meia-Noite.

Grigori (d.) — Macho da Raça, tio de Kade. Irmão mais novo de Kir e Maksim. Grigori era o segredo obscuro da família, um jovem charmoso vibrante e imprudente que no fundo era muito selvagem. Grigori caiu na Sede de sangue e se tornou um Renegado. Maksim conta a Kade que quando Kir soube que o vício do Grigori o levava a matar, Kir executou o rapaz completamente, apesar de Kir amá-lo muito. Maksim diz a Kade que Kir nunca mais falou de Grigori, e nunca mais foi o mesmo. Mais tarde, depois do funeral de Seth no Darkhaven da família no Alasca, Kir explica para Kade que apesar dele lembrar das coisas boas de Grigori, Seth era pior que Grigori na sua pior fase. Kir confessa que Grigori simplesmente não desapareceu da família; Kir sentiu que era seu dever garantir que seu irmão nunca mais pudesse matar. Ele tirou a vida do seu amado irmão, e temia um dia ver seus filhos sofrerem uma situação impossível semelhante.

Primeira menção na série: Feito referência em Sombras da Meia-Noite.

H

Hank Maguire (d.) — Humano. Padrasto de Alexandra. Tinha uma empresa de frete de hidroaviões na Flórida quando Alex era criança. Depois do assassinato da mãe de Alex e de seu irmãozinho Richie por Renegados na Flórida quando Alex tinha nove anos, Hank se mudou com ela para Harmony, no Alasca. Ensinou Alex a voar quando ela tinha doze anos. Hank morreu de Alzheimer seis meses antes da ordem cronológica de Sombras da Meia-Noite.

Primeira menção na série: Feito referência em Sombras da Meia-Noite.

Hans Friedrich Waldemar (d.) — Macho da Raça, agente de Execução corrupto localizado em Berlim, Alemanha. Apresentado a primeira vez na recepção para Elise Chase e Tegan, hospedados por Andreas Reichen em Despertar da Meia-Noite. Waldemar tentou monopolizar a atenção de Elise, gabando-se com histórias de suas façanhas na Agência. Então mais tarde expressa seu desgosto para a Ordem e Tegan em particular, comentando que os guerreiros são justiceiros que não merecem nenhum respeito. Elise coloca Waldemar no seu lugar, lembrando-o como Tegan salvou o Darkhaven de Berlim de um ataque causado por Renegados no início de 1800. Mais tarde, durante a ordem cronológica de eventos em Cinzas da Meia-Noite, é revelado que Waldemar faz parte do círculo corrupto de Wilhelm Roth (e por extensão, de Dragos). Andreas Reichen procura Waldemar e mata-o quebrando seu pescoço.

Primeira menção na série: Apareceu em Despertar da Meia-Noite.

Harvard, o cão — Canino. Terrier da Raça misturada, cachorro de abrigo. Poucado de eutanásia em um abrigo de Boston quando Dante comprou o cachorro como meio de conseguir se aproximar de Tess. Como uma piada particular, Dante dá o nome à criatura lamentável em homenagem a Sterling Chase. Tess depois usa sua habilidade de cura para curar o cachorro de câncer e outras doenças. Depois de Tess ser levada para o Complexo, Dante leva o cachorro para ela, onde se torna parte da família cada vez maior da Ordem.

Primeira menção na série: Apareceu em Beijo Carmesim.

Heinrich Kuhn (d.) — Macho da Raça, diretor do Centro de Reabilitação de Renegados em Berlim, na Alemanha. Antagoniza com Tegan quando o guerreiro e Elise chegam para falar com um dos pacientes da instalação (*ver Petrov Odolf*). Mais tarde é revelado que Kuhn foi abordado e ameaçado por Marek, e com medo de Marek, Kuhn organiza para seus guardas da instalação drogarem Tegan com tranquilizantes quando o guerreiro retorna para questionar Kuhn novamente em particular. Tegan desiste até Marek capturá-lo e torturar, e Kuhn rapidamente é decapitado por Marek depois de servir a seu propósito.

Primeira menção na série: Apareceu em Despertar da Meia-Noite.

Helene (d.) — Humana. Amante de Andreas Reichen (antes de Cinzas da Meia-Noite) e proprietária do clube de sexo de Berlim, Afrodite. Ciente da Raça, mas guardou seu segredo. Helene de cabelos negros como um corvo também fornecia informações para Andreas Reichen, incluindo detalhes no desaparecimento de uma garota do seu clube. Helene recolhe o nome de um Macho da Raça visto pela última vez com a garota: Wilhelm Roth, Companheiro de Claire e aliado de Dragos na Agência de Execução.

Em Véu da Meia-Noite, Roth transforma Helene em Servo e manda-a para o Darkhaven de Reichen para facilitar o massacre de todos lá dentro por Agentes armados. Reichen volta para casa para descobrir o resultado encharcado de sangue e é forçado a matá-la.

Primeira menção na série: Apareceu em Despertar da Meia-Noite.

Henry Tulak (d.) — Humano. Morador nativo de Harmony no Alasca, vivia sozinho em uma pequena cabana há dezesseis quilômetros de viagem. Morto no inverno antes da ordem cronológica de Sombras da Meia-Noite, por causa desconhecida, até Kade mais tarde deduzir que Tulak foi vítima do irmão de Kade, Seth.

Primeira menção na série: Feito referência em Sombras da Meia-Noite.

Henry Vachon (d.) — Macho da Raça, segunda geração. Membro de alto escalão da Agência de Execução localizada em Nova Orleans e aliado secreto de longa data de Dragos (mais conhecido como Gerard Starkn). Henry Vachon participou do rapto de Corinne Bishop em 1930 e sua transferência para os laboratórios de procriação do Dragos. Depois que Hunter e Corinne conseguem tirar o nome do Vachon com um de seus algozes, eles viajam para Nova Orleans onde Hunter depois invade a mansão de Vachon na intenção de recolher informações sobre Dragos. Vachon resiste a comprometer sua aliança com Dragos, e revela a Hunter que tanto Vachon quanto Dragos estupraram Corinne na noite de seu rapto. Enfurecido, Hunter ataca Vachon e mata-o. Enquanto o mata, a habilidade de leitura de sangue de Hunter mostra a localização dos registros armazenados e materiais de um dos laboratórios de procriação do Dragos.

Primeira menção na série: Apareceu em Mais Profundo que a Meia-Noite.

“Homeboy”⁵ (d.) — Macho da Raça residente em Boston. Comerciante de pele que trafica mulheres para vender para outros Machos da Raça ou humanos no mercado de fêmeas. Tem três mulheres humanas amarradas, espancadas e mantidas em cativeiro na parte de baixo do seu clube quando Kade e Brock invadem o lugar. Homeboy veste-se com um longo casaco de pele de raposa, toneladas de brilho e delineador. Mantém dois pit bulls brancos que Kade usa com seu talento, virando os cachorros contra seu dono durante o interrogatório.

Primeira menção na série: Apareceu em Sombras da Meia-Noite.

Hugh Faulkner (d.) — Macho da Raça, Gen Um. Ferreiro e fabricante de espada em Londres, Inglaterra, cerca de 1600. Hugh era uma pessoa arrogante e desagradável que imprudentemente desafiou Gideon para um duelo há mais ou menos trezentos anos antes da ordem cronológica de Beijo da Meia-Noite. Gideon provou-se o vencedor, matando Hugh após a tentativa do ferreiro de enganá-lo, atacando Gideon por trás. Mais tarde é revelado que Hugh tinha um filho ilegítimo (*ver Cyril Smithson*) que testemunhou a competição e jurou vingar a morte do seu pai, assassinando os irmãos mais novos gêmeos de Gideon.

Primeira menção na série: Feito referência em Um Toque da Meia-Noite.

⁵ Homeboy literalmente é mano, irmão, parceiro, chapa, preferimos manter o original para que não se perdesse a tradução.

Hunter — Gen Um da Raça, membro da Ordem. Companheiro de Corinne Bishop. Nascido em 8 de agosto de 1.956, Hunter foi concebido e criado em ambiente laboratorial sob controle de Dragos. Não recebeu nenhum nome ao nascer, como o resto de seus irmãos de laboratório assassinos da Raça, este Macho da Raça letal responde ao nome do papel para o qual foi criado: Hunter. Após sua criação nos laboratórios de Dragos, Hunter funda um lar em uma fazenda pobre em Vermont, onde viveu em um porão sem móveis, atendido por um Servo manipulador atribuído a ele desde o nascimento. Como todos os outros criado para ser do exército pessoal de assassinos do Dragos, Hunter foi equipado desde a infância com um colar eletrônico preto que continha uma fonte de luz ultravioleta. Este colar UV, se fosse violado ou ativado remotamente por Dragos, detonaria e mataria-o instantaneamente.

Hunter tem um carinho especial por Mira, pois quando criança involuntariamente impediu-o de executar uma de suas missões de assassinato (*ver Sergei Yakut*) quando olhou nos olhos da jovem vidente e viu a garota que um dia salvaria sua vida. Esta visão cumpriu-se mais tarde, durante a ordem cronológica de Vêu da Meia-Noite, e por causa disso, Hunter se juntou à Ordem na luta contra Dragos. Hunter era virgem até que conheceu e se envolveu com Corinne Bishop, enquanto estava encarregado de escoltá-la para o Darkhaven de sua família em Detroit. Hunter e Corinne agora são pais de seu filho Nathan, também um Gen Um treinado para ser assassino.

Cabelo: loiro escuro raspado.

Olhos: Dourados, como um falcão.

Habilidade única: Leitor de sangue (somente da Raças e Companheiras da Raças, não funciona com humanos).

Companheira: Corinne Bishop.

Herói em: Mais Profundo Que a Meia-Noite (Livro 9).

Primeira menção na série: Apareceu em Vêu da Meia-Noite.

I

Ida Arnold — Humana. Moradora de Harmony no Alasca e mãe do Skeeter. Pessoa desagradável, perturba Skeeter constantemente e quase é morta por ele depois que ele foi transformado em Servo.

Primeira menção na série: Apareceu em Sombras da Meia-Noite.

Ilsa Roth (d.) — Companheira da Raça, primeira companheira de Wilhelm Roth na Alemanha. Ilsa era tímida, uma má jogada para Roth. Tanto ela quanto Andreas Reichen ganham a ira de Roth quando Ilsa contradiz seu companheiro em um evento público e é repreendida por Roth. Andreas encontra a Companheira da Raça chorando na chuva e entrega-lhe seu casaco antes de enviá-la para sua casa com o seu motorista. Roth descobre e ferve de ódio por ambos. Supostamente Ilsa morreu em um ataque dos Renegados trinta anos antes da ordem cronológica de Cinzas da Meia-Noite, mas Roth mais tarde revela a Claire que ele matou sua primeira companheira a fim de preparar o caminho para ele reivindicar Claire para si mesmo.

Primeira menção na série: Feito referência em Cinzas da Meia-Noite.

Irina Odolf — Companheira da Raça de Petrov Odolf. Elise e Tegan são apresentados a Irina em um centro de reabilitação de Renegados em Berlim, durante a ordem cronológica de Despertar da Meia-Noite. Irina está ali para uma alimentação supervisionada com Petrov, a quem a Ordem pretende interrogar sobre o diário de família que Petrov recuperou de um Servo (*ver Sheldon Chove*), que tinha a intenção de entregar o livro para seu Mestre, Marek. Irina e Elise identificam-se pela perda de seus queridos companheiros, e finalmente Irina proporciona à Elise e à Ordem mais pistas para o passado, inclusive informações que os ajudarão a encontrar o esconderijo do último Antigo remanescente.

Primeira menção na série: Apareceu em Despertar da Meia-Noite.

Irmã Grace Gilhooley (d.) — Humana. A freira que costumava ser voluntária no abrigo de mulheres com a mãe de Dylan, Sharon Alexander, vinte e tantos anos atrás. Irmã Grace foi transformada em Serva por Dragos, agindo como guardiã de uma cela em sua casa na costa próxima a Gloucester, em Massachusetts, onde várias Companheiras da Raça foram encarceradas. Quando Dylan, Jenna, Alex e Renata chegam em sua casa, Jenna imediatamente reconhece a freira como Serva. Irmã Grace tenta escapar, mas Jenna a ataca. A freira, sendo Serva, recusa responder a qualquer pergunta, envenenando-se rapidamente para evitar trair seu Mestre Dragos.

Primeira menção na série: Apareceu em Capturada à Meia-Noite.

Irmã Margaret Mary Howland — Humana. Freira octogenária que vive em uma casa de repouso em Gloucester, Massachusetts. Dylan encontra a fotografia da irmã aos vinte anos de idade em uma foto de classe onde posa na frente do Lar St. John's para Jovens Mulheres em Queensboro, Nova Iorque, enquanto procurava informações sobre as Companheiras da Raça mortas que pareciam ter ligações com Dragos. Dylan e outras mulheres da Ordem decidem entrar em contato com a Irmã Mary Margaret para ver se a

freira pode ajudá-las a encontrar as Companheiras da Raças desaparecidas. A freira por ingenuidade leva as mulheres para Irmã Grace Gilhooley, que serve a Dragos secretamente como Serva e mantém um grupo de Companheiras da Raças prisioneiras em sua casa.

Primeira menção na série: Apareceu em Capturada à Meia-Noite.

J

Jack — Humano. Amigo da Renata. Ex-militar do exército, com a fala arrastada do Texas, cabelos grisalhos cortados com estilo. Jack administra uma casa de recuperação para adolescentes problemáticos. A casa é chamada de “Lar de Anna” em memória à esposa de Jack, que foi assassinada anos atrás por um adolescente viciado em heroína. Jack deu a Renata um abrigo quando ela estava fugindo de um orfanato. Jack novamente forneceu abrigo seguro para ela e Nikolai, depois que Renata levou Niko até a casa do Jack, logo depois dela resgatar Niko de uma instalação para reabilitação de Renegados fora de Montreal, em Quebec, onde ele estava sendo drogado e preso por Edgar Fabien, um aliado do Dragos. Anos atrás, Jack deu a Renata os quatro punhais que ela costumava carregar, que ostentavam as palavras, “fé”, “honra”, “coragem” e “sacrifício”, qualidades que viu nela quando era uma garota, e que ele esperava que servisse como lembrete das qualidades que veria nela em qualquer situação.

Primeira menção na série: Apareceu em Veu da Meia-Noite.

James MacConn — Macho da Raça, primo de Conlan MacConn, vive em Edimburgo. Companheiro de olhos escuros de Emma MacConn. James e Emma estavam presentes com Danika na festa de Natal, onde ela encontra pela primeira vez um chefão do crime chamado Reiver, e seu guarda-costas Brannoc (mais conhecido como Malcolm MacBain).

Primeira menção na série: Apareceu em Um Gosto da Meia-Noite.

Jamie — Humano. Amigo homossexual de Gabrielle em Boston. Dono da galeria de arte de Newbury Street onde a exposição de fotos de Gabrielle foi exibida em Beijo da Meia-Noite. É Jamie quem a anima a ir para uma boate depois da mostra de arte, que traz Gabrielle, Jamie e seus amigos Kendra e Megan para o clube La Notte, onde Gabrielle vê Lucan Thorne pela primeira vez e testemunha um grupo de vampiros atacando um humano no beco do lado de fora. Mais tarde na ordem cronológica de Beijo da Meia-Noite, Jamie é raptado por Marek em uma tentativa de atrair Gabrielle para ele, mas Jamie escapa do veículo em um sinal vermelho. Depois de sua fuga e Gabrielle ser resgatada de Marek, Jamie tem permissão para sair livre sem ter sua mente apagada, uma generosidade que Lucan concede a Gabrielle, permitindo que ela decida quanto contar ao seu amigo quando diz adeus a Jamie.

Primeira menção na série: Apareceu em Beijo da Meia-Noite.

Jane (d.) — Humana. Mãe adolescente de Gabrielle, cujo nome não foi mencionado. Saindo de casa em Bangor no Maine, vinte e sete anos antes da ordem cronológica de Beijo da Meia-Noite, dirigia-se à cidade de Nova Iorque com Gabrielle ainda bebê, onde esperava se tornar uma cantora de rádio. Na viagem de ônibus em direção a Boston, a mãe de Gabrielle encontra um Renegado que a ataca do lado de fora de um banheiro público da rodoviária. Ela é mordida, e por pouco escapa da morte, ela e sua filha, salvas pela intervenção de um homem não mencionado de cabelos escuros (*ver Lucan Thorne*). A mãe de Gabrielle foge com ela, escondendo o bebê em uma lixeira, em seu estado de choque acreditando estar colocando a criança na cama. Assustada e perdendo sua sanidade depois do assalto, a adolescente mais tarde é pega e levada para um manicômio como Jane Doe⁶, sem identificação. Ela finalmente não suporta e comete suicídio, deixando Gabrielle sob a tutela do Estado.

⁶ Jane Doe nos EUA é o nome dado para mulheres encontradas sem identificação.

Primeira menção na série: Apareceu em Beijo da Meia-Noite.

Janet — Humana. Amiga da mãe de Dylan, Sharon Alexander. Janet trabalhou com Sharon no centro de fugitivos no Brooklyn em Nova Iorque. Janet está presente com Dylan e dois outros amigos de Sharon (ver Marie e Nancy) na viagem para a República Tcheca, que Dylan participa no lugar da sua mãe que estava com câncer. Enquanto estava na cidade para uma refeição, Janet tenta marcar um encontro entre Dylan e um bartender Tcheco (ver *Goran*). Porque as mulheres receberam fotos de Dylan do tempo que passaram em Praga, inclusive imagens de Rio e do esconderijo do Antigo na caverna da montanha, Janet e suas duas amigas mais tarde tem suas mentes apagadas por Niko e Kade sob as ordens de Lucan. Mais tarde na ordem cronológica de Ascensão à Meia-Noite, Janet ajuda Dylan a arrumar o escritório da Sharon no abrigo e mostra a Dylan uma fotografia do benfeitor do abrigo, Gordon Fasso (ver *Dragos*). Janet ajuda Dylan ainda mais durante a ordem cronológica de Capturada à Meia-Noite, fornecendo antigas fotografias do abrigo e algumas das outras mulheres que uma vez trabalharam lá (ver *Irmã Margaret Mary Howland*).

Primeira menção na série: Apareceu em Ascensão à Meia-Noite.

Jenna Tucker-Darrow — Humana (originalmente). Companheira do membro da Ordem Brock. Jenna é uma ex-soldado do Alasca e melhor amiga de Alexandra Maguire. Quatro anos antes da ordem cronológica de Sombras da Meia-Noite, Jenna perdeu seu marido e filha pequena quando um caminhão de madeira colidiu com o veículo da família em uma estrada no Alasca. Jenna mal sobreviveu, despertando um mês e meio depois para saber que seus entes queridos se foram. Ela deixou seu trabalho como policial, embora o trabalho na polícia ajudando pessoas seja uma grande parte de sua natureza.

Aos trinta e três anos de idade Jenna é humana, mas um ataque feito a ela pelo Antigo deixa-a mudada em muitos aspectos — um deles sendo um crescente dermaglifo que apareceu atrás do seu pescoço. A Ordem trouxe-a do Alasca até seu Complexo em Boston para curá-la, ajudada pelo efeito calmante de Brock na humana. Conforme a estadia de Jenna se prolongava, a Ordem descobre que seu DNA humano estava sendo dominado pelo da criatura que a atacou, presenteando-a com força e habilidades incomuns, e transformando-a em algo nunca visto antes.

Cabelo: Castanho médio na altura dos ombros.

Olhos: Castanhos.

Marca de Companheira da Raça: Não tem.

Essência de sangue: Não tem.

Habilidade única: Velocidade e agilidade sobre-humanas, compreensão de idioma ilimitado, regeneração adaptável (o corpo aprende a se curar sozinho após a lesão), e outras habilidades ainda a serem reveladas.

Companheiro: Brock.

Heroína em: Capturada à Meia-Noite (Livro 8).

Primeira menção na série: Apareceu em Sombras da Meia-Noite.

Joey — Humano. O balconista do FedEx em Boston que teve que lidar com um cliente abusivo (ver *Sheldon Raines*). Joey ajuda Elise no dia seguinte quando ela retorna a loja do FedEx para pegar o pacote atrasado do seu “marido” (ver *família Odolf*). Ela não tem identidade para provar sua afirmação, mas Joey concorda entregar o pacote em troca do iPod do seu filho Camden, a única lembrança de Elise do seu filho falecido.

Primeira menção na série: Apareceu em *Despertar da Meia-Noite*.

Jonas Redmond (d.) — Macho da Raça, jovem do Darkhaven de Boston e amigo íntimo de Camden Chase. Jonas era o jovem da Raça a quem Ben Sullivan testemunhou tendo uma reação violenta ao Carmesim em uma boate de Boston. Jonas continua a usar a droga e logo se transforma em Renegado. O civil é morto em uma briga com Dante do lado de fora de um clube, quando as lâminas de titânio afiadas do Dante fatiam o braço de Jonas e o veneno do metal transforma o jovem Renegado em cinzas na rua.

Primeira menção na série: Apareceu em *Beijo Carmesim*.

K

Kade — Macho da Raça, membro da Ordem e companheiro de Alexandra Maguire. Melhor amigo de Brock. Nascido há mais de cem anos, criado em mais de quatro mil hectares no Darkhaven se área selvagem de pais distante de Fairbanks, no Alasca.

Kade esteve com a Ordem por mais ou menos um ano quando Sombras da Meia-Noite foi lançado, recrutado por Nikolai, a quem Kade conheceu décadas atrás. Kade é gêmeo, tinha um irmão idêntico, Seth, em casa no Alasca. A natureza indomada de sua terra natal está nas veias de Kade. Ele é rápido, impulsivo e leal, mas também perseguido por uma escuridão que vive dentro dele. É forçado a enfrentar aquela escuridão quando uma série de assassinatos humanos — ataques de vampiro óbvios — na selva do Alasca, envia-o de volta para casa para investigar para a Ordem.

Cabelo: Preto, grosso e espetado.

Olhos: Prateados como de um lobo, encobertos com cílios longos, espessos e escuros.

Habilidade única: Pode se conectar psiquicamente com animais predadores, experimenta seus sentidos, comanda suas ações com um pensamento.

Companheira: Alexandra Maguire.

Herói em: Sombras da Meia-Noite (Livro 7).

Primeira menção na série: Apareceu em Despertar da Meia-Noite.

Kassia (d.) — Companheira da Raça, mãe de Dragos e companheira para o Gen Um e membro da ordem, Dragos o Antigo. Kassia foi a artista que há centenas de anos costurou uma tapeçaria para Lucan, comemorando o triunfo da Ordem acima dos Antigos. Sem o conhecimento de Lucan, a tapeçaria descrevendo-o em um cavalo de batalha na frente do castelo em chamas de sua família, também continha pistas para um enigma tecido no projeto que mais tarde levaria a Ordem para o esconderijo do Antigo na caverna da montanha Boêmia. Kassia foi muito próxima da primeira companheira de Tegan, Sorcha. Depois que o companheiro de Kassia, Dragos o Antigo, foi morto por Marek, ela cometeu suicídio para evitar ser torturada por Marek pelo segredo do esconderijo do Antigo.

Primeira menção na série: Feito referência em Despertar da Meia-Noite.

Kellan Archer — Macho da Raça, terceira geração. Filho de Christophe Archer, neto de Lázaro e Eleanor Archer. Kellan tem quatorze anos durante a ordem cronológica de Capturada à Meia-Noite, onde ele foi introduzido na série pela primeira vez como o adolescente do Darkhaven de uma proeminente família de Boston que é sequestrado e mantido como refém pelos homens de Dragos. O rapto de Kellan foi realmente um estratagema para dar a Dragos a chance de encontrar a localização da do Complexo da Ordem em Boston, uma meta que é alcançada quando a Ordem salva o adolescente e leva a ele e seu avô Lázaro, para ficar sob a proteção da Ordem em sua sede. Logo é descoberto que Dragos embutiu um dispositivo GPS no estômago de Kellan, que o garoto vomita, alertando a Ordem que seu segredo do Complexo de longa data foi comprometido.

Kellan Archer é um garoto taciturno, desolado pela perda de seus pais e cada um dos membros de sua família (*ver Lazaro Archer*) em uma explosão no Darkhaven executado sob o comando do Dragos. Mira faz amizade com Kellan imediatamente, decidindo que será seu melhor amigo, ele gostando ou não (ele não gosta). Durante sua recuperação com a Ordem, Kellan continua a se retirar, recusando se alimentar até que Lucan leva-o para caçar em Escuridão Depois da Meia-Noite. Ele quer se juntar à Ordem para se vingar de Dragos, mas Lucan nega, dizendo que ele é muito jovem e quer pelo motivo errado. Mais tarde em Escuridão Depois da Meia-Noite, Kellan participa de uma luta de bola de neve com Nathan. Quando Mira é atingida por uma das saraivadas de Nathan, Kellan reage com fúria rápida e protetora. Os dois vampiros adolescentes lutam, e Kellan, detectando a habilidade letal do Nathan e treinamento, pede que ensine tudo o que sabe para ele.

Embora Kellan seja apenas um adolescente quando acontece a ordem cronológica de Escuridão Depois da Meia-Noite, sua história romântica completa é contada vinte anos depois em No Limite do Amanhecer.

Cabelo: da cor do gengibre quando adolescente; tornando-se castanho acobreado, a cor da moeda antiga de um centavo, quando adulto.

Olhos: Castanhos.

Habilidade única: Pode ler as verdadeiras intenções de um humano com seu toque.

Companheira: Mira.

Herói em: No Limite do Amanhecer (Livro 11).

Primeira menção na série: Apareceu em Capturada à Meia-Noite.

Kendra Delaney (d.) — Humana. Enfermeira e amiga de Gabrielle que se envolve involuntariamente com um Macho da Raça (*ver Brent*) depois de encontrá-lo na boate de Boston La Notte. Kendra mais tarde é apanhada por Marek e levada para uma orgia com um grande número de Renegados sob a liderança de Marek. Enquanto esteve com Marek, Kendra é transformada em Serva por ele. Marek usa Kendra para atrair Gabrielle até ele, provocando um confronto entre Marek e seu irmão, Lucan. Kendra morre quando salta para a morte do alto de um edifício sob o comando de seu Mestre.

Primeira menção na série: Apareceu em Beijo da Meia-Noite.

Kerr (d.) — Macho da Raça, um dos capangas do chefe do crime Reiver. Kerr e outro assassino, Packard, são enviados por Reiver silenciar Danika depois que ela atravessou seu caminho. Malcolm MacBain mata Kerr na pequena cabana onde Danika e seu filho estavam hospedados nas terras MacConn.

Primeira menção na série: Apareceu em Um Gosto da Meia-Noite.

Kir — Macho da Raça, pai de Kade e irmão de Maksim, que vive no Darkhaven da família de quatro mil hectares nos arredores de Fairbanks, no Alasca. Kir é acasalado com Victoria, que está no final da gravidez de filhos gêmeos durante a ordem cronológica de Sombras da Meia-Noite. Kir e Kade sempre foram distantes porque Kir focou toda sua energia em segurar Seth, superprotetor com ele pois sabe que Seth é o mais fraco de seus dois filhos. Os temores de Kir são enraizados em seu passado, quando ele e seu irmão

Grigori tiveram uma situação parecida com a de Kade e Seth. Grigori tornou-se Renegado e Kir teve que matá-lo. Kir e Kade se reconciliam no final de Sombras da Meia-Noite, no enterro de Seth.

Primeira menção na série: Apareceu em Sombras da Meia-Noite.

Kiril (d.) — Macho da Raça. Guarda no chalé de Sergei Yakut próximo a Montreal, Quebec. Alexei Yakut atribuiu a Kiril e outros três machos da Raça a guarda de Nikolai depois do assassinato de Sergei. Alexei acreditava que Niko fosse responsável pelo assassinato do Sergei, Kiril expressa sua opinião que deviam torturar o guerreiro antes da Agência de Execução aparecer e levarem-no sob custódia. Kiril é particularmente desagradável e agressivo, sem saber que Niko não está inconsciente quando ele aparece, mas acordado e muito puto. Detalhe: enquanto os seis homens da Agência se aproximam do chalé e o tempo de Niko escapar está se esgotando, ele ataca Kiril, quebrando o pescoço do guarda e então usando seu corpo morto como escudo para atravessar uma janela ao lado em sua tentativa de escapar da captura.

Primeira menção na série: Apareceu em Véu da Meia-Noite.

Klaus — Macho da Raça. Motorista e membro do Darkhaven de Andreas Reichen. Klaus está presente quando Reichen pega Tegan e Elise no aeroporto em sua chegada a Berlim em Despertar da Meia-Noite.

Primeira menção na série: Apareceu em Despertar da Meia-Noite.

K

Krieger — Macho da Raça, Agente de Execução na Alemanha, reportando-se para Wilhelm Roth. O agente Krieger telefona a Roth, puxando Roth para fora de uma visita de Claire como caminhante dos sonhos, para informá-lo sobre a morte de Hans Waldemar e que o Darkhaven de Roth foi destruído. Roth ordena a Krieger para enviar uma equipe matar Andreas Reichen.

Primeira menção na série: Apareceu em Cinzas da Meia-Noite.

L

Lanny Hamm (d.) — Humano. Morador de Harmony no Alasca, e do bando de Grande Dave Grant. Lanny participou do encontro de improviso da Prefeitura onde Alexandra Maguire vê Kade pela primeira vez, e encorajou o Grande Dave no chamado para a caça ao lobo. Lanny mais tarde foi morto pelo Antigo enquanto caçava no Alasca com o Grande Dave.

Primeira menção na série: Apareceu em Sombras da Meia-Noite.

Lazaro Archer — Gen Um da Raça. Cabelo muito preto, olhos azuis escuros. Aparenta ter uns trinta anos de idade, mas tem quase mil anos. Lazaro tem muitos arrependimentos, inclusive que não ter se juntado a Lucan e à Ordem durante a guerra com os Antigos nos meados de 1300, e quando recusou novamente a chamado de Lucan para agir quando ficou evidente no presente que Dragos tinha a intenção de eliminar a população Gen Um. Lazaro e sua família viveram na região da Nova Inglaterra por um século ou mais. Lazaro culpa a si mesmo pela violência visitada em sua família por Dragos: o rapto de seu sobrinho Kellan; a morte do filho de Lazaro, Christophe; e a destruição do Darkhaven Archer por Dragos, que matou Eleanor, a Companheira da Raça de longa data de Lazaro, e o resto de seus familiares que vivia na residência de Boston.

Lazaro começa a trabalhar estreitamente com a Ordem posteriormente, oferecendo um de seus retiros Darkhaven não utilizados no Maine como sede temporária depois que o Complexo de Boston r é comprometido por Dragos e os humanos. Lazaro também compartilha com Lucan um pouco da história sobre os Antigos, que o pai do Lazaro participou de encontros secretos com outros Antigos e ensinou a Lazaro um pouco de seu idioma.

Primeira menção na série: Apareceu em Capturada à Meia-Noite.

Libby Darrow (d.) — Humana. Filha de seis anos de Jenna Tucker-Darrow que morreu em um acidente de carro em novembro, quatro anos antes da ordem cronológica de Sombras da Meia-Noite. Libby estava no veículo que Mitch Darrow, o marido da Jenna, estava dirigindo quando um caminhão de madeira atingiu seu Blazer, matando a ambos, Libby e Mitch, e colocando Jenna no hospital com ferimentos graves. Jenna finalmente diz adeus à sua filha, visitando o cemitério em Harmony no Alasca, pela primeira vez no fim de Capturada à Meia-Noite.

Primeira menção na série: Feito referência em Sombras da Meia-Noite.

Lucan Thorne — Gen Um da Raça, líder da Ordem e companheiro de Gabrielle Maxwell. O mais novo de três irmãos, os outros dois falecidos (*ver Evran e Marek*). Lucan tem nada menos que novecentos anos de idade.

Fundador da Ordem nos meados de 1300 na Europa Oriental com Tegan, Marek e cinco outros guerreiros Gen Um da Raça. Liderou a revolta contra os Antigos durante o mesmo período, logo após o assassinato da mãe de Lucan pelas mãos do seu pai. A guerra contra os Antigos resultou no assassinato de todos menos um, que foi escondido em segredo por séculos por Dragos. Depois que a Ordem finalmente foi dissolvida na Europa, Lucan mais tarde estabeleceu uma sede em Boston em 1898 com Gideon em um esforço para combater os Renegados naquela cidade.

Lucan é considerado um dos Machos da Raça mais formidáveis que existem. Como Gen Um, particularmente um que viu em primeira mão os resultados devastadores do que a Sede de Sangue pode fazer com um de sua espécie, o maior medo do Lucan está em se perder para o vício de sangue. É um medo que esconde atrás de seu desprezo pelos Renegados, mas no fundo teme se transformar no monstro que seu pai era. Lucan dirige um Maybach preto e carrega duas espadas de lâmina de titânio, além de outras armas.

Cabelo: Muito preto e sedoso, caindo próximo ao colarinho.

Olhos: Cinza claro penetrante.

Habilidade única: Manipulação hipnótica.

Companheira: Gabrielle Maxwell.

Herói em: Beijo da Meia-Noite (Livro 1).

Primeira menção na série: Apareceu em Beijo da Meia-Noite.

Luna (cachorro) — Canino. Cão lobo cinza e branco de Alexandra Maguire.

Primeira menção na série: Apareceu em Sombras da Meia-Noite e livros posteriores.

M

Maksim “Max” — Macho da Raça, Tio de Kade, irmão mais novo de Kir por quase trezentos anos. Ao contrário de Kir, Max é abertamente orgulhoso de Kade e seu trabalho com a Ordem. Enquanto Kade está no Alasca a negócios pela Ordem, Max diz a ele sobre o segredo sombrio da família: que seu outro tio Grigori, era um Renegado e Kir não podia lidar com o fato (mais tarde é revelado que Kir matou Grigori). A lealdade de Max para Kir o algema no Darkhaven da família, mas no fundo Max anseia aventura, aprecia os conceitos de risco e recompensa, coragem e honra. Kir está profundamente atraído por uma Companheira da Raça no Darkhaven, a prometida de Seth, mas não reclamada pelo companheiro Patrice.

Primeira menção na série: Apareceu em Sombras da Meia-Noite.

Malcolm MacBain (mais conhecido como Brannoc) — Macho da Raça, acasalado com Danika MacConn. Malcolm nasceu nas Highlands há mais de quatrocentos anos, vive em um castelo de pedra do século XV fora de Edimburgo, Escócia. Malcom era o mais perto de um irmão para Conlan MacConn, os dois Machos da Raça eram vizinhos e irmãos de armas, entraram em muitas batalhas juntos. Também viram Danika pela primeira vez juntos, e ambos ficaram hipnotizados pela beleza loira nórdica. Malcolm tentou impressioná-la, seduzi-la com seu charme misterioso e cínico. Mas foi Con quem ganhou a mão de Danika no final. Malcolm não nutriu nenhuma mágoa pela sorte do seu amigo, mas amou Danika em segredo por muito tempo.

Malcom permaneceu sem acasalar até muito recentemente, quando uma jovem Companheira da Raça chamada Fiona roubou seu coração com sua inocência e doçura. Malcom e Fiona acasalaram e logo estavam esperando um filho, mas Fiona foi vítima de uma tragédia em Edimburgo enquanto fazia compras sozinha. Um cafetão que abastecia um clube de sangue agarrou-a na rua, pretendendo entregá-la a um chefe do crime da região (*ver Reiver*). Ela reagiu, foi esfaqueada e morta. Malcolm correu para a cidade de dia para encontrá-la, e sofreu queimaduras por UV e um ferimento feroz de faca no seu rosto quando confrontou o cafetão. Jurando vingar sua companheira e seu filho por nascer mortos, Malcolm adota um novo nome, Brannoc, e infiltra-se secretamente na organização do chefe do crime com um plano para destruí-lo por dentro.

Cabelo: Castanho desgrenhado.

Olhos: Cinza escuro, da cor do metal.

Habilidade única: Ainda não revelada.

Companheira: Fiona (falecida); Danika MacConn.

Herói em: Um Gosto da Meia-Noite (Livro 9.5).

Primeira menção na série: Apareceu em Um Gosto da Meia-Noite.

Marek (d.) — Gen Um da Raça, primogênito dos dois irmãos de Lucan. O mais destemido, de acordo com Lucan. Marek fazia parte da Ordem quando Lucan fundou-a da primeira vez nos meados de 1300, junto com Tegan e vários outros Gen Um. Menos de cem anos depois daquele conflito, presumia-se que Marek caiu na Sede de Sangue e tirou sua própria vida buscando o sol.

Durante a ordem cronológica de Beijo da Meia-Noite, é revelado que Marek não estava morto, mas na verdade liderando um grupo de Renegados em Boston com a intenção de destruir Lucan e a Ordem à procura da dominação mundial. Em Beijo da Meia-Noite, Marek cria Servos de vários humanos, usa a companheira de Rio, Eva, contra a Ordem, e finalmente sequestra Gabrielle em um esforço de atrair Lucan para suas mãos. Gabrielle é resgatada e Marek escapa, frustrado, mas continua a causar problemas em Beijo Carmesim, financiando a fabricação e distribuição de uma droga que induzia a Sede de Sangue (ver *Ben Sullivan*).

Em Despertar da Meia-Noite, Marek revela a Tegan quem ele era, foi Marek quem transformou a primeira companheira de Tegan em Servo (ver *Sorcha*). Marek também divulga seu papel na ocultação do último Antigo remanescente e sua crença que a Raça deveria escravizar a humanidade, e se tornar os reis que a Raça foi criada para ser. Depois de levar Tegan cativo de Berlim com a ajuda de um aliado secreto (ver *Heinrich Kuhn*) e o alimentá-lo com Carmesim, Marek é confrontado por Lucan e Elise, que vieram procurar por Tegan. Em uma rara demonstração de indecisão, Lucan acha o pensamento de matar seu irmão muito difícil de realizar. Em vez disso Marek é morto por Tegan e Elise trabalhando juntos.

Primeira menção na série: Apareceu em Beijo da Meia-Noite.

Marie — Humana. Amiga da mãe de Dylan, Sharon Alexander; trabalha com Sharon e Janet no abrigo para fugitivos no Brooklyn, Nova Iorque. Marie está presente na viagem para a República Tcheca com outras amigas de Sharon (ver *Janet e Nancy*), Dylan acaba participando no lugar de sua mãe que está com câncer. Porque as mulheres receberam as fotos de Dylan do tempo que passaram em Praga, inclusive imagens de Rio e do esconderijo do Antigo na caverna da montanha, Marie e suas duas amigas tem a mente apagada mais tarde por Niko e Kade sob as ordens de Lucan.

Primeira menção na série: Apareceu em Ascensão à Meia-Noite.

Martina — Companheira da Raça e amiga de Claire (Roth) Reichen na Alemanha. Uma arquiteta talentosa, Martina projetou um pequeno jardim a pedido de Claire, depois que ela admirou outros trabalhos seus pelas comunidades da Raça. Martina assumiu que o jardim era para o companheiro de Claire, mas na verdade foi feito em memória de Andreas Reichen, que foi dado como morto no ataque em seu Darkhaven em Berlim.

Primeira menção na série: Apareceu (via ligação telefônica) em Cinzas da Meia-Noite.

Mason — Macho da Raça, guarda no Darkhaven de Bishop. Bondoso, digno de confiança. Mason protege a mãe de Corinne, Regina, quando Victor Bishop ameaça sua vida depois que ela descobre sua traição com Corinne por Dragos e Henry Vachon. Durante o confronto, Victor reflete que há muito tempo suspeitava que Mason tinha sentimentos por Regina.

Primeira menção na série: Apareceu em Mais Profundo Que a Meia-Noite.

Mathias Rowan — Macho da Raça. Agente de Execução em Boston, costumava trabalhar com Sterling Chase na Agência. Na ordem cronológica de Capturada à Meia-Noite, Mathias forneceu secretamente para

a Ordem informação sobre agentes corruptos e outros assuntos de interesse para a Ordem. Enquanto muitos na Agência de Execução não são dignos de confiança e interesseiros, Mathias é um dos mocinhos. É o primeiro a informar a Ordem do sequestro de Kellan Archer, alertando os guerreiros com uma dica que os levam ao local em que Kellan está. Mathias lidera a equipe da Agência no resgate de Kellan junto com a Ordem. Quando descobre-se que Dragos está por trás do sequestro e da destruição mais tarde do Darkhaven de Archer em Boston, Mathias Rowan diz a Ordem que ele é seu aliado na luta e que agora Dragos é seu inimigo também.

Primeira menção na série: Apareceu em Capturada à Meia-Noite.

Megan — Humana. Amiga íntima de Gabrielle. Megan e seu namorado policial, Ray, foram checar Gabrielle enquanto Lucan estava lá e Lucan teve que apagar suas memórias antes de levar Gabrielle para o Complexo.

Primeira menção na série: Apareceu em Beijo da Meia-Noite.

Millie Dunbar — Humana. Moradora de 87 anos de idade de Harmony, Alasca. Presente na reunião da Prefeitura improvisada onde Alexandra Maguire vê Kade pela primeira vez.

Primeira menção na série: Apareceu em Sombras da Meia-Noite.

Mira — Companheira da Raça, órfã em Montreal e sequestrado quando tinha oito anos pelo mesmo Antigo da Raça para quem Renata trabalhou (*ver Sergei Yakut*). Mira é uma menina Companheira da Raça com um dom de premonição para mostrar a alguém um evento fadado a acontecer em seu futuro. Porém sua habilidade vem com um preço: cada visão ela oferece toma um pouco de sua própria visão. Para combater este problema, ela usava um véu por cima de seus olhos durante a ordem cronológica de Véu da Meia-Noite. Depois de se tornar residente do Complexo da Ordem em Boston, Mira recebeu lentes de contato púrpuras feitas artesanalmente, criadas por Gideon, para proteger seus olhos e silenciar seu dom de vidência para outras pessoas que pudessem olhar para seus olhos. Mira foi apelidada de “Ratinha” por Renata, que se tornou uma mãe substituta para a menina.

Durante a ordem cronológica de Véu da Meia-Noite, várias pessoas viram as visões nos olhos de Mira: Nikolai, Hunter, Sergei Yakut, Edgar Fabien e Dragos. Durante a cronologia de Cinzas da Meia-Noite, Mira mostrou acidentalmente a Claire uma visão da morte de Andreas pelas chamas e fumaça. Durante os eventos em Escuridão Depois da Meia-Noite, Mira sem querer mostra a Lucan uma visão de guerra e matança que logo acontece. Os amigos mais próximos de Mira, fora Renata e Nikolai, são Kellan Archer e Nathan. Ela tem uma conexão especial com Hunter também, que protege-a ferozmente. Mira também é imensamente apaixonada pelos cães residentes na Ordem, Harvard e Luna.

Embora Mira seja uma criança na ordem cronológica de Escuridão Depois da Meia-Noite, sua história romântica completa é contada vinte anos depois no Limite do Amanhecer.

Cabelo: Loiro.

Olhos: De um branco tão puro que parecem incolores, como espelhos.

Marca de Companheira da Raça: Na linha do cabelo, próximo à têmpora esquerda.

Essência de sangue: Lírio do vale.

Habilidade única: Premonição, mas ela não vê ou interpreta as visões, as quais são lançadas para o observador como se em um espelho.

Companheiro: Kellan Archer.

Heroína em: Limite do Amanhecer (Livro 11).

Primeira menção na série: Apareceu em Véu da Meia-Noite.

Mitch Darrow (d.) — Humano. Marido falecido de Jenna Tucker-Darrow e ex-soldado do Estado do Alasca. Morto em um acidente de carro junto com sua filha Libby, no Alasca, quatro anos antes da ordem cronológica de Sombras da Meia-Noite.

Primeira menção na série: Feito referência em Sombras da Meia-Noite.

Moric Kaszab (d.) — Macho da Raça, segunda geração. Um dos tenentes secretos do círculo íntimo de Dragos. Kaszab era chefe da Agência de Execução em Budapest, Hungria. Estava presente através da videoconferência com Dragos durante a ordem cronológica de Escuridão Depois da Meia-Noite, quando tomaram a decisão de soltar os Renegados de suas instalações de reabilitação ao redor do mundo. Kaszab estava ansioso pela carnificina por vir, expressando sua convicção que já estava na hora da Raça se levantar para governar a noite, como era seu direito inato. No final de Escuridão Depois da Meia-Noite, Kaszab está entre os tenentes reportados como tendo sido perseguidos e eliminados pelos esforços combinados da Ordem, Andreas Reichen, Mathias Rowan e outros membros das mesma opinião da Agência de Execução em várias partes do mundo.

Primeira menção na série: Apareceu em Escuridão Depois da Meia-Noite.

Murdock (d.) — Macho da Raça. Agente corrupto da Agência de Execução e aliado de Dragos, mas não faz parte de seu círculo interno. Informa para outro agente fora de Atlanta, que é um dos tenentes do Dragos (mais provavelmente, o tenente cujo nome não aparece em Sombras da Meia-Noite). Murdock originalmente é de Atlanta, Geórgia, mas foi transferido para Boston cerca de cinquenta anos atrás devido a questões de conduta. Tem reputação de aliciamento de menores entre a população humana e força excessiva, tanto na população civil humana quanto da Raça.

Murdock estava no bar em Chinatown como sendo da Agência de Execução quando Sterling Chase e Hunter chegaram ali procurando reunir informações sobre Dragos e seus aliados da Agência de Execução. Murdock não gostava de Chase e incitou sua raiva no clube, resultando em uma rixa entre Chase e outros agentes. Depois da briga, Murdock fugiu para se esconder, mas depois foi encontrado por Chase, caçando humanos como jogo em um clube de sangue ilegal fora de Boston. Chase intervém, incapacitando Murdock e levando-o para um silo de grãos para ser interrogado e torturado.

Durante o interrogatório, Murdock revela que Dragos estava tentando encontrar o Complexo da Ordem através de algum tipo de cavalo de Tróia (*ver Kellan Archer*) e que está fazendo muitos Servos, inclusive tendo como alvo um novo senador (*ver Bobby Clarence*). Chase mata Murdock depois de recolher a informação necessária.

Primeira menção na série: Apareceu em Mais Profundo Que a Meia-Noite.

N

Nancy — Humana. Amiga da mãe de Dylan, Sharon Alexander, desde o segundo grau. Nancy está presente na viagem para a República Tcheca com outras amigas de Sharon (*ver Janet e Marie*), Dylan vai no lugar da sua mãe que estava com câncer. Porque as mulheres receberam fotos de Dylan do tempo que passaram em Praga, inclusive imagens de Rio e do esconderijo do Antigo na caverna da montanha, Nancy e suas duas amigas tem a mente apagada mais tarde por Niko e Kade sob as ordens de Lucan.

Primeira menção na série: Apareceu em Ascensão à Meia-Noite.

Nassi (d.) — Humano. Entregador albanês que é um dos dois caras maus que pegam Jenna depois que ela foge do Complexo da Ordem em Boston, oferecendo-se falsamente para levá-la para a rodoviária. Nassi e seu parceiro, ao invés disso, levam Jenna para um frigorífico em Southie e trancam-na em um aposento refrigerado. Brock encontra-a, matando Nassi e seu colega de trabalho.

Primeira menção na série: Apareceu em Capturada à Meia-Noite.

Nathan — Gen Um da Raça, filho de Corinne, gerado pelo Antigo que foi mantido em cativeiro por Dragos. Nathan tem cabelos negros, mas como um Hunter sua cabeça é raspada, tornando visíveis os dermaglifos que cobrem seu couro cabeludo. Ele tem olhos azuis esverdeados em formato amendoado como sua mãe, e também tem seu dom extra-sensorial de sonocinese. Um Hunter (criado para ser um assassino), Nathan nasceu no laboratório de procriação do Dragos treze anos antes de Corinne ser libertada pela Ordem durante a ordem cronológica de Capturada à Meia-Noite.

Geneticamente Nathan é meio-irmão do companheiro de sua mãe, Hunter, e também está relacionado a Tavia Fairchild e a outras fêmeas Gen Um não descobertas nascidas nos laboratórios de Dragos, que são cada um produto de DNA misturado entre o Antigo e Companheiras da Raças desconhecidas. Nathan é calmo e distante, ilegível. Embora seja só um garoto, ele é habilmente letal por causa de sua educação e treinamento.

Durante a ordem cronológica de Mais Profundo Que a Meia-Noite, quando Corinne e Hunter acham Nathan onde seu manipulador Servo está mantendo-o na Geórgia, e acham um modo para livrá-lo de seu colar UV, Nathan a princípio foge. Retorna na noite seguinte porque percebe que não tem para onde ir. O casal leva-o para a nova casa da Ordem, com sede provisória no Maine, onde finalmente Nathan torna-se amigo de Mira e Kellan.

Primeira menção na série: Apareceu em Mais Profundo Que a Meia-Noite.

Nigel Traherne (d.) — Macho da Raça, segunda geração. Um dos tenentes secretos do círculo íntimo de Dragos. Traherne era o único dos tenentes do Dragos sem laços diretos com a Agência de Execução, mas em vez disso era um líder bem relacionado de um Darkhaven rico de Londres, na Inglaterra. Estava presente na videoconferência com Dragos durante a ordem cronológica de Escuridão Depois da Meia-Noite, quando tomaram a decisão de soltar os Renegados de suas instalações de reabilitação ao redor do mundo. Traherne expressa reservas profundas sobre o plano de Dragos, advertindo-o que um ato de tal magnitude não pode ser desfeito. Lembra a Dragos de recentes contratemplos em missões da sua operação e sugere que expor a Raça para sempre para a humanidade é uma decisão muito precipitada. Ele prossegue

dizendo que sua companheira está grávida e que o bebê nascerá a qualquer dia, e que seus dois filhos mais velhos lhe deram uma dúzia de netos. O ataque de consciência de Traherne enfurece Dragos, que ordena que o Macho da Raça morra ali mesmo por um Hunter que está de pé observando. O pescoço de Traherne é quebrado, e Dragos continua a reunião como se o macho morto nunca tivesse existido.

Primeira menção na série: Apareceu em *Escuridão Depois da Meia-Noite*.

Nikolai — Macho da Raça, membro da Ordem e companheiro de Renata. Nascido no Sibéria cerca de oitenta anos atrás, não tomou nenhum sobrenome. Niko vive em busca de emoções, vive perigosamente e tem jeito com máquinas. Adora armas, mecanismos e coisas que fazem BUM. Niko faz artesanalmente um monte de munição especialidade usada pela Ordem para missões de combate e matar Renegados. Ele é impaciente e um pouco convencido, cheio de energia explosiva, mas longe de ser imprudente. Nikolai é o que você teria às suas costas no calor da batalha, mas provavelmente encontraria à sua frente iluminando o caminho evidente do perigo antes de você até mesmo chegar lá. Juntos, Niko e Renata, são pais da órfã Mira.

Cabelo: Loiro da cor da areia.

Olhos: Azuis gélidos.

Habilidade única: Produz telepaticamente crescimento rápido na vida das plantas.

Companheira: Renata (o casal divide a responsabilidade por Mira).

Herói em: *Véu da Meia-Noite* (Livro 5).

Primeira menção na série: Apareceu em *Beijo da Meia-Noite*.

Nora (d.) — Humana. Empregada da clínica veterinária de Tess em Boston. Nora é torturada e morta por Ben Sullivan na clínica veterinária depois que ele foi transformado em Servo por Marek.

Primeira menção na série: Apareceu em *Beijo Carmesim*.

O

Octavia “Tavia” Fairchild — Gen Um da Raça e Companheira da Raça geneticamente híbrida, companheira do membro da Ordem Sterling Chase; caminhante do dia. Nascida em Boston vinte e sete anos antes da ordem cronológica de Escuridão Depois da Meia-Noite, criada por sua tia Sarah desde a infância quando Tavia sobreviveu a um incêndio na sua casa que matou seus pais. Altamente inteligente e capaz, Tavia trabalha como assistente de um senador em ascensão em Boston. No lado pessoal, as maiores limitações de Tavia são as “cicatrices” que carrega do acidente, e uma condição médica rara que exige tratamentos frequentes em uma clínica especializada particular. O que Tavia não percebe — até que sua vida bate de frente com a de Sterling Chase, envolvido em um conflito permanente com a Ordem — é que tudo em que ela foi criada para acreditar foi uma mentira. Ela nem é humana nem pura Companheira da Raça; é algo extraordinário.

Tavia mais tarde descobre a verdade a respeito de suas origens, inclusive o fato de que sua tia realmente é uma Serva encarregada de supervisionar sua educação e informar Dragos. Ela também descobre que há outras mulheres como ela, quando Chase e ela descobrem registros de laboratório no escritório do seu médico. Juntos, Tavia e Sterling Chase são pais de gêmeos fraternos, um menino e uma menina, Aric e Carys, nascidos logo após o final de Escuridão Depois da Meia-Noite.

Cabelo: Castanho caramelo na altura dos ombros.

Olhos: Verdes como folhas na primavera.

Marca de Companheira da Raça: Na parte inferior das costas.

Essência de sangue: Doce como néctar de uma videira proibida.

Habilidade única: Memória fotográfica (também tem outras habilidades incomuns que são despertadas assim que descobre a verdade sobre quem ela é).

Companheiro: Sterling Chase.

Heroína em: Escuridão Depois da Meia-Noite (Livro 10).

Primeira menção na série: Apareceu em Mais Profundo Que a Meia-Noite.

Odolf - a família. — Família da Raça com linhagem longa, originária da Alemanha. Kassia confiou aos Odolfs a criação em segredo de seu filho Dragos após sua morte. Eles também levaram o segredo do esconderijo do Antigo nas montanhas Tchechas. Este segredo também deixou a maior parte da família Odolf louca, quase todos os Machos da Raça desta linhagem viraram Renegados pelo fardo do conhecimento que mantinham. A família Odolf manteve um diário de sua linhagem, que também continha um enigma referente ao esconderijo do Antigo, e uma pista sobre a criação em segredo de Dragos. Finalmente, esse diário deixou a família e estava a caminho de Marek (*ver Sheldon Chove*) em Boston. Quando o diário se perdeu, interceptado por Elise e a Ordem, Marek passa a torturar membros da família Odolf, queimando um Macho da Raça com raios UV no covil de Marek em Berkshires. Resta apenas um macho da família Odolf (*ver Petrov Odolf*), um Renegado que está sendo mantido em um centro de reabilitação na Alemanha.

Primeira menção na série: Feito referência em Despertar da Meia-Noite.

Oficial Murphy (d.) — Humano. O policial uniformizado de Boston que foi colocado para fora do escritório do Senador Clarence na manhã seguinte ao assassinato do político por Sterling Chase. Murphy é um homem grande, com uma cicatriz escura no rosto que divide sua sobrancelha esquerda. O detetive Avery atribui Murphy e alguns outros oficiais para levar Tavia Fairchild até um hotel da área sob custódia, temendo que ela esteja em perigo também por causa de seu vínculo com o senador. Acontece que Murphy é um Servo, algo que Sterling Chase percebe quando vê o oficial escoltando Tavia no noticiário da TV. Murphy é morto por Chase no hotel, quando este chega para resgatar Tavia do Servo. Tavia testemunha Chase quebrar o pescoço grosso de Murphy como se não fosse nada, e é ali que começa a entender que Sterling Chase não é meramente um homem.

Primeira menção na série: Apareceu em *Escuridão Depois da Meia-Noite*.

P

Packard (d.) — Macho da Raça, capanga de Reiver, chefe do crime em Edimburgo. Era um dos dois assassinos enviados para machucar Danika depois que ela meteu o nariz nos negócios do Reiver. Morto por Malcolm MacBain (mais conhecido como Brannoc) na cabana de hóspedes de Danika nas terras MacConn.

Primeira menção na série: Apareceu em Um Gosto de Meia-Noite.

Patrice — Companheira da Raça no Darkhaven da família de Kade no Alasca. Patrice foi sido prometida há muito tempo para o irmão gêmeo idêntico do Kade, Seth, há mais ou menos seis anos, mas ele nunca cumpriu o acordo. Patrice foi discretamente apaixonada pelo tio do Kade, Max.

Primeira menção na série: Apareceu em Sombras da Meia-Noite.

Petrov Odolf (d.) — Macho da Raça. Companheiro da Companheiras da Raça Irina Odolf por cinquenta e sete anos. Esteve internado em uma instalação de reabilitação de Renegados na Alemanha nos últimos três anos, depois de passar por farras noturnas e mais tarde atacar Irina em um acesso de Sede de Sangue. Petrov é um membro da família a quem Kassia confiou para criar seu filho Dragos, e o segredo do esconderijo do Antigo nas montanhas Tchecas. O peso deste fardo conduziu a maioria dos machos da família Odolf à loucura, Petrov não sendo nenhuma exceção. Sua sanidade rompe completamente durante a ordem cronológica de Despertar da Meia-Noite, e ele começa a entoar um enigma que também é encontrado no diário da família Odolf. Em um momento de lucidez, Petrov revela “é onde ele está se escondendo”, uma pista que traz Elise, Tegan e a Ordem mais perto de encontrar o Antigo e desmascarar Dragos como o verdadeiro vilão. Petrov Odolf morre depois de uma aparente overdose de Carmesim enquanto está na instalação de reabilitação.

Primeira menção na série: Apareceu em Despertar da Meia-Noite.

Phillip Cho (d.) — Humano. Agente especial do FBI, escritório de Nova Iorque. Recebe o telefonema de Jenna no escritório de NY perguntando sobre os Parceiros TerraGlobal, uma firma que Jenna e a Ordem reservadamente suspeitam que poderia ter vínculo com Dragos, e concorda em se encontrar com ela. Depois que Jenna chega na reunião com Cho e seu parceiro Green, é revelado que ambos são Servos de Dragos. Eles removem Jenna a força do escritório do FBI, pretendendo levá-la para seu Mestre, até Brock intervir e ajudá-la a se libertar do Servos. Durante uma luta no veículo com Jenna, Green acidentalmente dispara na cabeça de Cho, matando-o imediatamente e colidindo com o veículo com Jenna no interior deste.

Primeira menção na série: Apareceu em Capturada à Meia-Noite.

Q

Quentin Chase (d.) — Macho da Raça. Filho de August Chase, irmão mais velho de Sterling. Primeiro companheiro de Elise Chase e pai de Camden. Frequentou a Universidade de Harvard, como fez a maior parte dos Chases. Membro de alto escalão da Agência de Execução em Boston. Quentin, como muitos da Agência de Execução, considerava a Ordem justiceiros perigosos. Quentin morreu cinco anos antes da ordem cronológica de Beijo Carmesim, morto em serviço quando foi atacado por um Renegado trazido em custódia para a Agência. Mais tarde é revelado em *Escuridão Depois da Meia-Noite* que Sterling Chase se culpa pela sua morte, já que ele era responsável pela eliminação das armas dos Renegados e sentiu falta de uma lâmina que mais tarde foi usada em Quentin.

Primeira menção na série: Feito referência em *Beijo Carmesim*.

R

Rachel (d.) — Humana. Colega de quarto de Savannah e caloura na Universidade de Boston, por volta de 1974. Rachel é morta por um dos velhos inimigos de Gideon da Inglaterra, quando ela e o cara que ia encontrar (*ver Bill Keaton*) são atacados no campus da faculdade durante uma escapadela depois do expediente. Savannah vê o ataque através do seu talento extra-sensorial, depois de pegar uma das pulseiras de Rachel que estiveram no pulso da garota no momento do assassinato.

Primeira menção na série: Apareceu em Um Toque de Meia-Noite.

Ray — Humano. Policial de Boston. Namorado de Megan, bom amigo de Gabrielle. Ray e Megan vão para o apartamento de Gabrielle para ver como ela estava uma noite e encontram Lucan lá. Lucan apaga a mente deles antes de levar Gabrielle com ele para o Complexo da Ordem.

Primeira menção na série: Apareceu em Beijo da Meia-Noite.

Regina Bishop — Companheira da Raça, mãe de Corinne Bishop no Darkhaven e companheira de Victor Bishop. Regina ficou devastada pelo rapto de Corinne — e sua presumida morte — setenta e tantos anos atrás. Depois que a traição do seu companheiro para Corinne é exposta, Regina ameaça expor as mentiras de Victor, mas ele está disposto a matá-la para mantê-la em silêncio. Regina atira em Victor durante uma luta física, mas não o mata. Ela é salva por um dos seguranças do Darkhaven (*ver Mason*).

Primeira menção na série: Apareceu em Mais Profundo Que a Meia-Noite.

Reiver (d.) — Macho da Raça, comerciante de pele, organizador do clube de sangue e chefe do crime de Edimburgo, Escócia. Reiver tem centenas de anos, primeiro ganhou riqueza e má reputação nas marchas de fronteira, onde invadiu por gado, terras e lealdade na ponta da espada. Reiver tem vários guarda-costas e segurança minuciosa em seu clube (*ver Malcolm MacBain, Thane, Kerr, Packard*). Durante a ordem cronológica de Um Gosto da Meia-Noite, Reiver está esperando uma remessa — humana — para abastecer um de seus clubes de sangue, quando Danika MacConn usando sua habilidade extra-sensorial, escuta a conversa em uma festa de Natal na cidade. Incapaz de ficar parada e deixar o comércio e massacre de inocentes acontecer, Danika tenta espionar Reiver e informar à Ordem em Boston. Seus esforços ganham a fúria de Reiver, e ele toma medidas para eliminar a ameaça que ela representa para seus empreendimentos de negócios. Um de seus guarda-costas de mais confiança vem a ser um velho amigo de Danika (*ver Malcolm MacBain*). Reiver mais tarde descobre a ligação entre seu guarda-costas e Danika e acaba levando-a como refém para exterminar o traidor. Durante o confronto Reiver escapa, mas Malcolm persegue-o e o mata, junto com os companheiros criminosos do Reiver.

Primeira menção na série: Apareceu em Um Gosto da Meia-Noite.

Renata — Companheira da Raça do membro da Ordem Nikolai. Deixada por sua mãe quando criança no orfanato do convento das Irmãs de Caridade Beneficente de Montreal, Renata não tem nenhuma família e nunca conheceu seu pai. Com a idade de quatorze anos, Renata estava vivendo por conta própria.

A partir da ordem cronológica de Veu da Meia-Noite, ela é uma espertinha de vinte e poucos anos que luta nas ruas e que costumava cuidar de si mesma. Não sabia que era Companheira da Raça, nem sobre sua habilidade incomum, até dois anos atrás quando foi arrastada para fora das ruas junto com vários outros humanos e levada para um jogo ao vivo e ilegal, de um Antigo da Raça cruel (*ver Sergei Yakut*). Ela lutou com seus sequestradores, e no processo desbloqueou sua habilidade única. Desde aquela época, foi forçada a servir como guarda-costas para seu sequestrador.

Foi com esta capacidade que ela atravessou o caminho de um membro da Ordem, Nikolai, que estava em uma missão em Montreal envolvendo o empregador de Renata. Enquanto servia seu sequestrador, Renata também entrou em contato com outra sequestrada, uma menina Companheira da Raça chamada Mira, a quem Renata tomou debaixo de suas asas. Renata carrega quatro punhais personalizados, cada um gravado com uma qualidade que guia sua vida: Coragem, fé, honra e sacrifício. As lâminas foram dadas a ela por um amigo humano (*ver Jack*) que lhe deu abrigo quando era uma jovem adolescente sozinha.

Desde seu acasalamento com Nikolai, Renata se tornou uma jogadora integrante nas missões da Ordem, graças tanto ao seu talento poderoso extra-sensorial quanto à sua habilidade com armas.

Cabelo: Negro brilhante, fazendo ângulo na altura do queixo.

Olhos: Verdes jade e amendoados.

Marca de Companheira da Raça: Dentro de seu pulso direito.

Essência de sangue: Sândalo e chuva.

Habilidade única: Causa abalos em mentes (só funciona com Raça).

Companheiro: Nikolai.

Heroína em: Veu da Meia-Noite (Livro 5).

Primeira menção na série: Apareceu em Veu da Meia-Noite.

Robert “Bobby” Clarence (d.) — Humano. Jovem e atraente Senador de Massachusetts, deu emprego a Tavia Fairchild como sua ajudante pessoal nos últimos três anos. Vive em uma propriedade elegante na Costa Norte de Boston, tem conexões com as melhores Universidades, amigo do Vice-presidente dos Estados Unidos, ex-professor universitário, Clarence. O ambicioso e recém-eleito senador recebeu contribuições importantes para a campanha de um homem de negócios chamado Drake Masters (*ver Dragos*). O senador convida Drake Masters para uma festa na sua casa — uma festa que Sterling Chase se arrisca, onde ele descobre que Dragos está disfarçado como Drake Masters. Pela ordem cronológica de Escuridão Depois da Meia-Noite, Bobby Clarence foi transformado em Servo por Dragos. Sterling Chase nota este fato pela primeira vez quando vê o senador na delegacia de polícia de Boston, onde Chase está como suspeito, esperando ser identificado por Tavia. Percebendo que Tavia podia estar em perigo tanto por Dragos quanto seu Servo, o senador, Chase tenta matar Bobby Clarence na delegacia, mas é baleado e dominado. Chase depois foge da custódia da polícia e segue o senador até sua propriedade, onde Chase mata o Servo e a segurança que tenta detê-lo.

Primeira menção na série: Apareceu em Mais Profundo Que a Meia-Noite.

Robert “Buddy” Vincent — Humano. Vendedor de uma loja gastronômica de chocolate na área portuária de Newport, Rhode Island, e ex-colega de escola de Claire Reichen. Buddy era o assistente do maestro na escola de música sinfônica onde Claire tocava piano. Na ordem cronológica de Cinzas da Meia-Noite, Buddy Vincent encontra Claire e Andreas em sua loja e assume que Claire deve ser sua própria filha, já que décadas se passaram e ela parece quase tão jovem quanto era na escola. As lisonjas e bajulações de Buddy para Claire fazem Andreas ter ciúmes.

Primeira menção na série: Apareceu em Cinzas da Meia-Noite.

Roderick “Roddy” (d.) — Macho da Raça, um dos irmãos gêmeos idênticos mais novos do Gideon. Roddy e seu irmão Simon foram mortos em um ataque de Renegados há mais de trezentos anos, em seu Darkhaven distante de Londres. Mais tarde foi descoberto que os meninos foram assassinados sob as ordens de um dos inimigos de Gideon (*ver Cyril Smithson*), um assassinato por vingança depois que Gideon mata outro macho da Raça — o pai do seu inimigo — em um duelo.

Primeira menção na série: Feito referência em Um Toque da Meia-Noite.

Rose — Humana. Trabalhos no Eastside em uma pequena instituição de resgata de animais em Boston; atende o telefone quando Dante liga para perguntar sobre escolher um cachorro, que ele pretende usar secretamente como vantagem para conhecer Tess melhor. Rose informa a Dante que o cachorro ele quer que não está mais disponível, mas vende outro ao invés disso (*ver Harvard, o cachorro*).

Primeira menção na série: Apareceu via chamada telefônica em Beijo Carmesim.

Ruarke Louvell (d.) — Macho da Raça, segunda geração. Um dos tenentes secretos do círculo íntimo de Dragos. Louvell é há muito tempo diretor da Agência de Execução de Seattle. Estava presente na videoconferência com Dragos durante a ordem cronológica de Escuridão Depois da Meia-Noite, quando tomaram a decisão de soltar os Renegados de suas instalações de reabilitação ao redor do mundo. Louvell expressou algum remorso com a decisão, mas finalmente concordou que tinha que ser feito. No final de Escuridão Depois da Meia-Noite, Louvell está entre os tenentes relatados como tendo sido perseguidos e eliminados pelos esforços combinados da Ordem, Andreas Reichen, Mathias Rowan e outros membros da mesma opinião da Agência de Execução em várias partes do mundo.

S

Savannah Dupree — Companheira da Raça do membro da Ordem Gideon. Nascida e criada nos pântanos da Louisiana, Savannah vinculou seu sangue com Gideon desde 1974, quando ele salvou sua vida quando ela tinha dezoito enquanto estava cursando a Universidade como caloura. Savannah tem uma meia-irmã humana idosa, Amelie Dupree, que ainda vive na Louisiana. Savannah nunca conheceu seu pai, um vagabundo que era pouco mais que um rumor na família. Savannah é uma mulher carinhosa e o coração da casa para o Complexo da Ordem em Boston.

Cabelo: Cachos pretos e curtos.

Olhos: Castanho escuro.

Marca de Companheira da Raça: No ombro esquerdo.

Essência de sangue: Magnólia.

Habilidade única: Psicometria.

Companheiro: Gideon.

Heroína em: Um Toque de Meia-Noite (Livro 0.5, precursor do romance).

Primeira menção na série: Apareceu em Beijo da Meia-Noite.

Sebastian Bishop (d.) — Macho da Raça, irmão de Corinne no Darkhaven Bishop em Detroit, e filho de Victor e Regina Bishop. Sebastian era dois anos mais velho que Corinne no momento de seu rapto quando ela tinha dezoito em 1930. Acredita-se que Sebastian se matou quarenta anos atrás em desespero por sua crescente Sede de Sangue, mas descobrimos em Mais Profundo Que a Meia-Noite que ele ficou extremamente atormentado depois de descobrir que seu pai traiu Corinne e permitiu que ela fosse levada por Gerard Starkn (também conhecido como Dragos). Sebastian descobriu as mentiras do seu pai quando estava transferindo algumas das armas de Victor para um armário que Sebastian fez para ele. No antigo armário tinham recibos de costureiras e joalheiros que foram pagos para reproduzir o que Corinne estava vestindo quando desapareceu — roupas para serem vestidas em outra mulher que foi morta para se assemelhar a Corinne, em um esforço para esconder seu verdadeiro destino. Depois de saber disso, Sebastian caiu em Sede de Sangue. Tornou-se Renegado e depois de uma selvagem matança Sebastian cometeu suicídio, atirando em sua própria cabeça no escritório do seu pai.

Primeira menção na série: Feito referência em Mais Profundo Que a Meia-Noite.

Sergei Yakut (d.) — Macho da Raça, Gen Um. Um dos mais velhos e mais ameaçadores membros da Raça, Sergei Yakut não responde a ninguém e serve somente a si mesmo. Originalmente da Rússia, durante a ordem cronológica de Ascensão à Meia-Noite e Veu da Meia-Noite, Yakut forma a base do seu Darkhaven em um chalé rústico nos arredores de Montreal, Quebec.

Nikolai viu o desagradável Gen Um pela primeira vez na Sibéria quando Niko era jovem. Nikolai mais tarde é encarregado de ir a Montreal falar com Yakut e adverti-lo da aparente intenção de Dragos de assassinar todos os Gen Um remanescentes da Raça. Enquanto estava no chalé de Yakut, Niko conhece Renata e Mira, ambas estão vivendo sob o controle de Yakut. As regras de Yakut são punitivas; queimava Renata com ferro

e bebia seu sangue sempre que sentia vontade, usando seu vínculo com ela para controlá-la ainda mais e mantê-la na linha. Em troca, nunca permitiu Renata beber dele, fora seu medo de como um vínculo de sangue completo poderia torná-la forte e seu talento extra-sensorial.

Enquanto estava no chalé do Yakut, Niko também soube de suas atividades do clube de sangue e um recente atentado fracassado contra a vida do Gen Um por um dos assassinos criados por Dragos (ver *Hunter*). Alexei, filho de Yakut, com a ideia de poder sob a influência de Dragos e seu círculo íntimo, mais tarde trai seu pai e organiza sua morte em um ataque de Renegados no chalé.

Primeira menção na série: Feito referência em *Ascensão à Meia-Noite*.

Seth (d.) — Macho da Raça, irmão gêmeo idêntico de Kade, compartilha com Kade seu talento de conexão psíquica com animais predadores. A selvageria em Seth é mais forte do que em Kade, domina-o. Embora Seth seja estudioso e intelectual, não é o líder forte que Kade é. Seth se ressentia que Kade pôde deixar o Alasca quando ele não. A natureza selvagem de Seth tenta-o a matar humanos, o que finalmente leva-o a sua Sede de Sangue.

Mais tarde, fica claro que Seth tornou-se Renegado e não podia ser salvo. Em um ato final de redenção, Seth sacrifica-se para ajudar a Ordem a matar o último Antigo remanescente. Depois de uma briga sangüinária, tanto Seth quanto o Antigo caem por um precipício íngreme, onde o Antigo é enterrado sob uma avalanche de gelo e neve, mas Seth vem a descansar em um afloramento abaixo. Embora Kade tente salvá-lo, Seth morre por causa de seus ferimentos. Kade e Alex leva o corpo de Seth para casa, para o Darkhaven da família, onde Kade reconcilia-se com seu pai e vai ao enterro de Seth com Alex.

Primeira menção na série: Apareceu em *Sombras da Meia-Noite*.

Sra. Corelli — Humana. Cliente idosa da clínica veterinária de Tess que traz seu gato persa branco, Romeo, para ser castrado. Tess gosta da mulher idosa, apesar dela não pagar o suficiente pelo serviço, demonstrando o tipo de assistência benevolente que dava aos seus pacientes, e que lentamente estava colocando Tess no vermelho financeiramente.

Primeira menção na série: Apareceu em *Beijo Carmesim*.

Sra. Kennefick — Humana. Trabalha na Biblioteca Pública de Boston; supervisora de Savannah quando ela era estudante da Universidade de Boston, aproximadamente em 1974.

Primeira menção na série: Apareceu em *Um Toque da Meia-Noite*.

Sharon Alexander (d.) — Humana. Mãe de Dylan. Um espírito livre, sempre apaixonando-se por um novo homem e tendo seu coração partido. Nunca mais se casou depois que o padrasto de Dylan (ver Bobby Alexander) abandonou a família quando Dylan tinha doze anos. Sharon está no meio de uma batalha contra o câncer durante a ordem cronológica de *Ascensão à Meia-Noite*, fazendo-a enviar Dylan no seu lugar em sua viagem para a República Tcheca. Sharon entretanto continua a trabalhar no abrigo de fugitivos no Brooklyn, em Nova Iorque, onde ela tem uma queda pelo benfeitor chefe do abrigo, Gordon Fasso (ver *Dragos*).

O trabalho de Sharon no abrigo, e particularmente sua conexão com uma jovem que desapareceu recentemente (*ver Toni*) fornecem pistas para Dylan e a Ordem aproximarem-se de Dragos. Finalmente Dragos descobre que a filha de Sharon está envolvida com a Ordem e confronta a mulher em estado terminal, ameaçando-a para obter informações. Sharon não compromete sua querida filha, nem mesmo depois que Dragos revela ser um vampiro. Durante a briga com Dragos, Sharon desafia-o deliberadamente, jogando-se da sacada do seu condomínio, onde morre na queda. Sharon Alexander é enterrada em Queens, Nova Iorque, seu funeral à tarde é assistido por Dylan e outras Companheiras da Raça da Ordem.

Mais tarde na série, durante a ordem cronológica de *Escuridão Depois da Meia-Noite*, descobriu-se que Sharon Alexander teve um caso enquanto esteve em Mykonos, na Grécia (*ver Zael*), e Dylan nasceu no ano seguinte.

Primeira menção na série: Apareceu em *Ascensão à Meia-Noite*.

Sheldon Raines (d.) — Humano. Servo que Elise segue em uma loja de FedEx em Boston na cena de abertura de *Despertar da Meia-Noite*. Ele é um sujeito violento e agressivo, e fica furioso quando descobre que o pacote que está esperando em nome de seu Mestre (*ver família de Odolf*) atrasou devido a uma nevasca. Elise segue o Servo até seu prédio e mata-o com um punhal, em sua missão de matar Renegados e o chefe desconhecido que eles servem (*ver Marek*) em um esforço de vingar a morte do seu filho Camden.

Primeira menção na série: Apareceu em *Despertar da Meia-Noite*.

Sheryl — Humana. Recepcionista na entrada da delegacia de Boston na noite que Gabrielle entrou para procurar pelo “Detetive” Lucan Thorne. A pedido do Oficial Carrigan, Sheryl chama um psicólogo da polícia para descer até a entrada e lidar com Gabrielle, mas esta parte antes do psicólogo chegar.

Primeira menção na série: Apareceu em *Beijo da Meia-Noite*.

Sidney Charles — Humano. Um dos moradores nativos mais velhos de Harmony e que moravam há mais tempo na cidade, o prefeito de rabo de cavalo. Depois dos eventos em escalada em *Sombras da Meia-Noite*, trazendo vários membros da Ordem para o Alasca para limpar a situação, Sidney Charles e outras dezenas de moradores de Harmony e dois soldados recém-chegados do Alasca são reunidos na igreja da cidade, onde todos são colocados em transe e tem a mente apagada por Tegan, Chase e Hunter.

Primeira menção na série: Apareceu em *Sombras da Meia-Noite*.

Simon (d.) — Macho da Raça, um dos irmãos gêmeos idênticos mais novos de Gideon. Simon e seu irmão Roderick foram mortos em um ataque por Renegados mais de trezentos anos atrás em seu Darkhaven nos arredores de Londres. Descobriu-se mais tarde que os meninos foram assassinados sob as ordens de um dos inimigos de Gideon (*ver Cyril Smithson*), um assassinato por vingança após Gideon matar outro macho da Raça — o pai do seu inimigo — em um duelo.

Primeira menção na série: Feito referência em *Um Toque da Meia-Noite*.

Arnold Skeeter (d.) — Humano. Nome completo Stanley Elmer Arnold. Stoner, traficante de drogas desempregado e morador de Harmony, Alasca. Ganha dinheiro vendendo drogas e álcool para a população nativa e adolescentes da área, fornecido disfarçadamente por Zach Tucker. Skeeter fez um vídeo no celular dos corpos da família Toms depois do assassinato cometido pelo Antigo e postou na Internet, onde o vídeo chamou atenção da Ordem. Skeeter mais tarde foi transformado em Servo por um dos tenentes de Dragos. Em uma missão para eliminar pessoas que viram o Antigo, Skeeter apunhala e mata o Grande Dave Grant na clínica da cidade. Kade então mata Skeeter diante de Alexandra Maguire e despeja o corpo em um desfiladeiro íngreme fora da cidade.

Primeira menção na série: Apareceu em Sombras da Meia-Noite.

Sorcha (d.) — Primeira Companheira da Raça do membro da Ordem Tegan. Eles foram acasalados durante o período da fundação da Ordem, nos meados de 1300. Sorcha era uma jovem inocente jovem que era morena como uma cigana, e tinha um sorriso doce e confiante. Foi sequestrada enquanto Tegan estava em uma missão, e retornou algum tempo depois transformada em Serva. Ela foi abusada, violada, uma concha sem alma. Tegan tentou fazê-la se sentir melhor, alimentando-a com seu sangue e drenando o dela, mas já era tarde demais para ela. Tegan caiu em Sede de Sangue tentando salvá-la. Lucan trancou Tegan longe para ajudá-lo a se recuperar, então tirou a vida de Sorcha para acabar com seu sofrimento. Tegan manteve por muito tempo este ato de misericórdia contra Lucan. Em Despertar da Meia-Noite, Tegan descobre que foi Marek quem levou Sorcha todos aqueles anos atrás e tornou-a sua Serva em um esforço para extrair informações dela sobre Dragos e o esconderijo do Antigo.

Primeira menção na série: Feito referência em Beijo da Meia-Noite.

Sterling “Harvard” Chase — Macho da Raça, ex-Agente de Execução, atualmente membro da ordem. Filho August Chase, irmão de Quentin. Companheiro de Tavia Fairchild. Sterling Chase nasceu e foi criado em Boston mais de um século atrás. Parte da elite Darkhaven, Chase vem de uma família bem relacionada, com profundos laços políticos com a Agência de Execução da Raça.

Vinculado pelo lema da família Chase “Dever em primeiro lugar”. Como o resto de sua família, ele tem vários diplomas da Universidade de Harvard, e antes de se juntar a Ordem durante a cronologia de Beijo Carmesim, a maior parte do treinamento de combate de Chase era acadêmico. Isto, junto com sua atitude rígida acadêmica fez com que Dante o apelidasse de “Harvard” na primeira vez que o guerreiro o conheceu, embora os dois mais tarde se tornassem tão próximos como irmãos.

A natureza tensa de Chase disfarça uma turbulência interna que o atormentou por muitos anos. Aquelas lutas lhe custaram a família e os amigos, e tornaram-se perigosamente mais aparentes durante o tempo em que fez parte da Ordem. A luta de Chase para resistir à Sede de Sangue quase lhe custa sua amizade com Dante.

Chase e Tavia são pais de gêmeos fraternos, um filho e uma filha, Aric e Carys, nascidos logo após o encerramento de Escuridão Depois da Meia-Noite.

Cabelo: Loiro dourado.

Olhos: Azuis.

Habilidade única: Dobrar as sombras.

Companheira: Tavia Fairchild.

Herói em: Escuridão Depois da Meia-Noite (Livro 10).

Primeira menção na série: Apareceu em Beijo Carmesim.

T

Taggart — Macho da Raça, Agente de Execução. Introduzido na série pela primeira vez durante a ordem cronológica de *Mais Profundo Que a Meia-Noite*. Taggart é um vampiro enorme postado como guarda na porta de um bar frequentado pela Agência (conhecido como bebida-e-strip-tease) em um distrito de Chinatown, em Boston. Taggart e Sterling Chase têm uma forte antipatia mútua e desconfiam um do outro. Taggart permite que Chase e Hunter entrem no clube só depois de perceber o quanto Hunter é letal. Taggart aparece novamente durante a cronologia de *Escuridão Depois da Meia-Noite*, quando Dragos entra no lugar frequentado pela Agência de Execução em Chinatown e descaradamente convida os Machos da Raça ali para se alimentarem — e matar, se quiserem — os humanos trabalhando no clube. Taggart participa da carnificina, mas some depois e não aparece novamente até o momento na série.

Primeira menção na série: Apareceu em *Mais Profundo Que a Meia-Noite*.

Teddy Toms (d.) — Humano. Nativo de dezenove anos de idade, morador de Harmony no Alasca. Teddy está festejando com Annabeth Jablonsky, Chad Bishop, Skeeter Arnold e outros, na noite em que o Antigo massacra Teddy e sua família em seu estabelecimento rural nos arredores de Harmony.

Primeira menção na série: Apareceu em *Sombras da Meia-Noite*.

Tegan — Gen Um da Raça, membro da Ordem, companheiro de Elise Chase. Tegan tem aproximadamente setecentos anos de idade. Ele não vê necessidade de tentar se misturar com a humanidade, então nunca se preocupou com um sobrenome. Um dos membros originais da Ordem em sua fundação, Tegan tem reputação de ser frio como uma pedra, impiedoso e distante, o mais solitário do grupo.

Séculos atrás na Europa, sua Companheira da Raça, Sorchia, foi sequestrada por um inimigo da Ordem que também era um Raça poderoso. Sangrada de um ponto que não tinha volta, Sorchia foi devolvida a Tegan como Serva do Macho da Raça que a drenou (*ver Marek*). Tegan enlouqueceu de dor e raiva, e estaria perdido para a Sede de Sangue se não fosse pela brutal, mas necessária, intervenção de Lucan. Tegan pensou que tinha se isolado de toda emoção até que cruzou com Elise, uma Companheira da Raça viúva do Darkhaven que ele não tinha nenhum direito de desejar.

Cabelo: Castanho dourado, como a juba do leão.

Olhos: Verdes como pedra preciosa.

Habilidade única: Ler pensamentos de qualquer pessoa e estados emocionais com um toque.

Companheira: Sorchia (falecida); Elise Chase.

Herói em: *Despertar da Meia-Noite* (Livro 3).

Primeira menção na série: Apareceu em *Beijo da Meia-Noite*.

Tenente, nome não mencionado (d.) — Macho da Raça, segunda geração. Tenente de Dragos, executou o ataque planejado no Darkhaven da família Archer em Boston, que matou a Companheira da Raça de Lazaro,

Eleanor, e o resto de sua família que vivia lá. O tenente informa à Dragos que Lázaro e Kellan estão vivos após o esforço de resgate conjunto pela Ordem e Mathias Rowan. Também informa à Dragos que Hunter agora está trabalhando com a Ordem. O tenente mais tarde é morto por Dragos depois de lhe dar a má notícia que as Companheiras da Raça cativas foram encontradas e salvas pelas Companheiras da Raça da Ordem. Dragos arranca fora o coração do Tenente. Mais tarde é deduzido em Mais Profundo Que a Meia-Noite que os Agentes de Execução Freyne e Murdock davam informações a este Tenente.

Primeira menção na série: Apareceu em Capturada à Meia-Noite.

Tess Culver — Companheira da Raça do membro da Ordem Dante. Nascida na zona rural de Illinois, Teresa Dawn “Tess” Culver tem vinte e seis anos durante a ordem cronológica de Beijo Carmesim. O verdadeiro pai de Tess foi morto em um acidente de carro quando ela tinha quatorze anos. Sua mãe se casou de novo rapidamente com um empresário local bem sucedido. O padrasto de Tess atacou-a sexualmente quando ela fez dezessete anos, período em que ele sofreu um ataque cardíaco. A mãe de Tess censurou a filha em vez de apoiá-la, mandando Tess usar sua habilidade especial para “consertá-lo”. Tess impediu a morte do homem, então mais tarde tomou de volta depois de descobrir que ele também abusou de criancinhas.

Tess foge de casa, ficando com amigos até que terminou a escola e começou uma nova vida, finalmente trabalhando como veterinária aprimorando seus próprios conhecimentos práticos. Ela sempre soube que era diferente, e pensou que mudar para longe do seu passado manteria seus demônios pessoais à distância. Porém tarde da noite em um Halloween, ela encontrou um estranho perigoso e sombrio em sua clínica — Dante, gravemente ferido em combate. Quando tentou ajudá-lo, ele mordeu-a em uma necessidade desesperada de sangue. Um vínculo que começou da necessidade, logo tornou-se um amor profundo e inquebrável.

Dante e Tess são pais de um filho recém-nascido da Raça a quem eles deram o nome de Xander Raphael, que significava tanto curador quanto protetor, o que seu filho é destinado a ser.

Cabelo: Castanho cor de mel, longo e ondulado.

Olhos: Azuis esverdeados.

Marca de Companheira da Raça: Entre o polegar e indicador da mão direita.

Essência de sangue: Canela e baunilha.

Habilidade única: Cura com seu toque; também pode rescindir o dom de sua cura com um toque.

Companheiro: Dante.

Heroína em: Beijo Carmesim (Livro 2).

Primeira menção na série: Apareceu em Beijo Carmesim.

Tia Sarah (Fairchild) (d.) — Humana. Acreditava-se que era a falecida irmã do pai de Tavia Fairchild, mas depois foi revelado ser uma das Servas de Dragos encarregada da tutela de Tavia desde seu nascimento em laboratório. Trabalhando em conjunto com outro servo do Dragos (*ver Doutor Lewis*), Sarah certifica-se que Tavia tome seus remédios diariamente e veja seu especialista médico particular regularmente. Ambos indivíduos, sob as ordens de Dragos, fizeram Tavia acreditar toda sua vida que ela tinha uma condição séria

que exigia monitoramento e tratamentos constantes. Sarah também ajudou a promover a mentira de que o estranho padrão das marcas da pele de Tavia (seus dermaglifos da Raça) são cicatrizes de queimadura de um incêndio na sua casa que causou a morte dos seus pais, mas que ela sobreviveu. “Tia Sarah” mais tarde se matou depois de ser desmascarada como uma Serva por Tavia, em seguida a constatação de Tavia que ela foi traída toda sua vida sobre quem, e o que verdadeiramente era.

Primeira menção na série: Apareceu em Mais escuro Depois da Meia-Noite.

Thane — Macho da Raça. Corpulento, com a constituição física de um tanque, letal. Cabelo preto preso em uma trança curta, com um bico de viúva acentuado e sobrelanceiras de ébano agressivas acima de olhos verdes incisivos. Thane é um dos guarda-costas de Reiver, mas mais tarde é revelado que também faz parte de um time de elite da Agência de Execução fora de Londres, enviado para se infiltrar na organização de Reiver com a bênção de um diretor de alto escalão da Agência em Boston, Mathias Rowan. Thane convida Malcolm MacBain para integrar-se à sua equipe da Agência de Execução no final de Um Gosto da Meia-Noite, mas Malcom recusa, a fim de se concentrar em sua nova Companheira da Raça, Danika.

Primeira menção na série: Apareceu em Um Gosto da Meia-Noite.

Tilda — Companheira da Raça que trabalha no Darkhaven da família Bishop em Detroit.

Primeira menção na série: Apareceu em Mais Profundo Que a Meia-Noite.

Toni (d.) — Fantasma de Companheira da Raça em traje gótico, que aparece para Dylan no hospital enquanto ela está visitando sua mãe ali. Toni aparece novamente com outra Companheira da Raça morta no abrigo e adverte Dylan que Gordon Fasso é Dragos.

Primeira menção na série: Apareceu em Ascensão à Meia-Noite.

U

Uta — Humana. Prostituta de Berlim que está de pé em um beco sujo quando Rio esteve na cidade precisando de uma alimentação. Ela diz a ele que está de folga, nervosa por causa do seu cafetão (*ver Grande Homem*). Rio alimenta-se depressa da mulher.

Primeira menção na série: Apareceu em Ascensão à Meia-Noite.

V

Vice-presidente dos Estados Unidos, sem nome (d.) — Humano. Ex-professor universitário de Bobby Clarence em Boston, amigo de longa data e mentor da carreira em ascensão do senador. Como Vice-presidente dos Estados Unidos, este homem é um contato muito valorizado por Dragos. Dragos tem a intenção de usar o senador Servo para conseguir se aproximar dos oficiais de alta patente da nação, mas em vez disso é a morte de Bobby Clarence que oferece a melhor chance de colocar o Vice-presidente nas mãos de Dragos. Quando uma questão de segurança de última hora frustra o plano, Dragos acelera a operação e solta os Renegados logo após o deslize. Com a população humana no caos, Dragos organiza outra reunião com o Vice-presidente, desta vez na residência do político em Washington, D.C. Ali Dragos transforma o homem em seu Servo depois que o Vice-presidente recusa-se a ajudar Dragos a conduzir o Presidente até sua armadilha. A Ordem logo entra em cena, e depois de matar Dragos, todos os seus Servos — inclusive o Vice-presidente — morrem ao mesmo tempo em que ele dá seu último suspiro.

Primeira menção na série: Apareceu em *Escuridão Depois da Meia-Noite*.

Victor Bishop (d.) — Macho da Raça, pai de Corinne no Darkhaven; companheiro de Regina. Victor Bishop é rico, bem relacionado e poderoso. Foi aliado do diretor da Agência de Execução Gerard Starkn (um dos nomes falsos de Dragos) cerca de setenta anos atrás, quando a filha adotiva de Victor, Corinne, foi levada cativa por Dragos e outros associados seus (*ver Henry Vachon*). Victor estava ciente do rapto, inclusive permitiu, para poupar algum mal ao seu filho Sebastian. Depois que Hunter traz Corinne para casa em Detroit logo após seu resgate pela Ordem, a duplicidade de Victor Bishop vem à tona. Mais tarde ele entra em contato com Henry Vachon e Dragos para avisá-los que foram descobertos. Regina escuta a conversa e confronta Victor. Ele está preparado para matá-la ela para assegurar seu silêncio, mas um dos seguranças do Darkhaven intervém (*ver Mason*). O guarda empurra Victor Bishop ferido pela janela, onde ele morre na luz solar.

Primeira menção na série: Apareceu em *Mais Profundo Que a Meia-Noite*.

Victoria — Companheira da Raça, mãe do Kade. Companheira de Kir. No final da gravidez de outros filhos gêmeos idênticos quando Kade volta para casa, para o Darkhaven da família nos arredores de Fairbanks. Ela não sabia como seu talento extra-sensorial, a habilidade de se comunicar e conectar psiquicamente com animais predadores, afetou seus filhos.

Primeira menção na série: Apareceu em *Sombras da Meia-Noite*.

W

Wilhelm Roth (d.) — Macho da Raça, segunda geração. Agente de Execução corrupto, diretor da Agência em Hamburgo na Alemanha e tenente de Dragos. Wilhelm Roth foi o primeiro companheiro de Claire Samuels. Antes de Claire, Roth esteve acasalado com uma Companheira da Raça chamada Ilsa. Ele matou-a para poder tomar Claire como sua companheira. Wilhelm Roth foi morto por Andreas Reichen durante um confronto entre a Ordem e Roth.

Primeira menção na série: Apareceu sem seu nome aparecer em Véu da Meia-Noite; mais tarde aparece em Cinzas da Meia-Noite.

X

Xander Raphael “Rafe” Malebranche — Macho da Raça, filho de Dante e Tess. Nascido em 17 de dezembro durante a ordem cronológica de Mais Profundo Que a Meia-Noite. Seu padrinho era para ser Sterling Chase, mas o conflito entre Chase e Dante fez os novos pais olharem em outra direção. Durante a cronologia de Escuridão Depois da Meia-Noite, Rafe tem algumas semanas e é apresentado à Ordem e aos seus padrinhos, Gideon e Savannah. Rafe entra na série novamente como um jovem adulto e novo membro da Ordem em No Limite do Amanhecer.

Primeira menção na série: Apareceu como recém-nascido em Mais Profunda Que a Meia-Noite.

Z

Zach Tucker (d.) — Humano. Irmão mais velho de Jenna Tucker-Darrow e único oficial de polícia em Harmony, Alasca. Conheceu Alexandra Maguire por dez anos, dormiram juntos uma vez, mas não deu em nada. Zach parece ser um bom rapaz, até que é revelado que esteve fornecendo drogas e álcool discretamente para Skeeter Arnold, fazendo com que Skeeter lidasse com os moradores e adolescentes nativos do lugar. Zach demonstra sua corrupção quando Alex descobre o que ele fez e confronta-o. Zach persegue-a em uma moto de neve, dispara contra ela, mas não acerta. Zach mais tarde é atacado e morto pelo Antigo. Para encobrir o assassinato, a Ordem faz parecer que Zach e Skeeter foram mortos em uma transação de drogas que deu errado.

Primeira menção na série: Apareceu em Sombras da Meia-Noite.

Zael — Macho Atlante. Pai verdadeiro de Dylan Alexander. Cabelo dourado, com mechas de cobre. Olhos de um intenso azul tropical e bronze, pele bronzeada. A foto de Zael foi recuperada entre os pertences da mãe de Dylan depois que ela morreu. O homem lindo e que não aparentava idade estava usando uma faixa de couro ao redor do pulso com um emblema de prata com a marca de uma Companheira da Raça pendendo dele. A única identificação escrita atrás da fotografia é: Zael. Mykonos. Ano de 75.

Primeira menção na série: Feito referência em Escuridão Depois da Meia-Noite.

Perguntas e respostas dos Leitores

Por que Gideon prometeu a Savannah que não participaria das missões de combate? Qual é o talento extra-sensorial de Lucan? Os livros algum dia serão transformados em filmes ou seriado de TV? Qual o total de livros que terá a série Raça da Meia-Noite?

A partir do momento que a série estreou pela primeira vez em 2007, tenho recebido perguntas de leitores sobre quase tudo que você possa imaginar. Com este livro Compêndio e o conto “Um Toque de Meia-Noite”, tentei abordar as curiosidades mais frequentes do leitor, mas também pensei que seria divertido convidar os leitores a enviar perguntas adicionais — para mim ou para os personagens — em qualquer assunto imaginável que quisessem.

O chamado foi feito através do meu site, e depois de umas semanas, minha equipe e eu recolhemos quase mil perguntas apresentadas para apreciação. Lemos e avaliamos todas elas, o que foi uma tarefa tanto assustadora, quanto altamente divertida. Os leitores de Raças da Meia-Noite não são apenas inteligentes e curiosos, mas realmente engraçados também! Foi incrivelmente difícil limitar as entradas para apenas dar uma amostragem de perguntas incluídas neste Compêndio. Gostaria que pudéssemos ter incluído todas elas!

Para aqueles de vocês que enviaram uma pergunta (ou uma dúzia!), obrigada. Para o leitor segurando este livro agora, espero que aprecie esta estimulante, boba — e simplesmente divertida — espiada na série e no meu trabalho como sua humilde e profundamente agradecida autora.

Perguntas para Lara Adrian

Se você tivesse que namorar um membro da Ordem, quem seria e por quê? — Tracey A., Manchester, United Kingdom

Oh, é tão difícil escolher! Isso seria um problema, já que dei a cada um dos guerreiros qualidades individuais — para não mencionar a aparência física maravilhosa — que eu pessoalmente acho irresistível. Provavelmente teria que provar todos eles, um de cada vez, e extensivamente (aham), antes que pudesse tomar essa decisão.

Como você inventa os personagens, bem como a área de onde vem, e os lugares para onde viajam? — Lois D., Burlington, MA USA

Muitas vezes, os personagens e suas origens — incluindo de onde eles são — explodem em minha imaginação como um pacote completo. Às vezes, tudo o que preciso é ouvir o tipo certo de música, ou uma canção em particular, ou uma letra, e sou capaz de trazer um personagem à vida. Mas às vezes é preciso um pouco mais de trabalho da minha parte, para ter certeza de que não estou preenchendo a série com personagens que são muito semelhantes entre si, ou que não tragam nada de excitante e novo na associação da história.

Tenho uma extensa coleção de livros sobre protótipos de personagens, nomes e seus significados, nos quais confio quando estou empacada e precisando de ajuda. Quanto a decidir sobre onde estabelecer os livros, se o cenário da inspiração de um determinado personagem da história não vem organicamente, escolho um lugar interessante para o qual eu queira muito viajar, ou uma sensação emocionante, ou um local evocativo para a história chegar.

Brock e Jenna terão um filho juntos? — Phyllis B., Tallahassee, FL. EUA

Não tenho certeza! Muitos leitores me disseram que esperam ver Brock e Jenna terem um filho, e acho que seria uma doce recompensa para esse casal depois do que passaram, mas no momento, estão felizes juntos, mesmo sem um bebê em seu futuro. Se eu chegar mais longe na série e isto parecer certo para mim, que devam (ou mesmo possível?) conceber, considerando que Jenna está se tornando cada vez mais humana/alienígena, então certamente estarei aberta a levá-los por esse caminho.

Como você imagina todos os dons especiais que as Companheiras da Raça têm? Para mim é tão difícil pensar em apenas um que não seja tolo. — Lawren B., Menifee, CA, USA

Oh, é difícil para mim também! Desde que a Raça herda força sobre-humana, velocidade, longevidade, etc, de seus pais alienígenas, pensei que faria um bom equilíbrio se cada macho da Raça herdasse não só os cabelos, os olhos e coloração da pele de sua mãe, Companheira da Raça, mas também sua rara percepção extra-sensorial ou poder empático. Porque estava apenas concentrada na construção de um mundo para o enredo de um livro, no início, não estava pensando sobre o que essa decisão significaria pelo caminho.

Não compreendi realmente o impacto desse problema até que estava começando o terceiro livro da série, e de repente tinha uma oferta de meu editor para mais três. Cada macho da Raça que apresento deve ter

uma habilidade única, e assim deve ter também cada Companheira da Raça, e assim deve ter cada outro macho da Raça ou Companheira da Raça que povoa o mundo da história, mesmo em um papel menor.

Eu já criei uma grande lista de habilidades psíquicas, os super-poderes e fraquezas, etc, a partir do qual posso escolher e escolher, e adaptar ou combinar para caber em meus personagens e torná-los únicos. Tento dar a cada personagem principal uma habilidade que enriqueça sua história de alguma forma (por exemplo, Nikolai, Brock, Tess, Claire) ou complique-a (por exemplo, Dante, Reichen, Kade, Elise).

Você vai escrever um livro para Conlan e o filho de Danika? — *Loren B., Tuckerton, NJ EUA*

Não tenho um romance completo previsto para Connor, mas espero que ele esteja envolvido na série daqui para frente. Se eu encontrar uma boa heroína e um enredo para ele, provavelmente vou exibi-lo em uma novela.

Companheiras da Raça podem ficar grávidas de sujeitos humanos normais, ou apenas da Raça? — *Cara C., Hopkinsville, KY EUA*

Se uma mulher nasce com a marca de nascença de Companheira da Raça, e não compartilha um vínculo de sangue com um macho da Raça, vai viver sua vida como uma mulher normal, mortal. Então, sim, ela poderia ter um filho de um macho humano.

Será que qualquer outra série a influenciou na criação do mundo, e dos personagens que criou? — *Yvette C., Hialeah, FL EUA*

Isto pode soar estranho vindo da autora de uma série de longa duração, mas sou uma leitora inconstante, e fico entediada muito facilmente seguindo qualquer série por mais de alguns livros, antes que divague e procure algo brilhante e novo. Claro que, quando adolescente eu amava Anne Rice, mas quando comecei a escrever O Beijo da Meia-Noite no verão de 2005, não estava seguindo qualquer série em qualquer gênero.

Tinha lido dezenas de romances paranormais e fantasias urbanas, mas realmente não havia muito por onde escolher naquela época, quando isto caminhou para romance de vampiros. Crepúsculo não tinha saído ainda (ainda tenho que ler!) quando maravilhosa série do gênero-desviado de JR Ward estreou, estava ainda um par de meses de distância também. Eu tinha lido alguns dos romances de Sherrilyn Kenyon, do qual realmente gostei da complexidade de sua construção de mundo e a camaradagem entre seus heróis vampiros, demônios assassinos. Eu tinha lido um ou dois dos primeiros livros de vampiros de Christine Feehan, alguns romances de vampiro bem do início de Nancy Gideon (uma escritora fantástica, por sinal), e um punhado de outros, mas o meu gosto ficou um pouco mais escuro do que o que estava achando do gênero na época. Também gostei da cativante série estreante de Lynn Viehl, que satisfez meu desejo pela escuridão e personagens intrigantes, mas deixou-me saudades de um pouco mais de romance. Então, não posso apontar qualquer série que tenha influenciado a gênese da minha, mas era mais uma questão de criar algo que falasse para mim mesma como uma leitora.

Há mais “alienígenas” que não vieram para a Terra com os Antigos originais, e poderíamos possivelmente vê-los aparecer nos próximos livros? — *Linda M., Mentor, OH EUA*

Os Antigos são parte de uma raça alienígena de outro planeta. Há outros como eles lá, inclusive as fêmeas de sua espécie, é claro, mas não tenho planos para trazer mais desses seres para a série. Senti que era importante para mim, como escritora, ter uma compreensão do mundo do qual vieram, e a sociedade em que habitavam, então esbocei um monte de detalhes desde o início, que não têm necessariamente um lugar na série em si, mas que formam o pano de fundo para o que os Antigos são, e como viviam entre sua própria espécie.

Vampiros da Raça se curam de ferimentos, então por que Rio é desfigurado e nunca se curou? — *Nancy C., NC EUA*

A Raça pode curar-se de queimaduras UV e danos básicos, mas as feridas de Rio foram graves, quase fatais. Se ele tivesse se alimentado durante sua cura, e especialmente se tivesse se alimentado de sua Companheira da Raça, provavelmente poderia ter se curado quase que totalmente. Mas sua companheira, Eva, se matou logo depois que ele foi ferido, e Rio estava enfraquecido e não se alimentou por muito tempo depois. Até então, as cicatrizes foram definidas e não poderiam ser tiradas.

Quando vamos saber mais sobre os Atlantes, e sua relação com as Companheiras da Raça? — *Cameron J., Orange County, CA EUA*

A conexão entre os Atlantes e as Companheiras da Raça foi sugerida pela primeira vez em Mais Profundo que a Meia-Noite, quando a irmã de Savannah diz a Corinne que a marca de nascença de Savannah (sua marca de Companheira da Raça) é o lugar onde ela foi “beijada pelas fadas”. Os Atlantes não são simples Fadas, mas são uma raça imortal de seres sobrenaturais, dotados de poderes extra-sensoriais.

Assim como tinha distorcido a cultura vampírica tradicional, para dar-lhes origens sobrenaturais, também dei um toque “alienígena” à mitologia tradicional das Fadas, no que diz respeito aos Atlantes, na minha série. Quanto à relação entre as Companheiras da Raça e os Atlantes, isto realmente veio à tona em Escuridão Depois da Meia-Noite, quando Jenna começou a fazer as conexões entre as Companheiras da Raça no complexo de Boston, e seus verdadeiros pais biológicos. Esta relação vai continuar a expandir-se e desdobrar-se enquanto a série continuar.

Você irá introduzir a aparência dos Atlantes na nova série? — *Angila D., McMinnville, OR. EUA*

Sim! Os Atlantes desempenham um papel muito maior, e mais complexo na série que começa com No Limite do Amanhecer. Você vai conhecer personagens do mundo deles — alguns bons, outros ruins e alguns com um pé em ambos os campos. Você também vai descobrir como os Atlantes vieram a ser e como sua história (e futuro) se entrelaça com os Antigos, a Raça, e o homem.

No sonho de Jenna, o Antigo e um guerreiro (um habitante de Atlantes) falam sobre uma Rainha. Quem ela é? — *Sara C., S.Albino-Montepulciano, Siena, Tuscany Itália*

Heh, heh, heh. Você vai descobrir muito em breve!

Por que escolheu os Atlantes para serem os pais das Companheiras da Raça, e como o novo (velho) inimigo da Raça? — Tamara K., Birkenau, Hessen Alemanha

Na verdade, foi um feliz acidente que os Atlantes aparecessem na série de alguma forma. Em *O Beijo da Meia-Noite*, eu tinha mencionado que os Antigos devastaram civilizações inteiras após sua vinda à Terra. Uma dessas civilizações que listei era a Atlântida. Quando escrevi isso, não era nada mais do que uma menção descartável, mas mais tarde, muitos livros depois, percebi que precisava não só uma maneira de explicar a existência das Companheiras da Raça, mas também precisava encontrar um maior, e mais poderoso inimigo da Ordem do que Dragos, conforme a série continuasse a crescer. Fazer uma conexão entre uma misteriosa civilização escondida como Atlântida, e os Antigos, senti como um ajuste perfeito — e um que estava diretamente na minha frente o tempo todo!

Nós vamos ler sobre os anos entre *Escuridão Depois da Meia-Noite* e *No Limite do Amanhecer*? Ou você não sente que isto seja essencial para a trama? — Amanda C., Deodge City, KS, EUA

Posso estabelecer uma novela ou duas, dos vinte anos entre o Primeiro Amanhecer, que irá ocorrer no final de *Escuridão Depois da Meia-Noite*, e no início do novo segmento da série que começa em *No Limite do Amanhecer*. Tenho uma ideia se infiltrando agora, e acho que poderia ser interessante ver uma história ambientada, de encontro ao pano de fundo dos anos sombrios da guerra. Não vislumbro qualquer novela completa estabelecendo-se durante esse período, no entanto.

Mathias Rowan conseguirá sua própria história? — Janae G., WY EUA

Tenho uma ideia para uma novela para Mathias, e nós também vamos ver mais dele enquanto a série continuar.

Nós veremos mais assassinos criados por Dragos como Hunter? Homens criados para o mal, mas que viram as costas para seu treinamento e lutam pela Ordem. — Renee S., Woodstock, IL EUA

Possivelmente. E também tive ideias em minha mente por um tempo agora, sobre alguns dos “meninos perdidos” assassinos Gen Um, que não foram tão profundamente doutrinados para o programa como Hunter foi, sendo um assassino adulto, mas que estaria mais perto da idade de Nathan, no momento em que fossem libertados do controle de Dragos. Poderia encontrar um lugar para eles na série de alguma forma. Vamos ver.

Um membro da Raça pode acabar tendo mais de um poder? — Jennifer K., Hampton, NH EUA

Não a menos que a autora estrague algo (o que acontece, muito para meu desgosto). Os dons da Raça são sempre herdados da mãe Companheira da Raça. No entanto, com a introdução dos gêmeos de Chase, Carys e Aric, nascendo de uma mãe da Raça Gen Um e um pai Raça, as coisas poderiam ficar interessantes!

Hunter também está relacionado a Nathan e Tavia? — Carrie B., Las Vegas, NV EUA

Sim. Todos têm genes paternos por parte do Antigo que estava sendo mantido no laboratório de reprodução de Dragos.

Carys (Chase) é uma fêmea e Raça. Como isto afetará sua habilidade de procriar? Ou seja, uma vez que ela é da Raça, vai ser capaz de se relacionar com um macho da Raça? — Sheri B., Tampa, FL EUA

Carys, e um pequeno número de fêmeas da Raça, que são capazes de compartilhar um laço de sangue com um macho da Raça. Embora os Antigos não se vinculem, uma Raça (seus descendentes) podem, porque têm genes das Companheiras da Raça em algum lugar abaixo da linha ancestral. No caso de Carys, sua mãe Tavia é uma Gen Um da Raça, geneticamente alterada. Ao contrário de uma Companheira da Raça, Carys, sendo da Raça, não exige um vínculo de sangue, a fim de ter longevidade quase imortal, ou fortalecer seu talento extrassensorial.

Um dos guerreiros terá seu coração possuído por uma mulher humana? Isto é uma possibilidade? — Larissa M., Londrina, PR Brasil

Claro, certamente seria possível para um da Raça, se apaixonar por uma mulher humana. Por exemplo, acho que Brock amaria Jenna e iria querê-la como sua companheira, mesmo sem o DNA alienígena que a está transformando em algo mais do que mortal. Mas não acho que vou escrever um livro com um emparelhamento entre uma verdadeira mortal, e um dos guerreiros da Ordem, porque a tristeza de saber que irá perder sua companheira humana, para a velhice e a morte, seria sempre um fantasma lançando uma sombra escura sobre o romance. Acho que a história de amor entre uma mortal e um imortal é linda, mas também é inerentemente trágica, e não algo que planejei para a série.

Por que Lucan não utiliza as Companheiras da Raça com poderes ativos para ajudar com a luta? Sei que elas precisam ser protegidas, mas parece que muitas delas poderiam ser usadas para ajudar seus companheiros. — Tiffany S., APO, AE EUA

Não serei aquele que vai chamar a Companheira de Niko para as linhas de frente de combate, mas se Renata — ou qualquer das outras mulheres da Ordem — quiser contribuir com nossa missão, elas podem e fazem. Elas têm um acervo considerável até agora, também. Se você precisa de um lembrete, confira em Véu da Meia-Noite, Cinzas da Meia-Noite, Capturada à Meia-Noite, e Escuridão Depois da Meia-Noite.

Estou morrendo de vontade de saber de quem é o próximo livro. Nathan, por favor? — Jamie R., Centennial, CO USA

O livro de Nathan é de fato, o próximo! Fique atenta para Anseie pela Noite (Crave the Night) no início de 2014.

Quantos livros terão até o final da Série Raça da Meia-Noite? — Rebecca D., Morristown, TN USA

Eu já tracei planos para mais sete romances para completar a série, seguindo No Limite do Amanhecer, além de um punhado de novelas ao longo do caminho. É possível que o número possa mudar um pouco, antes de tudo dito e feito, mas a série está se movendo em direção a uma planejada conclusão no geral, segundo o segmento que começou com No Limite do Amanhecer.

Perguntas para os personagens

Na verdade, e para todas as Companheiras da Raça: Como é realmente viver com um macho da Raça? Será que eles têm os mesmos maus hábitos dos homens humanos? E ter seus talentos especiais no quarto, e ser um guerreiro torna isto o suficiente para valer a pena? — Mendi O., Summerville, SC EUA

::: olhares divertidos e sorrisos privados de todos na sala, enquanto as mulheres da Ordem esperaram para ver quem vai lidar com esta pergunta capciosa :::

(Renata limpa a garganta) Sim, para esta última parte. Definitivamente. Então, vale a pena.

BROCK

Como você pode suportar o fato de não “sentir” Jenna em seu sangue? — Cerstin W., Hueckelhoven, Alemanha

Sinto Jenna no meu coração e alma. Tenho tudo o que poderia querer ou precisar dela. Nosso vínculo não poderia ser mais forte, do jeito que é.

CLAIRE

Quando foi levada pela primeira vez para o Darkheaven de Wilhelm e, posteriormente tornou-se sua Companheira, o que passou por sua mente, e como recordava de tudo o que você tinha passado com Andreas quando estavam juntos? — Shauna R., Palm Bay, FL EUA

Luto. Sofrimento. Confusão. Eu me senti traída por Andre, mas mais do que isso, senti um terrível remorso pela forma como o afastei na nossa última noite juntos. Deixei minha insegurança criar uma barreira entre nós. Quando ele não voltou naquela primeira noite depois de termos brigado, ou qualquer uma das longas noites e meses que se seguiram, não tinha qualquer razão para esperar que um dia fosse vê-lo novamente. Fiz uma insensata e perigosa escolha por Wilhelm Roth. Não percebi o quão longe ele iria para manter Andre fora da minha vida.

Andre e eu estávamos juntos há apenas quatro meses, então separados por 50 anos. Felizmente, temos todo o tempo do mundo para compensar esses momentos compartilhados perdidos, agora que estamos juntos novamente como companheiros.

DANIKA

Olá, Danika! Eu percebi que entrou na história quando ela já estava se desenvolvendo. Nós não vimos muito de seu Conlan. Sou uma grande fã dos Highlanders. Qual é sua lembrança favorita de você e Conlan juntos? — Ginelle B., Caledonia, MI EUA

Oh, houve muitas ao longo de quase quatrocentos anos juntos. Mas nada mais doce do que o momento em que fizemos nosso filho juntos. Depois de tanto tempo sem um lugar para uma criança em nossas vidas, nos acostumamos a não ter. Mas então Con e eu acordamos um dia, sentindo uma vontade enorme de dar

uma nova vida para o círculo do nosso amor. Pergunto-me agora se ele teria percebido que seu fim estava chegando. Eu me pergunto se senti isso também, mas não sabia como reconhecê-lo.

A noite em que fizemos amor, e compartilhamos nosso sangue para gerar Connor foi muito suave, mais vulnerável que já tinha visto meu bravo guerreiro, Conlan. E nunca o tinha amado mais. Em 400 anos, não o tinha amado mais do que naquele momento precioso.

Connor vai se juntar a Ordem? — *Phuong T., Angier, NC EUA*

Como sua mãe, peço que escolha um caminho diferente. Mas Connor é filho de seu pai, e no meu coração sei que ele é um guerreiro.

GABRIELLE

As Companheiras da Raça têm dias fora? Vocês, meninas fazem loucuras? Parece que isto poderia ficar claustrofóbico ou que poderiam sentir falta de estar ao sol. — *Lawren B., Meniffee, CA EUA*

Nós saímos para passeios de um dia, às vezes. Mas com menos frequência, como pode imaginar, uma vez que a violência aumentou em torno de Boston com Dragos em questão. Lucan e os outros guerreiros ficam inquietos quando não estão lá para nos proteger durante as atividades do dia, portanto, para a sanidade deles mais do que a nossa, nós todas decidimos reduzir nosso tempo fora da segurança do complexo. Graças a Deus pelas compras pela Internet, e a entrega de supermercado!

Se você pudesse refazer alguma coisa em seu relacionamento com Lucan, o que seria? — *Sandy S., Olathe, KS EUA*

(Gabrielle sorri e envia um particular, olhar íntimo na direção de Lucan) Nada. Acho que estamos fazendo tudo muito bem até agora.

GIDEON

Por que você usa óculos? A Raça não tem uma boa visão? — *Edan E., Indianapolis, IN EUA*

Correto. Toda a Raça nasce com visão impecável. Não era diferente, até que as coisas deram errado para mim por volta de 1974.

(Dante bufa do outro lado da sala) A Discoteca não era boa para ninguém, cara.

(Gideon ignora-o, olha para trás com um encolher de ombros) Tive uma pequena dificuldade na Louisiana. Se você quiser detalhe por detalhe, Savannah e eu espalhamos todos os detalhes, justamente no livro que você está segurando em suas mãos agora.

Isso é algo que sempre quis saber, Gideon... Você não sente falta de combater os Renegados com os outros? — *Kimberly M., Apopka, FL EUA*

(Pegando a mão de Savannah na dele, esfregando o polegar sobre a pele suave de sua Companheira) Claro, sinto falta de estar no meio da ação. Mas fiz uma promessa à alguém que significa ainda mais para mim. Agora faço uso de minhas outras consideráveis habilidades — se posso dizer isto — para ajudar a Ordem a acabar com nossos inimigos de outras formas mais criativas.

HUNTER

Como a paternidade mudou você? — *Sandy S., Olathe, KS EUA*

Não consigo pensar em nada que isto tenha me mudado, mais do que consigo pensar em uma única coisa na minha vida que não foi alterado por causa do amor de uma mulher. *(beijando Corinne descaradamente na frente de todos reunidos na sala)*

LUCAN

Por que os guerreiros são tão desrespeitados? Não entendo por que os protetores da Raça, para não mencionar alguns dos mais antigos, são desprezados pelos Darkhavens. Obrigada por seu serviço por esta humana, que aprecia quando alguém está lá fora tentando salvar nossas vidas. — *Liz F., Springfield, MO EUA*

(Assentimentos com força, claramente desconfortável com o elogio ou a gratidão) Deixem que nos desrespeitem. Nós fazemos o trabalho, e fazemos do nosso jeito. Não ouvi ninguém se queixar quando as balas e sangue estão voando. Se alguém desrespeita os nossos métodos, deixe-os sair para a linha de frente e tomar o aquecimento ao nosso lado.

Exatamente como você decide quem pode ser parte da Ordem? Por que decidiu sobre Kade e Brock e não alguns jovens Darkheaven? Existem testes que devem ser feitos para ingressar na Ordem? — *Diane Y., Toms River, NJ EUA*

A juventude Darkheaven como um guerreiro? *(tenta e não consegue conter um sorriso)* A Ordem não é um empregador de oportunidades igualitário, e não peço desculpas por isso. Nossos novos recrutas entram por recomendação de um dos guerreiros, ou eles são escolhidos a dedo por este que vos fala. Nós os colocamos em marcha, os levamos para fora em uma patrulha ou duas, verificamos o que fazem. Os que ainda estão em pé quando a madrugada chega, para fazer isto em outra rodada. Cedo ou tarde, o trigo se separa do joio. Então eu decido quem fica e quem sai.

Um vampiro pode ser alterado novamente para um ser humano? — *Tiffany M., Port Arthur, TX EUA*

Um gato pode voltar a ser um sapo novamente? Animais completamente diferentes. A mesma coisa com a Raça e seres humanos. Sem alterações, sem retornos.

O que aconteceu na sua vida ou continua a acontecer, Lucan, para torná-lo tão irritado o tempo todo? Mesmo com Gabrielle no início, você parecia zangado! Você age como se precisasse muito dela, mas mesmo isso o faz parecer zangado! — Lynn K., Willards, MD EUA

(Rosnados) Por que acha que estou com raiva? Pareço com raiva para você? *(a testa sulca profundamente, um rosnado enrolando por trás da garganta)* Pelo amor de Deus, não estou com raiva o tempo todo. *(olha ameaçador para Gideon quando ele mal suprime uma gargalhada)* Qual o lance de perguntar sobre meus sentimentos por Gabrielle, afinal? Preciso vir na frente de todos aqui e dizer que preciso dela? Claro que preciso dela. Eu a amo, porra! E por que diabos tenho tantas perguntas, quando todos os outros nesta sessão de P&R tem apenas um ou duas?

::: Lara apressadamente entra na sala agora :::

Ookay, obrigado por participar hoje, Lucan. Seguindo em frente! Quem é o próximo?

MIRA

Você já desejou alguma vez que não predissesse o futuro olhando em seus olhos? —Christian W., Keansburg, NJ EUA

Sim. Quase todos os dias desejei isso. Mas está melhor agora.

NATHAN

Você se encontrou com alguns de seus meios-irmãos, por exemplo, os que foram resgatados junto com sua mãe (e a mães deles) pela Ordem? —Julia H., Duisburg, Alemanha

Não, eu não encontrei nenhum deles. Com certeza já vi alguns deles ao redor de Boston, e em outros lugares, no entanto.

Quantas pessoas você já assassinou em sua curta vida, antes de sua mãe e Hunter te encontrarem? —Shannon C., West Yarmouth, MA EUA

Um monte. Tomando o tempo ou o cuidado para contar que eles não faziam parte do meu treinamento.

NIKOLAI

Como Niko começou a projetar as armas legais e a munição para a Ordem? —Rachel S., Tampa, FL EUA

Porque que a Rachel S., de Tampa está falando comigo na terceira pessoa? *(sorri, mostrando suas covinhas gêmeas)* Lembre-se, eu nasci e fui criado na Sibéria, durante o auge da Guerra Fria. Armas e munição foram meus brinquedos de infância.

RENATA

Como você se sente ao ser a primeira mulher “guerreira” membro da Ordem? — *Katy-N., Alfortville, França*

Muito foda. E com isso quero dizer, que é uma honra.

RIO

Por que você só viu o fantasma de sua companheira morta quando Dylan estava em perigo? — *Lara B., Barry Bay, ON Canada*

Por que ela levou Dylan para mim naquele dia nas montanhas Tchechas? Será que queria salvar minha vida, ou queria que eu encontrasse minha verdadeira companheira em Dylan? Você teria que perguntar a Eva essas coisas.

Quando Eva apareceu para mim naquela estrada, suponho que depois que morreu, ela nunca tinha tentado tanto chegar a mim, do jeito que fez quando Dylan foi sequestrada por Dragos. Talvez meu laço de sangue com Dylan tenha ajudado com a ponte entre este plano e o próximo, e permitiu que Eva aparecesse para mim.

Seja qual for a razão, sou grato pelo que Eva fez por mim naquele dia. Para nós, Dylan e eu. Pensei que iria desprezar Eva pelo resto da minha vida. Não reúno nenhum ódio por ela agora.

SAVANNAH

Você está acasalada com Gideon por um longo tempo, que conselho você pode oferecer aos casais mais jovens da Raça para manter o amor / romance eterno? — *Madeline P., CA EUA*

Seja honesto com seu parceiro, mesmo que isso te assuste. Compartilhe tudo o que você é, e confie no amor que vocês têm, juntos descobriram através de qualquer coisa.

STERLING CHASE

Como um pai de gêmeos, quais são suas melhores lembranças deles como bebês/crianças? Aposto que você tem muitas histórias adoráveis. — *Madeline P., CA EUA*

(risos) As memórias de meus filhos como crianças geralmente envolvem Carys enfiada em algum tipo de problema e Aric correndo para tirá-la dele. Pensando sobre isso, não mudou muita coisa, agora que estão crescidos.

TAVIA

Sendo parte da Raça agora, anos depois, você ainda pode ingerir sangue e alimento humano? — *Angela B., Hillsboro, OH EUA*

Sim. Eu tenho sorte, tenho o melhor dos dois mundos. Savannah e Dylan cozinham incrivelmente quando preciso, e tenho a carótida de Chase para a sobremesa.

TEGAN

Quando você estava no apartamento de Elise, depois que encontrou os Servos que a estavam caçando, você cozinhou seu café da manhã. Para alguém que só bebe sangue, e é um Gen Um, está mais confortável com uma lâmina ou arma na mão do que uma espátula, onde aprendeu a cozinhar? —Sheri B., Tampa, FL EUA

No Food Network. Passando algum tempo com as Companheiras da Raça. Acho que elas devem ter ações do canal ou algo assim, porque fica sintonizado o dia inteiro.

Por que você ficou com Lucan e com a Ordem, após Lucan matar sua companheira e o trancar para curar sua Sede de Sangue? —Victoria W., Northridge, CA EUA

Não fiquei muito tempo. Fui embora por um tempo, passei algum tempo na Alemanha e em outros lugares. Engatei-me com Lucan em Boston, porque ser um guerreiro não é algo que escolhi, isto me escolheu. Antes, não poderia dizer isso, no entanto — não por um bom tempo, mas sei que ele fez a coisa certa. Para Sorcha e para mim, Lucan fez a coisa certa.

Sei que não vai lá agora que você tem Elise, mas onde era seu lugar escuro, aonde costumava ir, quando queria ficar longe da Ordem? —Lisa S., Londres, Reino Unido

Savannah sabe.

TESS

Eu mesmo já estive no campo veterinário por 15 anos, e sou uma adoradora dos animais por isso, se você pudesse escolher três guerreiros, poderia dizer se fossem cães que tipo seriam e por quê? —Vikki K., Palm City, FL EUA

Em primeiro lugar, parabéns e obrigada por tantos anos dedicando-os a cuidar de animais. Não é uma tarefa fácil. Há um monte de crueldade e o sofrimento que vem com isto, infelizmente.

Assim, três cães para representar três guerreiros...?

(Dante grunhe) Nós todos sabemos que Harvard foi escolhido há muito tempo. Nanico feinho, se bem me lembro.

(Tess revira os olhos para seu companheiro) Ok, eu tenho os meus três: Para Lucan, um Pit Bull, porque ele é agressivo e ferozmente protetor, mortal, às vezes. Mas também porque é terrivelmente incompreendido por aqueles que realmente não o conhecem. Para Hunter, um pastor alemão, porque ele é destemido e leal, e sairá caminhando calmamente de qualquer batalha a que for chamado e nunca, jamais, se acovarda. E quanto a meu Dante...

(Chase interrompe, rindo) Chihuahua? Tem que ser algo casca grossa, sem o bom senso de saber quando calar a boca...

(Tess balança a cabeça para os dois.) Para Dante, um Rottweiler. Porque ele é robusto e inteligente, defensor das pessoas com as quais se preocupa. Mas também porque pode ser um grande palhaço, quando está perto das pessoas que ama.

(Dante faz um truque com a sobancelha escura) O que não o inclui, Harvard.

(Chase ri). Perfeito. Vou lembrá-lo disso, da próxima vez que precisar de mim para tirar seu rabo Chihuahua fora de problemas em patrulha.

(Tess encolhe os ombros, rindo agora) Vê o que quero dizer? Amor.

O futuro da série Raça da Meia-Noite

No Limite do Amanhecer e Além

Então, aqui estamos nós, no final deste primeiro capítulo da série Raça da Meia-Noite. Espero que vocês tenham gostado de dar uma espiada nos personagens, nos romances, e espreitar por trás das cenas de como Lucan, a Ordem, a Raça e as Companheiras da Raça, os Antigos e os Atlantes — mesmo Dragos — tudo esteve presente nas páginas.

Olhando para trás, nestes dez livros e duas novelas que agora compõem a série, não posso deixar de sentir um sentimento de orgulho por aquilo que criei. Mas mais do que isso, sinto imensa gratidão a vocês, minhas leitoras, por abraçar os personagens, os livros, e a mim também.

Até o momento da publicação deste Compêndio, a série terá visto em Fevereiro de 2013 o lançamento do décimo primeiro livro da série Raça da Meia-Noite, No Limite da Meia-Noite (a história de Mira e Kellan).

Em No Limite do Amanhecer começa o novo segmento da história, com a descendência da Ordem e muitos personagens novos, que mal posso esperar para vocês conhecerem. Não se preocupem que não faltará Lucan, Gabrielle, Gideon, Savannah, Dante, Tess, Tegan, Elise, e o resto do elenco original. Eles desempenham um papel ativo em No Limite do Amanhecer, e vão continuar a ser uma grande parte da série, conforme ela avançar. E posso garantir-lhes que, tanto quanto amei escrever os dez primeiros livros, vou ter ainda mais prazer com os novos.

Depois de No Limite do Amanhecer, tenho planos para potencialmente, mais sete romances e um punhado de novelas. Se vocês gostaram da primeira etapa da série, espero que se juntem a mim nesta próxima aventura também!

Em seguida depois de Mira e Kellan, vem a história de Nathan, Anseie pela Noite (Crave the Night), atualmente previsto para ser lançado em capa dura pela Random House no início de 2014.

Nesse meio tempo, quero agradecer a vocês por abraçarem meu trabalho tão generosamente, e tão entusiasticamente. Escrever livros para ganhar a vida é o meu sonho, mas nada disso seria possível sem vocês, minhas queridas leitoras.

Vocês me honram também!

* * *